

DA AUTORA BEST-SELLER #1
DO NEW YORK TIMES DE

JOGOS DE HERANÇA

JENNIFER LYNN BARNES



CONFLITOS DE SANGUE

Alt

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

**BAD
BLOOD**

JENNIFER LYNN BARNES

A NATURALS NOVEL

HYPERION

Los Angeles New York

Copyright © 2016 by Jennifer Lynn Barnes
Cover design by Marci Senders
Cover photos by Shutterstock

All rights reserved. Published by Hyperion, an imprint of Disney Book Group. No part of this book may be reproduced or transmitted in any form or by any means, electronic or mechanical, including photocopying, recording, or by any information storage and retrieval system, without written permission from the publisher. For information address Hyperion, 125 West End Avenue, New York, New York 10023.

Designed by Marci Senders

ISBN 978-1-4847-5854-0

Visit www.hyperionteens.com

Tradução por: [Dally](#)

OBS:Grande parte da tradução foi feita com ajuda do ChatGPT, então existe grande possibilidade de haver erros. Além disso, nenhuma das imagens foram traduzidas.

Contents

Title Page
Copyright
Dedication
Chapter 1
Chapter 2
Chapter 3
Chapter 4
Chapter 5
Chapter 6
Chapter 7
Chapter 8
Chapter 9
Chapter 10
Chapter 11
Chapter 12
Chapter 13
Chapter 14
Chapter 15
Chapter 16
Chapter 17
Chapter 18

Chapter 19
Chapter 20
Chapter 21
Chapter 22
Chapter 23
Chapter 24
Chapter 25
Chapter 26
Chapter 27
Chapter 28
Chapter 29
Chapter 30
Chapter 31
Chapter 32
Chapter 33
Chapter 34
Chapter 35
Chapter 36
Chapter 37
Chapter 38
Chapter 39
Chapter 40
Chapter 41
Chapter 42
Chapter 43
Chapter 44
Chapter 45
Chapter 46

Chapter 47

Chapter 48

Chapter 49

Chapter 50

Chapter 51

Chapter 52

Chapter 53

Chapter 54

Chapter 55

Chapter 56

Chapter 57

Chapter 58

Chapter 59

Chapter 60

Chapter 61

Chapter 62

Chapter 63

Three Weeks Later...

Acknowledgments

Also by Jennifer Lynn Barnes

About the Author

*Para William, que ajudou a mamãe a
revisar este livro quando tinha apenas
cinco semanas de vida.*

VOCÊ

Sem ordem, há caos.

Sem ordem, há dor.

A roda gira. Vidas são sacrificadas. Sete mestres. Sete formas de matar.

Desta vez, será fogo. Nove queimarão.

Assim foi decretado, e assim deve ser. A roda já está girando. Há uma ordem nas coisas. E no centro de tudo—de tudo—está você.

CHAPTER 1

O serial killer sentado à minha frente tinha os olhos do filho. O mesmo formato. A mesma cor. Mas o brilho nesses olhos, a luz da antecipação—*essa é inteiramente sua.*

A experiência—e meus mentores do FBI—me ensinaram que eu poderia mergulhar mais fundo na mente de outras pessoas falando com elas do que falando sobre elas. Cedendo ao impulso de fazer um perfil, continuei a avaliar o homem à minha frente. *Você vai me machucar se puder.* Eu sabia disso, já sabia antes mesmo de vir a esta prisão de segurança máxima e ver o sorriso sutil que cruzou os lábios de Daniel Redding no momento em que seu olhar encontrou o meu. *Me machucar vai machucar o garoto.* Afundei mais e mais na perspectiva psicopática de Redding. *E o garoto é seu para machucar.*

Não importava que as mãos de Daniel Redding estivessem algemadas e acorrentadas à mesa. Não importava que houvesse um agente do FBI armado na porta. O homem à minha frente era um dos serial killers mais brutais do mundo, e se eu permitisse que ele ultrapassasse minhas defesas, ele gravaria sua marca em minha alma tão seguramente quanto havia marcado a letra *R* na carne de suas vítimas.

Amarre-os. Marque-os. Corte-os. Enforque-os.

Foi assim que Redding matou suas vítimas. Mas não foi isso que me trouxe aqui hoje.

— Você me disse uma vez que eu nunca encontraria o homem que matou minha mãe — falei, soando mais calma

do que me sentia. Eu conhecia bem esse psicopata em particular para saber que ele tentaria me provocar.

Você vai tentar se infiltrar na minha mente, plantar dúvidas e perguntas para que, quando eu sair desta sala, uma parte de você vá comigo.

Foi isso que Redding fez meses atrás, quando deixou escapar aquela bomba sobre minha mãe. E foi por isso que eu estava aqui agora.

— Eu disse isso? — Redding perguntou com um sorriso lento e sutil. — Parece algo que eu poderia ter mencionado, mas... — Ele ergueu os ombros em um elaborado encolher.

Cruzei as mãos sobre a mesa e esperei. Você é quem queria que eu voltasse aqui. Você é quem armou a isca. Este sou eu, mordendo o anzol.

Eventualmente, Redding quebrou o silêncio. — Você deve ter algo mais a me dizer. — Redding tinha a paciência de um assassino organizado—mas apenas nos seus próprios termos, não nos meus. — Afinal — ele continuou, com um tom baixo na voz —, você e eu temos tanto em comum.

Eu sabia que ele estava se referindo ao meu relacionamento com o filho dele. E sabia que, para conseguir o que queria, teria que reconhecer isso. — Você está falando do Dean.

No momento em que mencionei o nome de Dean, o sorriso distorcido de Redding se aprofundou. Meu namorado—e companheiro Natural—não sabia que eu estava aqui. Ele teria insistido em vir comigo, e eu não podia fazer isso com ele. Daniel Redding era um mestre da manipulação, mas nada do que ele dissesse poderia me ferir tanto quanto cada palavra que saísse da sua boca destruiria Dean.

— Meu filho se considera apaixonado por você? — Redding se inclinou para frente, suas mãos algemadas se dobrando em imitação das minhas. — Você entra no quarto dele à noite? Ele enterra as mãos no seu cabelo? — A expressão de Redding suavizou. — Quando Dean te abraça

— murmurou, a voz assumindo um tom musical —, você já se pergunta o quão perto ele está de quebrar o seu pescoço?

— Deve incomodar você — eu disse suavemente —, saber tão incrivelmente pouco sobre o próprio filho.

Se Redding queria me machucar, teria que fazer melhor do que tentar me fazer duvidar de Dean. Se ele queria que suas palavras me assombrassem por dias e semanas, teria que me atingir onde eu era mais vulnerável. Onde eu era *fraca*.

— Deve incomodar você — Redding repetiu minhas próprias palavras —, saber tão incrivelmente pouco sobre o que aconteceu com sua própria mãe.

A imagem do camarim ensanguentado da minha mãe veio à tona, mas controlei minha expressão em uma neutralidade. Eu havia preparado Redding para me atingir onde doía e, ao fazer isso, conduzi a conversa exatamente para onde eu queria que fosse.

— Não é por isso que você está aqui? — Redding me perguntou, a voz aveludada e baixa. — Para descobrir o que eu sei sobre o assassinato da sua mãe?

— Estou aqui — respondi, encarando-o — porque sei que quando você jurou que eu nunca encontraria o homem que matou minha mãe, estava dizendo a verdade.

Cada um dos cinco adolescentes do programa Naturals do FBI tinha uma especialidade. A minha era fazer perfis. A de Lia Zhang era detectar mentiras. Meses atrás, ela identificou as palavras provocadoras de Redding sobre minha mãe como verdadeiras. Eu podia sentir Lia do outro lado do espelho bidirecional agora, pronta para separar cada sentença que eu arrancasse do pai de Dean em *verdade e mentiras*.

Hora de colocar as cartas na mesa. — O que eu quero saber — disse ao assassino à minha frente, pronunciando cada palavra — é exatamente que tipo de verdade você estava dizendo. Quando você me garantiu que eu nunca encontraria o homem que assassinou minha mãe, foi

porque pensava que ela havia sido morta por uma *mulher*? — Eu pausei. — Ou você tinha motivos para acreditar que minha mãe ainda estava viva?

Dez semanas. Esse era o tempo que estávamos procurando por uma pista—qualquer pista, por menor que fosse—sobre o grupo de serial killers que forjou a morte da minha mãe quase seis anos atrás. O grupo que a manteve cativa desde então.

— Isso não é uma visita casual, é? — Redding se recostou na cadeira, inclinando a cabeça para o lado enquanto seus olhos—*os olhos de Dean*—faziam um estudo distante dos meus. — Você não chegou a um ponto de ruptura, minhas palavras não têm corroído lentamente você por meses. Você sabe de algo.

Eu sabia que minha mãe estava viva. Sabia que aqueles monstros a tinham. E sabia que faria qualquer coisa, fecharia um pacto com qualquer diabo, para derrotá-los.

Para trazê-la de volta para casa.

— O que você diria — perguntei a Redding — se eu dissesse que existe uma sociedade de serial killers, uma que opera em segredo, matando nove vítimas a cada três anos? — Eu podia ouvir a intensidade na minha própria voz. Eu nem parecia eu mesma. — O que você diria se eu dissesse que esse grupo está envolto em rituais, que matam há mais de um século, e que *eu* vou ser quem vai destruí-los?

Redding se inclinou para frente. — Suponho que eu diria que gostaria de estar lá para ver o que esse grupo vai fazer com você por persegui-los. Para assistir enquanto eles te destroem, pedaço por pedaço.

Continue, seu monstro doente. Continue me dizendo o que eles vão fazer comigo. Me diga tudo que sabe.

Redding fez uma pausa de repente e então riu baixinho. — Garota esperta, não é? Me fazendo falar assim. Posso entender o que meu filho vê em você.

Um músculo na minha mandíbula se contraiu. Eu quase o tinha. Estava *tão* perto....

— Você conhece Shakespeare, garota? — Entre suas inúmeras qualidades encantadoras, o serial killer à minha frente tinha uma predileção pelo Bardo.

— "A ti mesmo seja verdadeiro"? — sugeri sombriamente, vasculhando minha mente em busca de uma forma de trazê-lo de volta, de *fazê-lo* me contar o que sabia.

Redding sorriu, seus lábios se abrindo para mostrar os dentes. — Estava pensando mais em *A Tempestade*. "O inferno está vazio, e todos os demônios estão aqui."

Todos os demônios. O assassino à minha frente. O grupo distorcido que levou minha mãe.

Sete Mestres, uma voz sussurrou em minha memória. *A Pítia. E Nove*.

— Pelo que sei desse coletivo — Redding disse —, se eles têm sua mãe há todos esses anos... — Sem aviso, ele se inclinou para frente, aproximando seu rosto do meu o máximo que as correntes permitiam. — Ela pode ser bem um demônio em si mesma.

CHAPTER 2

O agente do FBI na porta sacou sua arma no momento em que Redding se lançou em minha direção. Eu encarei o rosto do assassino, a poucos centímetros do meu.

Você quer que eu vacile. A violência estava ligada ao poder, ao controle—quem o tinha e quem não tinha.

—“Estou bem,” eu disse ao meu escolta do FBI. O agente Vance trabalhava com o agente Briggs de forma intermitente desde que entrei no programa Naturals. Ele havia sido designado para fazer a guarda porque tanto Briggs quanto seu parceiro, o agente Sterling, haviam decidido ficar do outro lado do espelho de dois sentidos. Eles tinham um histórico com Daniel Redding e, naquele momento, queríamos toda a atenção do psicopata voltada para mim.

—“Ele não pode me machucar,” eu disse ao agente Vance, dizendo essas palavras tanto para o benefício do meu alvo quanto para o do agente. “Ele está apenas sendo melodramático.”

Minimizando a linguagem, projetada para manter Redding engajado neste jogo de xadrez verbal. Eu o fiz admitir que, pelo menos, ele sabia da existência desse grupo. Agora eu precisava descobrir o que ele tinha ouvido e de quem.

Eu precisava manter o foco.

—“Não há motivo para ficar nervoso.” Redding se acomodou em sua cadeira e fez um gesto de levantar as mãos algemadas como uma mea culpa para Vance, que

guardou sua arma. “Estou apenas sendo sincero.” As bordas dos lábios de Redding se torceram à medida que sua atenção se voltava para mim. “Há coisas que podem quebrar uma pessoa. E uma vez quebrada, uma pessoa—como sua mãe—pode ser moldada em algo novo.” Redding inclinou a cabeça para o lado, os olhos semi-fechados, como se estivesse imerso em um sonho particularmente vívido. “Algo *magnífico*.”

—“Quem são eles?” eu perguntei, recusando-me a cair na armadilha. “Onde você ouviu falar deles?”

Houve uma longa pausa.

—“Digamos que eu soubesse de algo.” O rosto de Redding se acalmou. Sua voz não era nem suave nem alta enquanto ele continuava. “O que você me daria em troca?”

Redding era altamente inteligente, calculista, sádico. E ele tinha apenas duas obsessões. *O que você fez com suas vítimas. E Dean.*

Meus dedos se curvaram em punhos sobre a mesa. Eu sabia o que tinha que fazer, e sabia, sem dúvida, que iria fazer isso. Não importava o quão doente isso me deixava. Não importava o quanto eu não queria dizer aquelas palavras.

—“Dean chega mais perto de mim agora do que costumava fazer.” Eu olhei para minhas mãos. Estavam tremendo. Eu me forcei a virar minha mão esquerda e trouxe os dedos da minha mão direita para encontrá-la. “Os dedos dele se entrelaçam com os meus, e o polegar dele...” Eu engoli em seco, meu polegar indo em direção à minha palma. “O polegar dele desenha pequenos círculos na palma da minha mão. Às vezes, ele traça os dedos ao longo do exterior dos meus. Às vezes...” Minha voz falhou na garganta. “Às vezes eu passo os dedos nas cicatrizes dele.”

—“Eu dei essas cicatrizes a ele.” O olhar no rosto de Redding me disse que ele estava saboreando minhas palavras, iria saboreá-las por muito tempo.

Uma bola de náusea subiu na minha garganta. *Continue, Cassie. Você tem que.*

—“Dean sonha com você.” As palavras pareciam lixa de areia com lâminas em minha boca, mas me forcei a continuar. “Há momentos em que ele acorda de um pesadelo e não consegue ver o que está bem na sua frente porque a única coisa que ele consegue ver é você.”

Contar ao pai de Dean essas coisas não era apenas fazer um acordo com o diabo. Era vender minha alma. Estava perigosamente perto de vender a alma de Dean.

—“Você não vai contar ao meu filho o que teve que fazer para me fazer falar.” Redding tamborilou os dedos sobre a mesa, um após o outro. “Mas toda vez que ele esticar a mão para você, toda vez que você tocar as cicatrizes dele, você vai se lembrar dessa conversa. Estarei lá. Mesmo que o garoto não saiba disso, você saberá.”

—“Me diga o que você sabe,” eu disse, as palavras saindo rasgando minha garganta.

—“Muito bem.” A satisfação brincou nas bordas dos lábios de Redding. “O grupo que você está caçando busca um tipo específico de assassino. Alguém que deseje fazer parte de algo. Um aderente.”

Esse era o monstro, me dando o que eu merecia.

—“Eu não sou muito de me juntar a algo,” Redding continuou. “Mas sou um ouvinte. Ao longo dos anos, ouvi rumores. Sussurros. Lendas urbanas. Mestres e aprendizes, rituais e regras.” Ele inclinou a cabeça levemente para o lado, observando minha reação, como se pudesse ver o funcionamento do meu cérebro e achasse isso atraente. “Eu sei que cada Mestre escolhe seu próprio substituto. Não sei quantos deles existem. Não sei quem são ou onde estão.”

Eu me inclinei para frente. —“Mas você sabia que eles levaram minha mãe. Sabia que ela não estava morta.”

—“Sou um homem que vê padrões.” Redding gostava de falar sobre que tipo de homem ele era, demonstrando sua superioridade sobre mim, sobre o FBI, sobre Briggs e

Sterling, a quem ele devia suspeitar que estavam se escondendo atrás do vidro. “Logo depois de ser encarcerado, soube de outro prisioneiro. Ele havia sido condenado por matar sua ex, mas insistia que ela ainda estava viva. Nunca houve um corpo, você vê. Só uma quantidade copiosa de sangue—sangue demais, argumentaram os promotores, para que a vítima tivesse sobrevivido.”

Essas palavras eram familiares o suficiente para me causar um arrepio na espinha. *O camarim da minha mãe. Minha mão tateando o interruptor da luz. Meus dedos tocando algo pegajoso, algo molhado e quente e—*

—“Você suspeitava que esse grupo estivesse envolvido?” Eu mal consegui ouvir a mim mesma fazendo a pergunta, sobrepondo o som do batimento ensurdecido do meu próprio coração.

Um canto da boca de Redding se ergueu. —“Todo império precisa de sua rainha.”

Havia mais nisso do que isso. Tinha que haver.

—“Anos depois,” o pai de Dean acrescentou, “eu fui movido a pegar um aprendiz para mim.”

Ele pegou três, mas eu sabia de qual ele estava falando. —“Webber.” O homem me sequestrou, me soltou em uma floresta e me caçou. Como se eu fosse um animal. Como se fosse presa.

—“Webber me trouxe informações. Sobre Dean. Sobre Briggs. Sobre você—e sobre a agente especial Lacey Locke.”

Locke, minha mentora original do FBI, começou a vida como Lacey Hobbes, a irmã mais nova da minha mãe. Ela terminou a vida como uma serial killer, recriando o assassinato da minha mãe repetidamente.

Não um assassinato, eu me lembrei. O tempo todo em que Locke estava matando mulheres à imagem da minha mãe, minha mãe estava *viva*.

—“Você descobriu os detalhes do caso da minha mãe.” Eu me concentrei, tanto quanto pude, no aqui e agora, em

Redding. “Você viu uma conexão.”

—“Sussurros. Rumores. Lendas urbanas.” Redding voltou ao que havia dito antes. “Mestres e aprendizes, rituais e regras, e no centro de tudo, uma mulher.” Seus olhos brilharam. “Um tipo muito específico de mulher.”

Meus lábios, língua e garganta estavam secos—tão secos que quase não consegui forçar as palavras para fora.

—“Que tipo?”

—“O tipo de mulher que pode ser moldada em algo magnífico.” Redding fechou os olhos, sua voz vibrando de prazer. “Algo novo.”

Você

Você pega a faca. Passo a passo, você vai em direção à mesa de pedra, testando o equilíbrio da lâmina em sua mão.

A roda está girando. A oferenda gira com ela, acorrentada à pedra, corpo e alma.

— Tudo deve ser testado. — Você diz as palavras enquanto arrasta a lâmina da faca pelo pescoço da oferenda. — Tudo deve ser julgado digno.

O poder pulsa através das suas veias. Esta é a sua decisão. Sua escolha. Um giro de seu pulso e o sangue vai fluir. A roda vai parar.

Mas sem ordem, há caos.

Sem ordem, há dor.

— O que você precisa? — Você se inclina enquanto sussurra as palavras antigas. A faca em sua mão se posiciona na base do pescoço da oferenda. Você poderia matá-lo, mas isso custaria caro. Sete dias e sete dores. A roda nunca para de girar por muito tempo.

— O que eu preciso? — A oferenda repete a pergunta, sorrindo enquanto o sangue escorre pelo seu peito nu. — Eu preciso de nove.

CHAPTER 3

— **B**om, isso foi animador. — Lia pulou da mesa em que estava sentada.

O agente Vance acabara de me levar à área de observação. Sterling e Briggs ainda tinham os olhares fixos no cômodo que eu acabara de deixar. Do outro lado do espelho de duas vias, os guardas levantaram Daniel Redding.

Briggs — competitivo, ambicioso e, à sua maneira, idealista — nunca veria Redding como algo além de um monstro, uma ameaça. Sterling era mais contida, do tipo que mantém suas emoções sob controle, seguindo regras preestabelecidas, incluindo uma que dizia que homens como Daniel Redding não *podem* destruir seu controle.

— Eu juro — Lia continuou, acenando com a mão —, assassinos em série são tão previsíveis. É sempre ‘Eu quero ver você sofrer’ e ‘deixe-me citar Shakespeare enquanto imagino dançar sobre o seu cadáver.’

O fato de Lia estar tão desdenhosa me dizia que a conversa que ela acabara de testemunhar a afetara quase tanto quanto me afetara.

— Ele estava mentindo? — perguntei. Não importa o quanto eu tenha pressionado, Redding insistiu que não sabia o nome do prisioneiro cujo "assassinato" de ex-esposa se assemelhava ao de minha mãe, mas eu sabia melhor do que acreditar em um mestre da manipulação.

— Redding pode saber mais do que está dizendo — Lia me contou —, mas ele não está mentindo — ou pelo menos

não está mentindo sobre o 'Antigo Consórcio dos Psicopatas Assassinos em Série'. Ele exagerou um pouco sobre querer ver esses psicopatas fazerem o que quisessem com você.

— Claro que Redding não quer assistir. — Tentei imitar o tom descompromissado de Lia, na tentativa de fazer com que isso — qualquer parte disso — importasse menos. — Ele é *Daniel Redding*. Ele quer me matar ele mesmo.

Lia levantou uma sobrancelha. — Você realmente tem esse efeito sobre as pessoas.

Eu resfoleguei. Considerando que não apenas um, mas *dois* assassinos em série haviam me alvo desde que entrei no programa Naturals, não podia exatamente argumentar contra isso.

— Vamos rastrear o caso de que Redding estava falando. — Briggs finalmente se virou para nos encarar. — Pode levar algum tempo, mas se houver um prisioneiro que corresponda à descrição de Redding, nós o encontraremos.

A agente Sterling colocou a mão em meu ombro. — Você fez o que precisava fazer lá dentro, Cassie. Dean entenderia isso.

Claro que ele entenderia. Isso não tornava as coisas melhores. Tornava pior.

— Quanto ao que Redding disse sobre sua mãe—

— Já terminamos aqui? — Lia perguntou abruptamente, interrompendo a agente Sterling.

Eu sabia que não devia lançar um olhar agradecido em direção a Lia, mas apreciei a intervenção do mesmo jeito. Eu não queria discutir as insinuações que Redding fizera sobre minha mãe. Eu não queria me perguntar se havia algum grão de verdade nelas, por menor que fosse.

Minha mentora percebeu a mensagem. Ao nos conduzir para fora, a agente Sterling não tentou mais tocar no assunto.

Lia entrelaçou um braço casualmente no meu. — Para o registro — ela disse, com a voz inusitadamente suave —, se um dia—*quiser falar*, minha mente completou, *precisar*

desabafar— um dia — ela repetiu suavemente, sua voz cheia de sinceridade —, me faça ouvir você recontando *As Aventuras Eróticas de Segurar as Mãos de Cassie e Dean* de novo, e eu tomarei uma vingança, e essa vingança será épica.

Ao lado de detecção de enganos, a maior especialidade de Lia era fornecer distrações — algumas das quais vinham com danos colaterais.

— Que tipo de vingança? — perguntei, meio grata pela mudança de assunto, mas também bastante certa de que dessa vez ela *não estava* brincando.

Lia sorriu e soltou meu braço. — Você gostaria de saber?

CHAPTER 4

Nos chegamos em casa e encontramos Sloane na cozinha, abraçando um maçarico. Felizmente, Sterling e Briggs ainda estavam do lado de fora, trocando palavras que não eram para nossos ouvidos.

Lia ergueu uma sobrancelha para mim. — Você quer perguntar? Ou eu pergunto?

Sloane inclinou a cabeça para o lado. — Há uma alta probabilidade de que você vá perguntar sobre esse maçarico.

Eu fui direto ao ponto. — O que você está fazendo com esse maçarico?

— Os primeiros lança-chamas datam do Império Bizantino no século I d.C., — Sloane respondeu, cantando as palavras rapidamente o suficiente para levantar uma bandeira vermelha.

Eu modifiquei minha pergunta. — O que você está fazendo com esse maçarico, e quem te deu cafeína?

Michael escolheu aquele exato momento para entrar na cozinha com um extintor de incêndio. — Você está alarmada, — ele disse, observando a expressão no meu rosto. — Também estou: levemente preocupado de que eu tenha perdido a cabeça.

Ele desviou o olhar para Lia. — E você é...

— Não estou com paciência para que leiam minhas emoções? — Lia saltou para cima da bancada da cozinha e deixou suas pernas penduradas, seus olhos escuros brilhando enquanto algo passava não dito entre eles.

Michael manteve o olhar dela por mais um momento. — Isso.

— Eu pensei que você fosse fundamentalmente contra dar cafeína à Sloane, — eu disse, lançando um olhar para Michael.

— Eu sou, — ele respondeu. — Na maioria das vezes. Mas você sabe o que a música diz: é a minha festa de três dias, e eu darei cafeína à minha Sloane se eu quiser.

— Sua festa, — eu repeti. — Como assim, seu aniversário?

Michael me lançou o olhar mais austero. — Daqui a dois dias, eu, Michael Alexander Thomas Townsend, vou ficar um ano mais velho, um ano mais sábio e certamente velho o suficiente para supervisionar o uso do maçarico pela Sloane. Qual é o problema em começar a festa um pouco mais cedo?

Eu ouvi o que Michael não estava dizendo. — Você está fazendo dezoito anos.

Eu sabia o que isso significaria para ele — liberdade. *Da sua família. Do homem que te transformou em uma pessoa capaz de perceber até mesmo o menor indício de raiva em um rosto sorridente.*

Como se fosse um sinal, o telefone de Michael tocou. Eu não podia ler seu rosto da mesma forma que ele lia o meu, mas sabia, instintivamente, que o pai de Michael não era o tipo de pessoa que simplesmente sentaria e deixaria seus últimos dias de controle passarem.

Você não vai atender, eu pensei, mantendo o foco em Michael. Ele não pode te obrigar — e daqui a dois dias, ele nunca mais vai poder te obrigar a fazer nada.

— Deus me livre de eu ser a responsável, — Lia desceu da bancada e se aproximou de Michael, ficando cara a cara com ele. — Mas talvez a Sloane não devesse colocar fogo nas coisas.

— Eu *tenho* que fazer isso, — Sloane objetou veementemente. — O aniversário do Michael é dia trinta e

um de março. Daqui a dois dias, e dois dias depois disso é...

— Segundo de abril, — eu completei para ela. *02/04*.

Eu podia sentir tudo o que Daniel Redding havia dito — sobre os Mestres, sobre minha mãe — voltando, os últimos dez semanas de becos sem saída nos seus calcanhares. Nove vítimas mortas a cada três anos, em datas determinadas pela sequência de Fibonacci. Esse era o MO dos Mestres. Já se passara mais de uma semana desde a última data de Fibonacci — 21 de março.

A próxima seria 2 de abril.

— Nós sabemos o padrão, — Sloane continuou com fervor. — Ele começa neste ano, e uma vez que comece, o novo iniciado vai queimar pessoas vivas. Eu li tudo o que pude sobre investigação de incêndios, mas... — Sloane olhou para o maçarico, sua mão apertando-o. — Não é o suficiente.

O irmão de Sloane havia sido morto em Vegas pelo UNSUB que nos levou a esse grupo. Ela não estava apenas vulnerável nesse momento — ela estava sangrando. *Você precisa se sentir útil. Porque se não conseguiu salvar Aaron, qual é o seu valor — para alguém? Qual valor você pode ter novamente?*

Agora eu entendia porque Michael havia dado café à Sloane e pegado um extintor de incêndio, em vez de confiscar o maçarico. Eu passei o braço por ela. Ela se encostou em mim.

Uma voz falou atrás de nós. — Vocês estão de volta.

Os quatro de nós se viraram. Dean não piscou diante do maçarico de Sloane. Cem por cento da sua atenção estava focada em Lia e em mim.

Nossa ausência definitivamente tinha sido notada.

Considerando onde havíamos estado e o fato de que Dean compartilhava minha habilidade de perfilar, isso não soava nada bem.

— Estamos de volta, — Lia declarou, se colocando entre Dean e eu. — Você quer ver o que eu deixei a Cassie me

convencer a comprar na loja de lingerie?

Dean e Lia foram os dois primeiros Naturais do programa. Eles estavam juntos há anos antes de qualquer um de nós aparecer. Ela era, em todos os aspectos, exceto pelo sangue, sua irmã.

Dean estremeceu. — Eu vou te pagar cinquenta dólares para você nunca mais dizer a palavra *lingerie* na minha presença.

Lia sorriu de lado. — Não aceito. Agora — ela se virou para os outros — acho que alguém mencionou algo sobre pirotecnia recreativa?

Antes que Dean pudesse vetar essa sugestão, a porta da frente se abriu. Eu ouvi passos — dois pares deles — se aproximando da cozinha e supus que fossem de Sterling e Briggs. Eu estava apenas meio certa. Briggs não estava acompanhado do Agente Sterling. Ele estava acompanhado do pai do Agente Sterling.

O Diretor Sterling não era do tipo que fazia visitas domiciliares.

— O que está acontecendo? — Dean me passou à frente. Sua postura era não confrontacional, mas não era segredo que, quando o Diretor Sterling olhava para Dean, ele via o pai de Dean. O diretor do FBI estava perfeitamente disposto a usar o filho de um assassino em série, mas ele não confiava em Dean — e nunca confiaria.

— Recebi uma ligação de Thatcher Townsend esta manhã. — As palavras do Diretor Sterling tiraram o ar da sala.

— Eu não estou atendendo meu telefone essa semana, — Michael comentou, sua voz enganosamente agradável, — então ele ligou para o seu.

Antes que o diretor pudesse responder, o Agente Sterling chegou com Judd logo atrás. Meses atrás, Judd Hawkins, que nos mantinha alimentados e intactos no dia a dia, também foi encarregado de supervisionar quando e como o programa dos Naturais era utilizado. O Diretor Sterling não era o tipo de pessoa que apreciava supervisão.

Ele acreditava em custos aceitáveis e riscos calculados — especialmente se os cálculos fossem dele.

— Townsend Senior me direcionou para um caso, — disse o Diretor Sterling, dirigindo essas palavras para Briggs e ignorando totalmente sua filha e Judd. — Gostaria que vocês dessem uma olhada.

— Agora? — Briggs perguntou. O subtexto estava claro: *Nós temos nossa primeira pista sobre os Mestres em meses, e você quer que façamos um favor para o pai abusivo do Michael agora?*

— O que Thatcher Townsend quer, — Michael disse com rigidez, — Thatcher Townsend consegue.

O Agente Sterling deu um passo em direção a ele. — Michael...

Ele passou por ela e saiu da sala, aquele mesmo sorriso enganosamente agradável no rosto.

A mandíbula de Briggs se contraiu enquanto ele se virava para o diretor. — Que caso?

— Há uma situação com a filha do parceiro de negócios de Townsend, — respondeu calmamente o diretor. — E dado o apoio dele ao programa dos Naturais, ele gostaria que investigássemos.

— O apoio dele ao programa? — Lia repetiu incrédula. — Corrija-me se eu estiver errada, mas o homem não mais ou menos *vendeu* o Michael para vocês em troca de imunidade por uma lista de crimes financeiros?

O Diretor Sterling ignorou Lia. — Seria prudente, — ele disse a Briggs, cada palavra emitida com precisão, — considerar aceitar esse caso.

— Eu acredito que essa decisão é minha. — As palavras de Judd foram tão precisas — e tão inflexíveis — quanto as do diretor. Um ex-atirador de elite da marinha teria parecido uma escolha estranha como responsável por um grupo de adolescentes em um programa de treinamento do FBI, mas Judd teria levado um tiro por qualquer um de nós.

— O pai do Michael bate nele, — Sloane soltou de repente. Ela não tinha filtro, nenhuma camada protetora

para esconder suas feridas do mundo.

Judd olhou nos olhos azuis de Sloane por um momento, depois levantou a mão. — Todos com menos de vinte e um anos, saiam.

Nenhum de nós se moveu.

— Eu não vou pedir de novo, — Judd disse com a voz baixa. Eu poderia contar em uma mão as vezes que ouvi esse tom na voz dele.

Nós nos movemos.

Quando eu estava saindo, o Agente Briggs segurou meu braço. — Encontre o Michael, — ele me disse em voz baixa. — E garanta que ele não faça nada...

— Michael-íssimo? — Eu sugeri.

Briggs olhou para o Diretor Sterling. — Mal aconselhado.

CHAPTER 5

Nos encontramos Michael no porão. Quando o FBI comprou a casa que servia como nossa base de operações, eles transformaram o andar de baixo em um laboratório. Modelos de cenas de crime forravam as paredes. Um rápido olhar no ambiente me disse que Michael não havia incendiado nada.

Ainda.

Em vez disso, Michael estava no fundo da sala, de frente para uma parede que havia sido coberta do teto ao chão com fotografias. *As vítimas dos Mestres*. Eu passei centenas de horas ali embaixo, olhando para aquela parede do jeito que Michael fazia agora. Quando me aproximei dele, meus olhos se voltaram automaticamente para duas fotos separadas das demais.

Uma era uma imagem de um esqueleto que as autoridades encontraram enterrado em um cruzamento. A outra era uma fotografia da minha mãe, tirada pouco antes de ela desaparecer. Quando a polícia descobriu os restos na primeira foto, a teoria que circulava era que eles eram de minha mãe. Eventualmente, descobrimos que minha mãe estava viva — e que foi ela quem matou nossa Jane Doe.

Todos são testados, disse uma voz de algum lugar na minha memória. *Todos devem ser considerados dignos*.

Isso foi o que um dos Mestres, um serial killer conhecido como Nightshade, me disse quando o capturamos. A Pítia

era forçada a provar sua dignidade lutando contra sua predecessora — até a morte.

Mestres e aprendizes, eu podia ouvir Daniel Redding dizendo levemente, *rituais e regras, e no centro de tudo isso, uma mulher*.

Dean colocou a mão sobre meu ombro. Forcei-me a virar e encarar seus olhos, esperando que ele não visse a vulnerabilidade nua nos meus.

Dando uma olhada em Dean e em mim, Lia se aproximou de Michael e colocou um braço ao redor de sua cintura, puxando-o para perto. Dean apertou os olhos para os dois.

— Estamos de novo — informou Lia. — De uma forma bem grande — e, posso acrescentar, abertamente *física* —.

Eu sabia mais do que nunca que não deveria acreditar em Lia, mas Sloane caiu direitinho na conversa. — Desde quando? —

Michael nunca tirou os olhos da parede. — Lembra quando Lia me jogou contra aquela parede em Vegas? —

Foi então que percebi que Lia talvez *não* estivesse mentindo. — Vocês estão juntos desde Vegas e ninguém sabia? — Tentei entender isso. — Vocês vivem em uma casa com três perfis de criminalistas e um atirador de elite. Como... —

— Silêncio, engano e um excelente senso de equilíbrio — disse Michael, antecipando a pergunta. Então ele olhou para Lia. — Eu pensei que você não quisesse que ninguém soubesse.

— O peso da nossa traição estava pesando na minha alma — disse Lia de forma fria. Em outras palavras: ela queria distrair Dean para que ele não pensasse muito sobre o que estava acontecendo comigo, e se ela conseguisse tirar Michael da cadeia de eventos que o trouxeram até ali, melhor ainda.

— Não estou realmente no clima para ser distraído — comentou Michael. Ele conhecia Lia. Biblicamente. Sabia exatamente o que ela estava fazendo, e, nesse momento,

uma parte dele não queria ser salvo do lugar sombrio. Ele voltou a olhar para a parede.

— Eu te amo — disse Lia suavemente. Havia algo intenso em seu tom, algo vulnerável. Sem enrolação, sem truques, sem desvio. — Mesmo quando eu não quero, eu amo você.

Apesar de si mesmo, Michael se virou rapidamente para encará-la.

Lia piscou os olhos. — Eu te amo como um homem afogado ama o ar. Eu te amo como o oceano ama a areia. Eu te amo como a manteiga de amendoim ama a geléia, e *quero ter seus filhos*.

Michael resmungou. — Cala a boca.

Lia sorriu. — Eu te peguei ali por um segundo.

Michael a observou, além do sorriso, além da máscara. — Talvez você tenha.

A coisa sobre Lia que a tornava tão difícil de ler era que ela teria dito a mesma coisa, com o mesmo sorriso, independentemente do que sentisse. Ela teria dito isso se estivesse *realmente* se apaixonando por ele. Ela teria dito isso se estivesse apenas brincando com ele.

— Pergunta — Michael levantou o dedo indicador. — Eu sei porque Lia está olhando particularmente satisfeita consigo mesma e porque Cassie está usando a expressão de perfil, e eu poderia fazer uma suposição educada sobre porque Redding parece com prisão de ventre toda vez que Lia me toca, mas por que Sloane está evitando absurdamente o meu olhar e mudando o peso para as pontas dos pés como se o esforço de *não* dizer algo pudesse realmente fazer ela explodir?

Sloane fez sua melhor tentativa de parecer discreta. — Existem mais de cento e noventa e sete termos de gíria comumente usados para as partes íntimas de um homem! — ela soltou. E então, porque ela simplesmente não conseguiu se controlar, continuou: — Além disso, Briggs, Sterling e Judd não estão lá em cima debatendo os méritos de tomar o caso do seu pai! —

Houve uma pausa de silêncio.

— Por mais que me doa dizer isso, vamos adiar a discussão sobre gírias inadequadas por um momento — a mirada de Michael foi de Sloane a Lia, Dean e a mim. — E alguém pode explicar sobre esse caso do meu pai.

— O Diretor Sterling não foi específico — Dean respondeu à pergunta de Michael, calmo e pronto para intervir se Michael tentasse fazer algo estúpido. — Tudo o que ele disse é que há algum tipo de situação com a filha do parceiro de negócios do seu pai.

Michael piscou. — Celine? — O nome permaneceu em seus lábios por um segundo ou dois. — Que tipo de situação? — Michael deve ter percebido, só de olhar para nós, que não sabíamos a resposta para aquela pergunta, porque no instante seguinte ele se dirigiu para a porta do porão, com cada músculo de seu corpo tenso.

Dean pegou seu braço enquanto ele passava. — Pense, Townsend.

— Eu *estou* pensando — Michael rebateu, avançando para ficar cara a cara com Dean. — Especificamente, estou pensando que você tem três segundos para tirar sua mão do meu braço antes que eu *faça* você tirar.

— Michael — tentei e falhei em fazer com que ele olhasse para mim.

— Um — Michael disse para Dean.

— Eu realmente espero que ele diga *dois* em seguida — Lia disse para Sloane com um suspiro. — Nada diz virilidade em um homem como raiva deslocada e contar até o número três.

Isso perfurou a bravata de Michael o suficiente para que ele realmente parasse. — Celine Delacroix é a única pessoa da minha vida antes do programa que realmente se importou comigo ou tentou ver que tipo de pessoa o grande Thatcher Townsend *realmente* é — ele disse a Dean. — Se ela estiver em algum tipo de problema, eu vou. Se eu tiver que passar por você para fazer isso, eu vou.

— Nós vamos todos — o Agente Briggs não perdeu tempo enquanto descia as escadas do porão. Ele foi quem recrutou Michael para o programa. Sabia exatamente que tipo de homem Thatcher Townsend era.

Então, por que ele enviaria Michael de volta lá? Por que Judd concordaria? O fato de o Agente Sterling não estar com Briggs me fez pensar se ela teria lutado contra isso.

— Você está me dizendo que vamos simplesmente abandonar o acampamento e voar para o estado de Nova York? — Lia apertou os olhos para Briggs. — Por bondade do nosso coração?

— Não por bondade do nosso coração. E não porque o Diretor Sterling acha que o pai de Townsend poderia se mostrar útil no futuro — Briggs olhou para Michael. — Nem mesmo porque uma garota de dezenove anos está desaparecida, embora não devêssemos deixar de nos importar com coisas como essa, não importa o quanto estejamos focados em derrubar os Mestres.

A palavra *desaparecida* atingiu Michael como um golpe físico. — Então por quê? — ele perguntou.

Por que o Diretor Sterling nos trouxe esse caso? Por que Briggs e Judd trariam Michael de volta para a esfera do seu pai abusivo? Por que deixaríamos tudo para procurar uma garota?

Eu sabia a resposta no fundo do meu estômago antes de Briggs dizer, — Porque a polícia acredita que Celine foi sequestrada há oito dias.

Meu coração disparou no peito. *Oito dias desde a última data de Fibonacci. Cinco dias até a próxima.*

— 21 de março — a voz de Sloane falhou na garganta. — 3/21.

— Essa garota desapareceu em uma data de Fibonacci — Lia deve ter sentido que Briggs estava escondendo algo, porque ela inclinou a cabeça para o lado. — E?

Houve uma longa pausa.

— Essa garota desapareceu em uma data de Fibonacci — Briggs repetiu, — e toda a cena do crime estava

embebida em querosene.

VOCÊ

O cheiro de carne queimando nunca sai realmente de você. A cinza se dispersa. A pele fica marcada. A dor diminui. Mas o cheiro está sempre lá.

Lutando contra isso, você se concentra. Você conhece essa dança lenta e dolorosa. Você conhece as regras. Mas, mesmo enquanto a roda gira, a música muda. Você pode ouvi-la. Desta vez, você sabe algo que os outros não sabem.

Você a conhece.

CHAPTER 6

Talvez Celine Delacroix ainda estivesse viva. Talvez ela não tivesse sido coberta de querosene. Talvez a pessoa que a havia sequestrado de sua casa não a tivesse queimado viva no dia vinte e um de março.

Mas esse não era um risco que podíamos correr. A equipe inteira—mais os Agentes Starmans e Vance—estavam no jato e voando para o norte do estado de Nova York em menos de uma hora.

Perto da frente do avião, Briggs olhou para o relógio. Do outro lado do corredor, a Agente Sterling folheava uma cópia do arquivo do caso, como se não tivesse memorizado a coisa toda. Os esforços dos dois para evitar o contato visual poderiam ter despertado meu interesse se eu não estivesse mais concentrada no fato de que Celine Delacroix poderia ser a vítima número um—*das nove*.

Eu sentia o peso disso pressionando contra mim, me sufocando. Ao meu lado, os dedos de Dean tocaram as pontas dos meus.

Toda vez que ele tenta pegar sua mão, ouvi a voz de Daniel Redding sussurrar na minha memória, toda vez que você toca nas cicatrizes dele...

Eu afastei minha mão rapidamente.

— Cassie?

— Estou bem, disse eu, voltando a um hábito de infância e focando em avaliar os outros ocupantes do avião. Michael estava em uma fileira sozinho, Sloane e Lia lado a lado do outro lado do corredor. Perto da frente do avião, atrás de

Sterling e Briggs, o Agente Vance—*baixo, compacto, certinho e perto dos quarenta*—e o Agente Starmans—*recém-divorciado, azarado no amor, e profundamente desconfortável com adolescentes que viam mais do que deveriam*—aguardavam ordens. Eles faziam parte da equipe de Briggs desde antes de eu entrar no programa, mas não começaram a viajar conosco até depois de Vegas.

Até que todos nós nos tornamos um alvo em potencial.

Só restava Judd. Eu podia dizer pela maneira como ele estava sentado que estava armado. O avião atingiu a altitude de cruzeiro antes que eu pudesse pensar muito sobre o porquê.

A Agente Sterling se levantou e largou o arquivo na mão, substituindo-o por uma versão digital exibida na tela plana na frente do avião. — Celine Elodie Delacroix, filha de dezenove anos de Remy e Elise Delacroix. A Agente Sterling começou a apresentação como se fosse qualquer outro dia—e qualquer outro caso. — Remy é gerente de um fundo de hedge. Elise administra a fundação beneficente da família.

A Agente Sterling não falou uma palavra sobre os Masters—ou a conexão da família Delacroix com Michael. Segui seu exemplo, deixando de lado conjecturas em favor de focar nas fotos na tela. Minha primeira impressão foi de que Celine Delacroix era o tipo de garota que conseguiria fazer qualquer coisa parecer elegante, ao mesmo tempo em que passava a impressão de que *ela* achava que elegância era supervalorizada. Na primeira foto, ela usava o cabelo preto ondulado e cortado em camadas artísticas, a mais longa chegando além do peito e a mais curta mal tocando o queixo. O vestido preto de coquetel se ajustava ao corpo, e um medalhão dourado—provavelmente vintage—realçava o tom rico de sua pele morena. Na segunda foto, o cabelo escuro de Celine se espalhava ao redor de sua cabeça em cachos aparentemente infinitos. *Calças pretas. Blusa branca. Salto vermelho.* Minha mente catalogou os detalhes, mesmo enquanto eu voltava minha

atenção para a foto final. Os cachos apertados de Celine estavam presos em um coque frouxo no topo da cabeça, e sua camiseta branca pendia propositalmente dos dois ombros, revelando uma regata branca por baixo.

Você usa cores sólidas, não estampas. Você está sempre ciente da câmera.

A Agente Sterling continuou, — Celine foi dada como desaparecida por sua colega de quarto quando não voltou ao campus após as férias de primavera.

— De qual campus? perguntou Michael. Eu me perguntei por que ele estava perguntando. Me perguntei por que, se ele e Celine foram próximos, ele não sabia disso já.

— Yale. O Agente Briggs foi quem respondeu à pergunta de Michael. — Segundo as entrevistas com a polícia, os amigos de Celine estavam sob a impressão de que ela iria com eles para uma viagem de férias de primavera em Saint Lucia, mas ela cancelou na última hora e foi para casa, em vez disso.

Por quê? Eu me perguntei. Alguém pediu para você? Algo aconteceu?

— Nossa vítima foi dada como desaparecida pela colega de quarto, disse Sloane, trazendo os pés para cima da cadeira e descansando o queixo nos joelhos. — Estatisticamente, é improvável que tal relatório fosse feito imediatamente. A porcentagem de estudantes universitários que retornam tarde das férias aumenta de maneira curvilínea conforme o ano letivo se aproxima do fim.

A Agente Sterling reconheceu a pergunta implícita na estatística de Sloane. — O relatório foi feito ontem de manhã, depois que a colega de quarto de Celine não conseguiu entrar em contato com ela durante três dias seguidos e o Sr. e a Sra. Delacroix confirmaram que não tinham notícias da filha há várias semanas.

Um músculo se contraiu na mandíbula de Michael. — Eles nem sabiam que ela tinha ido para casa, sabiam?

— Não, respondeu o Agente Briggs, calmamente. — Parece que os pais de Celine estavam no exterior na época.

Eu integrei isso ao que sabia sobre a viagem de última hora de nossa vítima para casa. *Você sabia que ninguém estaria lá? Seus pais nem se deram ao trabalho de te avisar que estariam fora?*

— Se ela não foi dada como desaparecida até o dia vinte e oito... Sloane fez as contas e se concentrou na questão do dinheiro. — Como sabemos que ela desapareceu no dia vinte e um?

A Agente Sterling clicou para a próxima imagem em sua apresentação. — Filmagens de segurança, esclareceu ela, enquanto um vídeo de tela dividida começava a tocar.

— Doze câmeras. Sloane catalogou-as instantaneamente. — Com base na cobertura e no comprimento dos corredores, eu estimaria que a casa tem no mínimo nove mil metros quadrados.

Sterling ampliou as filmagens de um que parecia ser um estúdio de arte na casa. Celine Delacroix estava visível, bem no centro do quadro. A data nas filmagens era 21 de março.

Você estava pintando algo. Enquanto eu assistia Celine, tentei me afundar mais e mais na perspectiva dela. *Para você, pintar é um esforço que envolve o corpo inteiro. Você se move como se estivesse dançando. Você pinta como se fosse um esporte de combate.* As filmagens na tela estavam em preto e branco, mas a resolução era excelente. *Você limpa o suor da testa com o dorso da mão. Tem tinta nos braços, no rosto. Você dá um passo para trás e—*

Sem aviso, as filmagens pularam. Em um segundo, Celine estava na tela, pintando, e no próximo havia vidro quebrado por todo lado. Um cavalete quebrado estava no chão. O estúdio inteiro tinha sido revirado.

E Celine tinha sumido.

CHAPTER 7

Sterling e Briggs passaram o restante do voo nos mostrando fotos da cena do crime e nos informando sobre os fatos do caso. Uma coisa estava clara: nossa vítima havia lutado.

Ela era mais forte do que você esperava. Eu mudei meu foco de Celine para o UNSUB. Ou você perdeu o controle ou nunca o teve. Você não estava pronto. Não era digno.

Isso era tão palpíte quanto perfilamento. Eu precisava ver a cena do crime real. Eu precisava estar onde Celine havia estado. Eu precisava conhecê-la—ver seu quarto, examinar suas pinturas, entender exatamente que tipo de lutadora ela era.

— Vamos estabelecer nossa base de operações em uma casa segura próxima. — Enquanto o avião começava a descer, o Agente Briggs explicou o plano. — O Agente Starmans e Judd vão acompanhar os Naturais até a casa segura. Agente Vance, você vai conosco.

Nós, como em Briggs e Sterling. Eles vão fazer um levantamento da cena e dos principais envolvidos antes de podermos nos aproximar do caso.

— Isso é um mau momento para apontar que estou prestes a completar dezoito anos? — Michael perguntou. Era a primeira vez que ele falava desde que a Agente Sterling havia terminado a apresentação. Para Michael, isso poderia ter sido um recorde. — Redding tem dezoito. Deus sabe quando é realmente o aniversário de Lia, mas acho

que todos podemos concordar que ela não precisa de cuidados especiais.

— Não pude deixar de perceber que você não mencionou Cassie ou eu — disse Sloane a Michael, franzindo a testa. — Não gosto de luvas, sejam de criança ou adulto. As luvas de lã conservam até vinte e três por cento mais calor.

— Nenhum de vocês vai conosco. — O Agente Briggs estava acostumado a dar ordens. — Os cinco de vocês vão para a casa segura. Nós vamos mantê-los informados em uma necessidade de saber, assim que a cena do crime estiver segura.

— Então, o que estou ouvindo, — Michael respondeu enquanto o avião tocava o solo, — é que esse é um *bom* momento para lembrá-los de que sou a única pessoa aqui que conhece Celine, a família Delacroix, ou o departamento de polícia local?

— Uma suposição sobre como Townsend conhece o departamento de polícia local, — Dean murmurou ao meu lado.

O debate continuou enquanto saíamos do avião, até que Briggs interrompeu: — Michael, qual é a chance de eu mudar de ideia?

— Pouca a nenhuma? — Michael respondeu com desdém.

— *Infinitesimal* a nenhuma, — corrigiu Sloane.

Michael deu de ombros enquanto descia as escadas para ficar na pista de pouso. — Quais são as chances de eu fazer algo estúpido se você *não* me deixar ir, Agente Tightpants?

Briggs não respondeu, o que me disse que a ameaça de Michael havia surtido efeito. A Agente Sterling se colocou à frente de Michael antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa. — Briggs entende mais do que você pensa, — ela disse suavemente. Ela não forneceu nenhum contexto para essa afirmação, mas me peguei pensando em como Briggs

tinha crescido, se ele tinha experiência de primeira mão com o tipo de criação de Thatcher Townsend.

Houve um longo silêncio enquanto Michael tentava ignorar as emoções que via no rosto de Sterling.

O Agente Starmans, que já havia estado em nosso esquema de proteção mais de uma vez nas últimas dez semanas, pigarreou. — Eu realmente preferiria que você não me fizesse passar a tarde forçando você a ficar parado, — disse a Michael.

Michael lhe ofereceu um sorriso radiante. — E eu preferiria que você não ficasse navegando em perfis de namoro online no seu celular do trabalho. — Ele piscou para o agente horrorizado. — Pupilas dilatadas, leve sorriso, seguidas de visível agonia sobre como compor a mensagem certa? É um indicador claro toda vez.

Starmans fechou a boca e foi se colocar ao lado do Agente Vance.

— Isso foi apenas cruel, — comentou Lia.

— Quem? — Michael rebateu. — Eu?

Eu o conhecia o suficiente para saber que, se ele decidisse fazer algo estúpido, Starmans não seria capaz de impedi-lo. *Quando você está machucando, você se machuca.* Eu queria parar por aí, mas não consegui, porque sabia exatamente de onde vinha o caso de Michael com a autodestruição. *Se você não consegue impedir alguém de te bater, você faz eles te baterem, porque pelo menos assim você sabe que está vindo. Pelo menos assim você sabe o que esperar.*

Virando-me de Michael antes que ele pudesse ler a expressão no meu rosto, vi uma fila de SUVs Mercedes pretas brilhando à beira da pista de pouso privada. Quatro delas. Uma inspeção mais de perto revelou que as chaves estavam na ignição e que cada uma das quatro estava abastecida com refrigerante espumante e frutas frescas.

— Sem castanhas quentes? — Comentou Lia, sua voz seca. — E eles chamam isso de hospitalidade.

Michael lhe ofereceu seu sorriso mais despreocupado. — Tenho certeza de que meu pai vai resolver qualquer decepção. Nós, Townsends, nos orgulhamos da nossa hospitalidade.

Seu pai providenciou o transporte. Quatro SUVs, quando dois seriam suficientes. Eu tentei não dar muita atenção ao jeito que Michael se agrupava com seu pai, como se os homens Townsend fossem primeiro Townsends e qualquer outra coisa fosse um distante segundo—não importava o quanto eles tivessem fugido.

— Não estamos visitando dignitários, — disse Briggs de forma ríspida. — Não somos clientes que Thatcher Townsend precisa conquistar. Esta é uma investigação federal. O escritório local de campo é perfeitamente capaz de nos fornecer um carro.

Sloane levantou a mão. — Esse carro vai ter três fileiras de airbags, uma transmissão automática de sete marchas e um motor de quinhentos e cinquenta cavalos de potência?

Lia levantou a mão. — Esse carro vai ter castanhas quentes?

— Chega, — declarou Sterling. Ela se virou para Michael. — Acho que falo por todos aqui quando digo que não me importo com a *hospitalidade* do seu pai, exceto na medida em que isso me diz que ele é grandioso, propenso a gestos desnecessários, e parece ter convenientemente esquecido o fato de que já vimos o homem por trás da cortina. Sabemos exatamente o que ele é.

— Atrás da cortina? — Michael disse com ar altivo, indo em direção ao SUV mais distante. — Que cortina? Meu pai seria o primeiro a te dizer: com os Townsends, o que você vê é o que você recebe. Ele tirou as chaves da ignição e as jogou para o alto, pegando-as preguiçosamente com uma mão. — Com base na expressão da boca da Agente Sterling, sem falar nas impressionantes sobrelanceiras profundas do Agente Briggs, eu deduzi que o FBI não vai aceitar o gesto de boa vontade do meu querido pai. — Michael deu outra tossida nas chaves. — Mas eu aceito.

Seu tom desafiava Sterling e Briggs a argumentarem com ele.

— Eu vou no banco da frente. — Judd sabia escolher suas batalhas. Meu instinto me disse que, em algum nível, ele sabia que Michael via aceitar os presentes de seu pai como algo semelhante a apanhar.

Você aceita tudo o que ele te der. Você aceita e aceita e aceita—porque você pode. Porque as pessoas esperariam que você recusasse os presentes dele por despeito. Porque qualquer coisa que você pudesse tirar dele, você tiraria.

Michael captou meu olhar. Ele sempre sabia quando eu estava perfilando ele. Depois de um longo momento, ele falou. — Parece que vamos para a casa segura. Judd vai no banco da frente. Lia? — Ele jogou as chaves para ela. — Você vai dirigir.

CHAPTER 8

Rapidamente com Lia era um pouco como jogar roleta russa. Ela tinha uma necessidade de velocidade e um desrespeito de mentirosa pelas limitações. Mal conseguimos chegar à casa segura inteiros.

Michael estremeceu. – Acho que falo por todos nós quando digo que estou precisando urgentemente de uma bebida alcoólica ou de uma transmissão ao vivo de Sterling e Briggs enquanto eles investigam esse caso.

O Agente Starmans abriu a boca para responder, mas Judd fez um rápido movimento negativo com a cabeça. Estávamos aqui. Estávamos sob guarda armada. Estávamos seguros. Judd sabia tão bem quanto eu que, se fosse deixado por conta própria, Michael não ficaria nenhum desses por muito tempo.

Na última vez em que você foi para casa, voltou coberto de hematomas e se descontrolando. Não conseguia evitar que minha mente fosse para lá enquanto Judd configurava os feeds de vídeo e áudio. E agora, uma garota que você conhece está desaparecida. Um dos chamados Mestres pode tê-la queimado viva.

Em minutos, a visão do broche de Briggs focou no tablet de Judd. Vimos o que Briggs viu, e tudo o que consegui pensar, enquanto Briggs e Sterling saíam do SUV da FBI, era que, se esse caso fosse qualquer coisa além de fácil, nenhum de nós conseguiria impedir Michael de se descontrolar por muito tempo.

A casa Delacroix era moderna e vasta. Também era, como logo soubemos, desocupada. Os pais de Celine aparentemente decidiram se encontrar com o FBI em um local mais neutro.

- Lar, doce lar. - Uma ponta de sarcasmo apareceu na voz de Michael alguns minutos depois, quando a casa ao lado da Delacroix apareceu na câmera.

Grande, pensei. Tradicional. Ornamentada.

- A maioria das pessoas chama isso de Casa Townsend, - disse Michael com leveza, - mas eu prefiro pensar nisso como Mansão Townsend.

Quanto mais Michael fazia piadas, mais meu coração batia forte na garganta por ele. *Você deveria estar livre desse lugar. Você deveria estar livre.*

- Aquilo é uma torre? - Lia perguntou. - Eu adoro um homem com uma torre.

Se Michael ia fazer piadas sobre seu próprio inferno pessoal, Lia encontraria uma forma de superá-lo. Ambos tinham praticado muito ao longo dos anos em fazer com que as coisas que mais importavam se tornassem as que menos importavam.

Na tela, Briggs e Sterling seguiam em direção à varanda. Briggs tocou a campainha. *Um Mississippi. Dois Mississippi.* A enorme porta de mogno se abriu.

- Agente Briggs. - O homem que atendeu a porta tinha cabelo grosso e castanho-escuro e uma voz que exigia atenção: rica, barítona e calorosa. Ele estendeu a mão e bateu com ela no ombro do Agente Briggs. - Sei que você não deve ter apreciado os esforços que fiz para trazê-lo até aqui, mas se eu não fizesse tudo o possível para ajudar Remy e Elise em uma hora como esta, nunca me perdoaria. - Ele se virou de Briggs para Sterling. - Senhora, - disse, estendendo a mão. - Thatcher Townsend. O prazer é meu.

Sterling pegou a mão estendida, mas eu sabia no fundo que ela não ofereceria ao homem nem mesmo um sorriso tímido.

- Por favor, - disse Townsend suavemente, afastando-se do limiar, - entrem.

Esse era o pai de Michael. Eu tentei processar esse fato. Ele tinha a confiança de Michael, a presença de Michael, o charme irresistível de Michael. Esperei por algo que disparasse meu instinto de analista, por algum sinal, por menor que fosse, de que o homem que atendeu à porta era um monstro.

- Ele ainda não mentiu, - Lia disse para Michael.

Michael lhe deu um sorriso afiado. - Não é mentira se você acredita em cada palavra que diz.

Eu esperava que Thatcher Townsend fosse um homem que usasse seu peso, um homem que precisasse *possuir e controlar*. Eu esperava alguém como o pai de Dean, ou de Sloane. No mínimo, eu esperava um homem cujos demônios fossem invisíveis para a pessoa comum, mas não para mim.

Nada.

- O que você pode nos contar sobre o sócio do seu pai?
- Dean perguntou a Michael enquanto as apresentações começavam na câmera.

- Remy Delacroix? - Michael deu de ombros. - Ele gosta de coisas e pessoas bonitas. Gosta de estar no controle. E, Deus sabe por que, gosta do meu pai. Os dois estão no negócio juntos desde antes de eu nascer. Remy faz careta quando está infeliz, grita quando está com raiva e se insinua para qualquer mulher com saia.

O que você vê é o que você recebe. Mais cedo, quando Michael disse essas palavras, ele estava repetindo o que seu pai dizia. E ele estava mentindo. Thatcher Townsend não era transparente. Se o pai de Michael fosse tão fácil de ler quanto Remy Delacroix, Michael nunca teria se tornado o tipo de pessoa que consegue ler um mundo de significado em um piscar de olhos.

- Então você está dizendo que saberemos rapidamente se Delacroix tem alguma relação com o desaparecimento

da filha dele. – Foquei nisso, tentando ajudar Michael a fazer o mesmo.

– Estou dizendo que Remy não tocaria um cabelo da cabeça de Celine. – Michael manteve seu olhar fixo na tela. – Como disse, ele gosta de pessoas bonitas, e CeCe tem sido linda desde o dia em que nasceu.

Lia não se enrijeceu, não deu um pingão de atenção, nem se afastou de Michael. Mas ela teria ouvido a verdade nas palavras dele. Ela teria ouvido o carinho com que Michael se referiu a Celine Delacroix como CeCe.

– Quaisquer recursos que você precisar, você os terá. – As palavras de Remy Delacroix trouxeram minha atenção de volta para o feed de vídeo. Ele parecia uma sombra do pai de Michael: ligeiramente mais baixo, com características mais comuns, mais tenso. – Eu não me importo com o custo. Não me importo com as leis que você tenha que quebrar. Traga minha filha de volta para casa.

A Agente Sterling não disse ao homem que o FBI não estava no ramo de quebrar leis. Em vez disso, ela o guiou para a entrevista com uma pergunta que deveria ser fácil de responder. – Nos conte sobre Celine.

– O que há para contar? – respondeu Delacroix, obviamente agitado. – Ela é uma garota de dezenove anos. Uma maldita estudante de Yale. Se você está tentando dizer que ela fez algo para trazer isso para si mesma—

Ao lado dele, sua esposa colocou a mão no braço dele. Eu sabia pela leitura do caso que Elise Delacroix era mais velha que o marido, uma ex-professora de economia com uma educação Ivy League e as conexões para corresponder. Quando o desabafo de Remy diminuiu, Elise olhou para o pai de Michael, e depois de um momento, Thatcher foi preparar uma bebida para o parceiro de negócios.

– O que você vê? – perguntei a Michael.

– No rosto de Remy? Agitação. Um pouco de fanfarronice, um pouco de medo, um pouco de indignação justa. Sem culpa.

Me perguntei quantos pais *não* se sentiriam culpados se descobrissem que sua filha estava desaparecida há quase uma semana e ninguém havia notado.

- Celine é independente, - disse Elise Delacroix aos agentes, depois que seu marido pegou sua bebida. Ela era uma mulher elegante e afro-americana com a construção alta e esbelta de sua filha, e os ombros sempre quadrados. - Apaixonada, mas dispersa. Ela tem o temperamento do pai e minha determinação, embora tente esconder o último.

O fato de a mulher ter mencionado o temperamento de seu marido para o FBI chamou minha atenção. *Você tem que saber que os pais são sempre suspeitos em casos como esses. Ou você não tem nada a esconder ou simplesmente não se importa em colocar seu marido no fogo.*

- Elise está sempre no controle, - Michael me disse. - Do marido, das emoções, da imagem da família. A única coisa que ela não pode controlar é Celine.

- Ela sente falta da filha? - Dean perguntou, ainda com os olhos na tela.

Michael ficou quieto por um bom tempo enquanto observava Elise Delacroix. O tom da voz dela não mudou. O controle que ela exercia sobre suas feições nunca vacilou.

Michael conseguiu responder à pergunta de Dean. - Ela está quebrada. Apavorada. Culpada. E enojada—com o marido, com ela mesma.

- E com Celine? - perguntei suavemente.

Michael não respondeu.

Na tela, o Agente Briggs passou a estabelecer a linha do tempo, e eu tentei me colocar no lugar de Celine, crescendo com um pai que, quando perguntado sobre a filha, disse que não havia nada a contar, e uma mãe cujo primeiro instinto foi falar sobre o temperamento e a determinação da filha.

Independente, pensei. Apaixonada. Teimosa. Eu poderia ver traços de Elise na Celine das fotos. *Cores sólidas, não*

estampas. Você pinta como se estivesse dançando, pinta como se estivesse lutando—e olha para as câmeras como se soubesse os segredos do mundo.

Ao fundo do feed, Thatcher Townsend fez mais duas bebidas: uma para Elise e uma para ele mesmo. Pela primeira vez, me ocorreu perguntar onde estava a mãe de Michael. Também me ocorreu perguntar por que Remy e Elise haviam escolhido dar a entrevista na casa dos Townsend.

- O que seu pai está sentindo? - perguntei a Michael, me odiando por perguntar, mas sabendo que precisávamos tratar isso como qualquer outro caso.

Michael analisou o rosto do pai enquanto Thatcher segurava, mas não bebia, seu bourbon com gelo. Em segundos, Michael estava mandando uma mensagem para o Agente Briggs.

- Você quer saber o que vejo quando olho para meu pai, Colorado? - ele perguntou, com a voz completamente desprovida de emoção, como se tudo o que tivesse lido no rosto de Thatcher Townsend tivesse entorpecido algo dentro dele, adormecido como um dentista faria antes de arrancar um dente moribundo. - Por baixo daquela expressão sombria, ele está furioso. Ofendido. Pessoalmente insultado.

Ofendido por quê? Perguntei a mim mesma. Pela perda de Celine? Pela presença do FBI em sua casa?

- E cada vez que alguém diz o nome de CeCe, ele sente exatamente o que sempre sentiu, cada vez que olhou para Celine Delacroix desde que ela tinha catorze anos. - As palavras de Michael fizeram meu estômago se revirar, lá no fundo de mim. *"Fome."*

VOCÊ

Você conhece os Sete, quase tão bem quanto eles conhecem você. As forças deles. As fraquezas deles. Os Mestres têm sede de poder. Eles te adornam com diamantes—um para cada vítima. Cada sacrifício. Cada escolha.

Diamantes e cicatrizes, cicatrizes e diamantes. Os homens que te transformaram nesse belo, mortal ser saem para o mundo. Eles vivem suas vidas. Prosperam.

Eles matam.

Por você.

CHAPTER 9

A fome não era uma emoção. Era uma necessidade. Uma necessidade profunda, biológica, primitiva. Eu não queria nem pensar no que poderia fazer um homem adulto olhar para uma garota adolescente dessa maneira, por que Thatcher Townsend poderia se sentir pessoalmente insultado por alguém ter ousado sequestrar a filha de um amigo da família.

— Luvas. — A Agente Sterling estendeu um par para cada um de nós. Ela e o Agente Briggs não haviam respondido à mensagem de Michael. Em vez disso, foi o Agente Starmans quem eventualmente nos disse que fomos autorizados a visitar a cena do crime.

Você escolheu voltar para casa nas férias de primavera. Enquanto colocava as luvas, tentei voltar à perspectiva de Celine. *Você devia pelo menos suspeitar que seus pais não estariam aqui.* Fiquei na porta do estúdio de Celine. A fita de cena de crime estava bloqueando a entrada. Pelo que parecia, o estúdio havia sido uma cabana ou uma casa de hóspedes de um único cômodo em algum momento. Estava separado da casa principal, com vista para a piscina.

Mesmo da porta, o cheiro de querosene era avassalador.

— Sinais de entrada forçada. — Sloane se aproximou de mim, examinando a porta. — Arranhões leves ao redor da fechadura. Há uma probabilidade de noventa e seis por cento de que uma análise mais detalhada revelaria amassados nos pinos dentro da fechadura.

— Tradução? — Perguntou Lia. Ao lado dela, Michael fechou os olhos, um piscar longo que me fez desejar ser metade tão boa em ler suas emoções quanto ele era em ler as minhas.

— A fechadura estava engatada. Alguém a destrancou. — Sloane se abaixou sob a fita de cena de crime, seus olhos azuis absorvendo tudo enquanto ela examinava o ambiente de maneira meticulosa.

Você trancou a porta. Fiquei na porta por um momento, tentando imaginar Celine lá dentro. *Você veio aqui para pintar, e trancou a porta.* Perguntei-me se isso havia sido por hábito — ou se ela tinha uma razão para virar a chave. Tomando meu tempo, entrei no estúdio, tomando cuidado para evitar os marcadores de evidência no chão.

Vidros quebrados. Um cavalete quebrado. Minha mente sobrepôs as imagens das fotos da cena do crime aos marcadores no chão. Uma segunda mesa estava virada perto da parede mais distante. Uma cortina havia sido puxada para baixo, rasgada. Havia gotas de sangue no chão, uma mancha em forma de mão na parte interna da moldura da porta.

Você lutou.

Não, pensei, meu coração pulsando forte no peito. Usar a palavra *você* me mantinha distante. Não era isso que eu queria. Não era isso que Celine precisava.

Eu lutei. Imaginei-me no centro do estúdio, pintando. Sem querer, meu corpo assumiu a posição em que vimos Celine logo antes de a gravação de segurança ser interrompida. Meu braço direito estava elevado, uma escova imaginária na mão. Meu torso estava levemente torcido para um lado. Meu queixo se levantou, meus olhos fixos em uma pintura fantasma.

— A porta estava trancada, — eu disse. — Talvez eu tenha ouvido alguém lá fora. Talvez tenha ouvido um leve som de arranhões. Talvez os pelos na nuca tenham se arrepiado.

Ou talvez eu estivesse tão consumida pela pintura que não ouvi nada. Talvez eu não tenha visto a maçaneta virar. Talvez eu não tenha ouvido ela abrir.

— Eu estava quieta. — Dean estava na porta, me encarando. Meu primeiro instinto tinha sido entrar na cabeça de Celine. O primeiro instinto dele sempre foi analisar o UNSUB. — Vai haver um momento para barulho, um momento para gritos. Mas primeiro, eu tenho que conseguir o que vim buscar.

Vi a lógica no que Dean estava dizendo: o UNSUB veio aqui por Celine. Ela não era um alvo aleatório. Um assassino que escolhesse suas vítimas ao acaso não escolheria uma garota protegida por um sistema de segurança de última geração. Só alguém que a estivesse vigiando saberia que ela estava sozinha aqui.

— Você pensou que poderia entrar e me levar, — eu disse, olhando para Dean. — Pensou que, se fosse quieto o suficiente e rápido o suficiente, conseguiria me subjugar antes que eu resistisse muito.

Você pensou errado.

Dean se abaixou sob a fita e cruzou a sala. Parando atrás de mim, colocou a mão sobre minha boca e puxou meu corpo contra o seu. O movimento foi cuidadoso, lento, mas deixei-me sentir como Celine teria sentido. Por instinto — e me movendo tão lentamente quanto Dean — me inclinei para frente, empurrando meus cotovelos para trás contra seu estômago. *A escova, pensei, na minha mão.* Me movi como se fosse esfaqueá-lo na perna, e ao mesmo tempo, mordi a mão que me segurava. Leve. Suavemente.

Celine teria mordido seu captor com força.

Dean se afastou, e eu escapei de seu aperto.

— Eu estaria gritando a essa altura, — eu disse. — O mais alto que eu pudesse. Eu corro em direção à porta, mas —

Dean apareceu atrás de mim novamente. Enquanto ele zombava de me pegar, fui em direção à borda da mesa

mais próxima. *Se eu segurar firme o suficiente, você não consegue—*

— Não por aí, — disse Sloane de repente, interrompendo meus pensamentos. — Com base no padrão de destroços que vimos nas fotos da cena do crime, os objetos da mesa teriam sido derrubados do lado *de cá*. Ela se moveu para o outro lado da mesa e imitou o movimento que teria sido necessário, passando os braços sobre a mesa de forma horizontal.

Franzi a testa. *Daquele lado da mesa?*

— Talvez não tenha sido eu, — eu disse a Dean depois de um momento. — Se eu estivesse aterrorizada e lutando pela minha vida, a primeira chance que eu tivesse, eu iria para a porta.

A menos que eu estivesse procurando uma arma. A menos que eu tivesse motivo para acreditar que poderia lutar e vencer.

As mãos de Dean se fecharam lentamente em punhos. — Eu poderia ter feito isso. — Ele passou as mãos sobre a mesa, uma veia em seu pescoço saltando contra sua pele bronzeada. — Para te assustar. Para *te punir*.

Imaginei o vidro voando por toda parte. *Este estúdio é meu. Meu espaço. Meu refúgio*. O que Dean estava dizendo fazia sentido apenas se o UNSUB soubesse disso — e só se ele soubesse, em algum nível, que Celine ficaria e lutaria.

Que ela não fugiria.

Observei o restante da sala e integrei com o que eu tinha visto nas fotos iniciais da cena do crime. *A mesa virada. A cortina, arrancada do varão. O cavalete quebrado. Os restos da pintura de Celine, quebrada e morrendo no chão.*

— E quanto ao querosene? — Lia tinha estado incrivelmente quieta enquanto estávamos fazendo o perfil, mas ela havia atingido o limite de segurar a língua.

Sua pergunta me tirou da perspectiva de Celine e me colocou na do UNSUB. *Se você tivesse planejado sequestrá-la, você não teria trazido o querosene. E se tivesse*

planejado queimá-la viva aqui, você teria incendiado o lugar.

— Talvez eu não pudesse fazer isso, — disse Dean suavemente. — Talvez, quando entrei, eu não percebi como seria. — Ele fez uma pausa. — O quanto eu gostaria disso.

O quanto você gostaria da luta. O quanto você gostaria da fúria dela, do terror dela. O quanto você gostaria que isso durasse

O quanto você gostaria da luta. O quanto você gostaria da fúria dela, do terror dela. O quanto você gostaria que isso durasse.

— A boa notícia, — eu disse, *minha voz horrível, amarga e baixa, — é que, se isso for trabalho de um dos Mestres, ela definitivamente é a primeira dele.*

CHAPTER 10

Sloane ainda estava analisando as evidências físicas, mas eu já tinha visto tudo o que precisava ver—tudo o que eu podia suportar ver. Uma pequena parte de mim não conseguia evitar fazer paralelos entre aquela cena de crime e a primeira que eu havia visto—o de minha mãe.

Ela lutou. Ela sangrou. Eles a levaram.

A diferença é que Celine foi levada em uma data Fibonacci, e isso significava que, se fosse obra dos Mestres, não estávamos procurando uma garota desaparecida, uma possível Pítia.

Estávamos procurando um cadáver.

— Gostaria de ver o quarto da vítima, disse eu. Devia isso a Celine Delacroix, conhecer mais sobre ela, depois voltar aqui e revisar tudo de novo, até encontrar o que estivéssemos deixando passar.

Isso era o que os perfiladores faziam. Nos submergíamos na escuridão repetidamente.

— Eu te levo até o quarto de Celine. Michael não esperou permissão antes de começar a caminhar em direção à casa principal. Eu capturei o olhar da Agente Sterling. Ela acenou para eu seguir Michael.

— Eu vou esperar aqui embaixo, me disse Dean.

Quando estávamos fazendo o perfil, eu não sentia a distância esmagadora entre nós, mas agora, minha mente foi para os segredos que eu estava escondendo dele, as palavras zombeteiras de seu pai.

— Quero rever a cena de novo, continuou Dean. Algo sobre isso não parece certo.

Nada parece certo, pensei. E então, lá dentro de mim, algo sussurrou, *Nada nunca será*. Eu daria tudo o que eu tinha por esse caso. Eu daria e daria, até que a garota que eu fui— a garota que Dean amava— tivesse desaparecido, desgastada como um castelo de areia arrastado pela maré.

Ignorando a dor surda que acompanhava esse pensamento, eu me virei e segui Michael para dentro da casa. Lia se juntou a mim.

— Você vai vir? perguntei.

Lia deu de ombros com elegância. — Por que não? O fato de ela nem tentar mentir sobre suas motivações me fez parar. — Acompanhe, me disse Lia, passando por mim com facilidade. — Eu odiaria ter qualquer momento sozinha com Michael no quarto da ex-namorada dele.

Michael tinha dito que Celine era a única pessoa que se importava com ele enquanto crescia. Ele tinha dito que ela era bonita. Ele a chamava por um apelido. E o relacionamento de Lia e Michael, cheio de idas e vindas, tinha uma tendência a terminar mal.

Sempre.

Alcançamos Michael justo quando ele parou na porta do quarto de Celine. Quando me aproximei dele, vi o que o fez parar.

Um autorretrato. Não questioneei o instinto que dizia que Celine havia pintado essa obra. Era grande, maior que a vida. Ao contrário das fotografias que eu tinha visto de nossa vítima, essa pintura mostrava uma garota que não era elegante, que não queria ser. A tinta estava espessa e texturizada na tela, quase tridimensional. As pinceladas estavam ásperas e visíveis. Celine havia pintado a si mesma apenas dos ombros para cima. Sua pele estava nua, marrom escura e luminosa. E a expressão em seu rosto...

Nua, vulnerável e feroz.

Ao meu lado, Michael observava a pintura. *Você está lendo ela, pensei. Você sabe exatamente o que a garota naquela pintura está sentindo. Você sabe o que a garota que a pintou estava sentindo. Você a conhece como conhece a si mesmo.*

— Ela não usou pincel. Lia deixou o comentário se registrar antes de continuar. — CeCe, minha querida, pintou isso com uma faca.

Meu cérebro integrou essa informação ao que eu sabia sobre Celine.

— Quanto você apostaria que nossa Picasso com faca limpa os pincéis com querosene? perguntou Lia. — Terebentina seria mais comum, mas eu aposto que Celine Delacroix não faz o comum. Faz, Michael?

— Agora você é uma perfiladora? perguntou Michael para Lia.

— Apenas uma aficionada por arte, retrucou Lia. — Eu morei em um banheiro do Museu Metropolitano de Arte por seis semanas, quando estava nas ruas.

Levantei uma sobrancelha para Lia, completamente incapaz de dizer se aquilo era verdade ou uma mentira descarada. Em resposta, Lia passou por Michael e entrou no quarto de Celine.

— Se Celine limpa os pincéis com querosene, murmurei, pensando em voz alta, — ela teria algo por perto. Não muito, mas...

Mas o suficiente para que você não precisasse trazer com você. Pausando. E se você não trouxe com você, talvez nunca tenha pensado em queimá-la viva.

Poderia ter sido uma coincidência. Tudo— a data, o querosene.

— Você acha que o FBI não percebeu que algumas pessoas usam querosene como diluente de tinta? Michael me perguntou, lendo meus pensamentos na minha expressão. — Você realmente acha que Briggs e Sterling não seguiram esse caminho antes de pegar esse caso?

De volta à cena do crime, o cheiro de querosene era esmagador. Não era um pequeno derramamento de que estávamos falando aqui— mas por algum motivo, Lia queria que eu considerasse a possibilidade de que fosse.

Por quê?

Michael passou o limiar e entrou no quarto de Celine. Depois de um último olhar para Lia, eu a segui.

— Mais duas pinturas nas paredes, comentei, quebrando o silêncio. Celine havia pendurado as pinturas lado a lado, peças combinadas de um conjunto abstrato e estranho. A tela à esquerda parecia ser pintada inteiramente de preto, mas quanto mais eu olhava para ela, mais fácil ficava ver um rosto me encarando da escuridão.

O rosto de um homem.

Era sutil, um truque de luz e sombras em uma pintura que, à primeira vista, não tinha nenhuma. A segunda tela estava quase em branco, com alguns pedaços de sombreamento aqui e ali. Parecia uma pintura completamente abstrata, até você perceber que o espaço branco tinha seu próprio design.

Outro rosto.

— Ela não pinta corpos. Michael se colocou em frente às pinturas. — Mesmo no ensino fundamental, Celine se recusava a desenhar qualquer coisa além de rostos. Nenhum paisagem. Nem uma única natureza-morta. Isso costumava deixar os professores de arte contratados pelos pais dela loucos.

Essa foi a primeira abertura que Michael me deu para perguntar sobre essa garota, essa parte de seu passado que nenhum de nós sabia que existia. — Vocês se conhecem desde pequenos?

Por um momento, eu não tinha certeza se Michael responderia a pergunta.

— De vez em quando, disse ele finalmente. — Quando eu não estava no internato. Quando *ela* não estava no internato. Quando meu pai não estava me forçando a fazer

amizade com os filhos de pessoas mais importantes que um parceiro que ele já tinha comendo na mão dele.

Eu sabia que o pai de Michael tinha um temperamento difícil. Sabia que ele era abusivo, quase impossível de ler, rico e obcecado com o nome Townsend. E agora eu sabia mais sobre Thatcher Townsend. *Não importa quanto dinheiro você ganhe, não importa o quão alto você suba na escada social— nunca será suficiente. Você sempre terá fome. Você sempre vai querer mais.*

— Boa notícia, disse Lia, interrompendo meus pensamentos. Quando Michael e eu olhamos para ela, ela estava retirando um fundo falso de um baú aos pés da cama de Celine. — A polícia levou o laptop da nossa vítima como evidência, mas não levaram o laptop *secreto* dela.

— Como você— comecei a perguntar, mas Lia me interrompeu com um aceno de mão.

— Eu fiz uma temporada como ladra de alto nível depois que fui expulsa do Met, disse Lia, colocando o laptop na mesa de Celine.

— Vamos precisar da Sloane para hackear o— Michael se interrompeu enquanto Lia fazia login.

Não estava protegido por senha. *Você esconde seu laptop, mas não coloca senha. Por quê?*

— Vamos ver o que temos aqui, disse Lia, abrindo arquivos aleatoriamente. — Cronograma de aulas. Eu tive tempo suficiente para memorizar o cronograma de aulas de Celine antes de Lia passar para o próximo. Ela abriu um novo arquivo— uma fotografia de duas crianças em frente a um veleiro. Reconheci a menininha imediatamente. *Celine*. Demorei mais para perceber que o menininho ao lado dela era Michael. Ele não poderia ter mais que oito ou nove anos.

— Chega, disse Michael, com firmeza. Ele tentou fechar a foto, mas Lia o bloqueou. Na tela do laptop, eu vi a foto começar a mudar, a se transformar.

Não é uma foto, percebi depois de um momento. Um vídeo. Uma animação.

Lentamente, as crianças na foto se transformaram, até que eu estava olhando para uma foto quase idêntica de dois adolescentes em frente a um veleiro.

Celine Delacroix, 19 anos, e Michael Townsend, agora.

CHAPTER 11

— **V**ocê tem algo que queira compartilhar com a turma, Townsend? — O tom de Lia era leve e zombeteiro, mas eu sabia com cada fibra do meu ser que isso não era uma piada para ela.

Você subiu aqui porque pensou que ele estava escondendo algo. De você. De todos nós.

Enquanto Dean e eu estávamos fazendo o perfil da cena do crime, Lia estava observando Michael. Ela deve ter percebido algum tipo de sinal. Mesmo que ele não tivesse *mentido*, ela deve ter notado algo que a fez suspeitar...

O quê? O que você suspeita, Lia?

— Isso não é uma fotografia. — Michael olhou para Lia.
— É um desenho digital. Celine usou a licença artística com a foto antiga e a atualizou. Óbvio. A menos que você não tenha notado que o cronograma dela incluía uma aula de arte digital?

Como reflexo, eu passei o restante do cronograma de Celine na minha cabeça. *Pensamento Visual. Morte e Apocalipse na Arte Medieval. Teorias, Prática e Política dos Direitos Humanos. Cor.*

— Quando foi a última vez que você a viu? — Lia perguntou a Michael. — Quando você foi para casa no Natal?

A mandíbula de Michael se contraiu ligeiramente. — Não vejo Celine há quase três anos. Mas fico tocado por você estar com ciúmes. Sério.

— Quem disse que estou com ciúmes?

— A leitora de emoções na sala. — Michael olhou para mim. — Talvez a profiler na sala possa dizer para o detector de mentiras que é borderline patológico ter ciúmes de uma de nossas vítimas?

Vítimas. Como em *vítimas*. O Michael que eu conhecia não seria capaz de pensar em alguém que ele se importava assim. Celine Delacroix não era uma *vítima* sem nome ou rosto para ele. E eu não pude deixar de me perguntar—se Celine não o via há três anos, como ela teria capturado tão precisamente o jeito que ele parecia agora?

— Me diga que você não está escondendo algo. — Lia deu a Michael um sorriso que parecia perfeitamente agradável. — Vai em frente. Eu desafio você.

— Eu não vou fazer isso com você — Michael disse entre dentes. — Isso não é *sobre* você, Lia. Isso não é da sua maldita conta.

Eles estavam tão imersos discutindo entre si que não viram a foto na tela mudar novamente. Dessa vez, havia apenas um rosto retratado no desenho.

De Thatcher Townsend.

— Michael. — Esperei até que ele me olhasse para continuar. — Por que Celine teria uma foto do seu pai no computador dela? Por que ela teria desenhado ele?

Michael ficou olhando para a tela do computador, com o rosto inexpressivo.

— Townsend, me diga que você acha que esse caso tem algo a ver com os Mestres. — Lia foi direto ao ponto. — Me diga que você não sabia, desde o segundo em que viu aquela cena de crime, que não tem.

— Em cinco segundos — Michael disse, em vez disso, com o olhar fixo em Lia —, eu vou te dizer que te amo. E se você ainda estiver na sala quando eu disser isso, você vai saber.

Se ele a amava. Se ele não amava.

Se ela soubesse com certeza que a resposta era a última, Lia não teria se movido. Se nenhuma parte dela quisesse que ele a amasse, ela não teria se importado. Em

vez disso, ela olhou para Michael com algo como ódio nos olhos.

E então ela fugiu.

Foi só alguns segundos depois que eu encontrei minha voz. — Michael—

— Não — ele me disse. — Porque eu juro por Deus, Colorado, se você falar uma única palavra agora, eu não vou conseguir evitar de te contar exatamente qual combinação de emoções eu vi passar pela sua cara quando você começou a pensar que Celine talvez não tenha sido levada por um dos seus preciosos Mestres.

Minha boca ficou seca. Se Celine tivesse sido levada pelos Mestres em uma data de Fibonacci, ela já estava morta. Mas se esse caso não estivesse relacionado, ela ainda poderia estar viva. E eu...

Eu não estava feliz. Eu não estava esperançosa. Uma parte de mim—uma parte doente, torcida, que eu mal reconhecia—*queria* que ela fosse uma vítima do cabal. Porque se ela fosse vítima deles, haveria uma chance de que tivessem deixado alguma evidência para trás. Precisávamos desesperadamente de uma pista. *Eu* precisava de algo para seguir.

Mesmo sabendo que Celine importava para Michael. Mesmo sabendo que ele importava para mim.

VOCÊ

Algumas coisas você lembra. Algumas coisas você não lembra. Algumas coisas vão te fazer estremecer—e algumas coisas não vão.

CHAPTER 12

— Quando foi que eu me tornei uma pessoa capaz de ficar desapontada pelo fato de uma garota desaparecida ainda estar viva?

Esse é o preço, pensei enquanto deixava Michael sozinho no quarto de Celine e seguia de volta para a cena do crime. De estar disposta a fazer um acordo com qualquer diabo, a pagar qualquer preço.

Dean olhou para o meu rosto e sua mandíbula se apertou. — O que o Townsend fez?

— O que te faz pensar que o Michael fez alguma coisa?

Dean me olhou. — Um: ele é o Michael. Dois: ele está prestes a ter um colapso. Três: Lia tem sido a Srta. Solzinha desde que desceu, e Lia não faz flores *nem* sol quando não está brincando com alguém ou profundamente chateada. E quatro... — Dean deu de ombros. — Eu posso não ser um leitor de emoções, mas eu te conheço.

Agora mesmo, Dean, eu não sei nem quem sou.

— Eu fui ver seu pai. — Não sabia se dizer essas palavras para Dean era uma confissão ou uma penitência. — Eu contei sobre nós para ele, para que ele me contasse sobre os Mestres.

Dean ficou quieto por alguns segundos. — Eu sei.

Eu o olhei. — Como—

— Eu te conheço — Dean repetiu —, e eu conheço a Lia, e a única razão de ela me dizer que há algo entre ela e o Michael era para me distrair de algo pior.

Eu contei ao seu pai como é quando você me toca. Eu contei a ele que ele assombra seus sonhos.

— Eu não sei o que aquele monstro disse a você. — Dean manteve o olhar. — Mas eu sei que ele tem uma reação muito particular a tudo o que é belo, a tudo o que é real—tudo o que é *meu*. — Seus dedos traçaram suavemente a borda da minha mandíbula e depois foram até a parte de trás do meu pescoço. — Ele não vai fazer isso mais, Cassie — Dean disse ferozmente. — E você não vai deixar.

Meu peito se apertou, mas eu não me afastei do toque dele. Não dei um passo para trás.

— Celine Delacroix não foi levada por um dos Mestres. — Deixei o calor da pele de Dean aquecer a minha. Afastei o eco da voz de seu pai. — Eu não sei como, mas Michael sabia. Lia suspeitava que ele estava escondendo algo. E uma grande parte de mim deseja...

— Você deseja ter uma pista — Dean interrompeu. Seu sotaque sulista estava mais audível nessas palavras do que em qualquer outra que eu o tivesse ouvido falar em muito tempo. — Você deseja que tivéssemos um rastro a seguir. Mas você não deseja que essa garota tenha sido queimada viva, Cassie. Você não deseja que ela tenha morrido gritando. Você não é capaz disso.

Ele soava tão certo disso, tão certo de mim, mesmo depois do que eu lhe disse. Pensei em minha mãe, lutando até a morte com sua predecessora. *Nunca sabemos realmente do que somos capazes.*

Mudei de assunto. — Você não ficou surpreso quando eu disse que Celine não foi levada por um dos Mestres.

— Eu suspeitava. — Dean ficou para trás para percorrer a cena do crime novamente porque algo não parecia certo. Me perguntei por que ele havia percebido isso e eu não. Eu deveria ser uma Natural. Eu deveria ser melhor que isso. Eu reconheci que aquela era a primeira vez do nosso UNSUB. Por que eu não levei isso adiante e vi que os

Mestres nunca permitiriam que alguém tão descontrolado, tão *bagunçado*, entrasse para suas fileiras?

— Você estava na cabeça da garota — Dean disse suavemente. — Eu estava na cabeça do agressor dela. Do ponto de vista dela, não importaria se o intruso a tivesse escolhido como a primeira das nove vítimas ou se ela fosse o único alvo. Não importaria se houvesse um elemento de ritual nos movimentos dele ou apenas desejo e raiva. De qualquer forma, ela ainda teria reagido.

Fechei os olhos, me imaginando no lugar de Celine mais uma vez. *Você reagiu. Você não fugiu. Você conhecia o UNSUB. Você pode ter ficado aterrorizada, mas estava com raiva também.*

— Celine tem um laptop secreto — eu disse a Dean. — A polícia não encontrou. E o que quer que esteja acontecendo aqui, eu acho que tem algo a ver com o pai do Michael.

CHAPTER 13

—**N**ós sabíamos que isso era um tiro no escuro.” Briggs dirigiu essas palavras a Sterling, mesmo que Dean e eu fôssemos os portadores das notícias. “Mas as datas coincidiam, e o modo de operação estava na margem. Precisávamos verificar.”

—Foi o que você disse. — Sterling cortou as palavras. — E foi o que disse o diretor.

Pensei no que tinha visto daquela troca. O Diretor Sterling havia falado apenas com Briggs — não com sua filha, nem com Judd.

—Não transforme isso em algo sobre o seu pai — disse Briggs a Sterling, em voz baixa.

—Eu não transformei. Você transformou. — O tom de Sterling me lembrou que Briggs era seu ex-marido, além de seu parceiro. — Isso nunca foi um tiro no escuro, Tanner. Se tivesse me perguntado — se você ou meu pai sequer tivessem se lembrado de que havia um profiler na sala — eu poderia ter dito que havia muita raiva aqui para se encaixar no que sabemos sobre os Mestres, muito pouco controle.

As implicações dessa declaração me atingiram como um caminhão. — Você sabia que este caso não estava relacionado aos Mestres? — Minha voz saiu tensa. *Você sabia, e me deixou acreditar—*

—Eu sabia que uma garota estava desaparecida — disse a agente Sterling suavemente.

—E você nunca pensou em compartilhar isso comigo? —
A voz de Briggs endureceu.

Sterling o encarou sem vacilar. — Você nunca perguntou. — Após um momento de silêncio, ela se virou para mim. Houve uma mudança sutil em seu tom, que me lembrou que, uma vez, ela me dissera que, quando olhava para mim, via a si mesma. — Você nunca pode se permitir ficar tão focada em uma possibilidade — ou em um caso — que perca sua objetividade, Cassie. No momento em que um caso se torna sobre o que *you* precisa — vingança, aprovação, redenção, controle... você já perdeu. Há uma linha tênue entre seguir sua intuição e ver o que você quer ver, e essa não é uma lição que eu poderia ensinar a você. — Ela olhou de volta para Briggs. — Todos nós precisamos aprender essa sozinhos.

Você está pensando no caso Nightshade. Meu instinto de profiler entrou em overdrive. Anos atrás, Briggs e Sterling não sabiam que o assassino que estavam caçando era um dos Mestres. Eles não sabiam que, quando foram atrás de Nightshade, ele atacaria uma das pessoas deles — Scarlett Hawkins. A filha de Judd. A melhor amiga de Sterling.

—E que tipo de lição você estava tentando me ensinar?
— Briggs rosou. — Não tomar decisões sem discuti-las com você primeiro? Não ficar do lado do seu pai em nada? Não pedir a Judd que confie em mim?

—Eu fui acima da cabeça do diretor no programa Naturals por uma razão — respondeu Sterling, com sua armadura emocional firmemente no lugar. — Meu pai é muito bom no que faz. Ele tem uma veia maquiavélica enorme. E pode ser muito persuasivo.

—Tomei uma decisão de julgamento — retrucou Briggs.
— Isso não tem nada a ver com o seu pai.

—Ele sempre quis um filho — disse Sterling, quietamente. — Um filho ambicioso, moldado à sua própria imagem.

O corpo inteiro de Briggs ficou tenso. — Isso é sobre Scarlett? Você ainda culpa—

—Eu me culpo. — Sterling deixou essas palavras como uma bomba. — Isso não é sobre você, ou sobre meu pai. É sobre não deixar nenhum de nós ficar tão obcecado com um caso, com *vencer*, que deixamos de ver ou nos importar com qualquer outra coisa. Scarlett morreu no altar de *vencer*, Tanner. Mestres ou não, não vou permitir que façamos o mesmo com essas crianças.

—E o que este caso está fazendo com Michael? — retrucou Briggs. — Sacrificar o bem-estar psicológico dele no altar da sua autojustiça, *isso* está tudo bem?

—Eu odeio quando mamãe e papai brigam. — Lia aproximou-se de mim. — Você acha que eles vão se divorciar? — Lia nunca havia encontrado um incêndio que não quisesse apagar com gasolina.

Briggs beliscou a ponte do nariz.

—Briggs e Sterling já são divorciados — disse Sloane, de forma útil, enquanto tirava suas luvas de látex e se juntava à confusão.

Dean interveio antes que a situação pudesse escalar. — Ainda temos uma pessoa desaparecida.

Era por isso que a agente Sterling não havia combatido a decisão de Briggs de vir aqui. Pensei em Celine, pensei na emoção insidiosa que surgira dentro de mim quando percebi o que era este caso — e o que não era.

Você não deseja que essa garota tenha sido queimada viva, Cassie. As palavras de Dean ecoaram na minha mente. Você não deseja que ela tenha morrido gritando. Você não é capaz disso.

Eu queria que isso fosse verdade.

— Precisamos descobrir quem levou Celine. — Com a garganta apertada, entrelacei meus dedos nos de Dean, Daniel Redding e seus jogos mentais que se danassem. — Se ela está viva, precisamos encontrá-la. E se estiver morta, vamos descobrir quem a matou.

Passei os últimos dois meses e meio no porão, olhando para as obras dos Mestres. Sentei-me de frente para o diabo e ofereci um acordo. Mas, não importava o que eu fizesse, não importava o que *nós* fizéssemos, a realidade era que talvez eu nunca encontrasse minha mãe. Mesmo se pegássemos um dos Mestres — ou dois ou três — o ciclo interminável de assassinatos em série poderia nunca parar.

Havia tanto que não estava sob meu controle. Mas isso estava.

—Onde está Michael? — perguntou Sloane de repente.
— Noventa e três por cento das vezes, quando há um confronto emocional ou físico, Michael está dentro de um raio de um metro e meio da ação.

Houve um momento de silêncio e então o agente Briggs reiterou a pergunta de Sloane. — Onde está Michael?

—Eu o deixei no quarto de Celine — respondi. O que não disse — o que deveria ter percebido muito antes — era que eu estava disposta a apostar muito dinheiro que ele não havia ficado naquele quarto por muito tempo.

CHAPTER 14

Então não demorou muito para descobrir para onde Michael havia ido. Se ele suspeitava que seu pai tivesse algo a ver com o desaparecimento de Celine, ele quase certamente teria ido confrontar a ameaça de frente.

— Você leva as crianças de volta para a casa segura, — disse Briggs a Sterling. — Eu vou atrás do Michael.

— Porque a única pessoa que o Michael vai ouvir quando estiver fora de controle é uma figura de autoridade, — ironizou Lia. — Não tem como isso dar errado, especialmente se você começar a dar ordens. Deus sabe que pessoas que passaram a vida sendo saco de pancadas se saem melhor quando não têm controle nenhum sobre a situação e alguém as domina completamente.

O senso apurado de sarcasmo de Lia era ainda mais eficaz quando ela fazia as palavras soarem completamente sinceras.

— E o que você sugere? — perguntou Briggs, com tom cortante.

— Que nós quatro vamos, — retrucou Lia. — Obviamente. A menos que você realmente ache que o Thatcher Townsend vai perder o controle e atacar a gente fisicamente?

— Ele não vai, — interrompeu Dean. — Ele se importa com as aparências. — Fez uma pausa. — Se eu fosse o Thatcher Townsend, e se eu tivesse algo a ver com o desaparecimento de Celine Delacroix? Eu faria um espetáculo ainda melhor do que o normal.

— E se o Michael fizer o possível para empurrar o pai para o limite? — rebateu o agente Sterling. — E se ele partir para o ataque e o pai dele estourar?

Algo escuro e perigoso brilhou nos olhos de Dean. — Então o Thatcher Townsend vai ter que passar por mim.

— Se algum de vocês questionar ele, — disse eu para os agentes do FBI antes que respondessem à ameaça implícita nas palavras de Dean, — as chances de o pai do Michael perder o controle são muito pequenas. Lia me lançou um olhar que dizia *Você não está ajudando*, mas continuei. — O Thatcher é grandioso e capaz de níveis enormes de autoengano. Se ele *realmente* perder o controle, contanto que não haja mais adultos por perto, ele pode até nos dar as informações que precisamos.

Sloane pigarreou e fez uma tentativa de ajudar no meu argumento. — Eu estimaria que o pai do Michael tem um metro e setenta e um de altura, e pesa cento e sessenta e um quilos. — Quando ficou claro que nenhum de nós viu relevância nesse número, Sloane ampliou: — Acho que podemos vencê-lo.

Lia se virou e fez um charminho para Judd, que tinha se juntado à conversa no meio.

— Tudo bem, — disse Judd depois de um longo momento de deliberação. — Mas desta vez, vocês serão os que estarão usando câmeras.

Eu estendi a mão para tocar a campainha da porta da frente dos Townsend, mas Lia testou a maçaneta e, encontrando-a destrancada, entrou sozinha. Eventualmente, ela faria Michael pagar pela brincadeira que ele fez no quarto da Celine, mas ela viria em seu socorro primeiro.

— Bebida?

No momento em que ouvi a voz de Michael, atravessei a porta após Lia. Ouvi um leve tilintar—vidro contra vidro—e

rapidamente deduzi que Michael estava se servindo de uma bebida e oferecendo uma a outra pessoa.

Segui Lia pela casa. Sloane e Dean fizeram o mesmo. Na sala de estar—onde Briggs e Sterling haviam entrevistado os pais de Celine—encontramos Michael com seu pai.

Thatcher Townsend aceitou a bebida que Michael lhe preparou, levantou o copo, um sorriso encantador no canto dos lábios. — Você deveria ter atendido quando eu liguei, — disse a Michael, falando as palavras como um brinde, como uma piada interna que ele e Michael compartilhavam. Só de olhar para Thatcher, eu sabia que esse homem era o melhor amigo de todos. Era o vendedor perfeito, especializado em se vender.

Michael levantou o copo e ofereceu ao pai um sorriso encantador também. — Eu nunca fui bom em *deveria*.

Uma vez, Michael provavelmente temia os momentos em que a máscara charmosa do pai caía. Agora ele tirava poder da sua capacidade de *fazer* essa máscara cair.

Mas Thatcher Townsend continuou como se não tivesse ouvido o tom zombeteiro na voz de Michael. — Como você está, Michael?

— Bonito, propenso a momentos de melancolia e decisões questionáveis. E você?

— Sempre tão superficial, — disse Thatcher, balançando a cabeça, sorrindo suavemente, como se ele e o filho estivessem relembrando algo. Ele deu uma olhada nos outros de relance. — Parece que temos companhia, — disse a Michael. O mais velho dos Townsend virou-se para nós. — Vocês devem ser os amigos do Michael. Eu sou Thatcher. Entrem, por favor. Fiquem à vontade para se servir de uma bebida, desde que consigam resistir à vontade de me denunciar para o FBI por contribuir para a delinquência de menores.

O pai de Michael era magnético. Charmoso, amigável, maior que a vida.

Você vive para ser adorado, pensei, e não importa quantas vezes machuque o Michael, você nunca para de

usar seu charme.

— Michael, querido... — Lia caminhou até se juntar ao pai e ao filho, entrelaçando sua mão na de Michael. — Nos apresente.

Em um piscar de olhos, Lia adotou uma persona que eu nunca tinha visto antes. Estava presente na maneira como ela segurava a cabeça, na forma como deslizava pelo chão, no tom musical de sua voz. Michael apertou os olhos para ela, mas devia ter sido capaz de perceber pelo olhar no rosto dela que ele estava com sorte de ela não ter escolhido fazer uma entrada mais memorável.

— Esta é a Sadie, — ele disse ao pai, colocando uma mão na cintura de Lia enquanto a apresentava pelo nome fictício de sua escolha. — E ali na porta, temos a Esmerelda, Erma e Barf.

Pela primeira vez, vi um relance de irritação no rosto de Townsend, o pai. — Barf? — Ele olhou para Dean.

— É uma abreviação de Bartholomew, — mentiu Lia suavemente. — Nosso Barf tinha um problema de fala quando era criança.

Assim como eu, Dean devia suspeitar que havia um método para a loucura de Michael e Lia, porque ele não disse uma palavra.

— Pergunta, — disse Sloane, levantando a mão. — Eu sou Erma ou Esmerelda?

Thatcher Townsend deu todos os sinais de estar se divertindo. — Vejo que meu filho encontrou um lugar onde ele se encaixa bem. Sinto muito que minha esposa não possa estar aqui para conhecê-los. Tenho certeza de que Michael já lhes contou que ela tem um espírito aventureiro. Ela dirige uma clínica gratuita aqui na cidade, mas viaja com Médicos Sem Fronteiras sempre que tem oportunidade.

Era difícil imaginar Thatcher Townsend com algo além de uma esposa da alta sociedade. Meu instinto dizia que ele mencionara o espírito aventureiro de sua esposa com o único propósito de punir seu filho por se recusar a nos dizer

nossos nomes reais. *Punhos não são sua única arma. Você é um homem de intelecto—exceto quando o garoto faz você se tornar outra coisa.*

— Gostaríamos de fazer algumas perguntas sobre Celine Delacroix. — Dean foi o primeiro a cortar a conversa.

— Agora, Barf, — repreendeu Michael, — deixe o homem terminar a bebida dele.

Thatcher ignorou seu filho e focou sua performance em Dean. — Fiquem à vontade para fazer qualquer pergunta. Apesar da insistência de meu filho em tratar tudo como uma piada, posso garantir que tanto a família de Celine quanto eu estamos levando isso muito a sério.

— Por quê? — perguntou Sloane.

— Acho que não estou entendendo, — disse Thatcher.

— Por que você está levando isso tão a sério? — Sloane inclinou a cabeça para o lado, tentando entender toda essa situação. — Por que foi você quem chamou o FBI?

— Eu conheço a Celine desde o dia em que ela nasceu, — respondeu Thatcher. — O pai dela é um dos meus amigos mais próximos. Por que eu não ajudaria?

Um movimento fugaz chamou minha atenção enquanto Lia segurava o dedo indicador contra o lado da coxa, um número um sutil, apontando para baixo.

Essa é a primeira mentira que ele disse. Sabendo que Thatcher e Remy tinham trabalhado juntos antes de seus filhos nascerem, duvidei que Thatcher estivesse mentindo sobre o tempo em que conhecia Celine, e isso significava que ele estava mentindo sobre sua relação com o pai de Celine. *Talvez você não o considere seu amigo. Talvez ele tenha te traído. Talvez você seja do tipo que mantém seus inimigos por perto.*

— Eu aprecio que você queira encontrar a Celine, — Thatcher se dirigiu diretamente a Michael. — Eu também quero, mas, filho, você está procurando no lugar errado pelas respostas.

— Lugar errado, hora errada. — Michael tomou um gole de sua bebida. — Meio que a minha especialidade.

Eu me preparei para Thatcher estourar. Dean se moveu sutilmente em direção a Michael. No entanto, Thatcher apenas sorriu enquanto desviava o olhar de Michael para outro alvo.

— Sloane, não é? — disse ele, uma demonstração de que ele sabia nossos nomes reais o tempo todo. — Eu conheço seu pai.

Algumas pessoas tinham um sexto sentido para a vulnerabilidade. Naquele instante, eu não tinha dúvidas de que Thatcher Townsend fizera sua fortuna usando exatamente essa habilidade. Meu estômago se revirou, sabendo o que até mesmo a menção do pai dela faria com Sloane.

— Grayson Shaw e eu temos alguns investimentos em comum, — continuou Thatcher, jogando o nome do pai de Sloane como se fossem velhos amigos. — Ele me disse que você é bastante brilhante, mas não mencionou o quanto você está se tornando uma jovem mulher bonita.

Eu não precisava que Lia me dissesse que o pai de Sloane não havia falado nada de bom sobre ela.

— Eu fiquei muito triste, — disse Thatcher, seus olhos capturando os de Sloane e mantendo-os, — ao saber sobre o seu irmão.

Minha mão foi em direção à de Sloane, mas ela não a segurou. Seus braços ficaram caídos e sem vida ao lado do corpo.

— Não, — retrucou Lia, dando um passo repentino para frente. — Você não ficou triste. Você não se importou muito de qualquer forma. E, por acaso, quando você disse a Michael que ele estava procurando no lugar errado por essas respostas, a única razão para isso ser verdade foi aquela palavra pequena, *essas*. — A voz de Lia ficou suave e baixa. — Às vezes, os maiores sinais de um mentiroso acontecem quando ele está falando a verdade.

As luvas estavam oficialmente fora. Thatcher Townsend poderia ter atacado a mim, Lia ou Dean, e nós teríamos lidado com isso. Mas ele foi atrás de Sloane, e usou o irmão

morto dela para isso. Desde o momento em que entramos naquela sala, pai e filho estavam engajados em um jogo, tentando superar o outro, determinados a ter a vantagem, o poder, o controle. O fato de Thatcher ter usado Sloane para alcançar isso me fez querer dizer a ele o quão transparente ele era.

— Quais respostas *deveriam* Michael vir procurar com você? — perguntei, em vez disso. Às vezes, a melhor forma de prender alguém era dar exatamente o que ele queria. Neste caso, o controle. — Você é um homem poderoso. Você mantém seu ouvido no chão. Quais perguntas deveríamos estar fazendo?

Townsend sabia que eu estava o bajulando, mas não se importou. — Talvez se você me desse um pouco de direção, eu pudesse ser útil.

— Falando em serviços... — Michael colocou o copo de lado. — Quais serviços Celine estava lhe prestando?

— Com licença? — Thatcher conseguiu soar ao mesmo tempo incrédulo e ofendido. — O que exatamente você está sugerindo, Michael? Quaisquer que sejam as diferenças entre você e eu, você não pode acreditar que eu tenha tido algo a ver com o desaparecimento de Celine.

— Você sempre gostou de me dizer o que eu podia ou não podia acreditar, — Michael disse suavemente. — Eu não poderia acreditar que você tivesse a intenção de me jogar escada abaixo ou que você tivesse a intenção de quebrar o meu braço ou que você me tenha segurado debaixo d'água na banheira de propósito. Que tipo de homem eu achava que você era?

Thatcher não reagiu a nenhuma das acusações de Michael. Era como se ele nem tivesse ouvido. — Você realmente acha que eu matei Celine? Que eu a sequestrei? Que eu faria mal a essa garota de alguma forma? —

Eu podia sentir minha vontade de acreditar nele, mesmo sabendo que ele era capaz de violência. Esse era o tipo de poder que Thatcher Townsend tinha sobre as pessoas. Era

assim que as emoções em seu rosto e na sua voz eram convincentes.

— E você, Michael? — Thatcher pressionou. — Você acha que eu tive alguma coisa a ver com o desaparecimento de Celine?

— Eu acho que você estava transando com ela.

Thatcher abriu a boca para responder, mas Michael continuou.

— Eu acho que você se cansou de transar com ela. Acho que você a visitou no dia em que ela desapareceu. Acho que você a ameaçou. Me diga que estou errado.

— Você está errado, — disse Thatcher, sem hesitar um segundo. Olhei para Lia, mas ela não deu sinal de que o homem estava mentindo.

Michael deu mais um passo para frente. Mesmo sem ver um pingo de raiva no rosto de Thatcher Townsend, meu instinto dizia que Michael conseguia ver, que ele estava observando a raiva do pai crescer—pela acusação, pelo fato de ter vindo de seu próprio filho, pela maneira como seu filho havia jogado sua roupa suja na frente de estranhos, sujando o nome dos Townsend.

— Não me diga que você tem integridade demais, classe demais, para transar com a filha do seu parceiro. — Michael tinha uma reação muito particular à raiva. Ele jogava combustível no fogo. Thatcher Townsend se via como o fundador de uma dinastia, o igual social de qualquer homem. Ele *precisava* ser visto dessa forma. E Michael sabia exatamente qual seria o preço de tirar isso dele. — Você pode tirar o garoto da favela, — disse ele ao pai com leveza, — mas não pode tirar a favela do homem.

Não houve aviso, nem sinal no rosto de Thatcher. Seus punhos não se cerraram. Ele não fez nenhum som. Mas, em um segundo, Michael estava de pé na frente do pai, e no próximo, eu ouvi um *estalo* e Michael estava no chão.

Thatcher o havia estapeado. *Você o atingiu com força o suficiente para derrubá-lo e mantê-lo no chão. Mas, na sua própria mente, você já está reescrevendo a história. Você*

não perdeu a paciência. Você não perdeu o controle. Você venceu.

Você sempre vence.

Dean se colocou entre Michael e seu pai enquanto Lia caía no chão para verificar Michael.

Thatcher Townsend simplesmente foi até a mesa e se serviu de outra bebida. — Vocês são bem-vindos em minha casa, — disse a nós enquanto saía da sala. — E, por favor, me avisem se eu puder ser útil.

CHAPTER 15

Havia uma diferença entre saber que o pai de Michael era abusivo e *ver* isso.

— Não sei quanto a vocês — disse Michael, levantando-se e limpando o sangue do lábio com as costas da mão —, mas eu achei que foi bem.

O tom casual na voz de Michael quase me desfez. Eu sabia que ele não queria minha piedade. Ele não queria minha raiva. E, seja o que fosse que eu sentisse, ele perceberia.

— Bem? — Dean repetiu. — Você achou que foi *bem*?

Michael deu de ombros. — Em particular, o fato de eu ter apresentado você ao meu pai como meu bom amigo Barf é uma memória que vou guardar para sempre.

Não importa, a menos que você deixe que importe. Eu sentia a dor de Michael, pelo menino que ele tinha sido, crescendo nesta casa.

— Você está bem? — Michael perguntou a Sloane.

Ela estava ao meu lado, muito quieta, respirando superficialmente e com a pele pálida. *Pensando em Aaron. Pensando no que acabou de acontecer com Michael. Pensando no seu pai. Pensando no dele.*

Sloane deu três passos pequenos e hesitantes antes de se atirar em Michael, agarrando o pescoço dele com tanta força que eu não tinha certeza de que ela o soltaria.

Meu telefone tocou. Assim que vi os braços de Michael curvarem-se ao redor de Sloane, eu atendi.

— Isso *não* foi bem. — A saudação da agente Sterling me lembrou que estávamos conectados com áudio e vídeo. — Não vou perguntar se Michael está bem, nem dizer “eu avisei”. No entanto, vou informar que Briggs está ansioso para ver Thatcher Townsend ser acusado formalmente por agressão.

Coloquei o telefone no viva-voz. — Você tem o grupo todo — informei a Sterling.

Por um momento, achei que ela poderia repetir sua observação sobre o pai de Michael, mas provavelmente decidi que Michael não a agradeceria por isso. — O que aprendemos? — ela perguntou em vez disso.

— Quando Thatcher disse que Michael estava errado, ele não estava mentindo. — Lia recostou-se contra um piano de cauda, cruzando uma perna à frente da outra. — Mas se ele quis dizer que Michael estava errado sobre parte disso ou sobre tudo, eu não saberia dizer.

Eu repassei na mente a acusação de Michael: *Acho que você estava transando com ela. Acho que você a visitou no dia em que ela desapareceu. Acho que você a ameaçou. Tentei me colocar na perspectiva de Thatcher, mas acabei adotando a de Michael. Você o acusou de dormir com ela. Você o acusou de ameaçá-la. Você não disse que achava que ele a levou. Você não o acusou de invadir o estúdio dela ou de destruí-lo em um ataque de raiva.*

— Mais alguma coisa? — A voz da agente Sterling interrompeu meus pensamentos, mas enquanto Lia relatava a única outra mentira relevante que detectara — a referência de Thatcher a Remy como um de seus amigos mais próximos —, meu cérebro voltou a perfilar Michael.

Você não chegou atacando. Você não perdeu a calma. Você disse que isso foi bem. Segui esses fatos até sua conclusão lógica: Michael não acreditava que seu pai tivesse prejudicado fisicamente Celine de alguma forma. *Se você acreditasse, teria revidado.*

Estudei Michael — o hematoma se formando em seu rosto, o modo como ele estava de pé, a maneira como

mantinha o corpo angulado para longe de Lia.

Quando Lia pressionou você por respostas no quarto de Celine, você disse algo que garantiu que ela fugisse. E quando eu abri a boca para continuar a conversa...

Michael tinha feito o possível para nos afastar. Ele queria estar sozinho no quarto de Celine. E algo que ele viu lá o levou a vir beber e conversar com seu pai.

As engrenagens na minha cabeça começaram a girar devagar, depois mais rápido. *Você não acredita que seu pai a levou. Mas aqui está você.* De volta ao quarto de Celine, Michael havia se referido à garota como uma das nossas vítimas. Ele viera aqui para conversar com o pai, mas focara mais em descobrir se o pai havia ameaçado Celine — se havia dormido com ela — do que em descobrir onde ela poderia estar agora.

Porque você já sabe.

Michael deu um passo em minha direção ao notar minha expressão. Pensei na cena do crime. Dean e eu presumimos que os cacos de vidro, o cavalete, as mesas derrubadas, todos os destroços, tinham sido resultado de Celine lutando contra seu agressor.

E se não houvesse agressor? Essa possibilidade começou a tomar forma na minha mente. Sloane nos dissera que os destroços eram o resultado de alguém varrendo os braços pela mesa, derrubando seu conteúdo violentamente no chão. Presumimos que o agressor tivesse feito isso — para machucar Celine, assustá-la, dominá-la.

Mas Celine era uma pessoa que pintava autorretratos com uma faca. Ela colocava o corpo inteiro em tudo o que fazia. Era determinada. *Você tem um temperamento forte.*

— Foi ela mesma quem fez isso. — Testei a teoria observando a reação de Michael às minhas palavras. — É por isso que você pensou que seu pai foi ver Celine no dia em que ela desapareceu. Algo a tirou do sério.

— Não faço ideia do que você está falando. — A voz de Michael estava completamente desprovida de emoção.

— Ah, sabe sim — retrucou Lia.

Você destruiu seu próprio estúdio. Coloquei-me novamente na perspectiva de Celine. Você varreu os cacos da mesa. Quebrou o cavalete. Derrubou a mesa. Encharcou o lugar com querosene. Talvez estivesse prestes a queimá-lo. Talvez quisesse mandar tudo pelos ares, mas então parou, olhou ao redor e percebeu como a destruição parecia.

Parecia que houve uma luta. Como se você tivesse sido atacada.

Fiquei imaginando se isso foi tudo o que bastou. Se Celine usou o olhar artístico para observar a destruição, pensando em como torná-la ainda mais realista. *A mão ensanguentada na porta. As gotas de sangue no carpete.* Pensei em como ela descobriu uma forma de apagar as filmagens de segurança e se arrombou a própria porta do estúdio.

— Um desafio artístico. — Dean continuou de onde eu parei. — Um jogo. Para ver se ela conseguiria enganar todo mundo. Para ver quanto tempo...

Quanto tempo levariam para perceber que você tinha desaparecido.

— Alguém pode me dizer o que estou perdendo aqui? — A voz da agente Sterling ressoou pelo telefone, lembrando-me de que ela ainda estava na linha.

— Michael é um mentiroso — disse Lia, sem rodeios. — E Celine Delacroix é uma patética, mimada e rica garota problemática que sequestrou *a si mesma*.

— Não fale dela assim. — A resposta de Michael foi instantânea e instintiva. — O que quer que ela tenha feito, teve seus motivos.

— Você era apaixonado por ela quando era mais jovem? — Lia fez a pergunta como se a resposta não importasse. — Você a perseguiu, assim como ficou todo derretido por Cassie quando ela apareceu? — Lia mirava onde sabia que doía. — Você convenceu a si mesmo de que não era bom o suficiente para ela — continuou, com a voz baixa —,

porque alguém como você só poderia ser *bom o bastante* para alguém tão horrível quanto eu?

— Você está sendo ridícula — respondeu Michael.

— Você a ama? — Lia perguntou, com uma doçura venenosa na voz.

Eu podia ver o temperamento de Michael se desgastando. Ele passou o polegar sobre o lábio ensanguentado e olhou para Lia. — Por mais tempo e melhor do que amei você.

CHAPTER 16

Nós encontramos Celine Delacroix na manhã seguinte, sentada na beira de um píer a duas horas de carro de sua casa — o mesmo píer onde ela e Michael haviam sido fotografados anos antes. Ao meu lado, Dean observava, com uma expressão impenetrável, enquanto Michael caminhava em direção ao final do píer — em direção a Celine. Não consegui identificar a expressão no rosto dela ao avistá-lo. Não consegui ouvir sua saudação ou as palavras que ela respondeu. Mas vi o momento exato em que a lutadora em Celine deu lugar a algo mais suave.

Algo vulnerável.

— É isso que acontece quando eles estão juntos — disse Dean, e eu sabia que ele não estava falando sobre Michael e Celine. — Michael sabe exatamente o que Lia está sentindo. Lia sabe toda vez que ele mente para ela. Eles machucam um ao outro, e machucam a si mesmos.

Pensei em tudo o que havia acontecido: o confronto de Michael com seu pai, sua briga com Lia, a percepção de que havíamos sido desviados de procurar os captores de minha mãe por algo que equivalia a uma brincadeira elaborada. Estávamos nesse caso há menos de vinte e quatro horas, mas até isso parecia tempo demais.

Um dia até o aniversário de Michael. Três dias até dois de abril. Enquanto eu observava Michael sentar-se ao lado de Celine, a contagem regressiva para a próxima data de Fibonacci recomeçava na minha cabeça.

— Relaxa, Dean — disse Lia, aproximando-se por trás de nós. — Estou bem. Encontramos a garota. Salvamos o dia. Se acha que vou ficar toda emotiva por causa de Michael Townsend, claramente estou fazendo errado esse meu papel de bruxa insensível.

Michael não nos contou o que Celine havia dito. Não nos disse se ela explicou por que fez o que fez ou o que esperava ganhar com isso. Por volta do meio da manhã, já estávamos de volta ao avião, acompanhados por um verdadeiro rebanho de elefantes emocionais.

Briggs não disse uma palavra a Sterling sobre o fato de ela saber desde o início que esse caso não tinha nada a ver com os Masters.

Sterling não disse uma palavra a Briggs sobre o modo como ele havia pulado ao primeiro sinal de comando de seu pai.

Michael e Lia não reconheceram as palavras raivosas que trocaram.

Eu não contei a Dean que, na noite anterior, sonhei com o pai dele, com minha mãe, com sangue nas paredes e sangue nas mãos dela — e nas minhas.

Quando já estávamos no ar, Judd me puxou para a parte de trás do avião. Ele se acomodou em um assento e fez sinal para outro. Eu me sentei. Por alguns segundos, ele não disse nada, como se estivéssemos sentados lado a lado na varanda da casa de Quantico, curtindo nosso café da manhã e um pouco de silêncio.

— Sabe por que aceitei este caso? — Judd perguntou finalmente.

Eu repassei a pergunta na minha cabeça. *Você quer os Masters tanto quanto eu.* Eles mataram a filha dele. Mas, embora este caso parecesse relacionado, meu instinto dizia que Judd — ao contrário do diretor e do agente Briggs — havia observado a agente Sterling muito atentamente durante toda a interação.

Ele não estava apoiando a decisão de Briggs. Estava apoiando a dela.

— Uma garota estava desaparecida. — Repeti as palavras que a agente Sterling disse no dia anterior. — Uma garota que Michael conhecia.

— Michael estava voltando para cá. — Judd nunca duvidou disso, nem por um segundo. — E quando um dos meus garotos entra numa espiral emocional como essa, ele — ou ela — com certeza não faz isso sozinho.

Judd deu um momento para aquelas palavras se assentarem e, então, tirou uma pasta de sua bolsa.

— O que é isso? — perguntei quando ele me entregou.

— Um arquivo que alguém tentou muito esconder — respondeu ele. — Enquanto você estava atrás da senhorita Delacroix esta manhã, um dos contatos da Ronnie conseguiu desenterrá-lo.

Ronnie era o apelido de Veronica — como na agente Veronica Sterling.

— Um detento chamado Robert Mills. — Judd recorreu a fragmentos ao falar, enquanto meus dedos alcançavam a borda da pasta. — Condenado por assassinar a ex-mulher. Morto na prisão pouco depois de ser condenado.

O homem com quem Redding falou. Meu aperto na borda da pasta se intensificou. Aquele cuja ex-mulher nunca foi encontrada. Aquele que foi levado, assim como minha mãe.

Quando abri a pasta, Judd segurou meu queixo, e suas mãos calejadas gentilmente giraram meu rosto em sua direção.

— Cassie, garota, não vá para essa espiral sozinha.

CHAPTER 17

As informações no arquivo eram mínimas. Robert Mills havia sido condenado pelo assassinato de sua ex-esposa. Apesar de o corpo dela nunca ter sido encontrado, havia uma preponderância de evidências físicas. O DNA dele foi encontrado na cena do crime, que estava encharcada de sangue da ex-esposa. Ele tinha um histórico de violência. Mallory Mills estava vivendo sob um nome falso na época de seu assassinato; Robert havia descoberto recentemente sua localização. A polícia encontrou três balas ensanguentadas na cena, e cada uma testou positivo para o DNA de Mallory. A análise forense de uma arma encontrada em uma lixeira próxima revelou que pelo menos seis disparos foram feitos, levando a polícia a conjecturar que as outras três balas permaneceram alojadas no corpo da vítima.

A arma estava registrada no nome de seu ex-marido.

Você foi deixada, baleada e sangrando, no chão por mais de cinco minutos. Havia poças de sangue — mais de 42% do sangue em seu corpo.

Ao meu lado, Dean estudava as fotos da cena do crime em seu celular. De volta à casa, a Agente Sterling provavelmente estava pregando suas cópias dessas fotos, mais uma peça do quebra-cabeça na parede do porão. Eu escolhi um local diferente para processar o que tinha lido no avião.

O cemitério.

Eu olhava para o nome da minha mãe, gravado na lápide: LORELAI HOBBS. Eu sabia, antes de enterrarmos o corpo, que os restos mortais que colocamos lá não eram dela. Agora, eu estava tentando aceitar o fato de que eles poderiam pertencer a Mallory Mills. Esta não era a primeira vez que eu pensava na vida que minha mãe apagou para salvar a própria. Mas agora eu não estava apenas pensando no corpo seis palmos abaixo de nós; eu estava pensando em uma mulher viva e respirando, segurando sua imagem em minha mente enquanto voltava pelas evidências que foram usadas para condenar seu ex-marido por assassinato.

Três balas desaparecidas. Imaginei-me deitada de costas, as balas queimando em meu abdômen, meu peito, minha perna. *Você teria perdido a consciência. Sem intervenção médica imediata, teria morrido.*

— Mas os Mestres escolheram você — eu disse, minha voz tão baixa que mal pude ouvir as palavras. — Assim como escolheram minha mãe.

Se eu estivesse certa, Mallory Mills não morreu por causa daqueles ferimentos à bala. Os Mestres a balearam, depois a salvaram. Eles a capturaram, incriminaram o marido dela e, uma vez que ela se recuperou, a forçaram a lutar contra *sua* predecessora até a morte. Eles a mantiveram cativa, até o momento em que levaram minha mãe.

— O que elas têm em comum? — Dean perguntou calmamente.

— Mallory estava no início dos vinte anos. — Eu me apoiei nos fatos. — Minha mãe tinha vinte e oito quando desapareceu. Ambas eram jovens, saudáveis. O cabelo de Mallory era escuro. O da minha mãe, ruivo. — Tentei não me lembrar do sorriso contagiante da minha mãe, da maneira como ela parecia dançando na neve. — Ambas tinham sido abusadas.

Minha mãe saiu de casa aos dezesseis anos para escapar de um pai mais monstruoso do que Michael. E

Mallory Mills? Havia uma razão para ela viver sob um pseudônimo, uma razão pela qual o promotor conseguiu condenar o ex-marido dela sem um corpo.

Vocês escolhem mulheres que vivenciaram a violência em primeira mão. Escolhem lutadoras. Escolhem sobreviventes. E então as fazem fazer o impensável para sobreviver.

Eu queria me aproximar de Dean. Queria fechar meus lábios sobre os dele, esquecer Mallory Mills, o nome da minha mãe nessa lápide e tudo que li naquele arquivo.

Mas não consegui. — Quando fui ver seu pai, ele me citou Shakespeare. *A Tempestade*. "O inferno está vazio, e todos os demônios estão aqui."

Dean conhecia o pai bem o suficiente para ler nas entrelinhas. — Ele te disse que sua mãe pode não ser apenas uma cativa. Disse que ela pode ser uma deles.

— Não sabemos o que esses monstros fizeram com ela, Dean. Não sabemos no que ela teve que se transformar para sobreviver. — Um calafrio percorreu meu corpo, embora eu ainda sentisse o calor de Dean. — Sabemos que ela não é apenas mais uma vítima. Ela é a Pítia. *Dama da Justiça* — foi assim que Nightshade a chamou. *Juíza e júri*. Como se ela fosse uma deles.

— Não por escolha. — Dean disse as palavras que eu precisava ouvir. Isso não as tornava verdadeiras.

— Ela *escolheu* matar a mulher que enterramos. — Dizer essas palavras foi como arrancar um curativo, seguido por cinco ou seis camadas de pele.

— Sua mãe escolheu *viver*.

Isso era o que eu estava me dizendo nas últimas dez semanas. Passei mais noites do que consigo contar olhando para o teto e me perguntando: Eu teria feito o que ela fez se fosse eu a forçada a lutar pela minha sobrevivência? Eu poderia ter matado outra mulher — a Pítia anterior, colocada contra mim em uma luta até a morte — para salvar minha própria vida?

Como fiz dezenas de vezes antes, tentei me colocar no lugar da minha mãe, imaginar como devia ter sido para ela depois que foi levada. — Acordo quase no escuro. Eu deveria estar morta, mas não estou. — O próximo pensamento da minha mãe teria sido em mim, mas eu pulei essa parte e fui direto para as conclusões que deviam estar passando por sua mente uma vez que ela percebeu o que havia acontecido. — Eles me cortaram. Eles me esfaquearam. Eles me levaram à beira da morte. E então, me trouxeram de volta.

Quantas mulheres, além da minha mãe e de Mallory Mills, tinham essa história? Quantas Pítias já existiram?

Eles esperam que você se cure e então...

— Eles me trancam em um quarto. Não sou a única lá. Há uma mulher vindo na minha direção. Ela está segurando uma faca. E há uma faca ao meu lado. — Minha respiração estava irregular. — Agora sei por que eles chegaram tão perto de me matar, por que me trouxeram de volta. — Para os meus ouvidos, minha voz até *soava* como a da minha mãe. — Eles queriam que eu olhasse a Morte nos olhos. Queriam que eu soubesse como era, para que eu soubesse, além de qualquer sombra de dúvida, que não estava pronta para morrer.

Eu pego a faca. Eu revido. E eu venço.

— Os Mestres perseguem essas mulheres. — Dean me puxou de volta da escuridão. Ele não usou nenhum dos nossos pronomes de análise — nem *eu*, nem *nós*, nem *você*. — Eles as observam. Sabem pelo que passaram, sabem o que sobreviveram.

Dei um passo à frente, parando a poucos centímetros de apoiar meu rosto em seu peito. — Eles observaram minha mãe — por semanas, meses ou *anos*, e não consigo nem me lembrar dos nomes de todas as cidades em que vivemos. Sou a coisa mais próxima de uma testemunha que temos, e não consigo lembrar um único detalhe útil. Não consigo lembrar um único rosto.

Eu tentei. Passei anos tentando, mas nos mudávamos com tanta frequência. E cada vez, minha mãe me dizia a mesma coisa.

O lar não é um lugar. O lar são as pessoas que te amam. Para sempre, não importa o que aconteça.

Para sempre, não importa o que aconteça.

Para sempre...

E foi então que me lembrei — eu não era a única pessoa a quem minha mãe prometeu amar. Eu não era a única testemunha. Eu não sabia o que tinham feito à minha mãe ou quem ela havia se tornado. Mas havia alguém que sabia. Alguém que a conhecia. Alguém que a amava.

Para sempre, não importa o que aconteça.

CHAPTER 18

Minha irmã, Laurel, era pequena para a sua idade. O pediatra achava que ela tinha cerca de quatro anos—saudável, exceto por uma deficiência de vitamina D. Isso, juntamente com sua pele pálida e o pouco que conseguíamos entender da própria Laurel, levou à teoria de que ela passava a maior parte de sua vida dentro de casa—muito possivelmente no subsolo.

Eu tinha visto Laurel duas vezes nas últimas dez semanas. Levou quase vinte e quatro horas para organizar este encontro, e, se os Agentes Briggs e Sterling tivessem sua maneira, seria o último.

—É muito perigoso, Cassie. Para você. Para Laurel—. A advertência do Agente Sterling ecoava nos meus ouvidos enquanto eu observava a irmãzinha que eu mal conhecia, parada em frente a um balanço vazio, encarando-o com uma intensidade que contrastava com seu rosto infantil.

—É como se você pudesse ver algo que os outros não conseguem— pensei. —Uma memória. Um fantasma.—

Laurel raramente falava. Ela não corria. Não brincava. Parte de mim esperava que ela parecesse uma criança dessa vez. Mas ela apenas ficou lá, a dez metros e anos-luz de distância de mim, tão imóvel e anormalmente silenciosa quanto no dia em que a encontrei sentada no meio de uma sala ensanguentada.

—Você é jovem, Laurel. Você é resiliente. Você está sob custódia protetiva—. Eu queria acreditar que, com o tempo, Laurel ficaria bem, mas minha meia-irmã nascera e fora

criada para se sentar à mesa dos Mestres. Eu não sabia se ela algum dia ficaria bem.

Nas semanas em que Laurel esteve sob custódia do FBI, ninguém conseguiu obter informações úteis dela. Ela não sabia onde estavam a mantendo. Ela não conseguia—ou não queria—descrever os Mestres.

—Com base no nível de deterioração daquele carrossel, eu estimaria que esse parquinho foi construído entre 1983 e 1985.— Sloane veio ficar ao meu lado. Foi sugestão do Agente Sterling trazer outro Natural conosco. Eu escolhi Sloane porque ela era a mais infantil de todas—e a menos provável de perceber o quanto Laurel estava psicologicamente marcada.

Sloane apertou minha mão confortavelmente. —No esporte estoniano chamado kiiking, os jogadores ficam em um enorme balanço e tentam girá-lo 360 graus.—

Eu tinha duas opções: podia ficar aqui ouvindo todas as curiosidades sobre playgrounds que Sloane conseguia lembrar para tentar acalmar meus nervos ou podia conversar com minha irmã.

Como se pudesse ouvir meus pensamentos, Laurel se virou, afastando seu olhar do balanço e trazendo-o para mim. Eu fui até ela, e ela voltou a olhar para o balanço. Me agachei ao lado dela, dando-lhe um momento para se acostumar com a minha presença. Sloane veio e se sentou em um balanço ao lado.

—Esta é minha amiga Sloane,— eu disse a Laurel. —Ela queria te conhecer.—

Nada de resposta de Laurel.

—Existem duzentas e oitenta e cinco espécies diferentes de esquilos— Sloane anunciou como saudação. —E isso sem contar as espécies de esquilos pré-históricos.—

Para minha surpresa, Laurel inclinou a cabeça para o lado e sorriu para Sloane. —Números,— ela disse claramente. —Eu gosto de números.—

Sloane deu um sorriso amigável para Laurel. —Números fazem sentido, mesmo quando nada mais faz.—

Eu me concentrei em Laurel enquanto ela dava um passo tímido em direção a Sloane. —Números são reconfortantes— pensei, tentando ver o mundo pelos olhos da minha irmãzinha. —Família. Para os homens que te trouxeram para este mundo, números são imutáveis. Uma ordem superior. Uma lei superior.—

—Você gosta de balanços?— Sloane perguntou a Laurel. —Eles são meu segundo uso favorito da força centrípeta.—

Laurel franziu a testa enquanto Sloane começava a balançar suavemente para frente e para trás. —Não assim, — minha irmã disse firmemente para Sloane.

Sloane parou de balançar, e Laurel deu um passo à frente. Ela estendeu a mão para tocar com os dedos pequenos as correntes do balanço. —Assim,— ela disse a Sloane, pressionando seu pulso contra a corrente metálica.

Sloane se levantou e imitou o movimento de Laurel. — Assim?—

Laurel levantou o balanço e envolveu a corrente cuidadosamente ao redor do pulso de Sloane. —Duas mãos,— ela disse a Sloane. Enquanto minha irmã de quatro anos cuidadosamente envolvia a corrente livre ao redor do outro pulso de Sloane, minha mente finalmente processou o que ela estava fazendo.

—Correntes nos pulsos. Grilhões.—

Eu me perguntei o que Laurel via quando olhava para o parquinho, e agora eu sabia.

—Pulseiras,— Laurel disse, parecendo tão feliz quanto eu já a tinha ouvido. —Como a mamãe.—

Se eu não estivesse já no chão, aquelas palavras poderiam ter me derrubado.

—Mamãe usa pulseiras?— Eu perguntei a Laurel, tentando manter minha voz calma.

—Às vezes,— Laurel respondeu. —É parte do jogo.—

—Que jogo?— Minha boca estava seca, mas eu não podia parar de falar. Essa era a mais próxima que Laurel havia chegado de me contar sobre a forma como ela foi forçada a viver, sobre nossa mãe.

—O jogo,— Laurel repetiu, balançando a cabeça como se eu tivesse feito uma pergunta boba. —Não o jogo do silêncio. Não o jogo de esconder. O jogo.—

Houve um momento de silêncio. Sloane preencheu o vazio. —Jogos têm regras,— ela comentou.

Laurel acenou com a cabeça. —Eu sei as regras,— ela sussurrou. —Eu sei todas as regras.—

—Você pode contar as regras para Sloane, Laurel?— Eu perguntei. —Ela quer ouvi-las.—

Minha irmã olhou para os pulsos de Sloane, ainda envoltos em correntes. —Não Laurel,— a menininha disse com firmeza. —Laurel não joga o jogo.—

—Meu nome é Nove.— Isso foi uma das primeiras coisas que minha irmã me disse. Na época, as palavras me causaram arrepios porque o grupo que estávamos procurando tinha nove membros. —Sete Mestres. A Pítia. E a criança da Pítia e dos Mestres, o nono membro do círculo sadista deles.

—Nove.—

—Laurel não joga o jogo,— eu repeti. —Nove joga.—

Os dedos pequenos de Laurel se apertaram ao redor da corrente do balanço. —Mãe sabe,— ela disse com firmeza.

—Sabe o quê?— Eu perguntei, meu coração batendo forte na garganta. —O que mãe sabe?—

—Tudo.—

Havia algo estranho na expressão do rosto da minha meia-irmã. Seu rosto estava estranhamente vazio de emoção. Ela não parecia uma criança.

—Não Laurel.— Suas palavras ecoavam na minha cabeça. —Laurel não joga o jogo.—

Eu não podia fazer isso com ela. O que quer que ela estivesse revivendo, o que quer que ela estivesse — jogando—, eu não podia mandar minha irmã para aquele lugar.

—Quando eu era pequena,— eu disse suavemente, — minha mãe e eu jogávamos um jogo. Um jogo de

adivinhar.— Meu peito apertou enquanto uma vida de lembranças ameaçava me sobrecarregar. —Nós observávamos as pessoas, e adivinhávamos. O que elas eram, o que as fazia felizes, o que queriam.—

—Comportamento. Personalidade. Ambiente.— Minha mãe me ensinou bem. Baseada nos outros jogos que minha irmãzinha mencionou—o jogo do silêncio, o jogo de esconder—eu apostava que minha mãe também havia ensinado a Laurel algumas habilidades de sobrevivência. O que eu —não sabia— era se o jogo que “Nove” jogava era mais uma criação da minha mãe, projetada para mascarar os horrores da situação delas—e as correntes—de Laurel, ou se aquele era um “jogo” criado pelos Mestres.

Laurel estendeu a mão pequena para tocar minha bochecha. —Você é bonita,— ela disse. —Como a mamãe. — Ela me olhou com uma intensidade desconcertante. — Seu sangue é bonito também?—

A pergunta prendeu o ar nos meus pulmões.

—Eu quero ver,— Laurel disse. Seus dedinhos se cravaram na minha bochecha, cada vez mais fortes. —O sangue pertence à Pítia. O sangue pertence a *Nove*.—

—Olhe!— Sloane desenrolou as mãos das correntes. Ela mostrou seus pulsos para Laurel. —Não mais pulseiras.—

Houve uma pausa.

—Não mais jogo,— Laurel sussurrou. Sua mão caiu ao lado. Ela se virou para mim, com uma expressão esperançosa, infantil e totalmente diferente da que ela usava um momento antes. —Eu fiz bem?— ela perguntou.

—Você fez muito bem, Cassie.— Eu podia ouvir minha mãe dizendo essas palavras para mim, com um sorriso no rosto quando eu tinha adivinhado corretamente as personalidades da família sentada ao nosso lado em uma lanchonete.

Sloane tentou preencher o silêncio. —Existem sete maravilhas do mundo, sete anões, sete pecados capitais, e sete tipos diferentes de gêmeos.—

—Sete!— Laurel inclinou a cabeça para o lado. —Eu sei sete.— Ela cantarolou algo baixo: uma série de notas, ritmo variado, tom variado. —Isso é sete,— ela disse a Sloane.

Sloane cantarolou a melodia de volta para ela. —Sete notas,— ela confirmou. —Seis delas únicas.—

—Eu fiz bem?— Laurel me perguntou uma segunda vez.

Meu coração se apertou, e eu a envolvi em meus braços. —Você é minha. Minha irmã. Minha responsabilidade. Não importa o que fizeram com você— você é minha.—

—Você sabe o número sete,— eu murmurei. —Você fez muito bem.— Minha voz falhou. —Mas Laurel? Você não precisa mais jogar o jogo. Nunca mais. Você não precisa ser Nove. Você pode ser Laurel, para sempre.—

Laurel não respondeu. Seu olhar estava fixado em algo sobre meu ombro direito. Eu me virei para ver um garotinho girando sua irmã no carrossel.

—A roda está sempre girando,— Laurel murmurou, seu corpo ficando rígido. —Rodando e rodando...—

VOCÊ

Em breve.

Em breve.

Em breve.

Mestres vão e mestres vêm, mas a Pítia vive na sala.

CHAPTER 19

Minha conversa com Laurel me revelou duas coisas. Primeiro, qualquer influência ou posição que minha mãe tivesse sobre os Mestres, ela ainda era uma prisioneira. Seus "braceletes" eram prova suficiente disso. E segundo...

— O sangue pertence à Pítia. — Eu repeti as palavras da minha irmã em voz alta. — O sangue pertence a Nine.

— Toc, toc. — Lia tinha o hábito de dizer as palavras em vez de realmente bater. Ela também não se importava em esperar uma resposta antes de entrar na sala que eu compartilhava com Sloane. — Um passarinho me disse que havia 72,3% de chance de você precisar de um abraço, — disse Lia. Ela passou os olhos pelo meu rosto. — Eu não faço abraços.

— Eu estou bem, — respondi.

— Mentira, — Lia respondeu imediatamente. — Quer tentar de novo?

Estava na ponta da língua dizer que, depois da confusão na casa de Michael, ela provavelmente também não estava *bem*, mas eu tinha o bom senso de saber que apontar isso não seria bom para mim.

— Você não faz abraços, — eu disse em vez disso. — Qual é sua posição oficial sobre sorvete?

Lia e eu acabamos no telhado, com um pote de sorvete de chocolate branco com framboesa entre nós.

— Quer que eu te diga que sua mãe ainda é a mulher que você lembra? — Lia perguntou, encostando-se na

moldura da janela atrás de nós.

Se eu pedisse, Lia faria essa afirmação parecer totalmente convincente. Mas eu não queria que ela mentisse para mim. — Nightshade nos disse semanas atrás que a Pítia lidera os Mestres em nome de seu filho. — As palavras ficaram amargas na minha boca. — Mas Laurel disse que os prendem pelos pulsos.

Parte rainha regente, parte prisioneira. Sem poder e com poder. Quanto tempo uma pessoa pode suportar essa dicotomia antes de fazer algo—qualquer coisa—para retomar o controle e a autonomia?

— Minha irmãzinha chama correntes de *braceletes*. — Eu olhei em frente, apertando mais a colher em minhas mãos. — Ela acha que é um jogo. *O jogo.*

Fiquei em silêncio.

— Bem, ainda não estou entediada. — Lia balançou a colher para mim, um gesto imperioso para que eu continuasse.

Eu continuei.

— Foi como se Laurel fosse duas pessoas diferentes, — terminei vários minutos depois. — Uma menina e... outra pessoa.

Alguém outro.

— Ela enfiou os dedos na lateral da minha bochecha com força o suficiente para doer. Ela disse que queria ver o meu sangue. E então, assim que Sloane tirou as correntes de seus pulsos, foi como se um interruptor tivesse sido virado. Laurel virou uma garotinha de novo. Ela me perguntou... — As palavras ficaram presas na minha garganta. — Ela me perguntou se eu fiz tudo certo, como—

— Como se ela fosse *suposta* a ser totalmente assustadora e quase psicótica quando quisesse? — Lia sugeriu. — Talvez ela fosse.

Lia havia crescido em um culto. Ela me disse uma vez que alguém costumava dar presentes a ela por ser uma boa menina. Ao meu lado, ela soltou seu rabo de cavalo, deixando o cabelo cair livre enquanto esticava as pernas

em direção à beirada do telhado. *Mudança de aparência, mudança de postura.* Eu reconheci o método de Lia de se livrar das emoções que não queria sentir.

— Era uma vez... — A voz de Lia estava leve e aérea. — Havia uma menina chamada Sadie. Ela tinha falas para aprender. Ela tinha um papel. E quanto melhor ela o desempenhasse... — Lia me deu um sorriso sem mostrar os dentes. — Bem, essa é uma história para outro momento.

Lia não se desprendia facilmente das peças de seu passado, e quando o fazia, não havia como saber se o que ela dizia era verdade. Mas eu havia juntado pedaços aqui e ali—como o fato de que seu nome verdadeiro era Sadie.

Falando as falas, um papel para cumprir. Eu me perguntei o que mais Sadie e Nine tinham em comum. Eu sabia que não devia fazer um perfil de Lia, mas fiz assim mesmo. — O que quer que tenha acontecido naquela época, — eu disse suavemente, — isso não aconteceu com você.

Os olhos de Lia brilharam com um brilho de emoção, como se eu estivesse pegando um vislumbre de água escura no fundo de um poço de um quilômetro de profundidade. — Isso era o que a mãe de Sadie costumava dizer para ela. *Apenas finja que não é você.* — O sorriso de Lia foi afiado e fugaz. — Sadie era boa em fingir. Ela interpretava o papel. *Eu* fui a que aprendeu a jogar o jogo.

Para Lia, abandonar sua identidade antiga era uma maneira de retomar o poder. Seu "jogo"—o que quer que tivesse sido—provavelmente tinha pouca semelhança com os detalhes do que minha mãe estava passando agora, o que Laurel fora criada para ver como normal. Mas havia semelhanças suficientes entre as duas situações para me fazer pensar se minha mãe havia incentivado minha irmãzinha a traçar uma linha entre "Laurel" e "Nine."

— E quanto à mãe de Sadie? — Eu perguntei a Lia. *Sua mãe,* eu corrigi silenciosamente. — Ela seguiu o próprio conselho? Ela criou uma parte de si mesma que nada nem ninguém poderia tocar?

Lia deve ter sabido, em algum nível, que eu não estava perguntando só sobre a mãe dela. Eu estava perguntando sobre a minha. A mulher que me criou era a Pítia? Ou ela estava apenas interpretando um papel? Ela havia separado uma parte de si mesma e enterrado-a bem fundo? Se eu a encontrasse, haveria algo que valesse a pena salvar?

— Você é a especialista em perfis, — Lia disse levemente. — Você me diz—

Lia interrompeu antes de terminar a frase. Eu segui o olhar dela até o caminho que levava à nossa casa—e até a garota que caminhava por ele como se fosse uma passarela e ela fosse a estrela do show.

— Celine Delacroix. — O tom de Lia era apenas um pouco menos preocupante do que o sorriso torto que cruzou seu rosto ao se levantar. — Isso vai ser interessante.

CHAPTER 20

— **U**ma garota não pode visitar seu melhor amigo de infância no aniversário dele?

Lia e eu chegamos ao andar de baixo a tempo de ouvir Celine explicando sua presença para Michael. Sloane estava logo atrás dele, com uma expressão teimosamente protetora no rosto. Me perguntei se ela estava sendo protetora com Michael—ou com Lia.

— Você nos seguiu. — Michael não parecia totalmente surpreso.

— Segui? — Celine repetiu. — Subornei algumas pessoas para ficar de olho em você. Mesma diferença. — Sem perder o ritmo, ela se virou para Sloane. — Você deve ser uma das amigas do Michael. Eu sou a Celine.

— Você falsificou seu próprio sequestro. — No mundo de Sloane, isso era considerado uma saudação. — Pelo que entendi, esse tipo de comportamento é altamente anômalo.

Celine deu de ombros. — Eu falsifiquei uma carta de resgate? Fiz uma denúncia falsa para a polícia?

— Está dizendo que não fez nada ilegal. — Dean entrou na sala e se inseriu na conversa antes que Lia pudesse falar.

— Estou dizendo que, se alguém quiser destruir seu próprio estúdio de arte e fugir para uma das suas casas de férias por uma semana, não é culpa deles se alguém achar que houve algo errado.

— E eu estou dizendo, — Sloane retrucou, — estou dizendo... — Ela parou, sem saber como responder. — Estou dizendo que o jumento miniatura médio vive entre vinte e cinco e trinta e cinco anos!

Celine sorriu, a expressão menos ensaiada do que qualquer outra que eu já tinha visto em seu rosto. — Eu gosto dela, — disse a Celine com decisão. — Ela diz o que está pensando. Nosso círculo social poderia usar mais disso, não acha?

Seu círculo social, eu corrigi silenciosamente. *Não é do Michael. Não mais.*

— No interesse de dizer o que estamos pensando, — Lia interveio, — se você realmente está aqui para comemorar o aniversário do Michael, talvez devêssemos dar início à festa?

Michael teve o bom senso de parecer alarmado.

— Eu acho que um jogo seria uma boa pedida, — Lia continuou.

— Um jogo? — Celine levantou uma sobrancelha. — Que tipo de jogo?

Lia olhou para Michael, depois sorriu maliciosamente. — Que tal Verdade ou Consequência?

Eu não tinha certeza de como Michael pretendia passar seu aniversário, mas suspeitava que não seria sentado ao lado da piscina no nosso quintal com Lia de um lado e Celine do outro.

— As regras são simples, — Lia disse, mergulhando os pés na piscina. Mesmo aquecida, devia estar fria. — Todo mundo começa com dez dedos para cima. Cada vez que alguém nomeia algo que você já fez, um dedo vai para baixo. — Ela deixou isso esfriar um pouco, depois começou o jogo com tudo. — Nunca fiz nada como ser sequestrado, ameaçado ou alvejado por um UNSUB.

Eu vi a mensagem por trás disso: seja qual fosse o mundo que Celine e Michael compartilhassem, essa era a

maneira de Lia dizer à outra garota que ela não sabia nada sobre ele agora.

Eu abaixei um dedo. Dean e Michael seguiram o exemplo.

Celine permaneceu notavelmente calma. — Nunca usei a palavra *UNSUB* como se fosse algo normal para um adolescente dizer.

Dean, Michael, Lia e eu abaixamos dedos. Lia fez uma leve tosse para chamar a atenção de Sloane.

— Eu não digo nada como se fosse normal, — Sloane esclareceu. — Noventa e oito por cento do tempo, não sou normal de jeito nenhum. — Ela fez uma pausa. — Nunca deixei de saber os primeiros cem dígitos de pi.

Michael gemeu. Todos os jogadores, exceto Sloane, abaixaram um dedo. Eu estava com sete, e já tínhamos passado por três rodadas.

— Sua vez, — Celine me disse. — Faça valer a pena.

Eu olhei para Lia. — Nunca vivi em um banheiro no Museu Metropolitano de Arte.

Lia fez uma careta, depois abaixou lentamente o dedo médio da mão esquerda.

— Sério? — Celine perguntou.

Lia encarou a outra garota, com um brilho perigoso nos olhos. — Sério.

Dean deve ter sentido que o olhar nos olhos de Lia não era bom sinal—para Celine, para Michael, para Lia—porque ele escolheu aquele momento para entrar no jogo. —Nunca me beijei com Michael Townsend,— disse ele lentamente, —e aí, se for muito, muito bom.

—Um dia, grandão,— Michael disse com uma piscadela. —Se você for muito, muito bom.

Eu encarei Dean, então abaixei um dedo. *Por que você diria algo assim?* eu me perguntei, mas enquanto Lia abaixava um dedo, eu percebi exatamente por que Dean havia escolhido essa afirmação.

Celine não se moveu.

—Nunca fiz a suposição precipitada de que meu parceiro estava apaixonado por uma garota que eu nunca conheci,
— Michael disse depois de um momento.

Lia abaixou um dedo e rearranjou os dedos da mão esquerda de modo que apenas o dedo médio ficasse para cima. —Nunca usei a frase *significant other*,— retrucou ela.

—Tecnicamente,— Sloane apontou, —você acabou de usar.

Celine fez um som. —Nunca tive uma quedinha por loiras,— disse ela. E então, seus olhos em Sloane, ela deu um sorriso deslumbrante para nossa estatística e abaixou seu próprio dedo—o que significava que ela *tinha* uma quedinha por loiras.

Você nunca se beijou com Michael, eu percebi, porque Michael não é o seu tipo.

—Nunca quis um burro-miniaturado,— Sloane ofereceu, completamente alheia ao fato de que Celine estava flertando com ela.

Minha vez de novo. —Nunca fingi meu próprio desaparecimento por causa de algo que Thatcher Townsend me disse.—

O pai de Michael havia negado que tivesse dormido com Celine, ido vê-la no dia em que ela desapareceu e a ameaçado. Mas, como Lia apontou, a negação dele poderia ser verdadeira se ele estivesse falando a verdade sobre qualquer uma das três coisas.

Talvez ele não tenha dormido com você, mas foi vê-la de qualquer forma. Talvez tenha te ameaçado por outra coisa.

Celine—atrevida, ousada e destemida—abaixou um dedo.

—Nunca fui ameaçada por causa de um dos negócios do meu pai.— Dean fez sua jogada a seguir, mas errou.

Celine se virou para Michael. —Isso está ficando tedioso,
— ela lhe disse. Claramente, seja o que Thatcher Townsend tenha dito a ela, ela não estava no clima de compartilhar.

Houve um momento de silêncio, e então Lia preencheu-o. —Nunca deixei alguém me bater até a morte.—

Isso fez a atenção de Michael sair de Celine para Lia. — Você me pegou,— ele disse, gesticulando para o lábio inchado. —Muito perspicaz.

Em vez de responder, Lia abaixou a mão esquerda. Demorei um momento para perceber que, ao fazer isso, ela também abaixava o dedo médio. Com um sobressalto, percebi que essa era a maneira de Lia dizer a Michael que ela já estivera exatamente onde ele estava.

Houve outro longo silêncio, e então: —Nunca fui publicamente reconhecida pelo meu próprio pai.— A voz de Celine estava áspera em sua garganta, como se a troca que acabou de acontecer entre Michael e Lia significasse algo para ela também.

Sloane encarou Celine. Como meu pai me reconheceu, abaixei um dedo. Dean também. Michael também. Lia também.

Mas os dedos de Sloane permaneceram levantados. — Você é ilegítima também?— ela perguntou a Celine. Não havia julgamento em sua voz, nem consciência de que essa não era uma pergunta educada.

Michael virou-se para olhar para Celine, procurando respostas no seu rosto. —CeCe?—

Se Celine era ilegítima, Michael claramente não sabia. Eu pensei sobre as emoções que ele leu no rosto de seu pai quando Celine desapareceu. *Furioso. Ofendido. Pessoalmente insultado.*

Faminto.

Um homem como Thatcher Townsend tinha fome das coisas que não podia ter. Coisas que alguém lhe havia negado. *Coisas que são legítimas suas.*

De repente, vi toda a situação sob uma nova perspectiva—por que Thatcher teria ido ver Celine, por que Celine poderia ter respondido do jeito que respondeu, por que ela seguiu Michael de volta aqui, por que Thatcher Townsend se envolveu na investigação desde o início.

Ela tem o temperamento do pai, eu pensei, a declaração de Elise Delacroix ganhando um novo significado em minha

mente. *Não o de Remy Delacroix. O de seu pai. O pai de Michael.*

Michael se afastou dos segredos que viu revelados no rosto de Celine. —Como o rei do aniversário, é meu direito exigir uma bagunça de *Onde Vivem os Monstros* proporções. E, como acontece,— ele continuou, mascarando suas próprias emoções como só alguém que lê emoções poderia fazer, —como o beneficiário de um fundo fiduciário recentemente liberado, tenho algumas ideias.

CHAPTER 21

A ideia de Michael para uma festa envolvia um parque de diversões alugado para a noite, exclusivamente para nossa diversão.

— Será que eu quero saber quanto isso custou? — perguntou Dean.

— Duvido — respondeu Michael. — Será que eu quero saber por que você tem uma fobia de integrar cores no seu guarda-roupa? Quase certamente não!

Quando conheci Michael pela primeira vez, achei difícil analisá-lo. Mas agora eu entendia. *Ler emoções nunca foi seu único mecanismo de sobrevivência*. Ele havia aprendido a não sentir as coisas, a transformar tudo em uma piada, a ignorar revelações que abalavam seu mundo até o âmago.

Um rápido olhar para Celine me disse que essa era uma característica que eles compartilhavam. Os cantos de seus lábios se ergueram em um leve sorriso. — Nada mal — disse ela a Michael, observando as luzes da roda-gigante à distância.

— O que posso dizer? — ele respondeu. — Bom gosto é de família.

O subtexto dessas palavras era ensurdecador.

Sloane franziu o cenho. — O número de papilas gustativas que alguém possui é hereditário, mas isso não afeta as preferências estéticas ou de entretenimento, pelo que sei.

Celeste não perdeu o ritmo. — O tipo intelectual — declarou ela com altivez. — Eu aprovo.

Sloane ficou em silêncio por vários segundos. — A maioria das pessoas não aprova.

Meu coração doeu com a forma direta com que Sloane disse essas palavras.

De maneira inusitadamente gentil, Celine passou o braço pelo de Sloane. — O que acha de tentar ganhar um peixinho dourado para mim?

Sloane claramente não fazia ideia de como responder, então escolheu o caminho de menor resistência. — Peixinhos dourados não têm estômago ou pálpebras. E sua capacidade de atenção em repouso é, na verdade, 1,09 vezes maior que a de um humano médio.

Enquanto Celine levava Sloane para os jogos de carnaval, comecei a segui-las, mas Michael me segurou. — Ela vai ficar bem — ele me disse. — Celine é... — Ele parou, depois mudou de assunto. — Eu confio nela.

— É bom ter alguém em quem confiar. — O tom de Lia não era cortante, mas isso não significava nada. Ela era perfeitamente capaz de revestir lâminas com açúcar.

— Nunca disse que você podia confiar em mim — retrucou Michael. — Nem eu confio em mim.

— Talvez eu esteja dizendo que *você* pode confiar em *mim*. — Lia brincava com as pontas de seu rabo de cavalo preto como azeviche, tornando essas palavras nada mais que uma travessura. — Ou talvez eu esteja dizendo que você absolutamente *não* pode confiar em mim para não me vingar de você de maneiras criativas e cada vez mais absurdas.

Com essa declaração um tanto preocupante, Lia passou o braço pelo de Dean, como Celine havia feito com Sloane. — Estou vendo uma montanha-russa com meu nome, Dean. Vamos?

Raramente Lia pedia algo a Dean. Ele não recusaria agora. Quando os dois se afastaram do grupo, reprimi o instinto de segui-los.

— E então — murmurou Michael —, restaram dois.
Acabamos na casa dos espelhos.

— Você está se esforçando muito para não me analisar
— comentou Michael enquanto atravessávamos o labirinto.

— O que me entregou? — perguntei.

Ele bateu dois dedos contra minha têmpora, depois indicou a inclinação do meu queixo. Passamos por um conjunto de espelhos curvados que distorciam nossos reflexos, alongando-os, condensando-os, as cores no meu reflexo se misturando às cores no dele. — Vou poupar seu esforço, Colorado. Sou uma pessoa que deseja o que não pode ter como um método de provar a si mesmo que não merece as coisas que deseja. E, para alguém com minhas habilidades, tenho um talento impressionante para não enxergar o óbvio bem diante do meu nariz.

Li nas entrelinhas. — Você não fazia ideia. Sobre Celine. Sobre quem é o verdadeiro pai dela.

— E, no entanto, no momento em que ela disse algo, fez todo o sentido. — Michael pausou, então experimentou as palavras que vinha evitando. — Tenho uma irmã.

Vi meu reflexo em outro espelho. A distorção tornava meu rosto mais redondo, meu corpo menor. Pensei em Laurel, olhando para o balanço. *Eu também tenho uma irmã.*

— Lábios voltados para baixo, tensão no pescoço, olhos desfocados vendo algo além do aqui e agora. — Michael fez uma pausa. — Você foi ver *sua* irmã hoje, e nenhum drama de paternidade de Townsend pode fazer você esquecer o que viu.

Chegamos ao fim da casa dos espelhos e saímos de volta ao calçadão. Engoli minha resposta à declaração de Michael quando vi Celine nos esperando. Ela segurava uma tigela de peixinho.

— Sloane ganhou um peixinho para você — comentou Michael.

— Sloane ganhou *todos* os peixinhos para nós — corrigiu Celine. — A garota é incrivelmente boa em jogos de

carnaval. Algo sobre “fazer as contas.”

Fiz algumas contas minhas e decidi que, quer Michael quisesse ou não, ele *precisava* conversar com Celine. E eu precisava me afastar dos espelhos, das memórias e do lembrete repentino de que a próxima data de Fibonacci era em menos de trinta e seis horas.

Encontrei Sloane sentada perto da roda-gigante, cercada por tigelas de peixinhos. Sentei-me ao lado dela. Qualquer conversa que Michael e Celine estivessem tendo foi abafada pela música que acompanhava as voltas da roda-gigante.

A roda está girando, ouvi uma vozinha sussurrar em minha memória, *girando e girando...*

Ao meu lado, Sloane estava cantarolando. A princípio, pensei que ela estivesse acompanhando a música, mas então percebi que ela estava cantarolando as mesmas sete notas, repetidamente.

A música de Laurel.

Arrepios subiram pelos meus braços. — Sloane... — Comecei a pedir para ela parar, mas algo na expressão em seu rosto me deteve.

— Sete notas, seis únicas. — Sloane fixou o olhar na roda-gigante, observando-a girar. — Mi bemol, mi bemol, mi, lá bemol, fá sustenido, lá, si bemol. — Ela fez uma pausa. — E se não for uma música? E se for um código?

CHAPTER 22

Sete. *Eu conheço sete.* As palavras de Laurel ecoavam repetidamente na minha cabeça enquanto estacionávamos na entrada e eu percebia o fato de que havia carros—*no plural*—parados ali. As luzes estavam acesas, não apenas na cozinha, mas em todo o primeiro andar.

Algo está errado.

Eu já estava fora do carro antes mesmo de Michael parar. No caminho até a porta da frente, passei por um trio de agentes. *Agente Vance. Agente Starmans.* Demorei um momento para reconhecer o terceiro—um dos dois agentes da equipe de proteção de Laurel.

Não.

Entrei pela porta da frente e encontrei Briggs conversando com outro agente. De costas, eu não conseguia distinguir as feições do outro homem e disse a mim mesma que estava exagerando. Disse a mim mesma que não o reconhecia.

Disse a mim mesma que Laurel estava bem.

E então o homem se virou. *Não. Não, não, não—*

*—Cassie. —*O agente Briggs me viu e passou pelo homem. *Agente Morris.* Meu cérebro forneceu o nome. *Agente Morris e Agente Sides.* Dois agentes designados para proteger minha irmã.

É perigoso demais, Cassie, o agente Sterling tinha me dito ao explicar por que meu encontro mais recente com minha irmã tinha que ser o último. *Para você. Para Laurel.*

—Onde ela está? —perguntei, meu corpo inteiro tremendo com a intensidade dessa pergunta. Em algum nível, eu percebia que Briggs havia colocado a mão no meu ombro. Em algum nível, eu percebia que ele estava me guiando para outro cômodo. —Ambos os agentes da equipe de proteção de Laurel estão aqui —disse, com o maxilar travado. —Eles deveriam estar escondidos. Com *ela*.

Meus olhos vasculharam os lados de Briggs, como se Laurel pudesse estar ali. Como se, se eu olhasse com atenção suficiente, eu a encontraria.

—Cassie. *Cassandra*. —Briggs apertou levemente seu aperto no meu ombro. Mal senti. Nem percebi que estava resistindo a ele, empurrando-o freneticamente, até que seus braços envolveram meu corpo.

—O que aconteceu? —perguntei. Minha voz parecia estranha. Sentia-se estranha na minha própria garganta. —Onde está Laurel?

—Ela se foi, Cassie. —Briggs foi quem me recrutou para o programa. De todos os adultos em nossas vidas, ele era o mais focado, o mais determinado, o mais propenso a impor autoridade.

—Se foi como desaparecida? —perguntei, de repente imóvel. —Ou se foi como morta?

Briggs relaxou o aperto em mim, mas não me soltou. —Desaparecida. Recebemos uma ligação da equipe de proteção dela há várias horas. Emitimos um Alerta AMBER, bloqueamos todas as saídas, mas...

Mas não adiantou. Vocês não a encontraram.

—Eles a levaram. —Forcei-me a dizer as palavras. —Eu prometi a ela que ela nunca mais teria que voltar para lá. Prometi que ela estava *segura*.

—Isso não é culpa sua, Cassie —disse Briggs, movendo a mão para meu queixo, forçando meus olhos a encontrarem os dele. —Este programa é minha responsabilidade. *Você* é minha responsabilidade. Eu tomei a decisão de trazer Laurel.

Eu sabia, sem precisar perguntar, que Briggs estava pensando na briga que teve com o agente Sterling em Nova York, sobre Scarlett Hawkins e Nightshade e os sacrifícios que todos fizemos no altar da *vitória*.

—Onde está Sterling? —perguntei.

—Procurando vazamentos na sede do FBI —respondeu Briggs. —Tentando descobrir como diabos isso aconteceu.

Aconteceu, pensei, as palavras apertando meu coração como um torno, *porque fui ver Laurel*.

Aconteceu por minha causa.

VOCÊ

A criança está inconsciente sobre o altar, seus pequenos membros formando um X contra a pedra. Tão pequena. Tão frágil.

Tudo deve ser testado. Todos devem ser considerados dignos.

Sua própria garganta está rasgada, marcada por hematomas. Suas mãos estão tremendo.

Mas a Pítia não pode mostrar fraqueza.

A Pítia não pode vacilar.

Suas mãos se fecham ao redor do pescoço da criança. Você aperta sua pegada. A garota está drogada. A garota está dormindo. A garota não sentiria dor.

Mas o trabalho da Pítia não é proteger a garota.

Você solta o pescoço da pequena. — A criança é digna.

Um dos Mestres—aquele que você chama de Cinco—estende a mão e coloca sobre a testa da menina. Um por um, os outros seguem o exemplo.

— Há — diz Cinco, depois que o ritual foi cumprido —, uma outra questão que requer sua atenção.

Quando a pequena acorda sobre o altar, já jogaram seu corpo contra a parede. Você não luta enquanto prendem seus tornozelos e pulsos com correntes.

A Pítia é juíza. A Pítia é júri. Sem ordem, há caos. Sem ordem, há dor.

CHAPTER 23

Eu corri para o meu quarto. A cada passo, meu cérebro afundava mais e mais na perspectiva dos Mestres. *Laurel nunca estará segura. Você sempre a encontrará. Você a fez, e o propósito dela é glorioso. Ela é Nove, e a única forma dela sair de sua custódia é se você a testar e ela falhar.*

Nightshade me disse que os Mestres não matavam crianças. Mas isso não os impediu de deixar um dos predecessores de Laurel morrer de sede e exposição ao calor quando ele tinha seis anos—apenas dois anos mais velho do que Laurel agora.

Tudo deve ser testado. A afirmação prescritiva de Nightshade ecoou na minha memória. *Todos devem ser considerados dignos.*

Se eu fosse uma pessoa normal, talvez não conseguisse imaginar que tipo de teste esses monstros poderiam criar para uma criança. Mas eu conseguia—consequia imaginar com detalhes horríveis.

Você não vai apenas machucá-la. Você a fará machucar outra pessoa.

— Cassie? — Sloane estava na porta do nosso quarto, pairando do lado de fora, como se um campo de força a mantivesse afastada.

— Você descobriu? — perguntei. — O código?

Sloane deu um suspiro ofegante. — Eu deveria ter descoberto mais rápido.

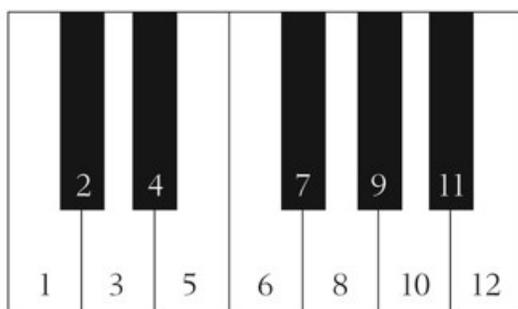
— Sloane—

— Sete não é apenas um número. — Ela não me deixou dizer que isso não era culpa dela. — É uma pessoa.

Meu coração disparou no peito enquanto pensava no fato de que minha mãe quase certamente havia sido quem ensinou Laurel essa música.

— Sete é uma pessoa — repeti. — Um dos sete Mestres. — Minha boca ficou de repente seca; minhas palmas suavam. Laurel estava segura, até o momento em que ela passou essa informação. — Você sabe quem ele é?

— Eu sei quem ele *era* — Sloane corrigiu. — Mi, Mi, Ré, Dó sustenido, Fá sustenido, Lá, Si bemol. Essas não são apenas notas. São números. — Ela puxou um pedaço de papel do bolso. Nele, ela havia desenhado uma oitava de teclas de piano. — Se você se sentar ao piano e numerar as teclas, começando do Dó central... — Ela preencheu os números.



— Dó sustenido, Dó sustenido, Dó... — eu disse. — Quatro, quatro, cinco?

— Exatamente — Sloane disse. — Sete notas se traduzem em nove números—dois dígitos para Lá e Si bemol. 445-97-1011.

Demorou um momento para eu fazer a conexão entre o que Sloane estava dizendo e o fato de ela conhecer a identidade de um dos Mestres. — É um número de Seguro Social.

— Esse é o problema — Sloane respondeu. — Não é um número de Seguro Social—ou pelo menos, não mais. Eu estava indo em círculos tentando descobrir o que mais

poderia ser, mas então, em vez de fazer uma pesquisa cruzada com números *atuais* de Seguro Social, decidi fazer uma busca histórica.

— Quanto disso foi hacking ilegal? — uma voz perguntou na porta. Olhei para cima e vi Lia e, atrás dela, Michael e Dean.

— Quase tudo — Sloane respondeu sem hesitar. — Quando eu voltei algumas décadas, encontrei. Esse número de Seguro Social foi dado a um menino nascido em Gaither, Oklahoma, há quarenta e três anos. O nome dele era Mason Kyle.

Eu mal conseguia ouvir meus próprios pensamentos sobre o martelar do meu coração. — Mason Kyle — eu repeti.

— Por que Mason não aparece no banco de dados agora? — Lia perguntou. — Ele está morto?

— Esse é o problema — Sloane respondeu, sentando-se ao meu lado na cama. — Além do número de Seguro Social, praticamente não há registro de Mason Kyle. Nenhuma certidão de nascimento. Nenhuma certidão de óbito. Nenhuma história de emprego. Quem quer que tenha apagado o registro dele, apagou tudo. A única razão pela qual encontrei o número de Seguro Social foi porque hackeei um arquivo de décadas atrás.

Isso era o que Laurel nos deu. Isso era o que eu havia arriscado a segurança dela. Isso era o motivo de ela estar de volta nas mãos deles.

Para se tornar um Mestre, você tem que deixar sua vida antiga para trás. Você tem que apagar todas as pistas do seu antigo eu. Você costumava ser Mason Kyle, pensei, dirigindo as palavras a um fantasma, e agora, você é um fantasma.

— Isso é tudo? — perguntei a Sloane, meu estômago pesado, um leve rugido nos meus ouvidos.

— Quando ouvi que Laurel estava desaparecida, eu continuei procurando — Sloane disse. — Eu procurei e procurei e... — Ela mordeu o lábio e então abriu o tablet no

colo, inclinando-o para mim. Uma foto de um menino pequeno nos encarava. Ele tinha seis, talvez sete anos. — Este é Mason Kyle — Sloane disse —, há cerca de trinta e sete anos. É a única foto que consegui encontrar.

A fotografia estava desbotada e borrada, como se tivesse sido escaneada por alguém que não sabia exatamente como usar um scanner, mas eu ainda conseguia distinguir a maioria das características do menino. Ele tinha covinhas. Um sorriso faltando um de seus dentes da frente.

Ele poderia ser qualquer um.

Eu deveria ter deixado Laurel em paz. Em vez disso, eu a levei diretamente até eles. A implicação de que os Mestres estavam nos observando—que eles poderiam ser qualquer um, em qualquer lugar—me fez pensar no sorriso arrepiante de Daniel Redding.

Eu queria estar lá para ver o que esse grupo fará com você por vir atrás deles.

— Existem softwares que fazem progressões de idade — Sloane disse suavemente. — Se eu conseguir limpar a imagem e achar os parâmetros certos, talvez possamos—

Eu me levantei.

— Cassie? — Foi Dean quem disse meu nome. Quando ele se aproximou, eu dei um passo para trás.

Eu não merecia conforto agora. Pensei no Agente Sterling dizendo que Scarlett Hawkins havia sido sacrificada no altar da ambição. Pensei na promessa que fiz a Laurel.

Eu menti.

CHAPTER 24

A parte de trás da casa estava completamente escura, exceto pela luz da piscina. Eu tinha vindo até aqui para ficar sozinha, mas, à medida que me aproximava da água, ficou claro que eu não era a única procurando refúgio.

Celine Delacroix estava nadando de volta.

Conforme me aproximava, vi que ela havia ligado a luz negra. Como o resto da casa, a piscina foi projetada para facilitar nosso treinamento. O contorno de um corpo brilhava no fundo da piscina. Padrões de respingos—visíveis apenas sob a luz negra—manchavam a borda da piscina.

Meses atrás, Dean havia me mostrado isso. Ele tentou me convencer a deixar o programa Naturals. Disse que assassinato e caos não eram uma linguagem que ninguém deveria querer falar.

Percebendo que não estava sozinha, Celine se virou para mim, nadando. — Sem ofensa — ela disse —, mas vocês realmente são péssimos em esconder o fato de que trabalham para o FBI.

Essa garota era irmã de Michael. Ela estava segura aqui. Mas se ficasse por perto, talvez não estivesse por muito tempo.

— Você deveria ir embora — eu disse para ela. — Voltar para a escola.

Celine nadou até a borda e se puxou para fora da piscina, com a água grudando em seu corpo. Ela deveria

estar congelando, mas não tremia. — Nunca fui boa em *dever*.

Eu já tinha ouvido Michael dizer a mesma coisa—várias vezes.

— Você está bem? — Celine perguntou.

— Não. — Eu não me dei ao trabalho de elaborar e devolvi a pergunta para ela. — E você?

Ela se sentou ao lado da piscina, deixando suas pernas pendurarem na água, inclinando a cabeça para trás em direção ao céu. — Estou tentando uma coisa nova — ela me disse. — Honestidade total. Sem mais segredos. Sem mais mentiras. — Essa era a garota do retrato—aquela que pintava seu autorretrato com uma faca. — Então, para responder à sua pergunta, Cassie, não estou bem. Estou incrivelmente e possivelmente *irreversivelmente* fodida. Isso acontece quando você descobre, aos sete anos, que seu pai não é seu pai—e que o melhor amigo dele é. Isso acontece quando, aos quatorze, sua mãe bêbada admite para o pai biológico que você é dele. E isso acontece quando esse pai biológico finalmente descobre que você sabe e te encurrala no seu próprio estúdio para te contar que seu pai—o homem que te criou, o parceiro de negócios dele e suposto amigo—te arruinou. Que você seria muito mais se ele fosse o controlador. Que, se tivesse tido a chance, teria apagado o sangue ruim de você quando era jovem, assim como fez com seu filho.

Sangue ruim. Eu poderia imaginar Thatcher Townsend dizendo as palavras, poderia imaginá-lo batendo em Michael as fraquezas que ele via em si mesmo. E então pensei em Laurel—o jeito que ela estava sendo criada, as coisas que ela tinha que fazer.

O sangue pertence à Pítia. O sangue pertence a Nove.

— Como você descobriu? — Eu perguntei, minha voz rouca, tentando me concentrar no presente e não no que minhas ações custaram à única pessoa neste mundo que eu prometi proteger. — Quando você tinha sete anos, como descobriu que Thatcher Townsend era seu pai?

— Eu olhei para o rosto dele — Celine disse simplesmente. — E olhei para o meu—não apenas os traços, não os meus olhos ou meus lábios ou meu nariz, mas a estrutura óssea subjacente. Os ossos.

Eu procurei no rosto de Celine uma semelhança com o pai de Michael, mas não consegui enxergar.

Celine deve ter sentido alguma dúvida. — Eu nunca esqueço um rosto. Eu posso dar uma olhada em uma pessoa e saber exatamente como são os ossos do rosto por baixo da pele. Assustador, eu sei, mas o que posso fazer? — Ela deu de ombros. — Sou uma natural.

Minha respiração se prendeu na minha garganta. Celine não sabia os detalhes do programa—por que o FBI nos trouxe aqui, o que podíamos fazer. Ela não sabia o que significava ser uma Natural, com "N" maiúsculo. Mas eu pensei em Michael dizendo que, desde crianças, ela só desenhava rostos, na foto digital que ela fez dele e dela. Ela havia tirado uma foto deles quando crianças, e tinha avançado mentalmente com uma precisão impressionante.

Existem softwares que fazem progressões de idade. A declaração de Sloane ecoou na minha cabeça, e eu pensei no papel que os genes desempenharam em nos tornar o que éramos, os Naturals. Nossos ambientes tinham aperfeiçoado nossos dons—mas a semente já estava lá, desde o início.

E Celine era irmã de Michael.

— Eu realmente disse que você deveria ir embora — eu disse para Celine, minha voz rouca como lixa na garganta. — Mas antes de ir, preciso de um favor.

CHAPTER 25

A face que me encarava do desenho de Celine era uma que eu reconhecia.

Nightshade.

A semelhança que a meia-irmã de Michael havia desenhado era assustadoramente precisa, até mesmo na expressão juvenil no rosto do assassino.

Seven, pensei, meu coração batendo violentamente no meu peito. *Sete Mestres, sete formas de matar.* A progressão seguia uma ordem previsível, começando com o Mestre que afogava suas vítimas e culminando no veneno. *Nightshade é Seven.*

Nightshade é Mason Kyle.

A parte de mim que havia se sentido entorpecida e vazia desde o momento em que percebi que os Mestres tinham Laurel começou a rachar, como gelo sob a força de um pico. Nos últimos dez semanas, o FBI não havia conseguido descobrir nada sobre o passado de Nightshade. Agora tínhamos seu nome verdadeiro. Sabíamos onde ele havia nascido. E—mais importante—sabíamos que ele havia tentado muito enterrar essa informação.

Você é quem levou Laurel para Vegas. Você é quem me disse onde ela estava.

Senti como se meu estômago tivesse sido rasgado, como se tudo dentro de mim estivesse vazando. O homem neste desenho havia matado a filha de Judd. Ele nos perseguiu, e quando o pegamos, ele embrulhou Laurel para

mim com um laço bem arrumado. *Por quê?* Ele foi instruído a fazer isso? Foi tudo parte de algum jogo distorcido?

Encontrei o Agente Sterling na cozinha sentado em frente a Briggs. As mãos dela estavam dobradas sobre a mesa, a poucos centímetros das dele. *Você não vai deixar ele tocar em você. Você não vai deixar que ele te toque.*

Ela foi quem me trouxe até Laurel. Ela não culparia Briggs por isso. Ela não me culparia. Após a morte de Scarlett, o Agente Sterling havia deixado o FBI—porque ela se culpava *por si mesma*.

—Celine Delacroix é uma Natural—falei, interrompendo, da porta. Neste momento, se afundar na culpa não era um privilégio que nenhum de nós poderia se permitir. —Ela fez uma progressão de idade de uma foto que Sloane encontrou. O nome de Nightshade é Mason Kyle. Podemos usar isso—minha voz quebrou, mas forcei-me a continuar falando. —Podemos usá-lo.

CHAPTER 26

Demorou dezesseis horas para organizar a entrevista. De um lado do vidro, Briggs e Sterling sentaram-se frente a frente com Nightshade. Do outro lado, Dean, Michael, Lia e eu observávamos.

Deixamos Sloane em casa com Celine e Judd. O único adulto do nosso lado do vidro era o pai da agente Sterling.

Isso vai funcionar, pensei, com a garganta apertando. Tem que funcionar.

- Entendo que você sinta que não tem nada a nos dizer.
- A agente Sterling começou o interrogatório como se fosse uma conversa, tratando os sentimentos e desejos do serial killer como se fossem completamente válidos. - Mas achei que esta foto poderia mudar sua opinião.

Ela colocou uma imagem na mesa - não Mason Kyle, ainda não. Por enquanto, a agente Sterling precisava de um ponto de entrada, algo que desafiasse a capacidade do assassino de manter o silêncio - neste caso, uma foto de Laurel.

- Você a chamava de Laurel? - perguntou o agente Briggs. - Ou de Nine?

Nenhuma resposta.

- Eles a têm, sabe. - A voz da agente Sterling era calma e equilibrada, mas havia algo intenso nela, como se cada palavra que saísse de seus lábios fosse uma coisa viva e pulsante. - Nós a escondemos, mas não bem o suficiente. Eles a encontraram. Talvez sempre soubessem onde ela

estava. Talvez estivessem apenas esperando o momento certo.

Eu deveria tê-la protegido, pensei com ferocidade. Eu deveria estar lá.

Ao meu lado, Dean colocou uma mão na parte de trás do meu pescoço. Eu queria me inclinar em seu toque, mas não o fiz. Não merecia ser tocada. Não merecia me sentir segura. Não merecia fazer nada além de sentar aqui e assistir o homem que matou a filha de Judd pegar a foto de Laurel.

- Você a trouxe para Las Vegas com você - disse a agente Sterling. - Por quê?

- Se eu não soubesse mais - comentou Briggs, quando ficou claro que Nightshade não ia dizer nada por si mesmo -, eu pensaria que você se importava com a criança. Que *queria* tirá-la da vida que ela estava levando.

Tudo o que Nightshade ofereceu em resposta a essas palavras foi mais um longo e ensurdecido silêncio.

- Ele não ficou feliz quando descobriu que os Mestres a tinham de novo - informou Michael aos agentes. Estávamos microfônados. Briggs e Sterling podiam nos ouvir; Nightshade, não. - Mas ele não está surpreso, nem chateado. Se ele está sentindo algo agora, é saudade.

Do que você sente saudade? Não de Laurel. De outra coisa. De alguém...

- Perguntem a ele sobre minha mãe - eu disse.

Quando o FBI te prendeu, você jogou sua última ficha - sua única ficha - para falar comigo. Você tirou Laurel dos outros Mestres. Você me contou coisas que ninguém fora de suas sagradas muralhas jamais deveria saber.

- Lorelai pediu para você tirar a menininha de lá? - perguntou o agente Briggs. - Ela sussurrou um pedido desesperado no seu ouvido?

A Pítia não sussurra. A Pítia não implora. Eu podia sentir essas palavras - ou algo parecido - fervendo logo abaixo da superfície do silêncio de Nightshade. *O FBI não pode*

começar a compreender quem e o que a Pítia é – para você, para seus irmãos. Você não vai contar a eles.

Silêncio é poder.

- Mostre a ele Mason Kyle – sugeriu Dean ao meu lado.

Tire o poder dele, pensei, tire o silêncio dele.

A agente Sterling não disse uma palavra enquanto tirava a fotografia que Sloane havia encontrado de Mason Kyle.

Michael soltou um longo assobio. – O queixo dele acabou de se projetar levemente. Ele mal consegue evitar que os lábios se pressionem. Olhe para o jeito como as mãos dele estão cruzadas sobre a mesa – há tensão nos polegares.

- Ele está com raiva – deduzi. – E ele está com medo. – Pensei em tudo que sabia sobre Nightshade. – Ele está com raiva porque está com medo e com medo porque está com raiva, já que ele deveria estar acima dessas coisas. Ele deveria estar acima de tudo isso.

Meu entendimento sobre emoções vinha de um lugar diferente do de Michael. Não tinha nada a ver com os músculos na mandíbula de Nightshade ou o brilho em seus olhos – e tudo a ver com saber o que um homem que vive para vencer sente ao perceber que apostou tudo na mão errada.

Quando percebe que *perdeu*.

- Esta é uma progressão de idade daquela fotografia. – O agente Briggs tirou o esboço que Celine havia feito para nós.

Enquanto Nightshade encarava seu próprio rosto, a agente Sterling foi para a ofensiva. – Mason Kyle, nascido em Gaither, Oklahoma, número de Seguro Social 445-97-1011.

Esse era o total de informações que tínhamos sobre Mason Kyle, mas era o suficiente. *Nunca deveríamos saber seu nome. Você deveria ser um fantasma, um espectro. Mesmo sentado em uma cela, você deveria ter o poder.*

- Sou um homem morto. - As palavras foram quase inaudíveis. Meses de silêncio não haviam sido gentis com a garganta do assassino. - Não sou digno.

Para os Mestres, isso é uma sentença de morte, pensei. Uma Pítia que não é digna morre em batalha contra sua sucessora. Quando uma criança é considerada indigna do manto de Nine, ela é deixada para morrer no deserto. E um Mestre que falha em seu dever...

- Será doloroso. Será sangrento. - Nightshade - Mason Kyle - olhou através dos agentes, como se eles nem estivessem lá. - Ela não pode se dar ao luxo de permitir que seja de outra forma - não depois de escolher me deixar viver até agora.

Minha boca ficou seca como algodão. *Ela*, como em *minha mãe*.

- A Pítia? - disse a agente Sterling. - Ela é quem decide se você vive ou morre?

Nenhuma resposta.

- Deixe-me falar com ele - pedi. Nem Briggs nem Sterling deram qualquer sinal de que tinham me ouvido. - Deixe-me falar com ele - repeti, enquanto meus dedos se fechavam em punhos e relaxavam, repetidamente. - Sou a única com quem ele já realmente falou. Ele não vai falar sobre minha mãe com vocês, porque vocês não fazem parte disso. Mas, aos olhos dele, eu sou - ou pelo menos, poderia ser.

A última vez que falei com este homem, Nightshade me disse que talvez, um dia, a escolha da Pítia - matar ou ser morto - poderia ser minha.

Com um leve aceno de cabeça, a agente Sterling removeu seu fone de ouvido. Ela o colocou na mesa e aumentou o volume para que Nightshade pudesse ouvir.

- Sou eu. - Lutei para encontrar as palavras certas. - Filha de Lorelai. Filha da sua Pítia. - Pausei. - Acho que minha mãe é a razão pela qual você levou Laurel quando saiu para Las Vegas. Você não deveria ter feito isso. E certamente não deveria ter me contado onde ela estava.

Você praticamente a embalou para presente para mim, sabendo que eu a entregaria ao FBI. Minha irmã não havia sido testada. Ela não havia sido considerada digna ou indigna. E você a deixou ir. – Ainda sem reação, mas eu podia sentir que estava me aproximando. – Você tratou Laurel como uma criança – não como sua futura líder, não como *Nine*. – Baixei a voz. – Ela me contou sobre o jogo que joga, quando minha mãe está acorrentada.

Se eu estivesse do outro lado do vidro, teria me inclinado, invadindo o espaço dele.

– Sabe o que eu acho? Acho que minha mãe queria Laurel fora. Ela pode ser muito convincente, não pode? Ela pode fazer você se sentir especial. Pode fazer você sentir que não precisa de mais ninguém ou de mais nada, enquanto a tiver.

– Você soa como ela. Sua voz soa como a dela. – Foi tudo o que consegui em resposta – nove palavras.

– Você tirou Laurel daquele lugar *por ela*. Sabia que eles encontrariam uma maneira de trazer a criança de volta. Sabia que os outros Mestres não ficariam felizes com você – mas fez isso de qualquer forma. E agora está dizendo que minha mãe vai contar aos outros que você precisa morrer? Por quê? – Deixei a pergunta pairar no ar. – Por que ela faria algo assim depois de tudo que você fez por ela?

– Ainda não aprendeu? – A resposta foi baixa e fatalmente divertida. – A Pítia faz o que tem que fazer para sobreviver.

– E para sobreviver, ela terá que dizer a eles que o matem?

– Você mencionou *o jogo*. Mas sabe no que esse *jogo* consiste?

Eu sei que envolve minha mãe acorrentada à parede. Sei que envolve sangue.

– Para emitir um julgamento, a Pítia deve primeiro ser purificada – disse Nightshade. – Para admitir alguém em nossas fileiras, ela deve passar pelo Rito dos Sete. Sete dias e sete dores.

Eu não queria imaginar o significado por trás dessa frase, mas imaginei. *Sete Mestres. Sete formas de matar pessoas. Afogamento, queima, empalamento, estrangulamento, esfaqueamento, espancamento, envenenamento.*

- Sete dores - repeti, o pulsar do meu coração abafando o som das minhas próprias palavras. - Vocês a torturam por sete dias.

- Se ela julga o acólito indigno, ele é descartado. Encontramos outro, e o processo se repete. De novo. E de novo. E de novo.

Você está gostando de me contar isso. Gosta de saber que isso me machuca. Assim como gosta de machucá-la.

- Por que você salvou Laurel? - perguntei, apaticamente. - Por que a levou com você sabendo que eles a recuperariam?

Não houve resposta. Esperei, deixando o silêncio crescer, e quando ele não deu sinal de ceder, virei e saí pela porta. Meus passos não vacilaram quando entrei na sala de interrogatório.

A expressão no rosto de Briggs me dizia que eu pagaria por isso mais tarde, mas minha atenção estava totalmente focada em Nightshade. Ele percorreu meu rosto e meu corpo com os olhos. Ele absorveu cada detalhe da minha aparência, e então sorriu.

- Por que se deu ao trabalho de ajudar *Nine* a se libertar dos Mestres se sabia que eles a recuperariam? - repeti.

Eu conseguia ver os pensamentos de Nightshade em seus olhos, vê-lo buscando em meus traços alguma semelhança com minha mãe.

- Porque isso deu esperança à Pítia - ele disse, um sorriso cruzando seus lábios. - E nada dói tanto quanto a esperança quando você a tira.

Uma faísca de raiva ardente queimou dentro de mim. Dei um passo em direção a ele, cada músculo do meu corpo tenso. - Você é um monstro.

- Eu sou o que sou. E ela é o que é. Para salvar a si mesma, ela condenou outros. Ela me condenará.

- Depois que a torturarem por sete dias? - perguntei, com a voz baixa.

A agente Sterling se levantou para evitar que eu me aproximasse mais. Nightshade inclinou a cabeça para baixo. Seu corpo tremia. Demorei um momento para perceber que ele estava rindo - uma risada silenciosa e divertida que me deixou fisicamente mal.

- Para assuntos menores, um único rito de purificação basta. Se os Mestres estiverem se sentindo generosos, podem até dar a ela uma escolha.

Uma escolha de como será torturada. Meu estômago se revoltou, mas fechei a mandíbula com força, recusando-me a ceder ao bile que subia pela garganta. - E se eles não gostarem da resposta que ela der? - perguntei, assim que recuperei o controle. - E se ela disser que devem deixar você viver?

- Ela não dirá. - Nightshade recostou-se na cadeira. - Porque, se seu julgamento parecer comprometido, eles a purificarão novamente.

Torturarão ela novamente.

- Onde ela está? - perguntei com firmeza. - Diga-nos onde eles estão, e podemos impedir isso. Podemos mantê-lo seguro.

- Não, Cassandra - disse Nightshade, com um sorriso quase afetuoso -, vocês não podem.

VOCÊ

Desta vez, foi a faca. A arma de Cinco — mais rápida do que algumas, mais lenta do que outras.

Caos e ordem, ordem e caos.

Agora você está no chão, e sua memória está cheia de lacunas. Você não se lembra de Laurel voltando. Não se lembra de como ou quando ela ficou com os hematomas no pescoço.

Mas você se lembra do seu sangue pingando da faca de Cinco. Você se lembra da música e da dor e de dizer aos Mestres que o traidor precisava morrer.

Você se lembra de Laurel mergulhando os dedos no seu sangue. Sorrindo, do jeito que você a ensinou.

—Eu fui bem, mamãe?— ela pergunta, enroscando-se no seu colo.

A roda gira. Você tentou detê-la. Mas algumas coisas não podem ser interrompidas.

CHAPTER 27

O FBI colocou Nightshade em isolamento e instalou agentes para vigiá-lo 24 horas por dia. Às duas A.M., ele estava morto.

Os Mestres podem alcançar qualquer pessoa, em qualquer lugar.

— Hoje é dois de abril. — Eu me forcei a dizer as palavras em voz alta, parada em frente ao mural de evidências no porão.

2/4. A primeira de quatro datas de Fibonacci em abril.

— O próximo é quatro de abril — continuei. — Cinco de abril. Vinte e três de abril.

— Cassie. — Dean se aproximou por trás de mim. Eu estava ali desde que havíamos voltado para casa. Mal pisquei quando recebemos a notícia de que Mason Kyle estava morto.

— Você precisa dormir — murmurou Dean.

Eu não respondi, encarando as vítimas no mural. Pensei no fato de que, para cada série de nove vítimas, uma Pítia havia dado o aval. Ela havia considerado um acólito digno de matar, porque, se não o fizesse, a dor recomeçaria.

Vocês escolhem sobreviventes de abuso. Escolhem lutadores. E os fazem sentenciar outros à morte.

— Cassie. — Dean se colocou na minha frente, bloqueando minha visão do mural. — Você não pode continuar fazendo isso consigo mesma.

Posso, pensei, e vou.

— Olhe para mim. — A voz de Dean era familiar — familiar demais. Eu não queria conforto. — Você mal dorme desde que Laurel desapareceu. Você não come. — Dean não desistia. — Isso acaba agora, Cassie.

Fingi que podia enxergá-lo como se ele fosse transparente. Conhecia aquele mural bem o suficiente para manter cada foto em minha mente.

— Quando descobrimos que meu pai tinha um imitador, eu me isolei. Bati no saco de pancadas até meus nós dos dedos sangrarem. E você se lembra do que fez?

Lágrimas ameaçaram encher meus olhos. *Eu me ajoelhei na sua frente e limpei o sangue dos seus nós dos dedos. Eu te puxei de volta da beira do abismo toda vez que você ia longe demais.*

Dean envolveu meu torso com um braço e minhas pernas com o outro, me erguendo nos braços e me afastando fisicamente do mural. Eu podia sentir o coração dele batendo no peito enquanto ele me carregava para a porta do porão.

Me solte, pensei, meu corpo ficando rígido como uma tábua. Apenas me solte. Apenas me deixe ir.

Dean me segurou firme enquanto me carregava até meu quarto. Ele se sentou na ponta da cama. — Olhe para mim. — Sua voz era gentil — tão gentil que me desarmou.

— Não — engasguei.

Não seja gentil. Não me segure. Não me salve de mim mesma.

— Você acha que o que aconteceu com Laurel é culpa sua.

Pare, Dean. Por favor, não me faça passar por isso. Por favor, não me faça dizer as palavras.

— E você sempre acreditou, no fundo, que se não tivesse saído do camarim da sua mãe naquele dia, se tivesse voltado mais cedo, poderia tê-la salvado. Toda vez que a polícia te fazia uma pergunta que você não sabia responder, o que você ouvia era que você não foi

suficiente. Não foi suficiente para salvá-la. Não foi suficiente para ajudá-los a pegar quem fez isso.

— E agora eles estão machucando ela. — A verdade explodiu de dentro de mim como estilhaços, com força mortal. — Eles estão torturando ela até ela dar o que eles querem.

— Permissão — disse Dean suavemente. — Absolvição.

Eu me afastei dele, e ele deixou. Dias de exaustão me alcançaram de uma só vez, mas eu não conseguia fechar os olhos. Deixei-me mergulhar na perspectiva da minha mãe. — Não é que eu não tenha escolha — disse suavemente, sem me preocupar em explicar que já não estava falando por mim, mas por ela. — Sempre tenho uma escolha: eu sofro ou outra pessoa? Eu luto contra isso? Luto contra eles? Ou interpreto o papel que me deram? Tenho mais controle, mais poder, se eu *fizer* eles me quebrarem ou se eu interpretar a Pítia tão bem que eles parem de pensar em mim como algo que pode ser quebrado?

Dean ficou em silêncio por vários segundos. — Contra os sete de nós — disse finalmente —, você sempre será impotente. — Ele baixou a cabeça. — Mas contra qualquer um de nós, você detém as cartas.

Pensei em Nightshade, morto em confinamento solitário. — Se eu disser que você morre, você morre.

— Mas primeiro, um de nós precisa pedir — respondeu ele.

A Pítia dava o veredito, mas não trazia os casos. Um dos Mestres precisava apresentar uma questão para ela decidir — e antes de tomar uma decisão, ela era torturada. Se o suficiente dos Mestres discordasse de sua resposta, ela era torturada de novo.

— Vocês me escolheram porque eu era uma sobrevivente — sussurrei. — Porque viram em mim o potencial para me tornar algo mais.

— Nós escolhemos você — retrucou Dean —, porque pelo menos um de nós acreditava que um dia você poderia até gostar disso. Do poder. Do sangue. Alguns de nós

querem que você abrace o que é. Outros prefeririam que você lutasse contra isso — contra nós.

Esse grupo seguia regras muito específicas. Após a nona morte, eles estavam terminados — permanentemente. — O que vocês fazem comigo é o mais próximo que qualquer um de vocês pode chegar de reviver a glória. Vocês passam uma faca pela minha pele ou observam enquanto ela queima sob uma chama. Vocês seguram minha cabeça debaixo d'água ou me fazem assistir enquanto empurram uma barra de metal pela minha carne. Vocês fecham os dedos em volta do meu pescoço. Vocês me espancam. — Pensei em Nightshade. — Vocês forçam seu veneno mais doloroso pela minha garganta. E toda vez que me machucam, toda vez que me *purificam*, eu aprendo mais sobre vocês. Sete monstros diferentes, sete motivações diferentes.

Minha mãe sempre foi excelente em manipular pessoas. Ela ganhava a vida como “vidente,” dizendo às pessoas o que elas queriam ouvir.

— Alguns de nós — disse Dean, após pensar por um momento — são mais fáceis de manipular do que outros.

Pensei novamente em Nightshade. Minha mãe não havia ordenado sua morte quando ele foi capturado. Os Mestres quase certamente apresentaram o caso para o julgamento dela, mas ela resistiu — e pelo menos uma parte deles permitiu isso.

— Nightshade era um membro recém-empossado deste grupo quando levaram minha mãe — disse lentamente, tentando pensar em fatos — qualquer fato — que pudesse lançar luz sobre a dinâmica deles. — Ele completou sua nona morte dois meses antes de ela ser levada. — Forcei-me a voltar para a perspectiva da minha mãe. — Ele era competitivo. Ele era ousado. Ele queria me quebrar. Mas eu fiz ele querer outra coisa mais. Eu fiz ele me querer.

— O que ele queria não importava — Dean fechou os olhos, os cílios lançando sombras sobre seu rosto. — A Pítia nunca pertencerá a um homem.

— Mas um de vocês deve ter me identificado como uma potencial Pítia — eu disse. Pensei novamente em como Nightshade era novo no grupo quando minha mãe foi levada. — Um de vocês me escolheu, e não foi Nightshade.

Esperei por outro insight, mas nada veio, e esse *nada* me corroía como um buraco negro sugando todas as outras emoções. Eu não conseguia lembrar quem poderia ter observado minha mãe. Eu não conseguia lembrar de nada que pudesse nos dizer como — e por quem — ela havia sido escolhida.

Dean deitou-se ao meu lado, a cabeça no meu travesseiro. — Eu sei, Cassie. *Eu sei.*

Pensei em Daniel Redding, sentado à minha frente e se gabando da forma como ele havia se inserido entre mim e Dean — a cada vez que nossas mãos se tocavam, a cada toque gentil.

Eu não preciso de gentileza agora. Deixei-me virar em direção a Dean, deixei minha respiração engasgar em minha garganta. *Eu não quero isso.*

Eu alcancei Dean, puxando-o bruscamente para mim. Suas mãos se enterraram em meu cabelo. *Nada de gentileza. Nada de leveza.* Minhas costas arquearam quando o aperto em meu rabo de cavalo ficou mais firme. Em um segundo eu estava ao lado dele, e no próximo, eu estava em cima dele. Meus lábios capturaram os dele — ásperos, firmes, quentes e *reais.*

Eu não conseguia dormir. Eu não conseguia parar de pensar. Eu não conseguia salvar Laurel. Eu não conseguia salvar minha mãe.

Mas eu podia viver — mesmo quando eu não queria, mesmo quando doía. Eu podia *sentir.*

CHAPTER 28

Sonhei, como já havia acontecido tantas vezes antes, que eu caminhava pelo corredor em direção ao camarim da minha mãe. Eu podia me ver estendendo a mão para a porta.

Não entre. Não acenda a luz.

Não importava quantas vezes eu tivesse esse sonho, nunca era capaz de me impedir. Nunca conseguia fazer nada diferente do que havia feito naquela noite. *Procurar o interruptor. Sentir o sangue nos dedos.*

Apertei o interruptor e ouvi um leve farfalhar, como folhas ao vento. O quarto permaneceu completamente escuro. O som ficou mais alto. *Mais perto.* E foi então que percebi que não eram folhas farfalhando. Era o som de correntes sendo arrastadas pelo chão de azulejos.

- Não é assim que se joga o jogo.

O quarto foi inundado de luz, e eu me virei rapidamente para ver Laurel parada atrás de mim. Ela segurava um pirulito, o tipo que estava olhando fixamente da primeira vez que a vi. - *É assim que se joga o jogo.*

Mãos me empurraram contra a parede. Algemas apareceram nos meus pulsos. Correntes se arrastaram pelo chão como cobras.

Eu não conseguia respirar, não conseguia enxergar—

- Você pode fazer melhor que isso.

Demorei um momento para perceber que as correntes tinham desaparecido. Laurel tinha desaparecido. O

camarim tinha desaparecido. Eu estava sentada em um carro. Minha mãe estava sentada no banco da frente.

- Mãe. - A palavra saiu estrangulada pela minha garganta.

- Dance para esquecer - minha mãe me disse. Essa era uma das frases favoritas dela. Sempre que saíamos de uma cidade, sempre que eu ralava o joelho. *Dance para esquecer.*

- Mãe - eu disse com urgência, de repente certa de que, se conseguisse apenas fazê-la se virar e me olhar, ela veria que eu não era mais uma garotinha. Ela veria e se lembraria.

- Eu sei - minha mãe disse por cima da música. - Você gostava da cidade e da casa e do nosso pequeno jardim. Mas lar não é um lugar, Cassie.

De repente, não estávamos mais no carro. Estávamos paradas ao lado da estrada, e ela estava dançando.

- Todos nós temos escolhas - uma voz sussurrou atrás de mim. Nightshade emergiu das sombras, o olhar fixo em minha mãe enquanto ela dançava. - A Pítia escolhe viver. - Ele sorriu. - Talvez um dia essa escolha seja sua.

Acordei de repente e encontrei Dean dormindo ao meu lado e Celine Delacroix parada na porta.

- Vim dizer adeus - ela disse. - Michael fez um impressionante bis da sua *você não pertence aqui e precisa ir embora.*

Se havia uma coisa que minha última conversa com Celine tinha me ensinado, era que ela *pertencia* aqui. Mas eu não podia culpar Michael por querer mandá-la embora. O resto de nós estava envolvido nisso. Já estávamos em perigo.

Celine não precisava estar.

- Quando isso acabar... - comecei a dizer.

Celine ergueu uma mão perfeitamente manicurada. - A menos que você queira me contar o que exatamente *isso é* - não diga nada. - Ela fez uma pausa. - Cuide de Michael por mim.

Eu cuidarei. Não consegui fazer essa promessa em voz alta.

- E se você tiver uma chance - continuou Celine, um sorriso sutil surgindo nos cantos dos lábios -, diga uma boa palavra por mim para Sloane.

Ela não esperou uma resposta antes de sair pela porta.

Ao meu lado, Dean se mexeu. - O que você precisa? - ele me perguntou baixinho.

Eu precisava fazer algo além de ficar parada na frente da parede no porão, esperando que aparecesse um corpo. Eu precisava sair daquela casa.

Eu precisava seguir a única pista que tínhamos.

- Preciso ir para Gaither, Oklahoma.

VOCÊ

Você às vezes se esquece de como era Antes. Antes das paredes. Antes das correntes. Antes da rotação da roda, do sangue e da dor.

Antes da fúria.

Eles trazem fotografias para mostrar o que fizeram com Sete. Colocam outro diamante ao redor do seu pescoço.

Seus dedos tocam delicadamente a borda de uma fotografia — prova da morte. Havia sangue. Havia dor. Você fez isso. Juiz e júri, você tinha a vida dele em suas mãos.

Você fez isso. Você o matou.

Você sorri.

CHAPTER 29

A cidade onde Nightshade nasceu não era o tipo de lugar onde o FBI aparecia com frequência.

— Gaither, Oklahoma, população 8.425 — Sloane informou enquanto saíamos do carro alugado. — Nos primeiros dias de existência do estado de Oklahoma, Gaither prosperou, mas sua economia colapsou durante a Grande Depressão e nunca se recuperou. A população diminuiu, e a idade média dos residentes aumentou continuamente nos últimos sessenta anos.

Em outras palavras, Gaither tinha mais do que sua cota de idosos.

— Três museus — continuou Sloane, — treze marcos históricos. Enquanto o turismo local é uma fonte substancial de renda para a cidade propriamente dita, as comunidades rurais ao redor dependem principalmente da agricultura.

O fato de haver turismo em Gaither significava que poderíamos explorar o local sem anunciar nossas intenções —ou o fato de que a Agente Sterling carregava um distintivo. O Agente Briggs tinha ficado para trás em Quantico. Eu não me enganava sobre o motivo.

Dois de abril. Hoje era uma data Fibonacci, e o desaparecimento de Laurel quase certamente era um presságio do que estava por vir.

Judd nos acompanhou até Gaither, assim como a Agente Starmans. Meu instinto dizia que Briggs tinha enviado a

última tanto para proteger Sterling quanto para proteger o resto de nós.

Não pense nisso, disse a mim mesma enquanto começávamos a caminhada pela histórica Main Street.

Pense em Mason Kyle.

Tentei imaginar Nightshade crescendo nesta cidade. As fachadas das lojas tinham um charme vitoriano. Placas de pedra detalhavam a história da cidade. Quando coloquei a mão sobre uma delas, uma sensação estranha tomou conta de mim. Como se algo estivesse faltando.

Como se *eu* estivesse deixando algo escapar.

— Está tudo bem? — a Agente Sterling me perguntou. Em uma tentativa de não parecer uma policial, ela optou por usar jeans. Ainda parecia uma policial.

— Estou bem — respondi, lançando um olhar por cima do ombro e depois forçando meus olhos para frente. Ao virarmos a esquina, um portão de ferro forjado apareceu à vista. Além dele havia um caminho de pedra, ladeado por todos os tipos de plantas.

Por um breve momento, não consegui respirar, sem saber o motivo.

Dean andou à frente e parou na placa em frente aos portões.

— Ou Redding está com prisão de ventre — disse Michael ao notar uma mudança sutil na postura de Dean, — ou as coisas estão prestes a ficar interessantes.

Caminhei em direção a Dean, tomada pela sensação estranha de que sabia o que a placa diria. *Jardim venenoso*. Essas eram as palavras que eu esperava ver.

— Jardim de boticário — li em vez disso.

— Boticário — disse Sloane, parando ao nosso lado. — Do latim, que significa *depósito* ou *armazém*. Historicamente, o termo era usado tanto para se referir à versão antiga de uma farmácia quanto à versão antiga de um farmacêutico.

Sem esperar por uma resposta, Sloane entrou pelo portão. Lia a seguiu.

Dean deslizou o olhar para mim. — Qual você acha que é a chance de ser coincidência Nightshade ter crescido em uma cidade com um jardim de boticário e — Dean inclinou a cabeça em direção ao prédio ao lado — um museu de boticário?

Um arrepio percorreu lentamente minha espinha. A arma de escolha de Nightshade era veneno. Havia uma linha tênue entre conhecer as propriedades medicinais das plantas e saber como usá-las para matar.

— Eu consigo sentir que este é um momento romântico para vocês dois — disse Michael de forma sarcástica, dando um tapinha em nossos ombros. — Longe de mim arruiná-lo. Ele passou por nós em direção ao jardim, mas o modo como olhou para trás me deu a certeza de que reconheceu a sensação de desconforto que estava se retorcendo em meu estômago.

— Se vocês acham que o jardim é algo — uma voz chamou —, deveriam se aventurar lá dentro.

Um homem mais velho—eu estimaria sua idade em cerca de setenta anos—veio até a porta do museu de boticário. Ele era pequeno e compacto, com óculos redondos e uma voz que contrastava com sua aparência: grave, rouca e completamente antipática.

Um homem muito mais jovem apareceu atrás do velho. Ele parecia ter uns dezenove ou vinte anos e usava o cabelo branco e loiro penteado para trás, acentuando uma linha de cabelo em pico de viúva.

— O jardim é de graça para todos aproveitarem — disse o Pico de Viúva de forma seca. — Visitantes do museu são convidados a fazer uma doação.

Ele poderia muito bem ter colocado um enorme PROIBIDO ENTRAR na entrada do prédio.

A Agente Sterling se aproximou e ficou ao meu lado. — Acho que estamos bem com o jardim por enquanto — ela disse para o Pico de Viúva.

— Claro — o garoto murmurou, recuando para dentro do prédio. Havia algo nele que me deu a mesma sensação de

desconforto que tomou conta do meu corpo no momento em que vi os portões de ferro forjado.

— Fiquem tranquilos — o homem mais velho nos aconselhou, seu olhar demorando em Sterling. — Mesmo na primavera, o calor de Gaither tem um jeito de pegar vocês de surpresa. Sem dizer mais nada, ele seguiu o Pico de Viúva de volta para o museu.

A Agente Sterling antecipou qualquer comentário de Dean ou meu. — Passeiem pelo jardim, finjam que estão aproveitando este lindo dia de primavera e pensem sobre o que aprenderam — ela aconselhou.

Vocês querem que tomemos isso devagar. Para evitar mostrar nossas intenções.

Fiz o que foi instruído. *Erva de São João. Milefólio. O freixo. Espinheiro.* Enquanto passava por cada planta rotulada no jardim, analisei minhas primeiras impressões. Meu instinto dizia que o homem mais velho havia vivido em Gaither a vida toda. O Pico de Viúva era protetor com ele— e com o museu.

Você não gosta de turistas, mas trabalha em um museu. Isso indicava uma personalidade contraditória ou uma falta de opções de emprego.

Virei no caminho, seguindo o loop de volta aos portões de ferro. Quando cheguei lá, tive a mesma sensação de déjà vu que tive quando vi o jardim pela primeira vez.

Estou perdendo algo.

Enquanto escaneava a rua ao redor, avistei um par de turistas, então voltei a atenção para uma local que passeava com seu cachorro. Ela virou a esquina e desapareceu. Eu não pretendia fazer mais do que segui-la até a esquina para ver o que havia na próxima rua, mas assim que comecei a andar, não consegui parar.

Estou perdendo algo.

Estou perdendo—

Dean me alcançou. Os outros não estavam longe atrás. Eu avistei nossa equipe de proteção pelo canto do olho.

— Para onde estamos indo? — Dean perguntou.

Eu não estava mais seguindo a mulher com o cachorro. Ela tinha ido por um lado, eu fui por outro. O charme histórico de Gaither já tinha desaparecido há algumas quadras. Agora havia casas—na sua maioria pequenas e precisando de reparos.

— Cassie — Dean repetiu —, para onde estamos indo?

— Não sei — disse.

Lia se juntou a nós. — Mentira.

Eu não havia percebido que estava mentindo, mas agora que Lia me desmascarou, ficou claro. *Eu sei para onde estou indo. Sei exatamente para onde estou indo.*

A sensação persistente de déjà vu, a sensação profundamente inquietante de *algo* que havia caído sobre mim no momento em que pus os pés nesta cidade, se solidificou em algo mais concreto.

— Eu conheço esse lugar — disse. Eu não estava sentindo que algo estava errado em Gaither. Eu estava sentindo algo *familiar*.

Eu sei, minha mãe sussurrou na minha memória. *Você gostava da cidade, da casa e do nosso pequeno jardim da frente—*

Havia tantas casas ao longo dos anos, tantas mudanças. Mas, quando parei em frente a uma casa pitoresca com revestimento azul e uma enorme árvore de carvalho que dava sombra a todo o gramado, senti como se alguém jogasse água gelada diretamente no meu rosto. Eu podia me ver em pé na varanda da frente, rindo enquanto minha mãe tentava lançar uma corda sobre um galho da árvore de carvalho.

Caminhei até a árvore e toquei a corda de balanço surrada que estava pendurada lá. — Eu já estive aqui antes — disse rouca, voltando-me para os outros. — Eu *morei* aqui. Com minha mãe.

CHAPTER 30

Nightshade nasceu em Gaither. Décadas depois, minha mãe viveu aqui. Isso não poderia ser uma coincidência.

Hipersensível ao sangue correndo nas minhas veias, forcei minha mente a adotar a perspectiva dos Mestres. *Cada um de vocês escolhe seu próprio aprendiz. Quem escolhe a Pítia?* Dei um passo em direção à casa, com meu coração batendo tão alto que abafava todos os outros sons.

— Nightshade não foi quem escolheu sua mãe. — A voz de Dean cortou a cacofonia dentro da minha cabeça. — Se ele tivesse... se *eu* tivesse — Dean disse, passando de terceira pessoa para a primeira —, eu não teria esperado até a filha de Lorelai entrar no programa *Naturals* para me apresentar.

Congelada, metade entre uma memória e um pesadelo, pensei em Nightshade—na forma como seus ombros haviam tremido de tanto rir quando o interroguei, no seu corpo imóvel e cinza. *Se você não escolheu minha mãe, há uma boa chance de que a mesma pessoa tenha escolhido vocês dois.*

— Isso muda tudo. — A Agente Sterling puxou seu celular. Ela nos trouxe aqui esperando obter informações sobre Mason Kyle—quem ele havia sido antes de se tornar Nightshade, há quanto tempo ele desapareceu desta cidade. Ela não esperava encontrar uma ligação direta entre Gaither e os Mestres.

Forcei o ar a entrar e sair dos meus pulmões, obriguei meu coração acelerado a desacelerar. *Essa é a pista que*

estávamos esperando. Essa é a nossa chance. E com base na calma sobrenatural com a qual a Agente Sterling falou, na forma como ela passou de pessoa para agente em dois segundos, ela sabia disso.

— Há noventa e oito por cento de chance de você estar ligando para o Agente Briggs. — Sloane avaliou a Agente Sterling. — E noventa e cinco vírgula seis por cento de chance de que você vai tentar nos tirar de Gaither.

Você não pode. Minha boca estava seca demais para formar as palavras. *Eu não vou deixar você.*

— Viemos aqui procurando uma agulha no palheiro. — A calma impressionante de Sterling não vacilou. — E acabamos de encontrar uma espada. Vamos ter que reavaliar o risco envolvido em mexer em Gaither. Se Judd e eu dissermos que vocês devem sair, vocês saem—sem argumentos, sem segundas chances. — O telefone de Briggs provavelmente foi para a caixa de correio de voz, porque Sterling não disse mais nada antes de desligar.

— Você está segurando uma onda de adrenalina. — Michael levou seu tempo lendo a Agente Sterling. — Você está frustrada. Está com medo. Mas, mais do que tudo, por baixo da máscara de Agente Veronica Sterling, você parece como um buscador de emoções congelado no topo da montanha-russa, pairando na beira de despencar para baixo.

A Agente Sterling não piscou diante de seu comentário. — Vamos ter que reavaliar o risco — ela disse novamente. Eu sabia que ela estava pensando em Laurel. Em Scarlett Hawkins. Sobre os danos colaterais e o verdadeiro significado de *risco*.

— Eu não vou a lugar algum — disse, minha voz tão intensa quanto a calma de Sterling. Passei anos me culpando pelas lacunas na minha memória—pelo fato de eu não conseguir lembrar metade dos lugares onde minha mãe e eu moramos, pelo fato de não ter conseguido contar à polícia nada que ajudasse a identificar a pessoa ou as pessoas que a haviam levado. Eu não ia deixar Gaither,

Oklahoma, sem respostas—sobre minha mãe, sobre Nightshade, sobre a conexão entre os dois.

— Eu vou deixar o programa se for necessário — disse à Agente Sterling, minha garganta se apertando. — Mas eu vou ficar.

— Se Cassie ficar — Sloane disse de forma rebelde —, eu fico.

Dean não precisou dizer que ele também ficaria.

— Eu realmente acho Cassie borderline tolerável — comentou Lia de forma casual.

— Seria uma pena deixar a *borderline tolerável* para trás. — Michael sorriu de uma maneira que não era exatamente um sorriso, sua pele se esticando contra os restos de hematomas.

— Judd. — A Agente Sterling se virou em busca de apoio, sua voz controlada. Eu me perguntei se Michael conseguiria ouvir todo o espectro de emoções por baixo daquele controle. Me perguntei quão perto Veronica Sterling estava de se tornar a mulher que era antes de Scarlett ser assassinada—alguém que sentia as coisas profundamente. Alguém que agia antes de pensar.

Judd olhou para mim, depois para cada um dos outros por vez, antes de lançar um olhar de lado para a Agente Sterling. “Primeira regra de criar filhos, Ronnie?” disse ele, de um jeito que me lembrou que ele tinha ajudado a criá-la. “Não proíba eles de fazerem algo se você tem certeza de que eles vão fazer isso de qualquer jeito.” O olhar atento de Judd voltou para mim. “É uma perda de uma boa ameaça.”

Uma hora depois, o Agente Briggs ainda não havia retornado a ligação da Agente Sterling.

Hoje é uma data de Fibonacci, e Briggs não está atendendo o telefone. Eu me perguntei se ele estava até o pescoço em uma cena de crime—se tinha começado.

“Precisamos de algumas regras básicas.” A Agente Sterling nos registrou no único hotel de Gaither, designando o Agente Starmans para continuar tentando contatar Briggs enquanto ela informava os outros. Com movimentos controlados e precisos, ela colocou uma coleção de pequenos objetos metálicos na mesa de café, um após o outro.

“Sinais de rastreamento,” disse ela. “São pequenos, mas não indetectáveis. Mantenham-nos consigo o tempo todo.” Ela esperou até que cada um de nós pegasse um sinal—do tamanho e formato de um pastilha de hortelã—antes de continuar. “Vocês não vão a lugar nenhum sozinhos. Estarão em duplas—ou mais—o tempo todo, e nem pensem em abandonar qualquer um de nós que estiver na sua escolta. E finalmente...” A Agente Sterling puxou duas armas de sua mala e verificou se as travas estavam ativadas.

“Vocês sabem manusear uma arma de fogo?” A Agente Sterling olhou para Dean, que acenou com a cabeça, antes de desviar seu olhar para Lia. Eu me perguntei se os dois tinham sido treinados para manusear armas antes de eu ter entrado no programa, ou se a Agente Sterling os havia escolhido por causa de experiências em seus passados.

Lia estendeu a mão para pegar uma das armas. “Eu sei, sim.”

Judd pegou primeiro uma arma, depois a outra, da Agente Sterling. “Eu só vou dizer isso uma vez, Lia. Você não saca sua arma a menos que suas vidas estejam em perigo iminente.”

Pela primeira vez, Lia conteve sua resposta afiada. Judd entregou uma das armas a ela e depois se virou para Dean.

“E,” ele continuou, sua voz baixa, “se suas vidas *estiverem* em perigo e você *sacar* sua arma? É melhor estar preparado para atirar.”

Você já enterrou sua filha. Eu traduzi o significado implícito nas palavras de Judd. *Independentemente das consequências, você não vai nos perder.*

A mão de Dean se fechou em torno da arma, e Judd virou seus olhos de águia para Michael, Sloane e para mim. “Quanto ao resto de vocês, há dois tipos de pessoas em uma cidade desse tamanho: pessoas que gostam de conversar e pessoas que realmente, realmente não gostam. Fiquem com as primeiras, ou eu vou tirar todos vocês daqui tão rápido que vão ficar com pescoço torcido.”

Não havia como questionar essa ordem. Eu podia ouvir o militar na cadência de Judd, no seu tom.

“Esta é uma missão de coleta de informações,” traduziu Sloane. “Se encontrarmos um hostil...”

Não se envolvam.

CHAPTER 31

O melhor lugar para encontrar pessoas que queriam conversar era o bar local. Neste caso, rapidamente nos concentramos em um restaurante. Estava longe o suficiente da parte histórica da cidade para servir principalmente aos locais, mas não tão longe que não recebessem o turista ocasional—perfeito.

MAMA REE'S NOT-A-DINER. A placa acima da porta me disse praticamente tudo o que eu precisava saber sobre a dona do estabelecimento.

“Mas Cassie,” Sloane sussurrou enquanto entrávamos no restaurante. “Isso é um restaurante.”

Uma mulher na casa dos sessenta anos olhou de trás do balcão e nos avaliou, como se tivesse ouvido as palavras sussurradas de Sloane. “Fiquem à vontade para escolher qualquer mesa,” ela disse depois de terminar de nos estudar.

Eu optei por uma mesa junto à janela, entre um casal de idosos jogando xadrez e um quarteto de mulheres ainda mais velhas fofocando durante o café da manhã. Sloane não estava brincando quando disse que a idade média dos cidadãos de Gaither estava subindo.

Lia e Sloane se sentaram no banco ao meu lado. Dean e Michael tomaram o outro lado, e Sterling e Judd se ajudaram a se sentar nos banquinhos do balcão.

“Nós não temos cardápios.” A mulher que nos disse para nos sentarmos—Mama Ree, eu estava adivinhando—colocou cinco copos de água na nossa mesa. “Agora é café

da manhã. Daqui a dez minutos, será almoço. Para o café da manhã, temos comida de café da manhã. Para o almoço, temos comida de almoço. Se você pensar nisso, eu posso fazer, desde que não esteja esperando nada sofisticado.”

Ela disse *sofisticado* como se fosse uma palavra suja.

“Eu poderia comer biscoitos com molho de carne.” O sotaque sulista de Dean fez a mulher sorrir.

“Com bacon do lado,” ela declarou. Não era uma pergunta.

Dean não era tolo. “Sim, senhora.”

“Torrada francesa para mim,” Lia pediu. Ree resmungou —minha intuição dizia que *Torrada* estava muito perto de *sofisticado*—mas anotou o pedido de Lia antes de voltar sua atenção para mim. “E para você, moça?”

Essas palavras me levaram de volta. Não era minha primeira vez no Not-A-Diner. Eu me via em uma mesa de canto, com lápis de cor espalhados pela mesa.

“Eu vou querer uma panqueca de mirtilo,” me vi dizendo. “Com molho de morango e um milkshake de Oreo.”

Meu pedido fez a mulher inabalável fazer uma pausa, como se aquela combinação fosse familiar para ela, do jeito que o jardim do farmacêutico tinha sido para mim.

Você não é o tipo de pessoa que fofoca com forasteiros, pensei. *Mas você pode compartilhar algumas curiosidades com alguém de Gaither.*

“Você provavelmente não se lembra de mim,” disse eu, “mas eu costumava viver em Gaither com minha mãe. O nome dela era—”

“Lorelai.” Ree me interrompeu. Depois ela sorriu. “E isso faria você ser a Cassie da Lorelai, toda crescida.” Ela me deu outro olhar atento. “Você se parece com sua mãe.”

Eu não tinha certeza se isso deveria ser um elogio—ou um aviso.

Faça ela falar, pensei. *Sobre a mãe. Sobre a cidade. Sobre Mason Kyle.*

“Eu não me lembro de muito sobre viver aqui. Eu sei que provavelmente foi só por algumas semanas, mas—”

“Algumas semanas?” Ree levantou as sobrancelhas tão altas que quase desapareceram na linha de seu cabelo grisalho. “Cassie, você e sua mãe viveram aqui por quase um ano.”

Um ano? Eu me senti como se ela tivesse me dado um soco no estômago. Eu poderia me perdoar por esquecer algumas semanas de uma infância bastante transitória, mas um ano? Um ano inteiro da minha vida que—se eu tivesse lembrado sequer o nome da cidade—poderia ter dado à polícia uma pista sobre o caso da minha mãe anos atrás?

“Você era uma coisinha,” continuou Ree. “Uns seis anos. Quietinha. Bem comportada, não como minha Melody. Você lembra da Melody?”

No momento em que ouvi o nome, tive uma lembrança de uma menina jovem com tranças. “Sua neta. Nós éramos amigas.”

Eu nunca tive amigos. Eu nunca tive um lar. Essas eram as verdades da minha infância.

— Como está sua mãe agora? — perguntou Ree.

Engoli em seco e olhei para a mesa à minha frente. — Ela morreu quando eu tinha doze anos.

Outra verdade da minha infância que se revelou uma mentira.

— Oh, querida. — Ree estendeu a mão e apertou meu ombro. Então, com o jeito direto de uma mulher que criara várias gerações de crianças, ela se virou para Sloane e Michael e anotou os pedidos deles.

Você conhece a dor, pensei. Você sabe quando consolar e quando deixar as coisas acontecerem.

Assim que Ree foi para a cozinha, Michael fez uma observação.

— Ela gostava muito da sua mãe, mas também tem raiva, eu acho.

Se minha mãe e eu havíamos vivido ali por quase um ano, o que nos fez pegar a estrada de novo? E o que, exatamente, minha mãe havia deixado em seu caminho?

A nossa comida chegou, e eu passei toda a refeição tentando decidir como fazer Ree falar. Eu precisava de detalhes—sobre a vida da minha mãe em Gaither, sobre a de Mason Kyle.

Como se revelou, eu não precisei pedir para Ree falar. Assim que terminamos o café da manhã, ela puxou uma cadeira. — O que traz você de volta a Gaither? — ela perguntou.

Assassinato. Sequestro. Séculos de tortura sistemática.

— Nós trouxemos as cinzas da mãe da Cassie — Lia respondeu por mim. — O corpo da Lorelai foi encontrado há alguns meses. Cassie disse que este era o lugar onde ela queria ser enterrada.

Eu já tinha admitido que não lembrava muito sobre meu tempo em Gaither, mas Lia era Lia, e Ree acreditou em cada palavra que ela disse.

— Se houver algo que eu possa fazer por você — disse Ree de forma simples —, Cassie, querida, é só me avisar.

— Há uma coisa. — Esta era a abertura que eu estava esperando. — Se minha mãe e eu estivemos aqui por um ano, esse foi o lugar onde mais vivemos em algum lugar. Eu não me lembro muito disso. Sei que minha mãe amava aqui, mas antes de espalhar as cinzas dela... — Fechei os olhos por um momento, deixando a verdadeira dor que morava em mim vir à tona. — Eu gostaria de tentar lembrar o porquê.

Eu não estava nem perto do nível de Lia como mentirosa, mas sabia como usar a verdade a meu favor. *O lugar onde mais vivemos em algum lugar. Eu não me lembro muito disso. Eu gostaria de lembrar o porquê.*

— Eu não sei o quanto posso te contar. — Ree não era nada senão franca. — Lorelai era do tipo que gostava de se manter para si mesma. Ela chegou na cidade fazendo algum tipo de show de cachorro e cavalo, dizendo que era

psíquica—ajudando as pessoas a ‘conectarem com seus entes queridos falecidos,’ lendo sortes. — Ree bufou. — O conselho da cidade não teria deixado ela ficar muito tempo, mas Marcela Waite é uma tola para esse tipo de coisa, e ela é conhecida por três coisas por aqui: língua solta, um marido rico e morto, e uma tendência a incomodar os membros do conselho da cidade até conseguirem o que ela quer.

Até agora, essa história era familiar.

— Sua mãe veio aqui duas ou três vezes nas primeiras semanas, com você a tiracolo. Ela era jovem. Assustada, embora tenha feito um bom trabalho em esconder isso. — Ree fez uma pausa. — Eu ofereci um emprego a ela.

— Como garçoneiro? — perguntei. Eu já tinha trabalhado como garçoneiro em um restaurante antes de Briggs me recrutar para o programa Naturals. Me perguntei se alguma parte de mim lembrava que minha mãe tinha feito a mesma coisa.

Ree fez uma careta. — Eu tenho o mau hábito de contratar garçoneiros que já viram o lado feio da vida. A maioria delas está fugindo de algo. Eu nunca soube o que isso era para a Lorelai—ela não ofereceu a informação, e eu não perguntei. Ela aceitou o emprego. Eu dei um bom desconto no aluguel.

— A casa azul com a grande árvore de carvalho — disse suavemente.

Ree assentiu. — Minha filha tinha acabado de desocupar o imóvel. Eu estava com Melody e Shane, então parecia uma pena deixar a casa vazia.

Desocupou o imóvel. Eu traduzi essas palavras com base na maneira como Ree as disse: *Ou seja, fugiu e deixou os filhos com você.*

Era fácil entender por que Ree poderia ter se afeiçoado por uma jovem mãe solteira tentando sustentar sua filha.

Lar não é um lugar, Cassie. A liturgia da minha mãe ficou comigo por anos, mas agora eu a ouvia de forma

diferente, sabendo que—mesmo que brevemente—nós já tivéssemos tido um lar.

— Minha mãe era próxima de alguém? — Perguntei a Ree, as memórias girando fora de alcance. — Estava envolvida com alguém?

— Sua mãe sempre teve um olho para homens bonitos. — Esta era Ree, tentando ser diplomática. — Mas, por outro lado, ela também tinha um olho para problemas.

Não tão diplomática.

Ree apertou os olhos para Dean. — Você é encrenca? — ela perguntou.

— Não, senhora.

Ela se virou para Michael. — E você?

Ele lhe ofereceu seu sorriso mais charmoso. — Cem por cento.

Ree bufou. — Era o que eu pensava.

A porta do restaurante se abriu então, e o Viúvo de Pico do museu de boticário entrou. Ree sorriu ao vê-lo, da mesma forma que fez quando Dean pediu biscoitos com molho.

— Você lembra do Shane? — perguntou Ree para mim. — Meu neto.

Shane. Eu senti uma memória pairando fora de alcance. Ree começou a se levantar.

— Minha mãe conhecia um homem chamado Mason Kyle? — Perguntei antes que ela pudesse sair.

Ree me olhou fixamente. — Mason Kyle? — Ela balançou a cabeça, como se tentasse limpar a mente das lembranças. — Eu não ouço esse nome há vinte e cinco anos. Ele deixou Gaither quando tinha, o quê? Dezessete anos? Bem antes de sua mãe chegar à cidade, Cassie.

Enquanto Ree se dirigia para o balcão—e para seu neto—uma das mulheres mais velhas na mesa atrás de nós estalou a língua. — Uma pena o que aconteceu com a família Kyle — ela disse. — Foi uma tragédia.

— O que aconteceu? — Sloane perguntou, se virando na cadeira.

O homem idoso jogando xadrez do outro lado de nós se virou para olhá-la. — Morreu — ele resmungou. — Por causa de *aquelas pessoas*.

Que pessoas?

— O pobre do Mason não tinha mais do que nove anos — disse a mulher que estalava a língua. — A maioria das pessoas aqui acredita que ele viu tudo.

Eu imaginei o garotinho da fotografia, depois pensei no monstro assassino em que ele se tornaria.

— Basta. — Ficou claro pelo tom da voz de Ree e pelas reações imediatas de todos ao nosso redor que a palavra dela era lei. Com um aceno de cabeça, ela se virou de volta para seu neto. — Shane, o que eu posso trazer para você—

Antes que a pergunta saísse de sua boca, Shane viu algo pela janela. Seu corpo inteiro se tencionou, e ele saiu do restaurante e correu para a rua.

Eu olhei pela janela a tempo de vê-lo caminhando em direção a um grupo de uma dúzia de pessoas. Eles andavam em linhas de quatro. *Várias idades. Várias etnias.* Cada um deles estava vestido completamente de branco.

Shane tentou se aproximar de uma garota que estava atrás dos outros, mas um homem com cabelo espesso— negro como tinta e com fios grisalhos—se colocou na frente dele.

— Vou arriscar — disse Lia, seus olhos fixos no confronto que se aproximava —, e apostar que *aquelas pessoas* são enviados do cultinho do bairro.

CHAPTER 32

Aquelas pessoas. Essa foi a frase que o homem jogando xadrez usou para descrever o assassinato da família de Mason Kyle, mais de trinta anos atrás.

Michael jogou três notas de vinte na mesa, e os cinco de nós saímos pela porta.

— Mel. — Shane tentou desviar do homem de cabelo grisalho. — *Melody*.

— Está tudo bem, Echo — o homem disse para a garota que Shane havia chamado de Melody. — Fale sua verdade.

Uma garota que eu quase reconheci—do jeito que quase reconheci Shane—deu um passo à frente. Seus olhos estavam no chão. — Eu não sou mais Melody — ela disse, sua voz leve e frágil, quase mais que um sussurro. — Não quero ser Melody. Meu segundo nome—meu verdadeiro nome—é Echo. — Ela levantou os olhos para os de seu irmão. — Eu estou feliz agora. Você não pode ficar feliz por mim?

— Feliz por você? — Shane repetiu, sua voz presa na garganta. — Mel, você nem consegue falar comigo sem olhar para ele para garantir que o que você está dizendo está certo. Você desistiu da faculdade—*faculdade*, Melody—para se juntar ao *culto* que roubou nossa mãe de nós quando éramos crianças. — Os dedos de Shane se cerraram em punhos. — Então, não, eu não posso ficar *feliz* por você.

— Sua mãe estava perdida. — O homem no comando dirigiu essas palavras a Shane, com um tom quase gentil.

— Tentamos oferecer consolo, mostrar a ela um caminho mais simples. Eu fiquei tão triste quanto você quando ela escolheu outro caminho.

— Você é a *razão* dela ter deixado a cidade! — Shane explodiu.

A postura do homem nunca vacilou. — O Serenity Ranch não é para todos. Não podemos ajudar todos, mas aqueles que podemos ajudar, fazemos. — Ele olhou para Melody, de forma tão sutil que, se eu não estivesse prestando atenção, não teria notado.

— Eu encontrei minha Serenidade — Melody recitou, sua voz sem expressão, seus olhos vidrados. — Na Serenidade, eu encontrei equilíbrio. Na Serenidade, eu encontrei paz.

— Você está usando alguma coisa? — Shane exigiu antes de se virar bruscamente para o homem com quem ele havia confrontado. — O que você deu para ela? O que você *tem dado* para ela?

O homem olhou para Shane por um momento ou dois e depois abaixou a cabeça. — Precisamos ir.

— Estamos a cerca de três segundos de Draco Malfoy ali jogar um soco — disse Michael, sua voz baixa. — Três... dois...

Shane socou o homem. Enquanto o líder do culto limpava o sangue dos lábios com o dorso da mão, ele olhou para Shane e sorriu.

Não demorou muito para o Agente Sterling encontrar informações sobre o Serenity Ranch. O homem no comando se chamava Holland Darby. Ele havia sido investigado pelas autoridades locais dezenas de vezes ao longo de mais de trinta anos, mas nunca foi provado nenhum crime.

As primeiras queixas datavam da fundação da comuna Serenity Ranch nos arredores de Gaither, mais de trinta anos atrás. De acordo com os arquivos que o Agente Sterling adquiriu, Holland Darby era um colecionador de

andarilhos e perdidos, mas ao longo dos anos, ele conquistou vários jovens locais impressionáveis para seu lado também. *Nunca ninguém com menos de dezoito anos. Nunca homens.*

Isso me disse o que eu precisava saber sobre Holland Darby. *Você pontua seus I's e cruza seus T's. Se você abrigar menores, pode cair em desgraça com a lei, e qualquer coisa que você esteja fazendo no Serenity Ranch, a última coisa que você quer é polícia na sua propriedade. Seus seguidores incluem tanto homens quanto mulheres, mas quando se trata de locais, você prefere as mulheres—quanto mais jovens, melhor, desde que sejam maiores de idade.*

— Ele trouxe Melody para a cidade como um teste. — O tom de Lia não revelou o fato de que isso era pessoal para ela, que Holland Darby tinha despertado memórias que ela mantinha bem enterradas. — Darby queria que Shane visse sua irmã. Ele queria que Melody deixasse claro que *eles* são agora sua família.

Quanto menos contato Melody tiver com sua família, mais fácil será manipulá-la, mas quanto mais vezes ela os olhar nos olhos e escolher vocês, mais certa ela estará de que eles não a perdoarão. Que eles não podem perdoá-la, e que mesmo que ela quisesse deixar o Serenity Ranch, ela nunca poderia voltar para casa.

— Claramente — Lia disse, se levantando —, o Gaither Hotel está apenas vagamente familiarizado com a ventilação adequada. — Ela puxou o cabelo para trás e para longe do pescoço. — Eu vou trocar para algo mais fresco.

A expressão de Lia nos desafiava a argumentar que a necessidade de uma troca de roupas não tinha nada a ver com a temperatura. Ao meu lado, Michael a observava caminhar para longe. Não importa o quão boa ela fosse em esconder suas emoções, ele era melhor em lê-las. *Ele sabe o que você está sentindo. Você sabe que ele sabe.*

Após um momento, Michael a seguiu para o quarto. Eu podia ver exatamente como isso iria se desenrolar—o empurrar e puxar entre eles, Michael tentando trazer as emoções dela à tona, Lia jogando o fiasco com Celine na cara dele.

— Eu acredito — disse Sloane, preenchendo o silêncio —, que há aproximadamente 87% de chance de que Michael e Lia acabem se beijando ou envolvidos em atos físicos de—

— Vamos voltar nossa atenção para o caso — interrompeu Agente Sterling. — Que tal? — Ela entrou no modo de palestra. — Houve dezenas de queixas registradas sobre o Serenity Ranch quando Holland Darby começou a comprar grandes porções de terra nos arredores da cidade, há 33 anos. Se eu tivesse que adivinhar, diria que a maioria das queixas eram infundadas ou fabricadas—ninguém queria andarilhos, fugitivos e ex-dependentes de drogas morando no que antes eram fazendas familiares. — Agente Sterling colocou aquelas queixas de lado e abriu o arquivo mais grosso. — Aproximadamente nove meses após o estabelecimento do Serenity Ranch, o departamento do xerife local iniciou uma investigação sobre o envolvimento do grupo nos assassinatos de Anna e Todd Kyle.

— Os pais da Nightshade? — Eu perguntei. Sterling assentiu. Na próxima hora, ela, Dean, Sloane e eu fomos analisando cada pedacinho de evidência que a investigação havia conseguido obter.

Não era muita coisa.

Na época dos assassinatos, Anna e Todd Kyle eram um jovem casal casado com um filho de nove anos. O pai de Anna, Malcolm Lowell, morava com eles. Lendo nas entrelinhas, eu deduzi que Malcolm era o dono do dinheiro—o que possuía a casa, o que se recusou a vender suas terras para Holland Darby quando o intruso estava comprando todas as propriedades dos vizinhos. Houve

algum tipo de alteração envolvendo os dois homens. Palavras foram trocadas. Ameaças foram implícitas.

E naquela noite, alguém invadiu a casa de Malcolm Lowell, massacrou sua filha e seu genro, e atacou Malcolm de forma brutal, esfaqueando-o dezessete vezes e deixando-o para sangrar até a morte no chão. De acordo com o relatório da polícia, o filho de nove anos, Mason, estava em casa o tempo todo.

Você os ouviu gritar? Você se escondeu? A velha do restaurante tinha dito que a maioria das pessoas em Gaither acreditava que Mason Kyle havia visto os pais sendo assassinados, mas o relatório não indicava nada disso.

Malcolm—o avô da Nightshade—foi quem ligou para o 911. Quando a ajuda médica chegou, ele estava segurando sua vida por um fio. O velho sobreviveu. Sua filha e genro não. Após o ataque, Malcolm Lowell não conseguiu fornecer uma descrição física de seu atacante, mas a suspeita recaiu quase imediatamente sobre os moradores do Serenity Ranch.

— Eu estou trabalhando em uma linha do tempo. — Sloane havia aproveitado o bloco de notas complementar do hotel, arrancando página após página e espalhando-as pelo chão, rabiscando uma nota em cada uma. Ela apontou para a mais à esquerda. — Há 33 anos, Holland Darby estabelece sua comuna nos arredores da cidade. Menos de um ano depois disso, Anna e Todd Kyle são assassinados. Há 27 anos, o Mestre do veneno que eventualmente escolheria Nightshade como seu aprendiz matou nove pessoas, completando sua iniciação no ranking dos Mestres.

Eu segui a lógica do cálculo de Sloane: Nightshade havia completado seus assassinatos de iniciação seis anos antes. O culto operava em um ciclo de 21 anos. Portanto, o Mestre do veneno anterior ao Nightshade foi iniciado de dois a três anos *depois* dos assassinatos de Anna e Todd Kyle.

Qual é a conexão?

— Cenário um — eu disse. — O Mestre que eventualmente treinou Nightshade como seu aprendiz morava em Gaither na época dos assassinatos. Sabemos que os Mestres favorecem Pythias que têm violência e abuso em seu passado—é possível que um critério semelhante seja usado na seleção dos assassinos. — Fechei os olhos por um momento e deixei a lógica tomar conta. — O Mestre anterior sabia o que Mason tinha visto e sobrevivido, e o marcou para recrutamento.

Dean encontrou meu olhar. — Cenário dois: Eu sou o Mestre que recrutou Nightshade. Eu também sou a pessoa que matou Anna e Todd Kyle. Eu nunca fui pego, e o caso teve apenas atenção suficiente da mídia local para atrair a atenção dos Mestres, que ofereceram canalizar meu potencial para *muito mais*. — Ele passou a ponta dos dedos da mão direita sobre a minha esquerda. — Eu aceitei a oferta e aprendi a matar sem deixar vestígios, sem misericórdia.

Ao meu lado, Sloane estremeceu.

— Anos depois — Dean continuou em voz baixa —, quando chegou a hora de eu escolher um aprendiz, me lembrei de Mason Kyle. Talvez eu não tenha percebido que ele estava na casa quando matei sua família. Ou talvez — ele continuou, com uma voz nada parecida com a sua —, eu escolhi deixá-lo viver. De qualquer forma, ele é meu.

O silêncio caiu sobre a sala. Se os pais de Nightshade tivessem sido assassinados por um dos Mestres, resolver o caso dos Kyle poderia nos levar diretamente à pessoa que recrutou Nightshade.

Encontre um Mestre, siga o rastro.

— Cenário três. — Agente Sterling, que estava surpreendentemente quieta enquanto Dean e eu organizávamos nossos pensamentos, acrescentou sua voz à conversa. — O UNSUB nos assassinatos dos Kyle matou os pais de Nightshade *para que* o pequeno Mason Kyle ficasse mais propenso a se tornar um assassino algum dia. — Ela se levantou e começou a andar pela sala. Nunca a vi

tão concentrada. — Eu conheço o caso de Nightshade como a palma da minha mão. O assassino que procurávamos era brilhante, narcisista, com uma necessidade de vencer e superar todos os concorrentes. E ainda assim, durante sua última interrogatória, Nightshade aceitou que a Pythia iria mandá-lo matar. Ele não lutou contra isso. Ele não virou contra os outros Mestres para se salvar.

— Ele era leal, — eu traduzi.

— Você acha que essa lealdade pode vir da infância. — Dean levantou seu olhar para o de Sterling. — Você acha que nosso UNSUB começou a preparar Nightshade para se juntar aos Mestres quando ele era apenas um menino.

Sloane franziu a testa. — Os pais de Nightshade foram mortos mil oitocentos e oitenta e sete dias *antes* que o Mestre de Nightshade completasse seus próprios assassinatos de iniciação, — ela apontou. — A menos que haja anomalias no contínuo espaço-tempo, parece improvável que alguém tenha começado a preparar um aprendiz para tomar seu lugar antes que essa pessoa *tivesse* um lugar.

As mãos de Sloane tremiam, um claro sinal de ansiedade. Ela se acalmou, virando-se para o restante da linha do tempo. — Nove anos depois que os pais de Mason Kyle foram assassinados, Mason deixou Gaither e nunca mais voltou. Isso coloca sua saída em cerca de vinte e quatro anos atrás. Cerca de doze anos depois disso, Cassie e sua mãe se mudaram para a cidade. — Os olhos azuis de Sloane se voltaram para os meus. Eu podia ver que ela tentava calcular as chances de continuar isso me ferir.

Eu a poupava do trabalho. — Seis anos depois que minha mãe e eu saímos de Gaither, Nightshade matou nove pessoas, tomando seu lugar na mesa dos Mestres. Menos de dois meses depois disso, minha mãe foi levada.

Minha mãe e Nightshade viveram nesta cidade mais de uma década separadas. Mas um ou mais dos Mestres devem ter continuado a observá-las depois disso. *Você tem*

uma memória longa. Você tem um olhar para o potencial. E você pode ser muito, muito paciente.

— Assumindo que o ataque à família Kyle tenha sido perpetrado por alguém com dezesseis anos ou mais, — disse Sloane, — estamos procurando um UNSUB com pelo menos seus quarenta e poucos anos—e possivelmente substancialmente mais velho.

Pensei nos idosos do restaurante, no velho que nos convidou para o museu da botica.

— Precisamos saber o que a polícia não colocou no arquivo oficial, — disse Dean. — Fofocas. Teorias.

— Felizmente para vocês, — comentou Lia, entrando de volta na sala, — fofoca é uma das minhas especialidades. — Ela estava usando uma saia longa preta e uma blusa de várias camadas que caía sobre seus ombros. Ela havia delineado os olhos com um lápis escuro e usava pulseiras de cobre de dois centímetros de largura nos pulsos. — Em uma escala de um a dez, — ela disse, — quão psíquica eu pareço?

— Seis vírgula quatro, — Sloane respondeu sem hesitar.

— Psíquica? — Eu perguntei. Estava bastante certo de que não queria saber onde isso ia dar.

— Lia e eu estávamos falando sobre nossa pequena conversa com Ree no Not-A-Diner, — Michael disse, aproximando-se de Lia com uma expressão no rosto que me fez pensar que eles tinham feito muito mais do que conversar. — E ambos parecíamos nos lembrar de Ree dizendo algo sobre uma viúva de língua afiada e uma predileção por psíquicos.

Lia ergueu uma sobrancelha para mim. Eu conhecia aquele levantamento de sobrancelha. Não soava nada bem.

— De jeito nenhum, — eu disse. — Passei a maior parte da minha infância ajudando minha mãe a enganar as pessoas, fazendo-as acreditar que ela era psíquica. Não vou te ajudar a fazer o mesmo.

Sloane olhou para mim, olhou para Lia, depois olhou para mim novamente. — Há uma probabilidade muito alta, — ela sussurrou, — de que Lia esteja prestes a te dizer que você está mentindo.

CHAPTER 33

Podia ser pior, eu disse a mim mesma enquanto ajustava o alfinete da câmara no meu paletó e Lia se inclinava para tocar a campainha da casa da fofqueira da cidade. *Lia poderia ter escolhido uma maneira mais destrutiva de lidar com seus problemas.*

— Posso ajudar você? — A mulher que atendeu a porta estava na casa dos cinquenta, com cabelos vermelhos vivos que não pareceriam naturais nem se ela tivesse duas décadas a menos. Seu estilo de moda tendia ao justíssimo e brilhante.

Você usa batom rosa choque, mesmo em sua própria casa. A casa é clássica, discreta—tudo o que você não é.

— Se você é Marcela Waite, acredito que podemos ajudar você, — murmurou Lia.

Até a credibilidade de uma mentirosa natural só nos levaria até certo ponto. Por mais que eu odiasse fazer isso, eu peguei a rédea. — Meu nome é Cassie Hobbes. Você conheceu minha mãe, Lorelai. Ela ajudava você a se conectar com seus entes queridos do outro lado.

Reconhecimento brilhou nos olhos de Marcela.

— Quarenta e quatro por cento dos psíquicos acreditam em OVNI's, — Sloane disparou. — Mas o dobro acredita em extraterrestres.

— O reino dos espíritos fala com Sloane em números, — disse Lia solenemente.

— Você tem quatro cães enterrados no seu quintal, — Sloane balançou para trás sobre seus calcanhares. — E

ocê trocou quatrocentos e setenta e nove telhas no seu telhado no ano passado.

A mão de Marcela voou até o peito. Claramente, não tinha ocorrido—e não ocorreria—para ela que Sloane era simplesmente boa em matemática e extremamente observadora.

— Você tem alguma mensagem para mim? — Marcela perguntou, com os olhos brilhando.

— Minha mãe faleceu há vários anos, — eu disse, mantendo a história que contamos para Ree. — Eu vim para Gaither para espalhar suas cinzas, mas antes de fazer isso...

— Sim? — Marcela disse, ofegante.

— O espírito dela pediu que eu viesse aqui e fizesse uma leitura para você.

Eu era uma pessoa horrível.

Enquanto Marcela Waite nos servia chá e se sentava na frente de mim em sua sala de estar formal, eu empurrei para baixo uma pontada de culpa e me forcei a focar em seu BPE. *Comportamento. Personalidade. Ambiente.*

Esta era a casa do seu marido. Ele veio de uma família rica. Você não. Ele nunca te pressionou a mudar, e você não mudou—mas você também não alterou a decoração dele. Meu instinto dizia que ela o amava.

— Você é uma pessoa muito espiritual, — eu disse, me sentindo mais como minha mãe do que fazia muito tempo. — Sinto que você tem um pouco do Dom também.

A maioria das pessoas gostava de se considerar intuitiva, e 90% desse trabalho era dizer ao cliente o que eles queriam ouvir.

— Você tem tido sonhos, — eu continuei. — Conte-me sobre eles.

Enquanto nossa anfitriã começava a descrever o seu sonho da noite anterior, eu me perguntei como minha mãe conseguia fazer isso por tantos anos.

Você fez o que tinha que fazer, pensei. Você fez isso por mim. Mas, no fundo, eu também tinha que admitir, Você gostava de jogar o jogo. Você gostava do poder.

Demorei um momento para perceber que Marcela havia parado de falar.

— Há dois lados para o sonho que você descreveu, — eu disse automaticamente. — Os diferentes lados representam dois caminhos, uma decisão que você tem que tomar.

O truque no ofício de minha mãe sempre foi permanecer vaga até o cliente lhe dar pistas sobre como proceder.

— Novo contra antigo, — eu continuei. — Perdoar ou não perdoar. Pedir desculpas ou morder a língua. — Não houve reação de Marcela, então eu fui um pouco mais pessoal. — Você se pergunta o que seu marido gostaria que você fizesse.

Isso abriu as comportas. — A irmã dele tem sido tão amarga comigo! É engraçado como ela me olha de cima para baixo quando *ela* está no casamento número quatro!

A irmã do seu marido nunca achou que você fosse boa o suficiente para ele—e ela te fez saber isso desde o primeiro dia.

Sloane clearing a garganta. — Há cinquenta e seis anagramas do nome Marcela, incluindo *caramel, a calmer e lace arm.*

Marcela deu um grito. — Caramel era o doce favorito do Harold. — Ela franziu a testa. — Harold quer que eu seja mais calma? Mais paciente com a irmã dele?

Lia pegou isso como um sinal. — Eu cheiro caramelo, — disse ela, seus olhos focados em algo à distância. — Harold está aqui. Ele está conosco. — Ela agarrou minha mão enquanto voltava seu olhar pesado para Marcela Waite. — Ele quer que você saiba que ele sabe como a irmã dele pode ser.

— Ele nem sempre via isso quando estava vivo, — eu acrescentei, elaborando a declaração de Lia para torná-la mais consistente com o perfil de Marcela. — Mas ele vê tudo agora. Ele sabe que é difícil, mas está contando com

você para ser a pessoa maior. Porque ele sabe que você pode ser.

— Ele disse isso? — Marcela perguntou suavemente.

— Ele não diz muito, — eu respondi. — Em forma de espírito, ele não precisa.

Marcela fechou os olhos e abaixou a cabeça. *Você precisava ouvir que ele te apoia. Você precisava se lembrar que ele também te amava.*

Eu quase poderia acreditar que estávamos fazendo algo bom aqui, mas então Lia arqueou as costas, seu corpo se contorcendo em uma posição antinatural.

—*Ajuda.*— Lia deu uma risada com a voz alta, como unha arranhando o quadro-negro. —*Eu não consigo encontrar meu filho. Há sangue. Tanto sangue.*—

Eu dei à mão de Lia um aperto de aviso. Não era assim que eu teria escolhido levar a conversa para os assassinatos de Kyle, mas Lia—em verdadeira forma Lia— não me deixou muita escolha.

Forcei-me a não revirar os olhos. — Diga seu nome, espírito, — eu disse.

— Anna, — Lia sibilou. — Meu nome era Anna.

CHAPTER 34

Felizmente para nós, Marcela Waite—como a maioria dos fofoqueiros e amantes de leggings de lamê dourado—tinha um senso de melodrama bem apurado. Eu estava bastante certa de que ela tinha apreciado a performance de Lia ainda mais do que falar com seu falecido marido.

— Deve ter sido Anna Kyle, — Marcela nos disse, batendo as unhas vermelhas contra o lado de sua xícara de chá. — Eu tinha dezenove anos quando ela e o marido foram assassinados. Aquela pobre mulher.

— O que aconteceu? — perguntei. Havíamos feito nossa apresentação. Agora era hora de a fofoqueira da cidade fazer a dela.

— Anna Kyle foi esfaqueada até a morte na própria cozinha. O marido também, — Marcela disse em uma voz sussurrada. — E o pai de Anna mal sobreviveu.

— E o filho dela? — perguntei. — Ela disse que não conseguia encontrar o filho.

— Ele estava lá, — Marcela nos contou. — Viu tudo. Isso ecoou o que ouvimos no restaurante, mas contradizia o relatório oficial que o Agente Sterling tinha encontrado. — Se você me pergunta, tem algo de estranho com aquele menino. Ele era bagunceiro, sempre correndo por aí com as crianças de *aquelas pessoas*.

Eu guardei a referência a *aquelas pessoas* para consideração futura.

— Que horrível, — Lia murmurou. — É um milagre que o assassino tenha deixado o menino vivo.

Marcela apertou os lábios. Mesmo sem Michael presente para lê-la, eu reconheci o olhar de uma mulher prestes a dizer algo que sabia que não deveria.

— Eu não sou de fofocar, veja bem, — Marcela se esquivou, — mas algumas pessoas dizem que o pequeno Mason conhecia o assassino. Algumas pessoas acham que ele não apenas testemunhou os assassinatos. — Ela abaixou a voz para um sussurro. — Elas acham que ele assistiu.

Sloane franziu a testa. — Por que alguém acharia isso?

—

Marcela não tentou resistir à resposta. — Eu te contei sobre o pai de Anna? Ele foi esfaqueado repetidas vezes, teve que passar por uma cirurgia, e quando acordou, disse à polícia que nunca viu o agressor.

— Mas? — Lia insistiu.

— Mas depois disso, Malcolm Lowell se recusou a ter qualquer coisa a ver com o neto. Ele não quis ficar com a custódia de seu próprio sangue, não conseguia nem *olhar* para ele. O velho Malcolm nunca mais falou uma palavra para o menino.

Eu podia ver como isso se desenrolaria em uma cidade pequena, como já havia acontecido em Nightshade. *No começo, as pessoas sentiam pena de você. Mas depois que seu avô acordou, depois que ele insistiu para a polícia que não tinha visto seu agressor, as pessoas começaram a fazer perguntas. E se ele estava mentindo? E se estava protegendo alguém?*

E se esse alguém fosse você?

— O que aconteceu com Mason? — Sloane perguntou, suas mãos se preocupando uma com a outra no colo. — Os pais dele morreram. A família dele não o quis. Para onde ele foi?

A pergunta tocou perto de casa para Sloane.

— Um casal local adotou o menino Kyle, — Marcela disse, tomando outro gole de chá. — Hannah e Walter Thanés.

— Eles ainda moram em Gaither? — Lia perguntou casualmente.

Marcela colocou sua xícara de chá no pires. — Hannah faleceu há alguns anos, mas Walter ainda é local. Ele cuida do museu de farmácia na Main Street.

VOCÊ

Você sabe melhor do que aproveitar os momentos de silêncio. Você sabe melhor do que assistir Laurel dormir e pensar, mesmo por um momento, que ela é apenas uma criança.

— Ela parece tranquila, não parece? — A voz de Five é como óleo sobre sua pele.

Ele está segurando a faca.

— O que você está fazendo aqui? — Às vezes, vale a pena ser arrogante, lembrar aos sádicos que, embora você possa estar à mercê deles, eles também estão à sua mercê.

— Recebi uma notícia interessante de um velho amigo.

Você não morde a isca.

Five sorri com o seu silêncio. — Parece que o FBI fez uma aparição em Gaither. — Ele arrasta um dedo sobre a lâmina da faca. Levemente. Cuidadosamente.

Você lhe dá um olhar vazio. — O que o FBI está ou não fazendo não é da minha conta.

— É sim, — Five respondeu, pressionando a lâmina da faca na ponta do próprio dedo e fazendo sangue sair, — quando envolve sua filha.

CHAPTER 35

Os outros nos encontraram do lado de fora do museu da farmácia.

— Sterling está em conflito sobre nos deixar ir para a linha de frente, Judd tem aquele olhar no rosto quando está pensando sobre Scarlett, e o Agente Starmans desesperadamente precisa ir ao banheiro, — Michael murmurou para Lia e para mim. — Caso estivessem se perguntando.

Olhei para o Agente Starmans, que rapidamente se desculpou para usar o banheiro lá dentro. Judd colocou a mão no bolso de trás, tirou a carteira de couro desgastada e entregou uma nota amassada de vinte dólares para Sloane.

— Doação, — ele disse a ela. — Para o museu.

Quando Sloane fechou a mão ao redor da nota, eu deixei meus olhos se encontrarem com os do Agente Sterling. *Você odeia que seja eu quem tenha uma razão plausível para fazer perguntas. Você odeia que as pessoas em Gaither falem comigo. Mas, mais do que tudo, você odeia que não odeie tanto nos colocar na linha de fogo quanto deveria.*

Dean alcançou a porta do museu e a segurou para Sterling. — Depois de você, — ele disse, um gesto que um observador poderia tomar como cavalheirismo do Sul, mas que eu reconheci como uma promessa não dita: seguiríamos sua liderança.

Sterling entrou primeiro, e os outros a seguiram.

— Boa tarde, pessoal. — Walter Thanes estava atrás do balcão, parecendo mais uma relíquia do que qualquer coisa exposta nessas paredes.

Sloane estendeu a nota que Judd havia dado a ela. Thanes assentiu para uma caixa de madeira no balcão. Quando Sloane colocou o dinheiro na caixa, forcei-me a desviar o olhar do homem que criou Nightshade e comecei a observar as prateleiras.

Centenas de frascos com rótulos desbotados cobriam uma parede. Ferramentas enferrujadas estavam em exibição orgulhosa à frente de frascos de vidro nublado. Sobre o balcão, abaixo delas, havia um grosso livro encadernado em couro, com as páginas amareladas e a tinta desbotada pelo tempo. Quando eu li o título manuscrito na parte superior, meu coração parou no peito.

Registro de Venenos—1897.

Pensei em Nightshade, no veneno que ele usou para matar Scarlett Hawkins—indetectável, incurável, doloroso. Eu reprimi um calafrio enquanto uma presença ao meu lado lançava uma sombra sobre a página.

— Para comprar medicamentos que poderiam ser venenosos, os clientes eram obrigados pela farmácia a assinar por eles, — Walter Thanes passou a ponta do dedo suavemente sobre as entradas no registro. — Láudano. Arsênico. Beladona.

Forcei minha atenção a se afastar da página aberta e me concentrei no velho homem.

Thanes sorriu suavemente. — A linha entre medicina e veneno era bem tênue, sabia? —

Essa linha te atrai. Imediatamente, meu cérebro entrou em alta velocidade. *Você acha os venenos fascinantes. Você levou Nightshade para dentro quando ele era apenas um menino.*

— O museu foi uma farmácia de verdade em algum momento? — perguntou o Agente Sterling, afastando a atenção do nosso suspeito de mim.

Thanes juntou as mãos na frente do corpo e atravessou a sala em direção a ela. — Ah, sim. Meu avô administrava a farmácia de Gaither quando era jovem. —

— Uma arte morrendo, — murmurou Sterling, — mesmo naquela época.

Essas palavras registraram-se em Thanes. Ele gostava dela, gostava de falar com ela. — Você tem uma boa turma aqui, — comentou ele.

— Minha sobrinha e seus amigos, — respondeu Sterling com suavidade. — Cassie e sua mãe moraram aqui quando Cassie era jovem. Quando ouvi que o grupo todo estava planejando uma viagem a Gaither, achei que eles poderiam precisar de alguma supervisão adulta.

Lia se aproximou de mim, dando toda a impressão de estar encantada com uma balança antiga da mesma cor e textura de um centavo enferrujado. — Curiosidade, — o detector de mentiras disse em voz baixa. — A parte sobre supervisão adulta era verdade.

Atrás de nós, Thanes processou a afirmação do Agente Sterling. — Suponho que isso a tornaria a irmã de Lorelai.

Ouvir o nome da minha mãe nos lábios dele teve um efeito visceral sobre mim. Eu queria virar para enfrentá-lo, mas meus pés estavam colados ao chão.

Você conheceu minha mãe.

— Você tem filhos? — perguntou o Agente Sterling, a pergunta completamente natural—e completamente inofensiva—nos lábios dela. Eu segui ao longo da parede externa, virando-me para que eu pudesse espiar a reação do velho homem.

— Raiva, — Michael murmurou, vindo atrás de mim e falando diretamente no meu ouvido. — Amargura. Saudade. — Ele ficou quieto por um momento. — E culpa.

O fato de Michael ter mencionado culpa por último me disse que era a mais tênue das três. *Porque se desfez com o tempo? Perguntei-me. Ou porque você é incapaz, por natureza, de sentir mais do que o menor desconforto?*

— Eu tive um menino, — A resposta do velho homem à pergunta de Sterling foi curta e áspera. — Mason. Fugiu quando tinha uns dezessete anos. Quase partiu o coração da minha esposa.

Um olhar para Lia me disse que ela não detectou nenhuma mentira nessas palavras.

— Mason, — repeti, fazendo minha melhor imitação de uma adolescente curiosa. Hesitei, então disse: — Algumas pessoas estavam falando na Ree's esta manhã. — Evitei o olhar, com um tom de hesitação suficiente para sugerir que eu sabia que não deveria falar o que estava prestes a dizer. — Sobre os assassinatos de Anna e Todd Kyle...

— Cassie, — minha “tia” disse, com firmeza, reforçando a ideia de que eu era uma criança que acabara de ultrapassar um limite.

— Foi uma coisa horrível. — Thanos fechou os dedos ao redor de uma garrafa antiga marcada com um crânio. — Nunca gostei do pai da Anna. Casou com uma moça local, mas nunca fez muito esforço com o pessoal daqui da cidade. A esposa dele morreu quando a Anna tinha uns seis anos, e ele criou aquela menina sozinho naquela casa grande no morro—boa demais para esta cidade, desde o primeiro dia. — Ele balançou a cabeça, como se tentasse afastar as lembranças. — Malcolm ignorava a gente, mas brigava com Holland Darby e seus seguidores. Isso nunca termina bem para ninguém por aqui.

Olhei para a Agente Sterling, como se estivesse debatendo se valia a pena ou não continuar segurando a língua. — Anna e Todd Kyle foram assassinados. E o filho deles... Mason...

O velho me encarou por um momento. — Minha esposa e eu não pudemos ter filhos. Parecia a coisa cristã a se fazer. E o Mason... — Thanos fechou os olhos. — Mason era um bom garoto.

Com base em como a conversa se desenrolou, eu conseguia ver duas versões possíveis de Walter Thanos. Uma era a de um homem velho que tentara fazer o seu

melhor por um garoto danificado que lhe agradeceu indo embora assim que teve idade suficiente para deixar a poeira de Gaither para trás. A outra era a de um ator incrível, cuja dor tinha menos a ver com o menino que saiu da cidade e mais com o homem em que Mason Kyle se transformara.

Nightshade havia falhado nos Mestres.

Nightshade havia sido pego.

Nightshade havia se tornado um problema.

O som de um sino me arrancou dos meus pensamentos quando a porta da frente do museu se abriu. Instintivamente, me virei, ocupando-me com outra prateleira de relíquias.

— Walter, — A voz que cumprimentou Thanes era suave e agradavelmente afinada. *Não confrontadora.*

— Darby, — Thanes ofereceu pouco mais do que uma saudação seca em resposta. — Posso te ajudar em algo?

Darby, pensei, de repente feliz por ter me virado. Como em Holland Darby?

— Eu entendo que o Shane teve um problema com meu pai, — Essas palavras calmamente faladas preencheram as lacunas. O falante não era o Darby mais velho. Era— aparentemente—seu filho. — Eu estava esperando conversar com o garoto.

— Tenho certeza de que o Shane ficaria grato pela sua preocupação, doutor, — Thanes disse, com um tom que sugeria o oposto. — Mas eu dei a ele a tarde livre, disse para ele ajeitar as coisas antes de voltar aqui.

A resposta do filho de Darby foi medida. — Eu odiaria ver Shane processado por agressão. E nós dois sabemos que meu pai é capaz de provocá-lo até uma confrontação e depois pressionar as acusações.

Houve outro longo silêncio, e então Walter Thanes mudou de assunto abruptamente. — Essas pessoas estavam fazendo perguntas sobre o Mason, sobre o que aconteceu com Anna e Todd Kyle. Talvez eu não seja a pessoa a quem deveriam perguntar.

Lembrei-me do que Marcela Waite havia dito sobre Mason Kyle andando com as crianças de “aquelas pessoas.”

Você era amigo de Mason Kyle. Meu cérebro começou a trabalhar a todo vapor enquanto eu me virava para olhar melhor o homem. A Agente Sterling deu um passo à frente, atraindo sua atenção antes que seu olhar pudesse se fixar em mim.

Este Darby tinha o cabelo escuro do pai, mas mais espesso e sem nenhum vestígio de grisalho. Seus olhos eram de um azul claro, quase transparente. Eu o colocaria na faixa dos quarenta e poucos anos, nada disso explicava como minhas unhas estavam cavando nas palmas das minhas mãos no segundo em que eu o vi.

Um peso pesado se instalou no fundo do meu estômago. Minha boca secou, e de repente não estava mais no museu. Eu estava segurando uma corda de balanço, observando enquanto uma versão mais jovem do mesmo homem ria e balançava minha mãe até a beira do corrimão da varanda.

Ela também estava rindo.

Saí da memória a tempo de registrar a apresentação do homem. — Kane Darby, — disse ele, estendendo a mão para a Agente Sterling. — Sou médico local, e como você provavelmente já percebeu, meu pai não é muito querido por aqui.

Kane. Meu cérebro se agarrou ao nome. Ouvi minha mãe dizendo-o. Vi-a parada à luz da lua, com a mão entrelaçada na dele.

— Você estava perguntando sobre Mason Kyle? — Kane continuou, tão calmo e equilibrado que eu sabia que ele tinha uma habilidade natural com os pacientes. — Fomos colegas de infância, embora não tenhamos tido muito contato após o assassinato dos pais dele.

Eu deveria ter olhado para Lia em busca de algum sinal sobre se Kane Darby estava falando a verdade. Eu deveria ter me jogado na análise do homem.

Mas eu não fiz isso.

Eu não consegui.

Sentindo como se as paredes estivessem se fechando, passei por Lia, por Michael, por Dean, o mundo se desfocando até que eu consegui sair pela porta.

CHAPTER 36

Minha mãe nunca foi o tipo de mulher a se apaixonar perdidamente. Ela se envolveu com meu pai quando ainda era adolescente, desejando escapar da casa de seu pai abusivo. Mas quando descobriu que estava grávida, fugiu, não só de seu pai, mas também do meu.

Tudo o que eu conseguia pensar, enquanto Dean me seguia para fora—Lia, Michael e Sloane logo atrás dele—era que Kane Darby havia segurado a mão da minha mãe. Ele havia dançado com ela à luz da lua.

Ele a fizera sorrir.

Sua mãe sempre teve um olhar para homens bonitos. As palavras de Ree ecoaram na minha cabeça. Por outro lado, ela também tinha um olhar para encrenca.

Tentei me lembrar de algo, *qualquer coisa* sobre o relacionamento da minha mãe com o filho do líder do culto, mas não consegui lembrar de nada. Meu tempo em Gaither era um buraco negro.

Olhando essa perda de memória com os olhos de uma profiler, fiz a pergunta óbvia. *O que meu subconsciente está tentando tanto esquecer?*

Atravessei a rua. Vagamente, estava ciente de que os outros estavam perto de mim, que o Agente Starmans havia reaparecido e estava seguindo-nos a uma distância discreta.

— Vou me arriscar e adivinhar que Kane Darby tem problemas com o pai, — Michael me fez o favor de não comentar sobre *meus* sentimentos. — O bom doutor

realmente foi tão calmo quanto parecia—até o ponto em que mencionou o pai dele.

— E quanto a Mason Kyle? — Perguntei. — O que Kane Darby sentiu quando ouviu o nome de Nightshade?

— Às vezes, uma emoção pode mascarar outra, — Michael fez uma pausa. — O que eu senti do bom doutor foi uma combinação de raiva, culpa e receio. O que quer que tenha sido enterrado lá por baixo, esse coquetel particular de emoções é algo que Kane Darby já sentiu antes. Essas três emoções estão entrelaçadas para ele, e quando elas chegam, chegam todas de uma vez.

— Raiva de que outra pessoa tenha todo o poder e você não tenha nenhum, — Lia caminhou à frente de todos nós, virando-se para caminhar para trás, leve nos pés. — Culpa, porque você foi condicionado a acreditar que não há pecado maior do que pensamentos desleais. — Ela se virou novamente. — E receio, — ela terminou suavemente, com o rosto escondido, — porque você sabe, lá no fundo, que será punido.

Você não está falando sobre Kane Darby.

— Em outras palavras, — Michael traduziu, agindo como se Lia não tivesse acabado de nos mostrar um vislumbre de suas cicatrizes mais profundas, — o bom doutor tem problemas com o pai.

Como Lia, Kane Darby foi criado em um culto. Com base no fato de ele ter falado negativamente sobre o pai, presumi que, como Lia, ele tenha saído.

Mas você não saiu da cidade. Você não cortou todos os laços. Você não começou de novo.

— Kane Darby e minha mãe se envolveram, — admiti. Lia havia sido honesta. O mínimo que eu devia ao grupo era o mesmo. — Não me lembro de muito, mas pelo que consegui juntar... — Fechei os olhos, imaginando o olhar no rosto da minha mãe, minha garganta se apertando ao pronunciar as palavras. — Ela pode ter amado ele.

Houve uma pausa de silêncio, e então Sloane pegou a conversa. — Contando o porteiro na recepção e vários

encontros casuais, falamos com uma dúzia de cidadãos de Gaither nas últimas três horas. E de todas as pessoas com quem falamos ou observamos, há apenas uma pessoa com quem identificamos um relacionamento próximo de algum tipo com tanto Nightshade quanto com a mãe da Cassie.

Kane Darby. Eu me forcei a lembrar de algo mais sobre ele, qualquer interação que eu tenha tido com ele quando criança, não importando quão pequena fosse.

— Darby, o mais novo, teria apenas dez anos quando os pais de Nightshade foram assassinados, — comentou Dean.

— E eu tinha nove, — retrucou Lia, suavemente, — quando matei um homem. Crianças são capazes de coisas horríveis, Dean. Você sabe disso.

Às vezes, pensei, vendo o mundo pelos olhos de Lia, você tem que se tornar o monstro para sobreviver.

Pensei em Laurel, mantida cativa junto à minha mãe; em Kane Darby, crescendo sob o domínio do pai; em Nightshade, cujos pais haviam sido assassinados em sua própria casa. E então pensei nas lacunas na minha própria memória, o quanto do que eu pensava saber sobre minha própria infância acabou sendo uma mentira.

— Precisamos de mais informações sobre Kane Darby, — disse, meu estômago se virando enquanto um plano se formava na minha mente. — E acho que sei como obtê-las.

VOCÊ

Você deveria saber que isso aconteceria, que Cassie lembraria. A roda gira. O dado foi lançado.

É apenas uma questão de tempo até que os Mestres peçam para você passar o julgamento.

Você não mostrou fraqueza quando Cinco lhe contou sobre a chegada de sua filha em Gaither, nenhum indício de que suas palavras atingiram o alvo. Mas nas horas seguintes, você sentiu a mudança chegando, sentiu-se à beira de se tornar outra pessoa.

Alguma coisa diferente.

Quando o acólito—não mais um aprendiz, ainda não um Mestre—vem apresentar seu trabalho para sua aprovação, para adicionar um diamante à coleção ao redor de seu pescoço, você está pronto.

Este é jovem. Este quer sua admiração. Este você pode usar.

Você escuta. Você sugere. Você coloca a mão levemente sobre a carne de seu peito, traçando um símbolo—sete círculos ao redor de uma cruz. Você sussurra no ouvido do acólito.

Você é poderoso, murmura. Você será o melhor entre eles, se escolher bem seus alvos.

Você oferece imortalidade se ele for digno. Se ele fizer o que você diz.

Lorelai se arrepiaria com suas palavras—com seu plano. Mas Lorelai não está mais aqui. Cassie não precisa de Lorelai.

Ela precisa da Pítia.

Ela precisa do monstro.
Ela precisa de você.

CHAPTER 37

Quando a Agente Sterling nos alcançou, ela mandou todos de volta para o hotel, exceto Dean e eu. Eu disse a ela o que queria fazer. Ela me fez expor os prós e contras. Ela me fez reviver tudo de novo, várias vezes. Ela ouviu meus argumentos e, finalmente, concordou. Os três voltaríamos para a casa azul e charmosa onde eu passei um ano da minha infância. A menos que surgissem complicações imprevistas, eu veria se o morador atual me deixaria vasculhar o lugar. Com sorte, talvez conseguíssemos reavivar algumas memórias.

Eventualmente, a Agente Sterling teria que revelar sua identidade e abordar Kane Darby como agente do FBI. Eventualmente, poderíamos interrogá-lo diretamente sobre Nightshade e minha mãe. Mas por agora, precisávamos saber com quem estávamos lidando, e essa informação estava trancada na minha mente.

— Eu diria que você não precisa fazer isso, — murmurou Dean enquanto a casa aparecia à vista, — mas eu sei que você precisa.

Menos de um ano atrás, eu havia ido com Dean até a casa de sua infância. Eu me agachei na terra com ele, procurando pelas iniciais de sua mãe em uma cerca de madeira desgastada pelo tempo. Naquele momento, nem me ocorreu que algum dia ele poderia estar retribuindo o favor.

— Talvez devêssemos ter trazido o Townsend conosco.

O comentário de Dean me fez levantar uma sobancelha. — Para ele fazer comentários inadequados e aliviar o clima? Ou para ele te contar exatamente o que eu estou sentindo?

Dean considerou sua resposta muito cuidadosamente. — Aquele que não vai me render um discurso sobre como você pode se cuidar sozinha.

Eu resmunguei e caminhei até a varanda. Quando subi os degraus, o segundo deles rangia.

“Peguei você!” Eu salto do degrau para a varanda e envolvo meus braços ao redor da mamãe antes que o rangido me denuncie.

“Pelo contrário...” Mamãe me pega e me balança de cabeça para baixo. “Eu que peguei você!”

— Cassie, — a voz de Dean cortou a memória. A princípio, pensei que ele estivesse preocupado comigo, mas, ao processar meu entorno, percebi que ele estava mais preocupado com a pessoa que acabara de abrir a porta da frente.

— Shane, — eu disse, observando a aparência do neto de Ree. De algum modo, não esperava que a casa estivesse ocupada. — Não sei se você se lembra de mim, mas eu costumava morar aqui.

Shane me olhou com o mesmo desprezo que havíamos recebido dele no museu. — E daí?

— Então, eu gostaria de dar uma olhada, — respondi. — Não sei quanto sua avó te contou—

Antes que eu pudesse terminar o pensamento, Shane entrou de volta na casa. Ele deixou a porta bater atrás dele, mas não trancou. Eu tomei isso como um convite e alcancei a maçaneta.

Quando Shane percebeu que eu o segui para dentro da casa, ele me encarou por um momento. — Você não costumava ser tão corajosa.

— Você não costumava ser tão antissocial, — contra-argUMENTEI.

Shane resmungou. — Sabia o que dizem, Red: dance tudo pra fora.

Ouvir as palavras da minha mãe saindo da boca dele me atingiu como um choque elétrico. Isso era real. Minha mãe e eu não tínhamos apenas morado ali. Havíamos criado raízes. Tivemos pessoas em nossas vidas. Tivemos algo para sentir falta quando partimos.

— Quer dar uma olhada? — Shane disse, seu tom rabugento suavizando um pouco. — Não sou eu quem vai te parar. Eu só moro aqui.

Sem dizer uma palavra, aceitei o convite de Shane e comecei a explorar a casa. *Hall. Cozinha. Pequena escada em espiral.* Eu sabia, antes de dar o primeiro passo, que no topo da escada, encontraria dois quartos. Quando cheguei à porta do quarto que fora de minha mãe, outra memória me atingiu com a força de uma onda gigante.

Pesadelo. Está escuro. Eu quero minha mãe. Mas a mamãe não está sozinha.

“Eu não mereço você.” Mamãe está de costas para Kane. “Eu te falei sobre o tipo de homem que meu pai é. Não te contei que tenho uma irmã mais nova. Eu a deixei naquele inferno e nunca olhei para trás.”

Eu esfrego os cantos dos meus olhos. Irmã? Mamãe não tem irmã. Só eu.

É só mamãe, Kane e eu.

Eu me mexo. O chão range sob mim. Eles se viram—

O resto da memória foi menos vívido. Não senti, não vivi novamente, mas soube o que aconteceu—soube que minha mãe e Kane se viraram para me ver, que Kane foi quem se abaixou ao meu nível, para me pegar. Eu sabia que ele havia dito à minha mãe que era ele quem não a merecia.

Não merecia nós.

— Você está bem? —

Eu não sabia quanto tempo Dean estava parado atrás de mim, mas deixei meu corpo se apoiar nele. Deixei-me sentir seu calor, da mesma forma que minha mãe sentia o de Kane.

— Eu sabia que Kane e minha mãe estavam envolvidos, — eu disse, as palavras saindo como lixa na minha garganta. — Eu não percebia que ele também fazia parte da minha vida.

Kane Darby e minha mãe não estavam apenas envolvidos. Eles tinham algo sério.

Se você estava séria com ele, pensei, imaginando minha mãe como ela havia aparecido na memória, se ele estava sério conosco, por que partimos? Enquanto descia a escada em espiral, meu estômago se contorceu. Eu senti o mesmo que sempre que sonhava com o camarim da minha mãe.

Não entre aí. Não abra a porta.

Meu olhar se fixou no pé da escada. Meu coração disparou, mas uma memória nunca veio. Eu apenas fiquei ali, até ouvir um estrondo vindo da cozinha. Fui direto na direção do barulho, mas a Agente Sterling me interceptou. Ela me deu um olhar de advertência e então liderou o caminho até a cozinha.

Shane estava em pé, sobre a pia, sangue escorrendo de sua mão, um copo quebrado no chão.

Sangue.

Volte a dormir, querida, a voz da minha mãe sussurrou de algum lugar na minha memória. É só um sonho.

— Teve um acidente? — a Agente Sterling perguntou a Shane.

Shane ignorou Sterling e estreitou os olhos para mim. — Você não devia ter voltado aqui, pequena Red.

— Cuidado, — a voz de Dean estava baixa e cheia de aviso.

Shane o ignorou. — A última coisa que Gaither precisa são forasteiros comprando a ideia que Serenity Ranch está vendendo. Você deveria avisar sua amiguinha sobre isso, — ele continuou, sua voz cheia de veneno, — se você a ver de novo.

Por um momento, senti como se estivesse assistindo a essa interação de fora do meu corpo.

— Que amiguinha? — perguntei.

Shane não respondeu. Ele pegou um papel toalha, pressionou na mão sangrando e tentou passar por nós em um impulso. A Agente Sterling o impediu. Pela primeira vez desde que chegamos a Gaither, ela tirou o distintivo.

— Sou do FBI, — ela disse. — E você precisa recuar e explicar exatamente o que quis dizer agora.

Shane olhou do distintivo de Sterling para mim e depois de volta para o distintivo. — Holland Darby está na mira do FBI? — Ficou claro pelo tom de voz de Shane que ele estava se esforçando muito para não se animar.

A Agente Sterling deixou a explicação de Shane passar.

— E quanto à garota que estava com você? — Shane perguntou. — Ela também é do FBI? É por isso que recebi uma ligação de um amigo meu dizendo que ela está lá fora, pedindo para se juntar a eles?

A garota que estava com você. Eu tinha um plano para descobrir mais sobre Kane Darby. Mas aparentemente, eu não era a única. Todas as estradas em Gaither levavam de volta ao culto do bairro, e não foi preciso muito para eu perceber qual dos meus colegas Naturais poderia ter decidido seguir essa pista.

Sozinha.

CHAPTER 38

Serenity Ranch era menos um rancho do que um complexo, cercado por uma cerca de três metros de altura em todos os lados. A Agente Sterling estacionou o carro do lado de fora do portão principal.

— Fiquem aqui, — ela nos disse.

Claramente, ela não estava pensando direito. Lia era o mais próximo de uma família que Dean tinha. Antes que ele pudesse segurar a maçaneta da porta, eu estendi a mão para impedi-lo.

— Eu sei, — eu disse. — Lia fez algo estúpido, e você não estava lá para impedi-la. E agora ela está lá dentro jogando um jogo muito perigoso com pessoas muito perigosas. Mas você precisa se acalmar, porque viu como Darby estava com Shane. Ele queria que Shane batesse, e vai querer o mesmo de você.

Poder. Controle. Manipulação. Essa era a língua que Holland Darby falava. Era uma língua que Dean e eu conhecíamos muito bem.

O corpo inteiro de Dean estava tenso, mas ele forçou a si mesmo a respirar. — Lia tinha sete anos quando a mãe dela entrou para uma comuna religiosa, — ele disse, sua voz rouca na garganta. — A mãe de Lia estava neste país ilegalmente, e depois do que ela passou, o homem no comando parecia um salvador. — Dean fechou os olhos. — Para Lia, ele era outra coisa.

Pensei em Lia, aprendendo a reconhecer a mentira. Lia, aprendendo a mentir.

— Lia gosta de lugares altos, — Dean continuou suavemente, — porque a mãe dela deixou um homem como Holland Darby colocar Lia em um buraco no chão por dias a fio. Porque Lia, com seis anos, não tinha um espírito humilde. Porque ela não aceitou o perdão quando foi oferecido. Porque ela não se arrependeu dos seus pecados.

Dean forçou-se a parar, mas minha mente girava com as implicações. Quando criança, Lia tinha entrado em uma batalha de vontades com um homem que lidava com poder, manipulação e controle. O tipo de homem que oferecia benevolente perdão, desde que você aceitasse que sua salvação era dele para dar. Desde o momento em que Lia viu *aquelas pessoas* na cidade, desde o momento em que leu sobre o Serenity Ranch, ela era uma bomba-relógio.

Poder. Controle. Manipulação. Lia sabia que abordá-lo como turistas não funcionaria. Abordá-lo como o FBI só faria ele fechar as portas. Mas abordá-lo como uma alma perdida em busca de redenção?

Você jogará o jogo dele melhor do que ele. Você descobrirá o que ele está escondendo. E se isso custar— seja o que for—que seja.

— Eu não vou bater em ninguém. — Dean fez o seu melhor para parecer que ele *não estava* prestes a deixar seu lado mais sombrio vir à tona. — Mas também não vou ficar no carro.

— Bom, — eu respondi, enquanto o líder do culto se aproximava do portão onde a Agente Sterling estava. — Porque eu também não vou.

CHAPTER 39

Como posso ajudá-lo?

A voz de Holland Darby era agradável e suave, mais poderosa e magnética que a de seu filho.

— Estou aqui pela Lia, — disse a Agente Sterling, sem olhar para Dean e para mim enquanto ficávamos atrás dela. Seu tom não era argumentativo. Ela estava apenas afirmando um fato.

— Sobre isso, não tenho dúvida, — Darby respondeu. — Lia é uma jovem muito especial. Posso perguntar qual é o seu vínculo com ela?

De cada lado do portão, Holland Darby e a Agente Sterling estavam com os braços soltos ao lado do corpo. Ambos estavam extraordinariamente calmos.

— Sou sua tutora legal, — a Agente Sterling foi direto ao ponto. — E ela é menor de idade.

Se havia uma coisa que sabíamos sobre Holland Darby, era que ele se esforçava para ficar do lado certo da lei. A palavra *menor* era seu calcanhar de Aquiles, e a Agente Sterling sabia disso.

Você odiaria se separar de uma joia dessas, mas se ela não tem dezoito...

— Não sou mais menor de idade há três meses, — Lia apareceu atrás do líder do culto. Ela estava vestida com uma blusa branca de estilo camponês e calças brancas soltas, descalça, com o cabelo solto e livre.

— Lia, — Dean não disse mais do que seu nome, mas havia uma imensa advertência naquela única palavra.

— Sinto muito, — Lia disse suavemente para Dean. — Eu sei que isso te machuca. Sei que você quer consertar tudo, tornar *tudo* melhor, mas não há um ‘melhor’, Dean. Não para alguém como eu.

Um mentiroso habilidoso entrelaçava a verdade na mentira. Lia podia dizer as palavras *alguém como eu* e realmente significá-las.

— Eu acredito que há um *melhor*, — Holland Darby aproveitou a brecha que Lia deixou. — Para todos, Lia, até mesmo para você.

Até mesmo você. Essas duas palavras desmentiam a suavidade de seu tom. Ele já estava minando Lia, já semeando a crença de que ela era menos, que ela não era digna, mas que *ele* podia acreditar nela, apesar de suas falhas imperdoáveis.

Por um breve instante, os olhos de Lia se encontraram com os meus. *Você sabe exatamente o que está fazendo, pensei. Ele é um fabricante de bonecas que gosta de brinquedos quebrados, e você sabe como ser a boneca estilhaçada e quebrada.*

A Agente Sterling certamente viu isso tão claramente quanto eu, mas ela não tinha o menor interesse em permitir que uma de suas protegidas jogasse esse jogo. — Lia, você tem duas opções. A primeira é sair daqui nos próximos cinco segundos. E a segunda opção? — A Agente Sterling deu um único passo à frente. — É uma que você realmente não vai gostar.

Lia—sendo Lia—entendeu a verdade naquela declaração. Eu esperava que ela provocasse mais a Agente Sterling, mas, em vez disso, ela recuou.

Vulnerável. Quebrada. Fraca.

Holland Darby levantou a mão. — Vou pedir que modere seu tom. — Ele se colocou na frente de Lia, bloqueando-a fisicamente da vista de Sterling. — Este é um lugar

simples, e seguimos regras simples. Respeito. Serenidade. Aceitação.

A Agente Sterling encarou o homem por um momento, e então ela foi até o bolso traseiro—*para pegar o distintivo*, eu percebi. A mão de Dean agarrou a de Sterling antes que ela pudesse puxá-lo. Ele olhou para Lia, que saiu cautelosamente de trás de Darby, cada movimento, cada gesto de vulnerabilidade uma mentira.

— Espero que encontre o que está procurando, — Dean disse para Lia. Havia raiva em suas palavras, mas também uma mensagem. Ele estava dizendo a ela que via através de sua atuação—que ele sabia o motivo dela estar ali, e sabia que não tinha nada a ver com encontrar serenidade e tudo a ver com descobrir o que Holland Darby estava escondendo.

Lia sorriu tristemente antes de se esconder novamente atrás da figura de Darby. — Eu também espero.

CHAPTER 40

No segundo em que passamos por Agent Starmans, que estava posicionado no corredor, e entramos no quarto de hotel, Michael analisou nossos rostos.

— Você falou com a Lia, — ele concluiu. — Onde ela está?

— Ela se infiltrou no Serenity Ranch, — Sterling disse essas palavras para Judd, que não parecia nada mais feliz com a ausência de Lia do que nós.

— Lia se infiltrou em um culto, — Michael repetiu. Ele lançou um olhar incrédulo para Dean. — E você não a arrastou para casa, gritando e esperneando?

— Não comece comigo, Townsend. — Um músculo na mandíbula de Dean se contraiu.

— Pode me considerar avisado.

Judd ignorou a tensão crescendo entre Michael e Dean e focou sua atenção na Agente Sterling. — Lia está em perigo imediato?

A resposta da Agente Sterling foi tão curta quanto a pergunta de Judd. — Eu não acho que Darby tenha evitado acusações formais por tanto tempo, abusando abertamente de novatos antes de ter tido chance de doutriná-los completamente.

Em outras palavras, enquanto Holland Darby acreditasse na persona que Lia estava apresentando para ele—uma ovelha perdida em busca de orientação—ela provavelmente estaria segura.

Por enquanto.

— Ela será discreta? — Judd fez essa pergunta para Dean.

— Discreta? — Michael repetiu incrédulo. — Estamos falando da mesma Lia Zhang aqui? Aquela que expressa seu desagrado com parceiros de relacionamento ameaçando grudar eles nus no teto com fita adesiva?

— Lia sabe como esse jogo é jogado, — Dean disse para Judd. Então ele se virou novamente para Michael, os músculos no pescoço e ombros tão tensos quanto sua mandíbula. — Então *agora* você e Lia estão em um relacionamento?

— Com licença?

— Você não estava ‘em um relacionamento’ em Nova York quando fomos procurar Celine, — Dean disse. — Na hora que as coisas ficaram difíceis, você afastou Lia.

— Estou confuso, Redding, — Michael disse, dando um passo preguiçoso em direção a Dean. — Agora nós dois falamos sobre nossos sentimentos?

Deixar Lia no Serenity Ranch exigiu tudo o que Dean tinha. Ele fez isso porque confiava nela, porque confiar em Lia e oferecer-lhe honestidade em troca de cada mentira foi a forma como ele conseguiu superar as barreiras dela. Mas ir embora lhe custou. Seu temperamento já estava à flor da pele, e o tom debochado de Michael não ajudava.

— Você não é bom o suficiente para ela, — Dean disse para Michael, a voz baixa. — Se você fosse, pelo menos um pouco capaz de se importar com alguém além de si mesmo, Lia não teria ido sozinha. Ela fez isso *para* você tanto quanto *para* o resto de nós.

— Dean, — eu disse, de forma cortante.

Michael levantou a mão. — Deixe o homem falar, Colorado. Eu realmente adoro quando ele-que-literalmente-torturou-alguém-nesta-sala joga pedras.

— Michael. — Como a pessoa que Dean torturou, quando ainda era uma criança tentando ajudá-la a escapar das garras de seu pai, a Agente Sterling não apreciou a referência.

— Você deveria saber, — Dean disse a Michael, entre dentes. — Se Lia estava prestes a sair, se esse caso bateu muito perto de casa, se ela estava querendo sair de sua própria pele, se ela *precisava* lutar contra isso—você deveria saber.

— Você acha que eu não sei disso? — Michael se aproximou de Dean. — Você acha que eu queria que ela fosse embora?

Por um momento, eu pensei que Dean fosse desescalar a situação. Mas então ele se inclinou para falar diretamente no ouvido de Michael. — Eu acho que você não sabe fazer nada além de levar um soco.

Um segundo, eles estavam ali, e no seguinte, estavam no chão. Michael golpeou Dean, que lutou para conseguir uma posição melhor e prendeu Michael no chão.

— Parem. — A palavra saiu da boca de Sloane como um sussurro. — *Parem. Parem. Parem!*

Ela estava em silêncio desde que voltamos, e à medida que seu volume aumentava para um grito, os meninos congelaram.

Eu nunca tinha visto Dean brigar com Michael antes. Nunca tinha visto os dois em uma briga completa.

— Não é culpa do Michael. — A voz de Sloane mal era audível. — É minha. — Ela se afastou até encostar na parede. — Eu vi a Lia saindo. Ela me pediu para não contar. — Sloane deu um suspiro, seu dedo médio da mão direita batendo contra o polegar. Ela estava contando algo— contando e contando, incapaz de se controlar. — Nós tínhamos acabado de voltar, e ela trocou de roupa. Ela estava de branco, e a Lia só usa branco treze por cento das vezes. Eu deveria ter percebido.

— Sloane, — disse Judd suavemente. — Querida...

— Eu ofereci para ir com ela, — Sloane continuou, acelerando tanto as palavras quanto a batida. — Ela disse não. Ela disse... — Sloane olhou para baixo. — Ela disse que eu só ia atrapalhar.

Você sabia o quanto isso machucaria a Sloane, Lia. Você sabia. Objetivamente, eu via que Lia estava tentando proteger nosso membro mais vulnerável, mas Sloane não sabia disso. Ela não entenderia, mesmo que eu tentasse explicar o que a combinação de raiva, medo e pavor que Michael viu em Kane Darby tinha despertado em Lia.

Anos depois, isso ainda pode te atingir em um momento.

Dean estava errado. Isso não era sobre Michael, ou o que aconteceu em Nova York, ou qualquer um de nós. Isso era sobre fantasmas que Lia nunca enfrentou.

O telefone de Agent Sterling tocou então, e enquanto eu dizia a Sloane que nada disso—*nada* disso—era culpa dela, meu cérebro já processava a mudança no comportamento de minha mentora. A identidade da pessoa que ligava estava clara na maneira como Sterling se posicionou, com os ombros quadrados para afastar a emoção, e sua mão livre pendendo solta ao lado.

— Eu imagino que você tenha recebido minhas mensagens sobre Gaither. — Sterling não disse que Briggs deveria ter retornado sua ligação mais cedo. Ela não perguntou por que ele não havia feito isso. — Lia sumiu para se infiltrar no culto local. — Agent Sterling colocou o telefone no modo viva-voz—uma camada extra de distância entre ela e Briggs. — Se o homem no comando estiver escondendo algo, Lia vai descobrir. Mas se ele perceber que ela está investigando—se alguém no grupo dele suspeitar que ela está com o FBI—isso não vai acabar bem.

Houve silêncio do outro lado da linha por um momento. — Estou no viva-voz? — Briggs perguntou, seu tom me lembrando que ele não tinha o controle impenetrável da sua ex-esposa.

— Está.

Briggs processou a resposta de Agent Sterling—e seu tom—antes de continuar. — Quais são as chances de alguém no culto de Gaither ter ligações com os Masters?

Eu percebi a lógica por trás dessa pergunta. Viemos a Gaither procurando membros de um culto; encontramos outro. *Aquelas pessoas* estavam implicadas em pelo menos um conjunto de assassinatos—os de Anna e Todd Kyle. Quais eram as chances de haver mais vítimas? A situação de Lia estava suficientemente precária, mas se os Masters tivessem alguma ligação com Serenity Ranch, ela poderia estar em mais perigo do que imaginávamos.

— Os assassinatos começaram hoje, — eu disse, lendo o fato de que tinha levado tanto tempo para ele retornar a ligação de Agent Sterling. — Não começaram?

— Segundo de abril. — Sloane tremeu. — 4/2.

O silêncio de Briggs respondeu a essa pergunta. Finalmente, ele elaborou. — A vítima era uma mulher, — ele disse, cortando as palavras. — Vinte e poucos anos, sequestrada de um campus universitário. Foi encontrada em um campo aberto, amarrada a um poste de espantalho.

Queimada viva, eu completei mentalmente. Engoli em seco.

— Não podemos deixar Gaither, — Dean disse para Briggs. — Não sem a Lia.

— Não estou pedindo para vocês saírem. — Agent Briggs era o tipo de pessoa que desenvolvia e executava planos, o tipo que nunca recuava. — Vocês continuam trabalhando o caso em Gaither, — ele continuou. — Deem a Lia a chance de investigar Darby. E então, Ronnie?

Agent Sterling não piscou diante do apelido ou da emoção que se fez presente na voz de Briggs quando ele o disse.

— Tirem ela de lá.

VOCÊ

Você não se surpreende quando eles vêm atrás de você. Você não se lembra das horas seguintes à sua conversa com Five, mas lembra das palavras dele. Você sabia que era apenas uma questão de tempo antes de ser solicitado a fazer um julgamento.

Das nove cadeiras à mesa, quatro estão ocupadas nesta conferência à meia-noite. A sua faz cinco.

—Há uma ameaça. — Five colocou a faca sobre a mesa para que você visse. — Acredito que a situação seja digna do conselho da Pythia.

Há uma promessa no tom dele. Ele vai fatiar, cortar, dilacerar e fazer você sangrar, então perguntará se sua filha e seus amigos devem viver ou morrer.

—Não há ameaça. — Você fala como quem conhece a verdade das coisas, como quem viu aquilo que os olhos mortais nunca poderão ver.

Eles não lhe dão ouvidos.

Dois está à beira de perder sua cadeira para o acólito. Esta pode ser sua última chance de ouvir você gritar, de queimar você, caso Five e sua faca se mostrem menos do que convincentes. Quatro acredita ser um homem de grande discernimento. Você já pode sentir os dedos dele se fechando ao redor do seu pescoço.

Seria tão fácil correr e se esconder, bem lá no fundo da sua própria mente. Fugir deste lugar—da dor.

—O FBI está se aproximando. — O quinto membro deste quórum é aquele que nunca colocou as mãos em você. Aquele que você despreza. Aquele que você teme.

— No meu julgamento, a presença deles em Gaither torna este grupo uma ameaça.

—Eles não são seus para julgar. — Sua voz é perigosa, baixa. Esta é a mentira que você deve vender. Você é o que eles fizeram de você. Você é juiz e júri, e sem um quinto voto, eles não podem lhe submeter aos ritos.

Isso acontecerá. Amanhã, no máximo no dia seguinte, mas por agora...

A porta se abre. Você reconhece a pessoa que está ali e agora vê o que deveria ter visto antes.

Há nove cadeiras à mesa. Você sentenciou Sete à morte. Sabia que sua cadeira não permaneceria vazia. Sabia que o Mestre que o treinou retornaria ao grupo.

Mas você não sabia... não sabia...

—Devemos começar de novo? — Five pega sua faca, o sorriso se espalhando.

Seis cadeiras ocupadas. Cinco votos, excluindo o seu.

CHAPTER 41

O próximo dia, ainda não havíamos recebido notícias de Lia. Se Ree notou que estávamos um a menos quando nos acomodamos no nosso banco no Not-A-Diner, ela não comentou. “O que posso trazer para vocês?”

— Só café. — A voz de Dean estava quase inaudível. Ele não havia dormido e não dormiria até Lia sair daquele lugar.

— Café, — Ree repetiu, — e um pouco de bacon. Cassie?
— Café.

Ree nem perguntou o que Sloane e Michael queriam. Ela nos lançou um olhar. — Ouvi dizer que sua amiga caiu sob o feitiço de Holland Darby.

Eu me perguntei se ela também soubera—de seu neto—that estávamos com o FBI. *Você não diria nada se soubesse. Sabe como guardar um segredo. Sabe quando manter a boca fechada.*

— Lia está voltando. — A voz de Dean estava baixa, mas sua expressão era dura.

Ree olhou para Dean. — Foi o que pensei quando minha filha se juntou ao rebanho de Darby. Ela deixou a cidade, e nunca mais tive notícias dela.

— Você não se surpreendeu quando sua filha foi embora. — Michael estava entrando em território perigoso, pressionando Ree sobre isso, mas eu deixei ele fazer.

— O pai dela fugiu de Gaither quando eu estava grávida. Sarah sempre foi mais parecida com ele do que comigo—

cheia de grandes sonhos e inquieta em sua própria pele, sempre procurando pela promessa de algo *mais*. —

— Holland Darby é bom em promessas, — Dean comentou, avaliando Ree. — Você não é.

Ree apertou os lábios. — Nós, todos nós, colhemos o que plantamos. Espero que sua amiga consiga sair, mas não deixe as escolhas dela te arrastarem para baixo enquanto isso. A vida está cheia de pessoas se afogando, prontas e dispostas a afogar você também.

A porta do diner se abriu. Com um resmungo para a pessoa que estava ali, Ree desapareceu de volta para a cozinha. Ao meu lado, Dean colocou uma mão sobre a minha.

A pessoa que acabara de entrar era Kane Darby.

Eu soube, no momento em que seu olhar se fixou na nossa mesa, que ele não me vira no dia anterior no museu da farmácia, mas que agora me reconhecia.

— Soco no estômago, — Michael me disse em um sussurro, seus olhos analisando meticulosamente o rosto de Kane, sua postura. — Como se ele não soubesse se sorriu ou se vai vomitar.

Olhando para o homem, de repente eu me lembrei de estar montada nos ombros dele quando eu era muito pequena. Se Michael tivesse lido minha expressão, provavelmente teria dito que eu parecia ter levado um soco no estômago também.

— Se precisar de um quebra-gelo, — Sloane me disse, levantando a voz em um sussurro, — você deveria dizer a ele que oitenta por cento dos americanos acreditam que um gorgulho é semelhante a uma doninha, quando na realidade, é um tipo de inseto.

— Obrigada, Sloane. — Eu apertei a mão de Dean uma vez, depois me levantei, atravessando a sala até que Kane Darby e eu ficássemos frente a frente.

— Você se parece com sua mãe. — A voz de Kane estava abafada, como se ele achasse que eu fosse um sonho e, se falasse muito alto, poderia acordar.

Eu balancei a cabeça. — Ela era linda, e eu sou... — Procurei as palavras certas. — Eu posso desaparecer no fundo. Ela nunca aprendeu a fazer isso.

Percebi, ao dizer essas palavras, que havia uma parte de mim que sempre acreditou que se minha mãe e eu fôssemos mais parecidas, se ela fosse menos uma artista, se ela não fosse o centro das atenções ao entrar em um cômodo, talvez ela ainda estivesse aqui.

— Mulheres não deveriam ter que desaparecer no fundo para estarem seguras. — A resposta de Kane me disse que ele podia me ler, quase tão bem quanto eu podia lê-lo.

— Você ouviu o que aconteceu com minha mãe? — Eu perguntei, minha voz rouca.

— É uma cidade pequena.

Eu o avaliei por um momento, depois fui direto ao ponto. — Por que minha mãe te deixou? Estávamos felizes aqui. *Ela* estava feliz. E então fomos embora, sem aviso, no meio da noite. — Até eu ter dito essas palavras, não percebi que tinha alguma memória de deixar Gaither, além de dançar com minha mãe ao lado da estrada.

Kane me olhou, realmente me olhou desta vez, em vez de apenas ver minha mãe nos meus traços. — Lorelai tinha todo o direito de ir embora, Cassie, e todo o direito de te levar com ela. —

— O que aconteceu? — Eu repeti a pergunta, esperando uma resposta.

— Esta cidade não era um bom lugar para sua mãe, nem para você. Eu escondi coisas dela. Achei que poderia protegê-la do que significava estar comigo, aqui. —

— Seu pai não é bem visto em Gaither. — Falei em voz alta, em vez de analisá-lo em minha cabeça. — Você se afastou dele, mas ficou na cidade. — Eu pensei na memória de Kane me levantando nos braços depois de um pesadelo. — Quando minha mãe e eu fomos embora, você não seguiu. —

Você a resentiu por ir embora? Você a acompanhou de alguma forma? Encontrou uma maneira, anos depois, de

torná-la sua?

Eu não podia fazer nenhuma dessas perguntas em voz alta. Então, ao invés disso, perguntei a ele sobre Lia.

Kane olhou ao redor do diner. — Podemos dar uma volta? —

Ou seja, ele não queria um público para o que estava prestes a dizer. Sabendo que eu levaria uma bronca por isso, o segui até a porta.

— Meu pai valoriza certas coisas. — Kane esperou até estarmos a uma quadra do diner antes de começar a falar. — Lealdade. Honestidade. Obediência. Ele não vai machucar sua amiga. Não fisicamente. Ele só vai se tornar cada vez mais importante para ela, até ela não saber o que seria sem ele, até ela fazer qualquer coisa que ele pedir. E toda vez que ela duvidar de si mesma ou dele, alguém estará lá para sussurrar no ouvido dela sobre o quão sortuda ela é, quão especial. —

— Você foi sortudo? — Eu perguntei a Kane. — Especial?

— Eu fui o filho dourado. — A voz dele estava tão equilibrada, tão controlada, que eu não conseguia ouvir nem um pingão de amargor por baixo.

— Você foi embora, — comentei. Quando isso não provocou uma resposta, insisti. — O que acontece se Lia quiser ir embora? —

— Ele não vai impedi-la, — Kane disse. — Não no começo. —

Essas três palavras fizeram um arrepio descer pela minha espinha. *Não no começo.*

— Eu queria poder fazer algo, Cassie. Eu queria ter tido o direito de manter sua mãe aqui, ou de ir atrás dela depois que ela se foi. Mas eu sou filho do meu pai. Eu tomei minhas decisões lá atrás, e aceito o que essas escolhas me custaram. —

Eu me perguntava por que Kane Darby tinha ficado em Gaither. *E se ficar não for um ato de lealdade? E se for um ato de penitência?* Minha mente voltou a Mason Kyle, o amigo de infância de Kane Darby.

Que escolhas você fez? O que exatamente você está se arrependendo?

— Eu nunca parei de pensar em você. — Kane parou de andar. — Eu sei que não fui seu pai. Sei que, para você, provavelmente sou só um cara que namorou sua mãe por um tempo. Mas, Cassie? Você nunca foi só uma criança para mim. —

Meu peito apertou.

— Então, por favor, me escute quando eu digo que você precisa sair de Gaither. Não é seguro para você estar aqui. Não é seguro para você estar fazendo perguntas. Sua amiga vai ficar bem no Serenity, mas você não ficaria. Você entende o que estou te dizendo? —

— Você está me dizendo que seu pai é um homem perigoso. — Eu pausei. — E que minha mãe deixou essa cidade por um motivo. —

VOCÊ

Five admira seu trabalho enquanto o sangue escorre pelos seus braços, suas pernas. Serão horas até que os outros voltem. Horas até que perguntem se Cassie e seus amigos devem morrer.

Não. Não. Não.

Essa é a resposta de Lorelai. Essa sempre será a resposta de Lorelai. Mas Lorelai não é forte o suficiente para suportar isso. Lorelai não está aqui agora.

Você está.

CHAPTER 42

Havia uma linha tênue entre um aviso e uma ameaça. Eu queria acreditar que Kane Darby estava me avisando, não me ameaçando, quando sugeriu que eu deixasse a cidade, mas se o tempo que passei com o FBI me ensinou alguma coisa, foi que a violência nem sempre fica apenas abaixo da superfície. Às vezes, o assassino em série à sua frente cita Shakespeare. Às vezes, as pessoas mais perigosas são as que você mais confia.

O jeito não-confrontacional de Kane Darby não era mais *natural* do que a tendência de Michael de acenar com bandeiras vermelhas para qualquer touro que passasse. Esse tipo de estabilidade poderia vir de dois lugares: ou ele cresceu em um ambiente onde a emoção era vista como indecorosa—e explosões eram punidas de acordo—ou manter a calma era sua maneira de assumir o controle em um ambiente onde as emoções volúveis de outra pessoa serviam como minas terrestres.

Enquanto refletia sobre isso, Dean se juntou a mim. — Fiz uma promessa ao universo, — ele disse, — de que se Lia sair disso ilesa, vou passar quarenta e oito horas sem ficar remoendo. Vou comprar uma camiseta colorida. Vou cantar karaoke e deixar o Townsend escolher minha música. — Ele lançou um olhar de canto para mim. — Você aprendeu alguma coisa conversando com o filho do Darby? —

A resposta à pergunta de Dean estava pesada e não dita na minha garganta enquanto seguíamos pela Main Street,

passando pelas lojas vitorianas e marcadores históricos, até que o portão de ferro forjado do jardim da farmácia apareceu à vista.

— Kane disse que ele era o filho dourado, — eu disse finalmente, encontrando minha voz. — Ele se culpa por isso. Eu acho que ficar em Gaither foi uma forma de penitência para ele—punição pelas, e cito, ‘escolhas’ que ele fez ‘há muito tempo.’ —

— Você está falando sobre ele, — Dean observou. — Não para ele. —

— Eu estou falando com você. —

— Ou, — Dean retrucou suavemente enquanto paramos na entrada do jardim, — você tem medo de ir fundo demais. —

Durante todo o tempo em que o conheci, Dean nunca me empurrou para a perspectiva de outra pessoa mais do que eu queria ir. Na melhor das hipóteses, ele contia seus instintos protetores, fazia uma análise junto comigo ou ficava fora do meu caminho—mas agora, eu não era a pessoa que Dean daria qualquer coisa para proteger.

— Você quase lembrou de algo na sua antiga casa. Algo que uma parte de você está desesperada para esquecer. Eu te conheço, Cassie. E eu fico pensando que se você esqueceu um ano inteiro da sua vida, não foi porque você era pequena, e não foi resultado de algum tipo de trauma. Você passou por duas vidas de trauma, desde que te conheci, e não esqueceu nada. —

— Eu era uma criança, — eu retruquei, sentindo como se ele tivesse me atingido. — Minha mãe e eu fomos embora no meio da noite. Não dissemos nada a ninguém. Não nos despedimos. Algo aconteceu, e simplesmente *fomos embora*. —

— E depois que você foi embora— — Dean pegou minha mão na dele — era só você e sua mãe. Ela era tudo o que você tinha. Você era tudo para ela, e ela queria que você esquecesse. Ela queria que você dançasse isso para fora.

—

— O que você está dizendo? — perguntei a Dean.

— Eu estou dizendo que eu acho que você esqueceu a vida que teve em Gaither por *ela*. Eu estou dizendo que eu não acho que você é a pessoa que seu cérebro estava protegendo. Eu acho que ele estava protegendo o único relacionamento que você ainda tinha. — Dean me deu um momento para processar, então continuou. — Eu estou dizendo que você não podia se dar ao luxo de lembrar da vida que teve aqui, porque aí você teria que ficar com raiva de que ela a tirou de você. — Ele fez uma pausa. — Você teria que ficar com raiva, — ele continuou, mudando para o tempo presente, — de que ela se certificou de que você nunca tivesse isso de novo. Ela fez de você o centro da vida dela e ela mesma o centro da sua, e sabendo o que sabemos agora—sobre os Masters, sobre a Pythia—eu acho que você está ainda mais aterrorizada do que era quando criança sobre o que pode acontecer se você lembrar de Gaither. —

— E é por isso que estou usando a terceira pessoa quando falo sobre Kane Darby? — perguntei com firmeza, passando pelos portões e caminhando pelo caminho de pedras do jardim da farmácia, Dean dois passos atrás de mim. — Porque chegar perto dele pode significar chegar perto da minha mãe? Porque eu posso lembrar de algo que não quero saber? —

Dean andou atrás de mim em silêncio.

Você está errada. Eu fiz tudo o que podia para ver minha mãe pelos olhos de uma profiler e não de uma criança. Ela tinha sido uma golpista. Ela se certificou de que eu não tivesse ninguém em quem depender, a não ser ela.

Ela me amou mais do que qualquer coisa.

Para sempre, não importa o que aconteça.

— Talvez eu tenha esquecido Gaither por causa dela, — disse baixinho, permitindo que Dean me alcançasse. — Eu era boa em ler as pessoas, mesmo quando criança. Eu teria percebido que ela não queria falar sobre isso, que ela

precisava acreditar que nada daquilo tinha importado, que nós duas não precisávamos de ninguém ou de mais nada.

—

Minha mãe havia deixado de se importar com Kane Darby. Ela o deixou entrar—não apenas na sua vida, mas na minha. Com base no resto da minha infância, ela havia aprendido sua lição.

O que aconteceu? Por que você o deixou? Por que você deixou Gaither?

Eu parei em frente a uma adelfa, suas flores rosa avermelhadas enganosamente alegres para uma planta venenosa. — Kane disse que Lia estaria segura, — contei a Dean, indo direto ao ponto. — Por enquanto. — Eu queria parar por ali, mas não parei. — Ele também disse que eu não estaria segura na posição dela. —

— Darby não sabe quem e o que Lia é. — Dean capturou meu olhar, sem querer que eu desviasse os olhos. — Se você não estaria segura lá, ela também não estará. — Esse era Dean me pedindo para parar de me afastar, pedindo para eu *lembrar*. E tudo o que eu podia pensar era que ele não deveria ter tido que pedir.

Engoli em seco, minha boca seca enquanto começava a analisar Kane—da maneira certa desta vez. — Minha mãe uma vez te disse que não merecia você, mas ela não sabia seus segredos, as escolhas que você havia feito. — Dizer as palavras em voz alta as tornava reais. Mantive o olhar fixo nos olhos de Dean, deixando que seus olhos castanhos profundos me estabilizassem, mesmo enquanto eu podia sentir toda a minha vida—todo o meu mundo—começar a mudar sob meus pés. — Você disse que não merecia ela, não merecia *nós*. Mas você queria isso—você queria uma família, e você foi bom em estar lá para ela e para mim. — Dizer as palavras me doía fisicamente, e eu não sabia por quê. — Deve ter havido algum vestígio desse desejo, algum núcleo do que significava ser uma família no seu passado. Deixando de lado *lealdade, honestidade, obediência*, e qualquer outra palavra-chave que dominava

sua infância, você se importava com as pessoas. E porque você se importava, você fez coisas horríveis. —

Kane Darby era um homem que punia a si mesmo há décadas. Talvez ele tenha deixado a si mesmo acreditar, quando conheceu minha mãe, que finalmente tinha sido o suficiente. Que ele poderia tê-la. Que ele poderia ter uma família.

Mas os seus nunca deixarão você ir.

Pensei em Kane tentando intervir com Shane, tentando mitigar o mal causado pelo próprio pai. E então pensei em Dean, parado ao meu lado neste jardim, com o cabelo loiro caindo em seu rosto. O que Kane tinha sido para minha mãe, Dean era para mim. Como Kane, Dean passou anos mantendo um controle rígido sobre suas emoções. Ele passou anos convencido de que havia algo sombrio e distorcido dentro dele, e que, se não tivesse cuidado, um dia se tornaria seu pai.

Todos nós tínhamos uma forma de recuperar o controle que a vida nos tirou. Para Sloane, eram os números. Para Lia, era manter seu verdadeiro eu enterrado sob camadas de mentiras. Michael provocava raiva intencionalmente, ao invés de esperar que o estopim de alguém mais explodisse. Dean fazia tudo o que podia para manter suas emoções sob controle.

E eu uso saber coisas sobre as pessoas como desculpa para não deixar que me conheçam.

Entrar no programa Naturals significava deixar um pedaço daquele controle ir. *Durante anos, você foi tudo para mim.* Eu não estava falando com Kane agora. Eu estava falando com minha mãe. *Você me afastou da família do meu pai. Você me fez o centro do seu mundo e a si mesma o centro do meu.*

Eu envolvi meus braços ao redor do pescoço de Dean. Senti seu pulso, firme contra o meu. Seus dedos traçaram a linha da minha mandíbula. Pressionei meus lábios contra os dele, deixei-os se separarem. Saboreei e quis e *senti* ele, e eu me lembrei:

Mamãe beijando Kane—
O primeiro dia de aula—
Colorindo na casa da Ree—

Melody, no jardim. — Qual é o problema, medrosa? —
Melody é rabo de cavalo e joelhos arranhados e mãos
mandonas sobre quadris mandões. — É só o jardim
venenoso! — Ela se agacha perto de uma planta. — Se
você não entrar, vou comer essa folha. Vou comer tudo e
morrer! —

— Não, você não vai, — eu digo, dando um passo em
direção a ela. Ela arranca uma folha da planta e abre a
boca.

— Vocês crianças parem de brincar aí dentro! —

Eu me viro. Há um homem velho parado atrás de nós.
Ele parece bravo e cruel, e está usando mangas longas,
embora seja verão. Linhas brancas ásperas e umas rosadas
feias serpenteiam para fora de sua camisa.

Cicatrizes.

— Quantos anos você tem? — o homem exige. Eu sei
com toda a minha alma que ele está usando mangas
longas porque aquelas não são suas únicas cicatrizes.

— Eu tenho sete, — Melody responde, vindo ficar ao
meu lado. — Mas a Cassie tem apenas seis. —

A memória pula, e de repente estou correndo para casa.
Estou correndo—

Agora é noite. Estou na cama. Há um baque. Vozes
abafadas.

Algo está errado. Eu sei disso, e penso no homem velho
no jardim. Ele ficou bravo com Melody e comigo. Talvez ele
esteja aqui. Talvez ele esteja bravo. Talvez ele vá me
comer até o fim.

Outro baque. Um grito.

Mamãe?

Estou no topo das escadas agora. Tem algo no fundo.

Algo grande.

Algo embolado.

E de repente, minha mãe está nas escadas, ajoelhada à minha frente. — Volta a dormir, querida. —

Há sangue nas mãos dela.

— O homem velho veio? — eu pergunto. — Ele te machucou? —

Minha mãe pressiona os lábios na minha cabeça. — É só um sonho. —

Eu saí da memória com meu corpo ainda pressionado contra o de Dean, minha cabeça enterrada em seu ombro, suas mãos penteando suavemente meu cabelo.

— Havia sangue nas mãos da minha mãe, — eu sussurrei. — Na noite em que minha mãe e eu deixamos Gaither, eu ouvi algo. Uma briga, talvez? Fui até o topo das escadas, e havia algo no fundo. — Engoli em seco, minha boca tão seca que as palavras não saíam. — Havia sangue nas mãos dela, Dean. — Eu forcei as palavras para fora e não deixei que parassem. — E então nós fomos embora. —

Pensei sobre o resto da memória.

— Tem mais alguma coisa? — Dean perguntou.

Eu acenei com a cabeça. — No dia em que fomos embora, — eu disse, me afastando do seu peito, — eu tenho quase certeza de que conheci Malcolm Lowell. —

CHAPTER 43

Nightshade ainda tinha um avô que morava em uma casa no topo de uma colina, com vista para o complexo do Serenity Ranch. Malcolm Lowell estava beirando os noventa, confinado a uma cadeira de rodas e—como sua cuidadora de saúde informou aos Agentes Sterling e Starmans—não estava recebendo visitas.

A Agente Sterling não aceitou um "não" como resposta.

De volta ao hotel, eu estava sentada entre Dean e Sloane enquanto assistíamos à transmissão ao vivo da câmera no lapela de Sterling, completamente ciente do risco que a Agente Sterling estava correndo ao exibir seu distintivo. Se a notícia se espalhasse de que Sterling era do FBI, Holland Darby poderia começar a considerar Lia uma responsabilidade.

Enquanto a enfermeira relutantemente permitia a entrada de Sterling e Starmans na casa imensa, minha mente foi para o que eu me lembrava. *As escadas. Algo no fundo.*

Na minha mente de seis anos, o homem velho assustador que gritou com Melody e comigo e os eventos que ocorreram naquela noite estavam intimamente relacionados, mas de uma perspectiva mais madura, eu podia ver que esses poderiam muito bem ser dois eventos traumáticos independentes, ligados apenas em minha mente pela proximidade temporal.

Um homem velho intimidante me assustou. E naquela noite, algo aconteceu—algo que terminou com sangue.

— Sr. Lowell. — A Agente Sterling se sentou em frente a um homem que parecia não ser mais velho do que uma década antes. Ele usava uma camisa de mangas longas, assim como naquela época.

As cicatrizes ainda eram visíveis.

Quando criança, elas me assustaram. Agora, elas me diziam que Malcolm Lowell acordava todos os dias, há trinta e três anos, com uma lembrança bem visível do ataque que deixou sua filha e genro mortos.

— Eu sou a Agente Especial Sterling, do FBI. — A Agente Sterling deixou sua postura imitar a dele—reta e intransigente, apesar da idade. — Esta é a Agente Starmans. Precisamos fazer algumas perguntas. —

Malcolm Lowell ficou em silêncio por vários segundos, e então falou. — Não, — disse ele, — eu não acredito que vocês precisem. —

Ela quer fazer algumas perguntas, pensei. Há uma diferença.

— Temos razões para acreditar que a tragédia da sua família pode estar relacionada a uma investigação de assassinatos em série atual. — A Agente Sterling dançou na linha entre oferecer detalhes e oferecer a verdade. — Eu preciso saber o que você sabe sobre os assassinatos originais. —

A mão direita de Lowell subiu até sua manga esquerda, passando os dedos sobre uma cicatriz. — Eu contei à polícia o que sabia, — resmungou ele. — Não tenho mais nada a dizer. —

— Seu neto está morto. — A Agente Sterling não tentou suavizar essas palavras. — Ele foi assassinado. E nós gostaríamos, muito, de encontrar o assassino dele. —

Eu olhei para Michael.

— Luto, — disse Michael. — E nada mais. —

Malcolm Lowell havia deserdado seu neto quando o menino tinha nove anos, mas mais de trinta anos depois, ele lamentava sua morte.

— Se você sabe de algo, — disse a Agente Sterling, — qualquer coisa que possa nos ajudar a encontrar a pessoa que o atacou—

— Fui esfaqueado repetidamente, Agente. — Lowell encontrou o olhar da Agente Sterling, o seu próprio olhar firme. — Nos meus braços, nas minhas pernas, no meu estômago e no meu peito. —

— Seu neto testemunhou o ataque? — A Agente Sterling perguntou.

Sem resposta.

— Ele participou do ataque? —

Sem resposta.

— Ele está se fechando, — Michael disse à Agente Sterling através do áudio. — Quaisquer emoções que suas perguntas possam ter provocado há umas duas décadas, ele não vai deixar que sintam nada agora. —

— Soa familiar? — Dean me perguntou.

Pensei em Nightshade, se fechando da mesma forma que seu avô agora. Ele aprendeu o poder do silêncio na prática.

— Pergunte a ele sobre minha mãe, — disse eu.

A Agente Sterling fez melhor. Ela retirou uma foto—uma que eu nem sabia que o FBI tinha. Na foto, minha mãe estava no palco, com os olhos contornados por um delineador preto grosso, seu rosto vibrando com expressão.

— Você reconhece esta mulher? —

— A visão não é mais o que costumava ser. — Malcolm Lowell mal olhou para a foto.

— O nome dela era Lorelai Hobbes. — A Agente Sterling deixou aquelas palavras pairarem no ar, usando o silêncio como sua própria arma.

— Eu me lembro dela, — Lowell disse finalmente. — Costumava deixar a filhinha dela correr solta com os diabos da Ree Simon. Problema, todos eles. —

— Como seu neto era um problema? — A Agente Sterling perguntou suavemente. — Como sua filha antes dele? —

Isso gerou uma reação. As mãos de Lowell se fecharam em punhos, se soltaram e se fecharam novamente.

— Ele está ficando agitado, — Michael disse a Sterling.

— Raiva, desgosto. —

— Sr. Lowell? — A Agente Sterling o incentivou.

— Eu tentei ensinar minha Anna. Tentei mantê-la em casa. *Segura*. E como ela terminou? Grávida aos dezesseis, fugindo à noite. — Sua voz tremia. — E aquele garoto. *Filho dela*. Ele cortou um buraco na cerca, encontrou seu caminho até aquele maldito complexo. — Lowell fechou os olhos. Ele abaixou a cabeça, até que eu não conseguia distinguir nenhum dos seus traços na tela. — Foi quando os animais começaram a aparecer. —

— Os animais? — Sloane disse, inclinando a cabeça para o lado. Claramente, ela não tinha previsto aquela revelação. Eu também não. A diferença é que eu sabia imediatamente que quando Malcolm Lowell disse *animais*, ele se referia a *animais mortos*.

— Eles não eram mortes rápidas. — Lowell olhou de volta para a câmera, com um brilho duro nos olhos. — Esses animais morreram devagar, e morreram com dor. —

— Você achava que Mason era o responsável? — Agente Starmans perguntou, falando pela primeira vez.

Houve uma longa pausa. — Eu achava que ele assistia.

—

VOCÊ

Você está preso à parede há horas, sangrando há horas.

Mas, na verdade, você está preso e sangrando há anos. Antes deste lugar. Antes do caos ou da ordem. Antes das facas, do veneno e da chama.

Você é aquele que deitou na cama de Lorelai quando criança.

Você tomou o que ela não podia.

Você fez o que ela não podia.

À medida que os segundos, minutos e horas passam, você pode senti-la, pronta para parar de se esconder. Pronta para sair.

Não desta vez. Desta vez, você não vai a lugar nenhum. Desta vez, você está aqui para ficar.

A noite cai. Os Mestres retornam. Eles não têm ideia de quem você é. O que você é.

Eles estão acostumados com o drama de Lorelai. Deixe-os ver o seu.

CHAPTER 44

Eu estava ciente, enquanto o relógio passava da meia-noite, de que outro dia havia se passado sem respostas. *Quatro de abril*. Em algum lugar, a Agente Briggs estava esperando que a próxima vítima dos Mestres aparecesse, amarrada a um poste de espantalho e queimada viva.

Incapaz de dormir, eu me sentei no balcão da nossa mini-cozinha, olhando para a noite e pensando em Mason Kyle e Kane Darby, animais mortos e na grande forma irregular no fundo daquelas escadas.

Era um corpo. Eu não tinha visto isso quando tinha seis anos, mas mesmo com uma memória fragmentada, eu sabia agora. Eu tinha tentado não saber disso, tentado não *lembrar* desde que voltei para a cidade.

— Sem ofensa, mas você tem os instintos de sobrevivência de um lemming. —

Eu saltei com o som dessas palavras e me apressei para sair do balcão. Lia saiu das sombras.

— Relaxa, — ela disse. — Eu venho em paz. — Ela sorriu de forma sarcástica. — Principalmente. —

Lia estava vestindo o uniforme que eu tinha visto no resto das pessoas de Holland Darby, não o top branco de camponesa que ela estava usando quando a vi pela última vez. Durante todo o tempo que a conheci, ela nunca havia cedido o controle de seu guarda-roupa para outra pessoa.

Durante todo o tempo que a conheci, ela nunca havia parecido tão *vazia*.

— Como você passou por cima da Agente Starmans? — perguntei a ela.

— Da mesma forma que saí de Serenity Ranch. Espionar é apenas outra forma de mentir, e Deus sabe que meu corpo é ainda mais talentoso para a decepção do que minha boca. —

Algo nas palavras de Lia acionou um alarme na minha cabeça. — O que aconteceu? —

— Eu entrei e saí. — Lia deu de ombros. — Holland Darby adora fazer afirmações. Que ele nunca me machucaria. Que ele me entende. Que Serenity Ranch não tem nada a esconder. Todas mentiras. Claro, a peça mais interessante de decepção que percebi não foi de Darby. Foi de sua esposa. —

Eu tentei lembrar o que os arquivos da polícia diziam sobre a Sra. Darby, mas ela era pouco mais que uma nota de rodapé, uma figura de fundo no Show de Holland Darby.

— Ela me disse que não tinham nada a ver com o que aconteceu com ‘aquela pobre família’ tantos anos atrás. — Lia me deu um momento para processar o fato de que ela havia visto decepção nessa afirmação. — E ela disse que amava seu filho. —

— Ela não ama? — Pensei em Kane, o Kane que minha mãe conhecia. E então pensei no corpo no pé das escadas, no sangue nas mãos da minha mãe.

Houve um estalo. Kane estava lá? Ele fez algo? Minha mãe?

Não é seguro você fazer perguntas. O aviso de Kane ecoou na minha mente. *Sua amiga ficará bem em Serenity, mas você não ficaria.*

— A Agente Sterling conversou com Malcolm Lowell. — Enquanto eu organizava a enxurrada de pensamentos na minha cabeça, fui colocando Lia a par do que eu sabia. — Antes dos pais de Nightshade serem mortos, alguém em Serenity Ranch desenvolveu uma certa predileção por matar animais. —

— Alegre, — opinou Lia. Ela passou por mim e se ajudou com um Dr Pepper de quatro dólares da geladeira. Enquanto ela fazia isso, vi seu pulso. Linhas vermelhas e inflamadas cruzavam a pele exposta.

— Você se cortou? — Minha boca secou.

— Claro que não. — Lia virou o pulso para examinar o dano enquanto mentia na minha cara. — Essas linhas simplesmente apareceram magicamente e não foram de forma alguma um método para garantir que Darby acreditasse na minha história sobre como me sinto vazia por dentro. —

— Se machucar não é a mesma coisa que vestir um disfarce, Lia. —

Eu esperava que ela ignorasse as palavras, mas em vez disso, ela me olhou nos olhos. — Isso não doeu, — ela me disse baixinho. — Não realmente. Não de nenhuma forma que importasse. —

— Você não está bem. — Minha voz estava tão quieta quanto a dela. — Você não estava bem antes de ir para lá, e com certeza não está bem agora. —

— Eu esqueci como era, — Lia disse, sua voz absolutamente desprovida de expressão, — ser especial em um momento e nada no próximo. —

Eu pensei no que Dean me contou sobre a infância de Lia. *Quando você o agradava, era recompensada. E quando o desagravava, ele te colocava em um buraco.*

— Lia—

— O homem com quem eu cresci? Aquele que controlava tudo e todos que eu conhecia? Ele nunca colocou a mão em nós. — Lia deu um gole no seu refrigerante. — Mas alguns dias, você acordava e todos sabiam que você era indigna. Impura. Ninguém falava com você. Ninguém olhava para você. Era como se você simplesmente não existisse. —

Eu ouvi a implicação enterrada nessas palavras. *Sua própria mãe olharia direto através de você.*

— Se você quisesse algo—comida, água, um lugar para dormir—você tinha que ir até *ele*. E quando você estivesse pronta para ser perdoada, você teria que fazer isso sozinha. —

Meu coração pulou na minha garganta. — Fazer o quê?

—

Lia olhou para seus pulsos vermelhos e irritados. —
Penas. —

— Cassie? —

Eu me virei para ver Sloane parada a alguns passos de distância.

— Lia. Você está em casa. — Sloane engoliu em seco. Mesmo com a luz fraca, eu pude ver seus dedos começando a bater contra os polegares. — Vocês dois provavelmente querem conversar. Sem mim. — Ela se virou.

— Espera aí, — Lia disse.

Sloane permaneceu onde estava, mas não se virou para nos encarar. — Foi isso que você estava fazendo. Conversando com Cassie. Porque Cassie é fácil de conversar. Ela entende, e eu não. — Um suspiro ficou preso na garganta de Sloane. — Eu só falo estatísticas estúpidas. Eu atrapalho. —

— Isso não é verdade. — Lia caminhou até Sloane. — Eu sei que eu disse isso, Sloane, mas eu estava mentindo. —

— Não. Você não estava. Se Cassie ou Dean ou Michael tivessem sido os que te pegaram saindo, você não teria dito isso. Você não teria significado isso, porque Cassie, Dean e Michael poderiam ir com você e mentir e guardar segredos e não dizer exatamente as palavras erradas nos momentos exatos. — Sloane se virou para nos encarar. — Mas eu não posso. Eu *teria* atrapalhado. —

Sloane era diferente de todos nós. Isso era fácil de eu esquecer—e impossível para Sloane.

— E daí? — Lia retrucou.

Sloane piscou várias vezes.

— Você não sabe mentir, Sloane. Isso não significa que você importa menos. — Lia ficou encarando Sloane por alguns segundos, então pareceu tomar uma decisão. — Vou te contar algo, — ela disse. — Você, Sloane. Não Cassie. Não Michael. Não Dean. Você conhece os julgamentos das bruxas de Salem? —

— Vinte pessoas foram executadas entre 1692 e 1693, — Sloane disse. — Outras sete morreram na prisão, incluindo pelo menos uma criança. —

— As meninas que começaram tudo com suas acusações? — Lia deu mais um passo em direção a Sloane. — Fui eu. O culto no qual cresci? O líder dizia ter visões. Eventualmente, comecei a jogar o jogo dele. Comecei a ter ‘visões’ também. E eu dizia a todos que minhas visões me mostravam que ele estava certo, que ele era justo, que Deus queria que obedecêssemos a ele. Eu me construí ao construir ele. Ele acreditou em mim. E quando ele entrou no meu quarto uma noite... — A voz de Lia estava tremendo. — Ele me disse que eu era *especial*. Ele se sentou na beirada da minha cama e, enquanto se inclinava sobre mim, comecei a gritar e me debater. Eu não podia deixar ele me tocar, então menti. Disse que tive uma visão, que havia um traidor entre nós. — Ela fechou os olhos. — Eu disse que o traidor tinha que morrer. —

Eu matei um homem quando tinha nove anos, Lia nos dissera meses atrás.

— Se eu tivesse que escolher entre ser como você ou ser como eu, — Lia continuou, mantendo o olhar de Sloane, — eu escolheria ser como você. — Lia jogou o cabelo para trás. — Além disso, — ela disse, deixando a intensidade que carregava um momento atrás como uma cobra se livrando da pele, — se você fosse como Cassie, Michael, Dean e eu, você não conseguiria fazer nada com isso. —

Lia colocou a mão no bolso de trás e retirou vários papéis dobrados. Eu queria ver o que estava neles, mas ainda estava paralisada pelas palavras que Lia havia dito.

— Um mapa? — Sloane disse, folheando as páginas.

— Um layout, — Lia corrigiu. — De todo o complexo—da casa, dos celeiros, da área, desenhado em escala. —

Sloane envolveu Lia em um abraço que parecia o mais apertado do mundo.

— ‘Desenhado em escala,’ — Sloane sussurrou, bem alto o suficiente para eu ouvir, — são três das minhas palavras favoritas. —

CHAPTER 45

No momento em que os outros acordaram na manhã seguinte, Sloane já tinha desenvolvido um plano completo do complexo do Serenity Ranch.

Agente Sterling se serviu de uma xícara de café e então se virou para Lia. — Faça uma dessas de novo e você está fora. Fora do programa. Fora da casa. —

Não uma ameaça. Não um aviso. Uma promessa.

Lia não piscou, mas quando Judd tossiu e ela se virou para encará-lo, ela realmente se esticou.

— Eu posso impedir o FBI de te tratar como descartável, — Judd disse a Lia, sua voz firme e baixa. — Mas eu não posso fazer você se valorizar. — Ao lado de Dean, Judd havia sido o único constante na vida de Lia desde que ela tinha treze anos. — Eu não posso te impedir de arriscar sua própria vida. Mas você não me viu depois que minha filha morreu, Lia. Se algo acontecer com você? Se eu voltar a esse lugar? Eu não posso prometer que voltarei. —

Lia achava mais fácil ser a receptora de raiva do que de afeto. Judd sabia disso, assim como sabia que ela leria a verdade em cada palavra.

— Ok, — Lia disse, levantando as mãos e dando um passo para trás. — Sou uma garota má, muito má. Entendido. Podemos focar no que Sloane tem a dizer? —

Dean apareceu na porta e percebeu a presença de Lia. — Você está bem. —

— Mais ou menos. — A resposta de Lia foi irônica, mas ela deu um passo em direção a ele. — Dean—

— Não, — Dean disse.

Não, você não quer ouvir isso? Não, ela não pode fazer isso com você?

Dean não deu mais explicações.

— Graças a Deus você voltou, Lia. — Michael entrou na sala. — Dean é muito propenso a falar sobre *sentimentos* quando você desaparece. —

— Seria um momento inadequado para dizer ‘aha’? — Sloane interveio do chão. — Porque *aha!* —

Se Sloane tivesse sido sequer um pouco capaz de astúcia, eu teria pensado que ela veio salvar Lia de propósito.

— O que você encontrou? — Eu perguntei, recebendo um olhar de Dean que dizia que ele sabia muito bem que eu *era* capaz de lançar uma tábua de salvação para Lia.

— Eu comecei com os desenhos da Lia e os comparei com as fotos de satélite do complexo do Serenity Ranch. — Sloane se levantou, saltando nas pontas dos pés e andando pelo perímetro do diagrama que ela havia colocado no chão. — Tudo se encaixou, exceto... — Sloane se ajoelhou e apontou um dedo para um dos prédios menores no seu diagrama. — Esta estrutura é aproximadamente sete vírgula seis por cento menor por dentro do que deveria ser.

—

— Essa é a capela. — Lia jogou o cabelo para trás. — Sem ligações religiosas específicas, mas você não saberia disso apenas olhando. —

Eu podia ouvir o tom monótono de Melody na minha memória. *Em Serenity, eu encontrei equilíbrio. Em Serenity, eu encontrei paz.*

Eu voltei minha atenção para Sloane. — O que significa o fato de o prédio ser menor por dentro do que deveria ser?

—

— Significa que ou as paredes são anormalmente grossas... — Sloane mordeu o lábio inferior, depois o soltou. — Ou há um quarto escondido. —

Eu não precisei mergulhar muito fundo na psique de Holland Darby para concluir que ele era o tipo de homem que escondia bem seus segredos. *Esse é o seu equilíbrio. Essa é a sua paz.*

— Infelizmente, — disse a Agente Sterling, — nada disso me dá causa provável para procurar no imóvel. —

— Não, — Lia disse, colocando a mão no bolso. — Mas isso dá. —

Ela puxou um pequeno frasco de vidro do bolso. O líquido dentro era branco leitoso. — Não sei o que é, — ela disse, — mas Darby mantém seu rebanho bem medicado.

—

— Ele está drogando-os. — O rosto impassível de Dean não mostrou sinais de amolecer—nem em relação a ela, nem à situação.

A Agente Sterling pegou o frasco de Lia. — Eu vou levar isso para o laboratório. Se for uma substância controlada, posso obter um mandado para revistar o complexo. —

Ao meu lado, Sloane encarava o frasco. — Eu apostaria que é algum tipo de opióide. —

Sua mãe morreu de overdose. Eu profilei Sloane por instinto, mas outra parte de mim não pôde deixar de perfilá-la, alguém mais—alguma *coisa* mais. Nightshade e quem quer que tenha o recrutado nesta cidade.

Há uma linha tênue entre remédio e veneno.

CHAPTER 46

Agente Sterling demorou vinte e quatro horas para conseguir o mandado e mais uma hora depois disso para o FBI garantir o controle do complexo—e, mais importante, do proprietário do complexo. Quando Holland Darby e seus seguidores foram sequestrados e os cinco de nós fomos autorizados a entrar na propriedade, eu podia sentir o tique-taque do relógio.

Hoje é 5 de abril. O lembrete vibrava pelas minhas veias enquanto nos aproximávamos da capela. Outra data Fibonacci. Outro corpo.

Briggs não nos chamou. Não pediu ajuda. Eu afastei esse pensamento da minha mente enquanto empurrava a porta da capela.

— Nenhuma iconografia religiosa, — comentou Dean.

Ele estava certo. Não havia cruzes, não havia estátuas, nada que indicasse uma ligação com qualquer religião estabelecida—e ainda assim, o ambiente estava claramente projetado para remeter a um espaço religioso. Havia bancos e altares. Mosaicos de azulejos no chão. Janelas de vitral projetando luz colorida na sala.

— Estamos procurando uma parede falsa, — disse Sloane, andando ao redor da sala. Ela parou na frente de um altar de madeira perto do fundo. Seus dedos procuraram habilidosamente por um gatilho, algum tipo de liberação.

— Achei! — O triunfo de Sloane foi interrompido pelo som de madeira rangendo, seguido pelo chiado de

dobradiças enferrujadas. O altar cedeu, revelando um quarto escondido. Dei um passo à frente, mas a Agente Sterling passou por mim. Com a mão direita na arma, ela estendeu a esquerda para Sloane.

— Fique aqui, — ela disse, entrando no quarto.

— É estreito, — Sloane relatou, olhando para a escuridão. — Com base nos meus cálculos anteriores, quase certamente se estende por toda a extensão da capela. —

Esperei, o som constante dos passos da Agente Sterling era a única coisa que quebrava o silêncio na sala. Dean veio ficar de um lado de mim, Michael e Lia no outro. Quando a Agente Sterling reapareceu, ela guardou a arma e pediu apoio.

— O que você encontrou? — Dean lhe perguntou.

Se qualquer um de nós tivesse feito a pergunta, a Agente Sterling talvez não tivesse respondido, mas, dado o histórico entre eles, ela não podia ignorar Dean.

— Uma escada. —

A escada levava a um porão. *Não a um porão*, corrigi a mim mesma quando já era seguro o suficiente para entrarmos. *Uma cela*.

As paredes eram grossas. À prova de som. Havia algemas na parede. Havia um corpo em decomposição nas algemas.

Um segundo corpo estava no chão.

A sala cheirava a decadência e morte—mas não cheirava *recente*.

— Com base no nível de decomposição e levando em conta a temperatura e a umidade da sala... — Sloane fez uma pausa enquanto rodava os números na cabeça. — Eu diria que nossas vítimas morreram entre nove e onze anos atrás. —

Dez anos atrás, minha mãe e eu havíamos deixado Gaither.

Dez anos atrás, eu tinha visto um corpo no fundo das escadas.

— Quem são eles? — Perguntei a pergunta que todos estavam pensando. Quem Holland Darby tinha algemado sob sua capela? Quais corpos haviam sido deixados ali para apodrecer e desaparecer?

— A vítima número um é masculina. — Sloane se aproximou do corpo ainda algemado à parede. A carne quase não existia.

Ossos, decadência e podridão. Meu estômago ameaçou se esvaziar. Dean colocou a mão nas minhas costas. Me inclinei em seu toque e forcei minha atenção de volta para Sloane.

— A profundidade e espessura do osso pélvico, — murmurou Sloane. — A cavidade pélvica estreita... definitivamente masculino. Os ossos faciais indicam caucasiano. Eu diria que a altura era cerca de um metro e oitenta e poucos. Não era um juvenil, e não havia sinais de idade avançada. — Sloane estudou o corpo por mais trinta ou quarenta segundos em silêncio. — Ele foi algemado pós-morte, — acrescentou. — Não antes. —

Você construiu essa sala para algo. Para alguém. Eu observei o tamanho da sala. *Você algemou o corpo desse homem, mesmo após a morte.*

— E quanto à outra vítima? — Perguntou a Agente Sterling. Eu a conhecia o suficiente para saber que ela já havia desenvolvido suas próprias teorias e interpretações sobre a cena diante de nós, mas ela não contaminaria uma segunda opinião deixando que víssemos nem uma pista do que fosse essa interpretação.

— Feminina, — Sloane respondeu. — Eu diria que sua idade está entre dezoito e trinta e cinco. Não há sinal visível da causa da morte. —

— E o masculino? — Perguntou o Agente Starmans. — Como ele morreu? —

— Trauma por força contundente. — Sloane se virou para a Agente Sterling. — Eu preciso subir agora, — ela

disse. — Eu preciso não estar aqui. —

Sloane já havia visto muitos corpos, muitas cenas de crime, mas desde a morte de Aaron, as vítimas não eram mais apenas *números* para ela. Colocando um braço ao redor dela, a conduzi escada acima. No caminho, passamos por Lia, que estava com as costas apoiadas no corpo de Michael.

Enquanto Sloane e eu subíamos para o ar fresco, ouvi o sussurro ofegante de Lia. — Ele os colocou em um buraco.

VOCÊ

Sem ordem, há caos. Sem ordem, há dor.

Esse é o coro de Lorelai, não o seu. Você é caos. Você é ordem.

Cinco está diante de você, afiando sua lâmina. É só você e ele. Dois teve sua vez ontem, uma dúzia de queimaduras no seu peito e coxas. E ainda assim, você não diria o que eles queriam ouvir. Você não diria para eliminarem o problema, para tomarem as medidas necessárias para livrar Gaither do FBI.

Ainda não.

Cinco passos à frente, lâmina e olhos brilhando. Mais perto. Mais perto. A parte plana da lâmina pressiona o lado do seu rosto.

Sem ordem, há caos. Sem ordem, há dor.

Você sorri.

Eles te deixaram o dia todo nesta sala, pensando que você era Lorelai. Eles te deixaram, vagando livremente em uma sala com suas próprias algemas, sob a crença de que a ameaça de retribuição—para você, para Laurel—te manteria na linha.

Eles estavam errados.

Você avança enquanto as algemas quebradas caem. Você pega a faca e a enfia no peito do seu tormentador. — Eu sou o caos, — você sussurra. — Eu sou a ordem. — Você pressiona seus lábios contra os dele e torce a lâmina. — Eu sou a dor. —

CHAPTER 47

Holland Darby e sua esposa foram levados para interrogatório. Nenhum dos dois disse uma palavra. A meu pedido, a Agente Sterling trouxe o filho deles. Os adolescentes entre nós ficaram relegados a observar— neste caso, por trás de um espelho de dois sentidos.

— Devastação, resignação, fúria, culpa. — Michael listou as emoções no rosto de Kane Darby uma por uma.

Eu procurei algum sinal do que Michael via, mas não consegui perceber nem um vestígio de emoção agitando Kane Darby. Ele parecia sombro, mas não em guarda.

— Dois corpos foram encontrados em uma sala secreta sob a capela da sua família. — A Agente Sterling imitou a postura de Kane: sem complicação, sem frufu, sem rodeios. — Você tem alguma ideia de como eles foram parar lá? —

Kane olhou a Agente Sterling nos olhos. — Não. —

— Mentira, — Lia disse ao meu lado.

— Estamos vendo uma vítima masculina e uma vítima feminina, mortas aproximadamente há dez anos. Você pode lançar alguma luz sobre suas identidades? —

— Não. —

— Mentira. —

Eu olhei para o rosto familiar de Kane, tentando afastar qualquer calor que a criança de seis anos dentro de mim ainda sentia pelo homem. *Você sabe quem são. Você sabe o que aconteceu com eles. Você sabe o que aconteceu*

naquela sala. Por que seu pai a construiu. Por que ele construiu a capela.

Por que havia algemas nas paredes.

Kane me dissera que Lia estaria segura no Serenity Ranch, mas que eu não estaria. Agora me perguntava se eu teria acabado lá embaixo.

Eu sou filho de meu pai. A voz de Kane ecoava na minha memória. Eu fiz minhas escolhas há muito tempo.

Eu já tinha visto paralelos entre o controle emocional de Kane e o de Dean. Dean sabia o que seu pai estava fazendo com aquelas mulheres. Aos doze anos, ele encontrou uma maneira de impedi-lo.

Você saiu, Kane. Mas não parou seu pai. Não parou—não importa o que era. Você não deixou a cidade. Você não podia.

— Ele pode falar comigo, — eu disse à Agente Sterling através da transmissão de áudio. Depois de mais algumas perguntas a Kane, ela se desculpou e saiu da sala.

— Ele não vai falar com ninguém, — ela nos disse, observando o ex-marido de minha mãe por trás do espelho de dois sentidos. — Não até identificarmos os corpos. Não até sabermos quem eles são. Não até isso—tudo isso—ser *real* e ele atingir o ponto sem retorno. —

Kane Darby passou a vida toda guardando os segredos de seu pai. *Devastação. Resignação. Fúria. Culpa.* Os dois últimos eram as emoções que precisávamos.

— Quais as chances do laboratório do FBI identificar os corpos? — eu perguntei.

— Com pouco mais do que evidências esqueléticas e sem DNA para comparar? — A Agente Sterling respondeu de forma calma. — Mesmo que encontrem algo, levará tempo. —

Eu pensei na data de hoje—e na de ontem. Pensei no fato de que ainda estava em aberto como isso—qualquer parte disso—estava relacionado aos Masters. Pensei na minha mãe, acorrentada. Na forma como aquele cadáver estava acorrentado.

E então pensei no cadáver, os ossos aparecendo debaixo da carne desgastada. O rosto que nem parecia um rosto.

Parei. *O rosto.* Eu podia ver Celine Delacroix na minha mente, sua postura régia, sua expressão irônica. *Eu posso olhar para uma pessoa e saber exatamente como seus ossos faciais se parecem por baixo da pele.*

Minha mente girou. Quais as chances de que Celine pudesse fazer o oposto? Que, dada uma foto dos ossos faciais de uma pessoa, ela poderia desenhar o rosto?

— Cassie? — O tom da Agente Sterling me disse que não era a primeira vez que ela dizia meu nome.

Eu me virei para encontrar o olhar de Michael. — Eu tenho uma ideia, e você realmente não vai gostar disso. —

CHAPTER 48

Nós enviamos as fotos das nossas vítimas para Celine. E então esperamos. Esperar não era uma das maiores virtudes do programa *Naturals*. Em uma hora, a Agente Sterling já estava de volta ao caso, mas o resto de nós estava preso, mexendo os polegares no hotel. Esperando que Celine colocasse suas habilidades à prova. Esperando pela verdade. Esperando para descobrir se nossos esforços nos levariam mais perto da minha mãe.

— Dean. — De todos nós, Lia era a melhor ou a pior em esperar. — Verdade ou consequência? —

— Sério? — eu perguntei a Lia.

Os lábios dela se curvaram ligeiramente para cima. — Há uma certa tradição nisso, não acha? — Ela se sentou no braço do sofá. — Verdade ou consequência, Dean? —

Por um momento, achei que ele se recusaria a responder.

— Verdade. —

Lia olhou para suas mãos, examinando as unhas. — Por quanto tempo você vai ficar bravo comigo? —

Você não soa vulnerável. Você não soa como se a resposta pudesse te quebrar.

— Não estou bravo com você, — Dean disse, a voz falhando.

— Ele está bravo consigo mesmo, — Michael esclareceu com superioridade. — Além disso: comigo. Com certeza comigo. —

Dean o olhou com raiva. — Verdade ou consequência, Townsend. — Essas palavras não foram ditas como uma pergunta. Foram um desafio.

Michael ofereceu a Dean um sorriso encantador e brilhante. — Consequência. —

Por quase um minuto, os dois ficaram em uma competição de olhares. Então Dean quebrou o silêncio. — A Agente Starmans está lá embaixo, patrulhando o perímetro do hotel. Eu te desafio a exhibir a bunda para ele. —

— *O quê?* — Claramente, Michael não estava esperando que essas palavras saíssem da boca de Dean.

— O termo *moon* vem da forma vagamente semelhante à lua das nádegas humanas, — Sloane ofereceu com utilidade. — Embora a prática remonta à Idade Média, a terminologia não era comum até meados dos anos 1960. —

— Sério? — eu perguntei a Dean. Eu era uma profiler natural. Ele era meu namorado, e eu de jeito nenhum vi isso vindo. Afinal, ele *tinha* prometido ao universo uma significativa redução na melancolia caso ele devolvesse Lia para nós intacta.

— Você ouviu o homem, — eu disse a Michael.

Michael se levantou e tirou a poeira de seus paletós. — Exhibir a bunda para a Agente Starmans, — ele disse solenemente, — será um prazer. — Ele caminhou até a varanda, se deixou sair, esperou a Agente Starmans passar e então chamou a atenção do homem. Quando Starmans olhou para cima, Michael o saudou. Com precisão militar, ele se virou e mostrou suas nádegas.

Eu estava rindo tanto que quase não ouvi Michael quando ele voltou e se virou para Dean. — Verdade ou consequência, Redding? —

— Verdade. —

Michael cruzou os braços sobre a cintura de uma forma que me fez pensar que Dean iria se arrepender dessa escolha. — Admite: eu cresci em você. —

Sloane franziu a testa. — Isso não é uma pergunta. —

— Tudo bem, — Michael disse, sorrindo, antes de voltar a torturar Dean. — Você gosta de mim? Sou um dos seus melhores amigos do peito? Você choraria o coraçãozinho se eu fosse embora? —

Michael e Dean estavam brigando um com o outro desde que eu os conheci.

— Você. Gosta. De. Mim. — Michael repetiu a pergunta, dessa vez com gestos.

Dean olhou para Lia, cuja presença era um lembrete de que ele não poderia mentir.

— Você tem os seus momentos, — Dean murmurou.

— O que foi isso? — Michael colocou a mão na orelha.

— Eu não *preciso* gostar de você, — Dean retrucou. — Nós somos família. —

— Amigos do peito, — Michael corrigiu com superioridade. Dean lhe lançou um olhar feio.

Eu sorri.

— Sua vez de novo, — Lia lembrou Dean, cutucando-o com a ponta do pé.

Dean resistiu à tentação de atacar Michael. — Verdade ou consequência, Cassie? —

Havia muito poucas coisas que eu escondia de Dean— muito poucas coisas que ele não poderia me perguntar, se quisesse saber.

— Consequência, — eu disse.

Sloane pigarreou. — Eu só gostaria de ressaltar, — ela disse, — que este é um dos apenas dois vírgula três por cento dos quartos de hotel que vêm com um liquidificador.

—

As horas se passaram. O liquidificador e o minibar provaram ser uma combinação perigosa.

— Verdade ou consequência, Lia? — Era a minha vez, e eu podia sentir a realidade se aproximando. Cada rodada que passava era mais um momento sem notícias de Celine.

Era um momento a mais até o ponto em que a Agente Sterling teria que ou acusar a família Darby ou liberá-los.

— Verdade, — Lia respondeu. Foi a primeira dela em um jogo que já estava bem longo.

— Por que você foi atrás de Darby sozinha? — eu perguntei.

Lia se levantou e se espreguiçou, arqueando as costas e torcendo de um lado para o outro. Ela tinha a vantagem no Verdade ou Consequência.

Ninguém mais naquele quarto poderia mentir e sair impune.

— Eu saí, — Lia disse finalmente. — Minha mãe não saiu. — Ela parou de se espreguiçar e ficou muito parada. — Eu fugi quando entrei na puberdade. Quando o Briggs me encontrou em Nova York... — Ela balançou a cabeça. — Não havia mais nada para salvar. —

Nada restou do culto. Nada restou da sua mãe.

— Alguns dos seguidores de Darby vão apenas encontrar outra pessoa para se agarrar, — Lia continuou. — Mas há pelo menos uma chance de que com ele na prisão, alguns deles voltem para casa. —

Eu pensei em Melody e Shane. E então pensei em Lia— mais jovem e mais vulnerável do que a garota que eu conhecia agora.

— Além disso, — Lia acrescentou de forma despretensiosa, — eu queria dar uma lição no Michael por aquele truque que ele fez em Nova York. — Ela girou sobre as pontas dos pés. — Verdade ou consequência, Sloane? —

— Escolher verdade envolveria uma pergunta sobre estatísticas de beagles e/ou flamingos? — Sloane perguntou esperançosamente.

— Duvido, — Michael opinou.

— Consequência, — Sloane disse para Lia.

Um sorriso lento e malicioso se espalhou pelo rosto de Lia. — Eu te desafio, — ela disse, — a invadir o computador da Agente Sterling e mudar o papel de parede para a foto

que eu tirei do Michael mostrando a bunda para a nossa
Agente Starmans. —

CHAPTER 49

E levou quase meia hora para Sloane invadir o laptop da Agente Sterling. Considerando que estávamos falando de Sloane, isso tornava as medidas de segurança do computador da Agente Sterling extremamente impressionantes. Nossa hacker residente estava no meio do processo de upload da foto que Lia havia tirado quando o computador apitou.

— E-mail chegando, — Lia disse, esticando-se sobre Sloane para clicar no ícone do e-mail.

Em um segundo, estávamos no clima divertido de Verdade ou Consequência, e no seguinte, foi como se todo o oxigênio tivesse sido sugado da sala. O e-mail era de Agent Briggs. Havia arquivos anexados. *Relatórios. Fotos.*

Dentro de um minuto, os arquivos preencheram a tela. A imagem de um corpo humano, queimado até não ser mais reconhecível, me fez cair no chão. Sentei-me com força, incapaz de manter os braços longe das minhas pernas, incapaz de tirar os olhos da tela.

Eu sabia, logicamente, que os assassinatos tinham recomeçado. Sabia que havia um UNSUB lá fora fazendo a transição de aprendiz para Mestre. Eu até sabia o MO do assassino.

Suspense como um espantalho. Queimado vivo.

Mas havia uma diferença entre saber de algo e ver com seus próprios olhos. Forcei-me a olhar para a foto da vítima —da pessoa que ela havia sido antes de seu corpo ser

devorado pelas chamas, antes de ela ser nada além de dor, carne queimada e cinzas.

Seu cabelo era longo e loiro, sua pele pálida contrastando com um par de óculos de armação escura e estilo hipster. E quanto mais eu olhava para ela, mais difícil era desviar o olhar, porque ela não parecia apenas jovem, despreocupada e viva.

— Ela parece familiar. — Eu não tinha intenção de dizer essas palavras em voz alta, mas elas saíram da minha boca como um trovão.

Ao meu lado, Sloane balançou a cabeça. — Não reconheço ela. —

Michael se espremeu ao nosso lado no computador. — Eu reconheço. — Ele se virou para me olhar. — Quando estávamos investigando o caso Redding, quando você, Lia e eu fomos naquela festa de fraternidade—você saiu com o assistente de ensino do professor, e eu segui. Com ela. —

Tentei recriar a cena em minha memória. Uma universitária tinha sido morta, o MO coincidindo exatamente com o de Daniel Redding. Michael, Lia e eu havíamos saído discretamente de casa para fazer um reconhecimento sobre suspeitos potenciais. E uma das pessoas com quem conversamos foi essa garota.

— Bryce. — Sloane leu o nome dela no arquivo. — Bryce Anderson. —

Eu me esforcei para lembrar mais sobre ela, mas, além do fato de que ela estava na mesma turma da primeira vítima—e do fato de que a turma estava estudando o caso Daniel Redding—não consegui lembrar mais nada.

— Quando você falou com meu pai... — A voz de Dean estava firme, mas eu sabia exatamente o quanto ele teve que lutar para manter aquele distanciamento. — Ele indicou que estava ciente da existência dos Mestres. Quais as chances de que *eles* estivessem observando *e/e*? —

Vi a lógica na pergunta de Dean. Se nossa vítima tinha uma conexão com o caso Daniel Redding, havia pelo menos uma chance de que o UNSUB também tivesse.

A porta do quarto do hotel se abriu antes que eu pudesse colocar qualquer coisa disso em palavras.

— Isso, — a Agente Sterling disse severamente, entrando na sala, — é o rosto de alguém que não vai dizer uma palavra—*nem uma única palavra*—sobre a decisão duvidosa que leva uma pessoa a mostrar a bunda para um agente federal. — As bordas de seus lábios se curvaram ligeiramente. — Quando terminarmos em Gaither, a Agente Starmans pediu uma folga. — Ela percebeu o clima na sala e as expressões em nossos rostos. — Já recebemos alguma resposta de Celine? —

Em resposta, Sloane virou o laptop, mostrando à Agente Sterling a tela. A expressão impassível que nossa mentora adotou naquele momento me disse, sem sombra de dúvida, que os arquivos anexados a esse e-mail não eram novidade para ela. Ela já sabia a identidade da primeira vítima—e, de algum modo, ela fez a conexão.

— Você invadiu meu laptop. — Isso não era uma pergunta nem uma acusação. Judd, que estava nos dando espaço há horas, escolheu aquele momento para se juntar a nós, e Sterling encontrou seu olhar. — Esta é a parte onde você nos diz que dar-lhes uma bronca seria um desperdício de fôlego? —

Dean deu um passo à frente. — Esta é a parte onde você nos fala sobre a vítima número dois. —

Bryce foi morta no dia 2 de abril. As próximas duas datas Fibonacci foram 4/4 e 4/5—e hoje era o dia 5. Pelo menos, tínhamos duas vítimas. Até a meia-noite, tínhamos três.

— Estamos olhando para a mesma área geográfica? — Eu perguntei a Sterling, esperando provocar alguma resposta. — Mesma vitimologia? —

— A vítima número dois tem alguma conexão com meu pai? — Dean pressionou. — Ou com aquela turma sobre assassinos em série? —

— Não. —

Essa resposta não veio da Agente Sterling. Veio de Sloane.

— *Não. Não. Não.* — Sloane havia virado o laptop de volta. Suas mãos ficaram inertes nas teclas, e eu percebi que ela tinha aberto o restante dos arquivos anexados ao e-mail de Briggs.

Meus olhos ardiam enquanto eu olhava para a segunda cena do crime. *Suspenso como um espantalho. Queimado vivo.* Mas foi o nome digitado nos formulários acompanhantes que explicou o modo como Sloane pressionou as mãos contra a boca e o som rouco e agudo que saiu entre seus dedos.

Tory Howard.

Tory tinha sido uma pessoa de interesse em nosso caso de Vegas. Ela era uma mágica de palco na casa dos vinte anos, que cresceu junto ao nosso assassino de Vegas. E isso significava que o fio comum entre as duas vítimas não era o caso Redding. Não era geográfico. Era *nós*. Casos que trabalhamos. Pessoas com quem conversamos.

No caso de Tory, pessoas que salvamos.

— *Ela também o amava.* — As mãos de Sloane não estavam mais em sua boca, mas sua voz ainda estava distorcida. Tory havia se envolvido com o irmão de Sloane, Aaron. Ela havia lamentado por ele, assim como Sloane. Ela havia reconhecido a dor de Sloane. — *Ligue para Briggs.* — A voz de Sloane ainda estava baixa, seus olhos fechados com força.

— Sloane— — Judd começou a falar, mas ela o interrompeu.

— Tanner Elias Briggs, número de Seguro Social 449-872-1656, escorpião na cúspide de Sagitário, 73,25 polegadas de altura. — Sloane forçou seus olhos azuis a se abrirem, sua boca firme em uma linha de desafio. — *Ligue para ele.* —

Desta vez, quando a agente Sterling discou o número, Briggs atendeu.

— Ronnie? — A voz de Briggs cortou o ar. Todo o tempo que o conheci, ele quase sempre atendia o telefone com seu próprio nome. Me perguntei o que poderia significar o fato de ele ter atendido com o dela desta vez.

— Tem todo o grupo, — disse a agente Sterling, colocando o telefone no viva-voz. — As crianças invadiram meu computador. Viram os arquivos. —

— Você deveria ter me contado, — disse Sloane com veemência. — Quando descobriu que a segunda vítima era Tory. — Sua voz tremia um pouco. — Eu deveria saber. —

— Você estava sobrecarregada. — Foi Judd quem respondeu, não Briggs. — Todos vocês estavam. — O jeito grosseiro e característico do ex-fuzileiro naval suavizou um pouco enquanto ele se aproximava de Sloane. — Você me lembra a minha Scarlett. — Judd raramente falava o nome de sua filha. Carregava um peso sobrenatural quando o fazia. — Às vezes, me engano pensando que talvez eu possa te proteger *você*. —

Eu podia ver Sloane lutando para entender—o que Judd estava dizendo, o fato de que ele foi quem tomou a decisão de nos manter no escuro.

— Hoje é 5 de abril. — O tom de Lia tinha bordas afiadas, mas eu não podia ouvir nem o mais leve traço de raiva. — 4/5. Onde estamos com a vítima número três? —

Ela fez a pergunta porque Sloane não podia, e a fez para lembrar Briggs, Sterling e Judd de que eles não podiam mentir para *ela*.

Briggs manteve sua resposta breve. — Sem cena de crime. Sem vítima. Não ainda. —

Ainda. Essa palavra serviu como um lembrete de todas as pessoas que falhamos. Enquanto estivemos aqui em Gaither, procurando pistas, mais duas pessoas morreram. Outra se juntará a elas em breve, se juntar aos *centenas* de vítimas que os Mestres assassinaram ao longo dos anos.

— Precisamos revisar nossos casos passados, — disse eu com firmeza, lutando contra a realidade esmagadora de que, quando cometemos erros—quando não somos bons o

suficiente, quando somos lentos—pessoas morrem. —
Identificar pessoas de interesse. —

— Mulheres de interesse com menos de vinte e cinco anos, — disse Dean suavemente. — Mesmo que os outros Mestres estejam sugerindo vítimas que façam um ponto para o FBI, este é *meu* teste, e esse é o meu tipo. —

As palavras de Dean me deram um calafrio na espinha, porque deram vida a uma suspeita que se escondia logo abaixo da superfície da minha mente. Cada Mestre escolhia nove vítimas. A vitimologia era uma das coisas que separava cada Mestre do próximo.

Mas desta vez, nosso assassino não era o único com voz nas mortes.

Isso não é apenas ritual. É pessoal. Não importa quantas vezes tentei entrar na cabeça desse UNSUB, eu sempre chegava às mesmas conclusões. Alguém tornou isso pessoal, porque estamos chegando perto. Porque estamos em Gaither.

— Os Mestres fizeram o aprendiz matar Bryce e Tory por nossa causa. — Engoli em seco, mas não consegui impedir que as palavras saíssem. — Não sei se é vingança ou uma tentativa de nos desviar de Gaither, mas se não estivéssemos aqui... —

Do outro lado da sala, Michael estava com o celular pressionado contra a orelha. Não disse nada, terminou a chamada e tentou novamente.

— Michael— — Lia começou a falar.

Ele bateu o punho na parede. — Feminina, — disse, como se fosse uma palavra maldita. — Menos de vinte e cinco anos. Com uma conexão com um dos nossos casos anteriores. —

Pela primeira vez desde que eu o conhecia, a expressão de Michael era transparente. *Aterrorizado. Enjoado.*

E foi aí que percebi...

— Celine, — disse eu. *Feminina. Universitária.* A bile subiu pela minha garganta. — Ela foi a 'vítima' em nosso caso mais recente. Se eles estiveram nos observando... —

Uma sensação pesada se instalou nos meus membros. — Ela nos ajudou a identificar o Nightshade. E nós a puxamos de volta para o caso. —

Não nós, pensei, horrorizada. Eu. Fui eu quem sugeriu que chamássemos a Celine—assim como fui ver a Laurel.

— Se ela estivesse lá, ela atenderia. — Michael bateu o punho na parede repetidamente até que Dean o puxasse para trás. — Com tudo o que está acontecendo, ela atenderia. — Michael lutou violentamente contra o hold de Dean antes de parar abruptamente. — Minha ligação foi para a caixa postal. Duas vezes. —

CHAPTER 50

Não importava quantas vezes ligássemos para Celine, seu telefone ia direto para a caixa postal. Briggs enviou um agente local ao seu dormitório para verificar como ela estava, mas ela não estava lá.

Ninguém havia visto ou conversado com Celine Delacroix desde que enviamos as fotos a ela horas antes.

— Primeiro eles foram atrás da sua irmã, Colorado, — disse Michael sem emoção, seus olhos vazios de sentimentos. — E agora eles levaram a minha. —

Lia cruzou a sala para ficar na frente dele. Sem motivo aparente, sua mão se esticou e deu um tapa no rosto dele, e um momento depois, ela pressionou seus lábios contra os dele, beijando-o com força. Quanto a distrações, essa foi um golpe duplo.

— Celine está bem, — Lia disse quando se afastou. — *Ela vai ficar bem, Michael.* — Lia conseguia fazer qualquer coisa soar verdadeira. Sua respiração estava ofegante enquanto continuava. — Eu prometo. —

Lia não fazia promessas.

— Ela está desaparecida há poucas horas, — Sloane acrescentou. — E dado que ela tem um histórico de se sequestrar *mesma*, estatisticamente falando... — Nossa especialista em números fez uma pausa, seu cabelo loiro caindo sobre seu rosto. — Ela vai ficar bem. — Sloane não ofereceu um único número ou porcentagem. Quaisquer números que estivessem passando pela sua cabeça, ela os

combatia por Michael e ecoava as palavras de Lia. — Eu prometo. —

Dean bateu a mão no ombro de Michael. Os olhos de Michael se dirigiram até os meus.

— Ela vai ficar bem, — disse eu suavemente. Depois de tudo pelo que passamos, tudo o que perdemos, eu tinha que acreditar nisso. Mas eu não prometi. Não podia.

Michael, ao olhar para o meu rosto, teria sabido o motivo.

Uma batida na porta do quarto do hotel quebrou o silêncio que havia caído sobre nós. Judd avançou para me impedir de abri-la. Olhando pelo olho mágico, ele deixou a mão cair da arma ao seu lado e abriu a porta.

— Você tem o péssimo hábito de desaparecer, mocinha.

—

Processando as palavras de Judd antes de registrar a identidade da garota do outro lado da porta.

— Celine? —

Celine Delacroix estava ali, com uma mala de grife na mão, seu cabelo suavemente afastado de seu rosto. — Fotos de crânios bidimensionais são uma porcaria, — declarou em vez de uma saudação. — Me leve até os corpos. —

CHAPTER 51

Isto não ocorreu a Celine dizer a ninguém que estava indo em uma viagem improvisada para Oklahoma. Ela desligou o telefone no avião.

— Eu te disse. — Lia fez uma careta para Michael. — Diga que eu estava certa. —

— Você estava certa. — Michael revirou os olhos. Sua voz suavizou um pouco. — Você prometeu. —

— Em nome da honestidade absoluta, — Celine interrompeu, — estou quase certa de que todos aqui presentes apreciariam se vocês dois pegassem um quarto.

— Eu não, — resmungou Dean.

— Eu não me importo com demonstrações de intimidade física e emocional, — Sloane se ofereceu. — As nuances e estatísticas que fundamentam o comportamento de namoro são bastante fascinantes. —

As bordas dos lábios de Celine se curvaram para cima quando ela encontrou o olhar de Sloane. — Você não diz. —

Sloane franziu a testa. — Eu acabei de dizer. —

— Eu poderia usar alguma expertise matemática para essas reconstruções faciais. — Celine inclinou a cabeça para o lado. — Vai entrar, loirinha? —

Lembrando-me da reação de Sloane aos corpos no porão, eu esperava que ela recusasse, mas em vez disso, ela deu um passo em direção a Celine. — Eu topo. —

A Agente Sterling, Celine e Sloane partiram antes do sol nascer no dia seguinte. Eu acabei indo junto. Em todo o tempo em que estive no programa *Naturals*, esta foi a minha primeira visita a um dos laboratórios do FBI—neste caso, uma instalação segura a duas horas de distância de Gaither. Depois que a médica legista terminou sua análise de ambos os corpos e uma equipe forense coletou evidências de vestígios das roupas e da pele, o pouco que restava da carne de nossas vítimas foi retirado dos ossos. Os dois esqueletos estavam lado a lado.

A Agente Sterling despejou a sala antes de nos permitir entrar.

Celine estava na porta, observando a longa visão antes de avançar em direção aos esqueletos, circulando-os lentamente. Eu sabia, apenas pela sua postura, que seus olhos não perdiam nada. Seu olhar se fixou no esqueleto menor—nossa vítima feminina.

Você vê mais do que ossos. Você vê contornos. Uma bochecha, uma mandíbula, olhos...

— Posso tocá-la? — Celine perguntou, virando-se para a Agente Sterling.

Sterling inclinou ligeiramente a cabeça, e Sloane entregou a Celine um par de luvas. Celine colocou-as e passou as pontas dos dedos suavemente sobre o crânio da mulher, sentindo a maneira como os ossos se curvavam e se encontravam. Para Celine, pintar era um esforço corporal total, mas isso—isso era sagrado.

— Dois vírgula três nove polegadas entre as cavidades orbitais dela, — Sloane disse suavemente. — Cerca de duas polegadas e meia entre suas pupilas e a boca. —

Celine continuou sua exploração do crânio, assentindo levemente. Enquanto Sloane recitava mais medidas, Celine pegou o bloco de desenho que havia colocado em uma mesa de exame próxima. Em segundos, ela estava com um lápis na mão e ele voava sobre a página.

Enquanto Celine desenhava, ela se afastou de nós. *Você nos mostrará quando estiver pronto. Quando terminar.*

Foram vários minutos até o som de Celine arrancando o papel de seu bloco cortasse o ar. Sem dizer uma palavra, ela entregou o desenho a Sloane, colocou o bloco de anotações e voltou sua atenção para o segundo esqueleto.

Sloane trouxe a imagem para mim. Eu a trouxe para a Agente Sterling. A mulher que nos encarava da página tinha cerca de vinte e poucos anos, bonita de uma forma comum. Uma sensação crescente de familiaridade me puxou.

— Reconhece ela? — A Agente Sterling me perguntou baixinho, enquanto Celine continuava a trabalhar do outro lado da sala.

Eu balancei a cabeça, mas por dentro, senti como se fosse acenar. — Ela parece... — As palavras pairaram, fora de alcance. — Ela parece com a Melody, — eu disse finalmente. — A neta da Ree. —

No instante em que essa frase saiu da minha boca, eu soube. Eu sabia quem essa mulher era. Eu sabia que a filha de Ree—mãe de Melody e Shane—não tinha fugido da cidade depois de uma breve parada no Serenity Ranch.

Ela nunca tinha ido embora.

Tentei me lembrar de qualquer outra coisa que pudesse sobre a mulher—qualquer coisa que eu tivesse ouvido, qualquer coisa que eu tivesse visto. Em vez disso, lembrei-me do que minha mãe tentara me impedir de ver no fundo da escada.

Algo grande.

Algo desajeitado.

Sangue nas mãos da minha mãe...

Eu não conseguia distinguir o rosto do corpo. Não conseguia dizer se era homem ou mulher.

Kane. Kane estava lá. O conhecimento se espalhou sobre mim. Não estava?

Sentindo como se o mundo estivesse desabando sob meus pés, caminhei em direção a Celine, que pegara seu bloco de desenhos novamente. Desta vez, não consegui evitar de observar enquanto ela desenhava.

Ela me deixou.

Ela me deixou observar por sobre seu ombro, e lentamente, o rosto de um homem surgiu. *Primeiro a mandíbula. Linha do cabelo. Olhos. Bochechas, boca...*

Eu dei um passo para trás. Porque desta vez, não havia sensação crescente de familiaridade, nem necessidade de vasculhar os arquivos da minha memória em busca de alguma pista de quem aquele corpo poderia ter pertencido.

Eu reconheci aquele rosto. E de repente, estava novamente no topo das escadas, e havia um corpo no fundo.

Eu vejo isso. Eu vejo o rosto. Eu vejo sangue—

O homem na imagem—o homem na minha memória, amontoado no fundo das escadas, o esqueleto na mesa de exame, uma década morto—era Kane Darby.

YOU

Os Mestres te encontram sentado no chão, com a faca equilibrada no seu joelho. O Cinco está em pedaços ao seu lado.

Você levanta os olhos, sentindo-se mais vivo—mais como você mesmo—do que nunca. —Ele não era digno—você diz.

Você não é fraco. Você não é Lorelai. Você decide quem vive, quem morre. Você é o juiz e o júri. Você é o executor. Você é a Pítia.

E eles irão jogar o seu jogo.

CHAPTER 52

I*mpossível*. Essa era a palavra para o que Celine havia desenhado. Horas depois, enquanto me sentava diante de Kane Darby no escritório local mais próximo do FBI, com a Agente Sterling de um lado e Dean do outro, me vi olhando fixamente para seu rosto—para aqueles traços familiares—com a garganta seca e a mente em turbilhão.

Você está vivo. Está aqui. Mas era o seu rosto naquele esboço.

Era o *rosto dele* na minha memória, *seu* corpo caído ao pé da escada, *seu* sangue nas mãos da minha mãe. Havia uma explicação, e eu sabia, instintivamente, que poderia forçar Kane a me dar, mas só de olhar para ele, eu ficava congelada, como um mergulhador parado à beira de um penhasco, encarando as ondas quebrando contra as rochas abaixo.

— Minha mãe já mencionou os BPEs para você? — perguntei a Kane, de alguma forma conseguindo formar as palavras. — Comportamento. Personalidade. Ambiente.

— Lorelai estava ensinando os truques do ofício dela — respondeu Kane. Uma década depois, ainda era possível ouvir um eco de emoção quando ele dizia o nome dela.

— Ela me ensinou bem. — Deixei isso pairar no ar, soando mais calma do que me sentia. — Bem o suficiente para que o FBI ache minhas habilidades úteis de vez em quando.

— Você é uma criança. — A objeção de Kane era previsível o bastante para me estabilizar, me ancorando no

aqui e agora.

— Eu sou a pessoa que faz as perguntas — corriji, com firmeza. Eu sabia, instintivamente, que a agente Sterling estava certa: se tivéssemos tentado essa tática sem identificar as vítimas, eu não teria conseguido nada de Kane.

Mas as reconstruções faciais de Celine tinham mudado o jogo.

Você saberá, em um momento, que isso é real. Que os segredos da sua família estão vindo à tona. Que não adianta lutar contra isso.

Que o poder da penitência empalidece diante da confissão.

— Identificamos os corpos encontrados no Rancho Serenity. — Dei a Kane tempo suficiente para se perguntar se eu estava blefando e, em seguida, lancei um olhar para a agente Sterling, que me entregou uma pasta. Coloquei a primeira foto sobre a mesa, virada para Kane.

— Sarah Simon — disse. — Ela se juntou ao culto do seu pai e depois — pelo que parece — fugiu quando não era o que esperava.

— Exceto que ela não fugiu. — Dean continuou de onde eu parei. — Sarah nunca deixou a propriedade, porque alguém a matou antes disso. De acordo com a autópsia, estamos falando de asfixia. Alguém — provavelmente um homem — colocou as mãos no pescoço dela e tirou sua vida.

— Estrangulamento tem a ver com dominação. — Eu estava totalmente consciente de como devia soar estranho para Kane, que me conheceu criança, ouvir-me dizer essas palavras. — É pessoal. É íntimo. E depois, há uma sensação de... conclusão.

Pela primeira vez, a expressão de Kane vacilou e algo mais apareceu por trás de seus olhos claros. Eu não precisava de Michael para saber que não era medo nem nojo.

Era raiva.

Coloquei a segunda foto sobre a mesa, a que mostrava um homem com o rosto de Kane.

— Isso é uma piada? — perguntou Kane.

— Esse é o rosto da segunda vítima — respondi.

Impossível — mas não. — É curioso — ninguém em Gaither nunca mencionou que você tinha um irmão gêmeo.

Essa era a única explicação que fazia sentido — *não Kane caído ao pé da escada. Não Kane coberto de sangue.*

— Talvez — continuei, inclinando o olhar para capturar o dele —, ninguém em Gaither soubesse. Você me disse outro dia que, ao crescer, era o filho de ouro. — Olhei para a foto. — Seu irmão era algo bem diferente.

Às vezes, um perfilador não precisava saber as respostas. Às vezes, bastava saber o suficiente para levar alguém a preencher as lacunas.

— O nome do meu irmão — disse Kane, encarando a foto — era Darren. — A raiva que eu tinha visto em seus olhos foi substituída por outra emoção, algo sombrio, cheio de desprezo e saudade. — Ele costumava brincar que tínhamos sido trocados no hospital — que era ele quem deveria ser Kane. Na versão dele, eu era Abel.

— Seu irmão gostava de machucar coisas. — Dean leu nas entrelinhas. — Gostava de machucar você.

— Ele nunca encostou a mão em mim — rebateu Kane, com a voz vazia.

— Ele fazia você assistir — disse Dean. Ele sabia como era aquilo — visceralmente, de um jeito impossível de esquecer.

Kane desviou os olhos do desenho de Celine. — Ele machucou uma garotinha na Califórnia. Foi por isso que nos mudamos para Gaither.

Quando Kane se mudou para Gaither, ele e o irmão tinham apenas nove anos.

— Darren foi o motivo pelo qual seu pai fundou o Serenity. — Agora eu via nuances nessa ação que iam além da sede de poder e adoração do Darby mais velho.

No Serenity, encontrei equilíbrio.

No Serenity, encontrei paz.

— Darren não podia sair da propriedade — disse Kane.
— Nós o vigiávamos de perto.

Eu já havia teorizado que Kane desenvolveu sua calma anormal como resultado de crescer perto de alguém que era instável, volátil, imprevisível.

— Os seguidores do seu pai mantiveram Darren em segredo.

Kane fechou os olhos. — Todos nós mantivemos.

Pensei em Malcolm Lowell, dizendo que o neto tinha encontrado um jeito de entrar no complexo. Pensei nos animais —

Não eram mortes limpas. Aqueles animais morreram devagar e morreram com dor.

— Seu irmão e Mason Kyle eram amigos.

Pensei em Nightshade e no monstro que ele se tornou. Será que ele já era assim quando criança? Um sádico?

— Meus pais achavam que Mason fazia bem para Darren. Fazia bem para nós. Era quase como se...

— Quase como se vocês fossem crianças normais — completou a agente Sterling. — Quase como se seu irmão não tivesse um gosto por machucar animais — e pessoas, quando podia.

A cabeça de Kane caiu tão baixo que o queixo quase encostou no peito. — Eu baixei a guarda. Deixei-me acreditar que meus pais estavam errados sobre Darren. Ele não estava quebrado. Tinha apenas cometido um erro. Só um erro, era isso...

— E então vieram os assassinatos da família Kyle. — Dean sabia, melhor que ninguém, como era carregar o sangue das vítimas de outra pessoa nas mãos.

— Darren desapareceu naquele dia. — Kane fechou os olhos, revivendo o que viu quando criança. — Eu sabia que ele tinha ido à casa de Mason. Eu segui, mas quando cheguei lá...

Anna Kyle, morta. O marido dela, morto. O pai dela, morrendo...

— Mason estava lá, parado. Ele estava apenas... parado. E então ele se virou, olhou para mim e disse: ‘Diga a Darren que... eu não vou contar.’
Eu conseguia ouvir Malcolm Lowell afirmando que não achava que seu neto tinha sido o responsável por torturar e matar os animais que ele havia encontrado.

Eu acho que ele observava.

- Foi nessa época que seu pai construiu a capela? - perguntou a Agente Sterling. Eu traduzi a pergunta—*a cela debaixo da capela. As algemas nas paredes. Não para ovelhas desgarradas do seu rebanho, mas para o próprio filho monstruoso.*

Tentei imaginar como seria estar no lugar de Kane, sabendo que meu pai havia trancado meu próprio irmão gêmeo. Kane teria visitado Darren? Teria visto o impacto que o cativeiro estava causando nele? Simplesmente o deixava lá embaixo, dia após dia, ano após ano?

Como se pudesse ouvir essas perguntas silenciosas, Kane fechou os olhos, com a dor marcada em seus traços. - Você podia pegar Darren em flagrante, parado sobre um filhote morrendo, e ele diria na sua cara que não foi ele. Jurava, de pés juntos, que não tinha nada a ver com o ataque aos Kyles. - Kane engoliu seco. - Meu pai não acreditou nele.

Você também não acreditou nele. Você deixou seu pai trancá-lo. Por anos.

Agora eu entendia por que Kane nunca tinha conseguido deixar a cidade. Não importava o quanto ele tivesse ficado desgostoso com as manipulações do pai, não importava o quanto sua família estivesse destruída, ele não conseguia deixar o irmão.

- Ele era meu gêmeo. Se ele era um monstro, eu também era.

- Anos depois, você conheceu minha mãe - comentei, minha mente acelerada. - E as coisas estavam indo tão bem... - Minha voz travou na garganta enquanto eu me

lembrava de Kane dançando com minha mãe na varanda da frente, Kane me levantando em seus ombros.

- Como Sarah Simon se encaixa em tudo isso? - a Agente Sterling redirecionou a conversa. - Por todos os relatos, ela se juntou a Serenity mais de duas décadas após a morte da família Kyle.

- Eu já tinha deixado Serenity nessa época - disse Kane, sua voz rouca o suficiente para me dizer que eu não era a única que havia sido capturada pelas memórias da minha mãe. - Mas, pelo que entendi, Sarah passava muito tempo na capela.

Eu conseguia ouvir o horror na maneira como Kane dizia *capela*.

- Sarah descobriu sobre Darren - eu disse, minha mente na cela onde Holland Darby havia mantido o filho.

- Ela descobriu o quarto. Ela descia escondida para vê-lo, provavelmente mais de uma vez, e, quando ele se cansou de brincar com ela, ele a matou. - A voz de Kane era como uma faca de corte cego. - Ele envolveu as mãos no pescoço dela, exatamente como você disse. Poder. Dominação. Pessoal. E então, ele fugiu e veio atrás de mim.

Não você, corrigi silenciosamente. Poder. Dominação. Pessoal.

- Ele foi atrás da pessoa que você amava. - Me perguntei como Darren havia descoberto sobre minha mãe, se ele tinha seguido Kane até nossa casa, mas essas perguntas morreram sob a força de uma memória que me atingiu como um tsunami.

Noite. Há um baque no andar de baixo.

Coloquei-me no lugar da minha mãe. Você achou que ele era Kane no início? Ele tentou machucá-la? Ele envolveu os dedos ao redor do seu pescoço?

Você reagiu.

Pensei na minha mãe sorrindo, horas depois, dançando comigo na beira da estrada. *Você o matou.*

Os olhos de Kane estavam fechados agora, como se ele não pudesse suportar me olhar, não pudesse suportar

lembrar, mas não conseguisse parar. – Quando cheguei na casa de Lorelai, ela tinha ido embora. Você tinha ido embora, Cassie. E o corpo de Darren estava no fundo da escada.

Eu vi toda a cena através dos olhos dele: o irmão que ele odiava, temia e amava, morto. A mulher por quem ele se apaixonara, responsável. *Foi sua culpa que ele foi atrás dela. Sua culpa que ele a machucou.*

Sua culpa que ele estava morto.

– Lorelai matou Darren em legítima defesa – deduziu a Agente Sterling. – A menos que você tenha contado a ela sobre ele, provavelmente ela achou que tinha matado você.

Tentei conciliar isso com a mãe que eu me lembrava, a mãe que eu conhecia.

– Você limpou a cena do crime – continuou a Agente Sterling, sem dar trégua a Kane. – Você trouxe o corpo do seu irmão gêmeo para casa.

– Eu nunca contei. – Kane souou como um menino, como a criança que foi forçada a guardar o segredo da família, a carregar o fardo do irmão.

– Sua família trancou Darren, sob a capela – disse Sterling suavemente. – Ele estava morto, e ainda assim o prenderam com algemas. E Sarah Simon—vocês deixaram o corpo dela lá embaixo. Vocês deixaram a família dela pensar que ela tinha ido embora da cidade.

Kane não respondeu. Algo havia se quebrado dentro dele. Algo havia se partido. E quando ele finalmente falou novamente, não foi para confirmar as afirmações da Agente Sterling.

– Em Serenity, eu encontrei equilíbrio – disse ele, uma sombra de seu antigo eu. – Em Serenity, eu encontrei paz.

VOCÊ

Você sempre protegeu Lorelai. Suportou o que ela não podia. Fez o que ela não conseguia.

Mas desta vez? Você não matou por ela.

Você matou o Cinco por si mesma. Porque gostou. Porque podia.

Lorelai é fraca. Mas enquanto os Mestres tomam seus lugares à mesa, você não é. Alguns querem puni-la. Alguns querem tirar a faca de sua mão para sempre. Mas outros se lembram—do que é uma Pítia.

Do que uma Pítia pode ser.

O Mestre que precedeu o Cinco—o homem que o escolheu, treinou e reassumiu o lugar vazio, um homem que você reconhece—coloca fim à conversa quando lhe entrega um diamante, vermelho como sangue, em honra ao seu feito.

Este é um homem acostumado a liderar. Um homem acostumado a estar no comando.

— Há uma ameaça — diz o recém-chegado. — Eu posso cuidar dela.

Ele está falando de Gaither. Da filha de Lorelai e de seus pequenos amigos, e de como eles estão muito perto de descobrir a verdade.

Você permite que seu olhar capture o dele. — Já está resolvido.

O terceiro assassinato do acólito já está em andamento. O corpo deve aparecer em breve, e se a segunda vítima não enviou sua mensagem, esta enviará.

— E se o problema persistir? Se a investigação deles nos levar à nossa porta?

— Bem, então... — Você gira o diamante vermelho-sangue na mão. — Nesse caso, suponho que você possa pedir julgamento mais uma vez.

CHAPTER 53

O irmão gêmeo de Kane matou a filha de Ree. Darren tentou matar minha mãe, e ela o matou em legítima defesa. Eu deveria estar sobrecarregada. Deveria ter que lutar para analisar a situação com um olhar distanciado. Mas, em vez disso, não senti nada.

Senti como se isso—tudo isso—tivesse acontecido com outra pessoa.

Lia, que estava observando junto com Sloane e Michael nos bastidores, confirmou que Kane Darby acreditava em cada palavra que dizia, e me vi virando para a agente Sterling. — O que vai acontecer com ele?

— Kane vai testemunhar contra o pai — Sterling respondeu. — Sobre as drogas, o que seu pai fez com Darren, o papel que ele desempenhou ao encobrir a morte de Sarah Simon. Dadas as circunstâncias atenuantes, acho que consigo convencer o promotor a fazer um acordo com Kane.

Não era isso que eu estava perguntando—não realmente. Eu estava perguntando para onde uma pessoa como Kane poderia ir depois de algo assim, como ele poderia possivelmente seguir em frente.

Celine, que havia observado o depoimento, inclinou a cabeça para o lado e ergueu uma mão bem cuidada. — Só para esclarecer: estamos realmente aceitando a ideia de que uma criancinha matou duas pessoas e tentou matar uma terceira, levando os pais a acorrentá-lo no porão por

vinte e três anos, até que ele matou outra pessoa, fugiu e acabou morto?

Houve uma longa pausa. Depois de um momento, Sloane respondeu. — Isso parece uma descrição precisa da teoria em andamento.

— Só conferindo — Celine respondeu levemente. — Relacionado a isso, esta é a coisa mais absurda que já ouvi.

— Fique por perto — Lia disse a ela. — Os filhotinhos e arco-íris vêm *depois* do assassinato e do caos.

A agente Sterling soltou um risinho. Mas o momento de leveza não durou. Eu podia ver a agente do FBI debatendo se deveria ou não abrir a boca novamente. — Não sei se acredito ou não no envolvimento de Darren nos assassinatos dos Kyle. Kane *acredita* que seu irmão os matou—isso não significa que ele esteja certo.

Você apareceu, Kane. Os Kyles estavam mortos. Mason, que tinha um histórico de assistir enquanto seu irmão massacrava animais, pediu que você dissesse a Darren que ele não contaria. Essa única frase foi suficiente para condenar Darren aos olhos de Kane, aos olhos de sua família. Mas essa frase foi dita por um garoto que cresceu e se tornou um assassino cruel.

Um garoto que *alguém* preparou para coisas grandiosas.

— Temos os arquivos dos assassinatos dos Kyle. — O fato de Dean não ter mergulhado em suas próprias memórias mais sombrias—de ser manipulado, de *assistir*—me dizia que, mesmo quando o normal não era uma opção, era possível continuar. — Deve haver alguma forma de ver se a história faz sentido.

— A altura média de um menino de dez anos é de cinquenta e quatro vírgula cinco polegadas. — Sloane saltou de pé e começou a andar de um lado para o outro nos apertados espaços da sala de observação. — Como adulto, Darren Darby tinha uma altura ligeiramente acima da média. Considerando padrões variáveis de crescimento, eu estimaria sua altura na época dos assassinatos dos Kyle entre cinquenta e quatro e cinquenta e seis polegadas.

— Estou assumindo que, se esperarmos, veremos aonde a loirinha quer chegar com isso? — Celine perguntou para a sala em geral.

— Anna e Todd Kyle foram esfaqueados até a morte — Sloane disse a Celine, com os olhos brilhando. — Eles foram derrubados antes dos ataques, dificultando avaliar a altura do agressor. No entanto, Malcolm Lowell resistiu mais.

Sem dizer mais nada, Sloane puxou um arquivo grosso de sua bolsa. *Os assassinatos dos Kyle*. Ela passou rapidamente pelo conteúdo, separando fotos e descrições da cena do crime.

— Suponho que esse seja Malcolm Lowell? — Celine perguntou, olhando para uma série de fotos, cada uma mostrando de perto uma das facadas de Malcolm. Pensei nas cicatrizes que serpenteavam dentro e fora de sua camisa.

As pessoas presumiam que você ficou em silêncio pelo bem de seu neto—e talvez isso seja verdade. Talvez Mason tenha ajudado Darren. Talvez ele tenha assistido e sorrido. Mas tudo o que eu sabia sobre Malcolm Lowell me dizia que ele era um homem orgulhoso. Você isolou sua família. Tentou controlá-los.

— Isso não faz sentido — Sloane disse, encarando as fotos. — O ângulo de entrada, especialmente nos ferimentos no torso... não faz sentido.

— Então Malcolm Lowell *não* foi esfaqueado por uma criança? — Michael perguntou, tentando interpretar.

— Este ferimento — Sloane disse, focando em uma das fotos. — A faca foi manejada do lado direito de Lowell, sugerindo um agressor canhoto. Mas o ferimento é muito preciso, muito limpo, e o formato sugere que a faca foi segurada com a lâmina voltada para o teto. Ela entrou no corpo em um ângulo de aproximadamente cento e sete graus.

— Então Malcolm *foi* esfaqueado por uma criança? — Michael tentou novamente.

— Não — Sloane disse. Ela fechou os olhos, cada músculo de seu corpo tenso.

— Sloane — eu disse. — O que foi?

— Eu deveria ter percebido. — As palavras de Sloane eram quase inaudíveis. — Eu deveria ter percebido antes, mas não estava procurando.

— Você não estava procurando o quê? — a agente Sterling perguntou gentilmente.

— Ele não foi esfaqueado por uma criança — Sloane disse. — E não foi esfaqueado por um adulto canhoto. — Ela abriu os olhos. — Está lá, se você olhar. Se considerar todos os cenários possíveis.

— O que está lá? — perguntei em voz baixa.

Sloane sentou-se com força. — Tenho noventa e oito por cento de certeza de que o velho se esfaqueou.

CHAPTER 54

Que tipo de determinação seria necessário para cravar uma lâmina na própria carne repetidamente? Que tipo de pessoa poderia matar sua própria carne e sangue e, em seguida, virar a faca contra si mesma com calma?

Eu me imaginei segurando uma faca ensanguentada, me imaginei virando-a para dentro, me imaginei vendo a luz brilhar na lâmina.

— Receio que o Sr. Lowell não esteja disponível. — O assistente de saúde domiciliar que atendeu a porta de Lowell não podia nos dizer muito mais do que isso. O velho tinha saído logo depois que a agente Sterling o entrevistou — e não contou a ninguém para onde estava indo.

Enquanto eu caminhava pela casa de Lowell, procurando algum vestígio de evidência, algo que confirmasse a teoria de Sloane de que ele matara sua filha e genro, e depois virara a faca contra si mesmo para afastar suspeitas, não consegui deixar de lembrar da declaração que ele tinha dado à agente Sterling sobre os animais mortos.

Você disse que acreditava que Mason tinha assistido. Eu imaginei a faca novamente, me imaginei segurando-a. Devia ter sido um prazer para você poder dizer essas palavras, sabendo que a agente Sterling não veria a verdade por trás delas. Você não estava falando sobre a forma como Mason assistiu Darren Darby matar aqueles animais. Você estava falando sobre o que seu neto assistiu você fazer.

— O que você está pensando? — Dean perguntou, se aproximando de mim.

— Estou pensando que talvez Nightshade *tenha* visto os pais serem assassinados. Talvez ele *tenha* assistido. — Eu parei, sabendo que minhas próximas palavras atingiriam Dean em cheio. — Talvez tenha sido uma lição. Talvez quando Kane chegou mais tarde, Nightshade tenha jogado a suspeita sobre Darren *porque* o pequeno Mason Kyle aprendeu que um garoto que tortura animais não merece ser seguido.

Dean ficou quieto, aquele tipo de silêncio que me disse que ele tinha ido para um lugar escuro e cavernoso em sua própria memória no momento em que eu disse a palavra *lição*. Eventualmente, ele conseguiu sair desse lugar.

— Minha filha foi uma decepção. — Quando Dean falou, levei um momento para perceber que ele estava falando na perspectiva de Lowell. — Eu tentei criá-la da maneira certa. Tentei criá-la para ser digna do meu nome, mas ela acabou sendo apenas mais uma prostituta—grávida aos dezesseis, desafiadora. Eles moraram comigo, Anna e seu marido patético e o garoto.

O garoto. Aquele que cresceria para ser Nightshade.

— Você achava que Mason era feito do tecido de sua filha — eu disse, continuando de onde Dean havia parado. — E então ele começou a sair escondido. — Pela própria admissão de Malcolm Lowell, ele tinha tentado aprisionar sua família. Ele tinha tentado controlá-los. Eu tinha presumido que o velho orgulhoso teria considerado o comportamento de Mason um insulto.

Mas e se você não considerasse? O ar entrou e saiu dos meus pulmões. Dei um passo à frente, mesmo sem saber para onde estava indo. E se você tivesse considerado o pequeno passatempo de Mason um sinal?

— Quando os animais começaram a aparecer — Dean refletiu, sua voz soando assustadoramente parecida com a de seu pai —, achei que poderia ser o garoto. Talvez ele tivesse potencial depois de tudo.

— Mas não era Mason. — Eu apertei os lábios enquanto pensava em Kane, quebrado e vazio. — Era Darren Darby.

— Uma decepção — Dean disse asperamente. — Um sinal de fraqueza. Um que exigiu uma lição prática para meu neto sobre quem ele era e de onde ele veio. *Nós não somos seguidores. Não assistimos.*

As palavras de Dean me cobriram como óleo, me trazendo de volta ao meu próprio encontro com Malcolm Lowell quando criança.

Você sabia como era sentir a vida se esvaindo de suas vítimas. Você conhecia o poder. Queria que Mason te visse pelo que você realmente era, para saber exatamente de quem o sangue corria em suas veias.

Em voz alta, eu deixei esse pensamento seguir sua conclusão lógica. — Matar sua própria família, planejar isso de forma tão fria, ir tão longe a ponto de atacar *a si mesmo* com calma e brutalidade... No momento dos assassinatos dos Kyle, Malcolm Lowell já era um assassino.

Dean esperou um momento e então levou minha afirmação um passo adiante. — Já era um Mestre.

Um arrepio se espalhou lentamente pela minha espinha, como o estalar do gelo. *Você foi testado. Foi considerado digno. Já tinha matado os seus nove.*

— A linha do tempo não bate — eu disse, reprimindo o impulso de olhar por cima do ombro, como se o velho estivesse lá, me observando como ele fez quando eu era criança. — O Mestre do veneno que treinou Nightshade—aquele que o escolheu como aprendiz—não se tornou um Mestre até anos *depois* dos assassinatos dos Kyle.

E isso significava que, se meus instintos—e os de Dean—estivessem corretos, Malcolm Lowell não era o Mestre do veneno.

Você era algo mais.

— Você preparou seu neto para a grandeza — eu disse, meu coração batendo forte no peito. — Você viu o potencial e fez de Mason um monstro. Fez dele seu herdeiro. — Eu parei. — Você o mandou viver com um homem que sabia—

sabia intimamente—da linha tênue entre a medicina e o veneno.

Mason Kyle deixou Gaither quando tinha dezessete anos. Ele tentou enterrar todas as pistas de sua identidade. Viveu como um fantasma por duas décadas *antes* de se tornar um aprendiz e depois um Mestre.

Ele sabia que estava chegando. Ele sempre soubera o que devia ser. Mesmo pensando sobre Nightshade, eu nunca saí da perspectiva do velho. *Você o fez à sua própria imagem. Você o fez digno.*

Um lampejo de sombra foi o único aviso que tive de que Dean e eu não estávamos mais sozinhos.

— Na verdade, por aqui, por mais estranho que pareça, por mais que se procure, basements são raros em Oklahoma. — Sloane comentou, surgindo ao nosso lado. — Mas essa casa tem um.

Meu coração deu um salto até minha garganta antes de perceber que era Sloane quem havia se juntado a nós. Ele ficou lá, enquanto eu girava a palavra *basement* repetidamente em minha mente, pensando sobre o fato de que Laurel crescera dentro e subterrâneo.

Pensando que talvez Holland Darby não fosse o único em Gaither com algemas embutidas nas suas paredes.

Eu sabia, logicamente, que não poderia ser tão simples. Sabia que minha mãe provavelmente nunca estivera aqui, sabia que onde quer que os Mestres a tivessem mantido, onde quer que conduzissem seus negócios, provavelmente não seria em um dos seus basements. Mas à medida que me dirigia para o basement, Dean e Sloane atrás de mim e Lia e Michael se juntando a nós, eu não consegui afastar o rugido crescendo em minha mente, o incessante batimento do meu coração enquanto pensava, *Você construiu esta casa. Para sua esposa. Para sua família. Para o que estava por vir.*

O piso do basement era de concreto. As vigas no teto estavam cobertas de teias de aranha. Um excesso de caixas de papelão deixava claro a função do cômodo.

Apenas armazenamento. Apenas uma sala.

Sem saber o que estava procurando, comecei a abrir as caixas e examinar o conteúdo. Elas contavam uma história — de um homem que começou sua família mais tarde na vida. Da garota local com quem se casou. Da filha que perdeu sua mãe quando tinha seis anos.

Seis anos.

De repente, fui levada de volta ao dia em que Malcolm Lowell pegou Melody e eu no jardim da farmácia.

— *Quantos anos você tem? — o homem exige.*

— *Tenho sete, — responde Melody. — Mas a Cassie tem só seis.*

Eu tinha seis anos quando conheci Malcolm Lowell. Sua filha tinha seis anos quando sua mãe morreu. Mason Kyle tinha nove quando viu seu avô matar seus pais.

— Seis — disse em voz alta, sentando-me pesadamente entre as caixas, o concreto pressionando a pele sob minhas pernas. — Seis, seis e nove.

— Três mais três — Sloane disse rapidamente, não conseguindo se controlar. — Três vezes três.

Os Mestres matam nove vítimas a cada três anos. Há vinte e sete — três vezes três vezes três — datas Fibonacci no total.

Minha mão tocou algo entalhado no concreto. Afastei uma caixa para ter uma melhor visão.

Sete círculos ao redor de uma cruz. Era o símbolo dos Mestres, um que eu tinha visto pela primeira vez entalhado em um caixão de madeira e depois visto gravado na carne de um assassino. Como Laurel, Beau Donovan havia sido criado pelos Mestres. Como Laurel, sua mãe era a Pythia.

— Beau tinha seis anos quando foi testado pelos Mestres, — eu disse, olhando para o chão. — Seis anos quando o expulsaram para morrer.

Beau — e Laurel — haviam nascido para um propósito e um propósito apenas.

Nove é o maior de nós, Nightshade me dissera meses atrás. O constante. A ponte entre gerações.

Passei meus dedos ao redor do símbolo. — Sete Mestres, — eu disse. — A Pythia. E Nove.

Se Laurel passasse nos testes deles, se ela fosse *digna*, algum dia ela ocuparia o nono assento na mesa dos Mestres. *Mas de quem é o assento agora?*

O maior de nós. A ponte entre gerações. Havia admiração na voz de Nightshade quando ele disse essas palavras. Havia *calor*.

— Eu conheço essa cara, Colorado, — Michael disse, estreitando os olhos para mim. — Essa é a sua cara de santo *bleep*. Isso é—

Eu não esperei que ele terminasse. — Nunca estávamos procurando o Mestre do veneno que precedeu Nightshade, — eu disse, movendo meu dedo do círculo externo para a cruz interna. — Estávamos procurando alguém que fizesse parte dos Mestres há mais de vinte e sete anos. Alguém que tivesse influência sobre os outros. O tempo todo — estávamos procurando por *Nove*.

CHAPTER 55

Etudo o que eu sabia sobre Malcolm Lowell se encaixou. Quantos anos ele passou sendo moldado à imagem dos Mestres, escondido do mundo? Quantos anos ele tinha quando finalmente foi permitido a ele uma vida fora dessas paredes?

Quantas vezes os Mestres tentaram criar uma nova criança para tomar o seu lugar?

Havia pelo menos três Pythias nos últimos vinte anos. *Minha mãe. Mallory Mills. A Pythia que deu à luz Beau.* Muito provavelmente, houve mais.

Cada mulher teve um filho? Todos os futuros Nove foram testados e considerados indignos? Expulsos para morrer?

Você não se importa em ser substituído.

Sem querer, comecei a caminhar em direção às escadas. Subi dois degraus de cada vez e fui em direção à Agente Sterling, mas quando cheguei ao topo, uma voz familiar me congelou no lugar.

— Eu não vou a lugar nenhum. — Era Sterling — e seu tom era de aço.

— Vai sim. — Quando a Diretora Sterling dava uma ordem a Briggs, Briggs a seguia — mas a filha da diretora era outra questão.

— Você não tem autorização— — A Agente Sterling começou a dizer, mas seu pai a interrompeu.

— Eu não tenho autorização para dizer aos Naturais quais casos eles podem ou não trabalhar. Você garantiu isso, Veronica. Eu, no entanto, sou autorizado, como seu

superior nesta organização, a retirar *meus* agentes de um caso — e isso inclui você.

— Estamos *tão perto*. Você não pode—

— Eu posso e eu vou, Agente. Eu deixei você perseguir essa pista, e você a levou até o fim. Você identificou uma pessoa conectada a esse grupo. Agora Lowell se foi, e ele não vai voltar. — O ataque verbal da diretora parou, mas só por um momento. — Briggs tem três corpos, Veronica. Três cenas de crime, três vítimas, três conjuntos de pessoas de interesse. *Isso* é onde sua atenção deve estar focada — e a partir de hoje à noite, será.

Houve uma longa pausa — a Agente Sterling se colocando em sua armadura interna. — Da última vez que você me tirou de um caso, Scarlett tinha acabado de ser assassinada. — Sterling podia ser tão implacável quanto seu pai. — Se você não tivesse interferido naquela época, talvez não estivéssemos nessa posição agora.

— Você sequer contou à garota Hobbes sobre o terceiro corpo? — A Diretora Sterling rebateu. Sua voz estava suave, mas suas palavras me atingiram como um martelo no peito.

Ele perguntou se ela tinha me contado. Não Dean, nem Lia, nem Michael, nem Sloane. *A mim*. Minha garganta apertou enquanto eu imaginava as duas primeiras vítimas na minha mente.

Eu empurrei a porta do porão e saí. — E quanto ao terceiro corpo?

Michael veio ficar ao meu lado, seu olhar fixo no rosto da Agente Sterling. Eu não tinha ideia do que ele via ali, mas o que fosse fez com que ele ficasse à minha frente, como se pudesse me proteger da resposta à pergunta que eu acabara de fazer.

— A terceira vítima, — reiterei, minha voz seca e rouca, focando na Agente Sterling e ignorando seu pai. — Você e Briggs nunca falaram sobre a terceira vítima.

Michael olhou silenciosamente para Dean, que se moveu para o meu outro lado, seu corpo perto o suficiente

do meu que eu deveria ter conseguido sentir o calor dele.

Eu não consegui sentir nada.

— Cassie... — A Agente Sterling deu um passo à frente. Eu dei um passo para trás.

— As duas primeiras vítimas eram pessoas de interesse em nossos casos anteriores, — disse. — Seguindo o mesmo padrão...

Deixei a frase incompleta, porque mesmo sem a habilidade de Michael, eu podia ver nos olhos da Agente Sterling que a terceira vítima não era apenas uma pessoa de interesse em um de nossos casos.

Eu pensei que a escolha das vítimas do nosso assassinio fosse uma punição por virem a Gaither ou uma distração para nos afastar.

Não nós, percebi. Nunca se tratou de nós.

Fui pegar meu celular. Estava descarregado. Quanto tempo fazia desde que eu o carregara? Quantas ligações perdidas eu tinha?

— Cassie, — disse a Agente Sterling novamente. — A terceira vítima — você a conhece.

VOCÊ

Tarde demais. Se tivessem descoberto a identidade de qualquer outra pessoa além de Nove, você poderia ordenar que o vazamento fosse eliminado na origem—e, ah, como você adoraria ver o velho bastardo sangrar.

Fazer ele sangrar.

Mas ele comanda o respeito dos outros—sua reverência—e você é o único que está sangrando. Você é o que eles prendem, o que purificam com chama, lâmina e dedos ao redor do seu pescoço.

Eles querem que você julgue. Eles querem que você diga sim.

Lorelai morreria para proteger Cassie. Lorelai nunca lhes daria o que querem. Mas você não é Lorelai.

Quando você diz as palavras, eles o liberam das correntes. Seu corpo desaba no chão. Eles deixam você com nada além de uma tocha para acender o túmulo.

— Mamãe? — A vizinha ecoa através deste espaço cavernoso enquanto Laurel surge das sombras. Você pode ver Lorelai na criança, ver Cassie.

Lorelai tenta lutar para vir à superfície enquanto Laurel se aproxima, mas você é mais forte do que ela.

— Mamãe?

Seu olhar se fixa no dela. Laurel está silenciosa e imóvel, e então, parecendo mais um fantasma do que uma criança, seus olhos se endurecem.

— Você não é minha mamãe.

Você murmura baixinho. — Mamãe teve que ir embora, — você diz, avançando para acariciar o cabelo

*dela, um sorriso brincando nos cantos dos seus lábios. —
E Laurel? Mamãe não vai voltar.*

CHAPTER 56

Quando meu telefone foi carregado, vi que tinha meia dúzia de chamadas perdidas—todas da minha avó. Nonna criou sete filhos. Ela tinha quase uma dúzia de netos.

Agora, um a menos. Passei cinco anos vivendo com a família do meu pai. Kate era a prima mais próxima da minha idade, apenas três anos mais velha do que eu. E agora, ela estava morta—pendurada como um espantalho e queimada viva. Por minha causa.

Você fez isso, pensei. Forcei-me a repetir as palavras uma segunda vez, direcionando-as não a mim mesma, nem ao UNSUB.

Todo instinto que eu tinha dizia que a pessoa que marcou minha prima para a morte era a única pessoa que eu amava mais do que qualquer coisa—para sempre, não importando o que acontecesse.

Você queria que eu saísse de Gaither, não queria, mãe? Você queria que eu ficasse segura. Não pensaria duas vezes antes de trocar a vida de Kate pela minha. Você já fez isso antes.

Minha mãe tinha deixado sua irmã mais nova—que ela havia protegido por *anos*—com um pai abusivo assim que descobriu que estava grávida de mim. Ela trocou o futuro de Lacey, sua segurança, pelo meu.

Você sabia que se os vínculos com nossos casos anteriores não funcionassem, se aquilo não me tirasse de Gaither—isso funcionaria.

—O que você vai fazer?—Sloane me perguntou baixinho. Estávamos de volta ao hotel.

—Malcolm Lowell está sumido. Resolvemos os assassinatos de Kyle.—Eu pausei, olhando pela janela para a histórica Main Street. —Minha mãe sabia exatamente o que eu faria.— Engoli em seco. —Eu vou para casa.—

Tinha uma parada a fazer antes de deixar Gaither. Passei anos sem saber se minha mãe estava viva ou morta. Vivi esse limbo, incapaz de fazer o luto, incapaz de seguir em frente.

Ree Simon merecia saber o que aconteceu com sua filha.

Quando chegamos à lanchonete, os outros se afastaram, me dando o espaço necessário para fazer o que precisava ser feito. Enquanto Michael, Dean, Lia e Sloane se acomodavam em uma cabine, a Agente Sterling veio até mim. —Tem certeza de que quer fazer isso sozinha?—

Pensei na minha prima Kate. Nunca fomos próximas. Eu nunca a *deixei* chegar perto. Porque fui criada para manter as pessoas à distância. Porque eu sou filha da minha mãe.

—Tenho certeza,—eu disse.

Sterling e Judd ocuparam seus próprios lugares. A Agente Starbuck se juntou a eles alguns minutos depois. Em algum nível, me ocorreu perguntar onde Celine tinha ido, mas quando Ree me viu de pé na frente do balcão, fiz o que pude para me manter no momento.

Sentir por ela o que eu não podia sentir por mim mesma.

Depois de encher as xícaras com café para Sterling e Judd, Ree se virou para mim. Ela enxugou as mãos no avental e me deu uma olhada avaliadora. —O que posso fazer por você, Cassie?—

—Eu tenho algo para te contar,—eu disse, minha voz surpreendentemente firme, surpreendentemente calma. — É sobre sua filha.—

—Sarah?—Ree arqueou as sobrelanceiras, seu queixo se projetando levemente para frente. —O que aconteceu com ela?—

—Podemos sentar?—perguntei a Ree.

Uma vez que estávamos acomodadas em uma cabine, coloquei uma pasta sobre a mesa entre nós e retirei a foto que Celine havia desenhado. —Essa é Sarah?—

—Com certeza,—respondeu Ree calmamente. —Ela se parece um pouco com a Melody ali.—

Eu acenei com a cabeça. Minha boca não estava seca. Meus olhos não estavam úmidos. Mas senti essas palavras, até o fundo do meu ser.

—Sarah não deixou Gaither,—eu disse a Ree, segurando sua mão. —Ela não deixou os filhos. Ela não te deixou.—

—Sim,—respondeu Ree com frieza, —ela deixou.—

Corrigi a afirmação anterior. —Ela nunca deixou o Serenity Ranch.— Sabendo no fundo que Ree não acreditaria em mim sem provas, retirei uma fotografia do arquivo—o corpo de Sarah.

Ree era inteligente. Ela conectou as pontes—e rejeitou abruptamente a conclusão. —Isso poderia ser qualquer um.

—

—A reconstrução facial diz que é Sarah. Vamos fazer um teste de DNA também, mas uma testemunha confirmou que Sarah foi morta há dez anos por um homem chamado Darren Darby.—

—Darby.— Foi tudo o que Ree disse.

Você nunca procurou por ela. Você nunca soube.

—Melody está em casa agora.— Ree se levantou abruptamente. —Acho que tenho você para agradecer por isso.— Ela não disse uma palavra, nem uma única palavra, sobre sua filha. —Vou te trazer um café.—

Assistindo enquanto Ree se ocupava com a tarefa, tirei uma foto no meu telefone, uma que eu tinha tirado meses antes de um medalhão que Laurel usava no pescoço—e a foto dentro dele. Nela, minha meia-irmã estava no colo da minha mãe.

Quantas vezes eu olhei para essa foto?

Quantas vezes eu me perguntei quem—e o que—minha mãe era agora?

—Posso me juntar a você?— Celine se sentou na cabine em frente a mim.

—Onde você estava?— Eu perguntei, meu olhar ainda fixo na foto de minha mãe.

—Aqui e ali,— Celine respondeu. —Corpos não me assustam. Assassinatos, sim. Decidi rapidamente que a Casa do Assassino Serial Meio Estranha provavelmente se encaixava mais na sua especialidade do que na minha.—

Ree voltou com duas xícaras de café, uma para mim e uma para Celine. —Aqui está.—

Ree não queria conversar. Ela não queria que isso—nada disso—fosse real. Eu podia entender.

—Quem é essa?— Celine perguntou, esticando o pescoço para dar uma olhada melhor na foto do meu telefone.

—Minha mãe,— respondi, sentindo que essa resposta era apenas metade da verdade. —E minha meia-irmã.—

—Vejo a semelhança,— Celine respondeu. Então ela fez uma pausa. —Posso dar uma olhada mais de perto?—

Ela pegou o telefone sem esperar uma resposta. Fechei os olhos e tomei um longo gole do meu café. Em vez de pensar sobre minha mãe, sobre Kate, pendurada como um espantalho e queimada viva, sobre Nonna e o que isso faria com ela, eu voltei a um jogo antigo, perfilando todos ao meu redor.

Comportamento. Personalidade. Ambiente. Sem olhar, eu sabia que Dean estava virado para longe de mim. Você quer vir até mim, mas não vai—não até saber que eu quero que você venha.

Mudei do segundo para o terceiro pessoa, jogando esse jogo da forma como faria quando era mais jovem. *Michael está me observando. Lia está ao lado de Dean, fingindo que não está preocupada. Sloane está contando—os*

azulejos no chão, as rachaduras na parede, o número de clientes na sala ao redor dela.

Eu abri os olhos, e a sala girou ao meu redor. Pensei, a princípio, que tinha lágrimas nos olhos, que pensar na família que eu encontrei no programa tinha quebrado a barreira dentro de mim e deixado a dor pela minha família de sangue entrar.

Mas a sala não parou de girar. Ela ficou borrada. Abri a boca para dizer algo, mas as palavras não saíram. Minha língua parecia grossa. Eu estava tonta, enjoada.

Minha mão direita encontrou o copo de café.

O café, pensei, incapaz de formar as palavras em voz alta. Até meus pensamentos estavam embaralhados. Tentei me levantar, mas caí. Peguei a cabine, e minha mão acertou a coxa de Celine.

Ela não se moveu.

Ela está caída. Inconsciente. Lutei para me levantar. O mundo continuava girando, mas, enquanto tropeçava para frente, percebi—o quarto estava em silêncio. Ninguém estava falando. Ninguém estava vindo me ajudar.

Dean e Lia, Michael e Sloane—eles também estavam caídos em suas cabines.

Inconscientes, pensei. *Ou... ou...*

Alguém me pegou pelas axilas. —Devagar aí.— A voz de Ree veio de uma grande distância. Tentei dizer a ela, tentei fazer minha boca dizer a palavra, mas não consegui.

Veneno.

—Não é que eu não aprecie o que você fez por Melody— ou por Sarah.— Quando o mundo ficou negro, Ree se inclinou. —Mas todos devem ser testados,— ela sussurrou. —Todos devem ser considerados dignos.—

>

CHAPTER 57

Eu acordei na escuridão. O chão abaixo de mim era frio e feito de pedra. Minha cabeça doía. Meu corpo doía—e foi aí que eu me lembrei.

Ree. O café. Todos os outros, caídos...

Tentei me levantar, mas não consegui ficar de pé. Meu corpo estava pesado e entorpecido, como se meus membros pertencessem a outra pessoa.

—Isso vai passar.—

Minha cabeça se levantou rapidamente enquanto meus olhos procuravam pela origem daquela voz na escuridão. Ouvi o estalo de um isqueiro, e um segundo depois, uma tocha se acendeu na parede.

Ree estava diante de mim, parecendo exatamente a mulher que eu lembrava. *Sem rodeios. Aconchegante.*

—Você é uma delas?— Eu quis que fosse uma afirmação, mas as palavras saíram como uma pergunta.

—Eu *era* aposentada.— Ree me deu uma resposta. —Até meu ex-aprendiz ser morto.— Ela me lançou um olhar. — Entendo que devo a você por isso.—

—Você recrutou o Nightshade.—

Ela fez um som de desdém. —*Nightshade.* O garoto sempre teve suas ideias—mas eu devia ao avô dele, e o velho foi insistente para que eu o escolhesse como meu sucessor.—

—Você devia a Malcolm Lowell.— Meu cérebro girou. — Porque ele foi quem te trouxe à atenção dos Mestres.—

Ree sorriu com carinho. —Eu era mais jovem na época. Meu marido sem-vergonha me deixou. Minha filha sem-vergonha já estava mostrando sinais de ser a filha do pai. Malcolm começou a frequentar o restaurante. Nunca vi um homem tão bom em ver segredos como aquele.—

Segredos. Como o fato de você ter uma tendência homicida.

—Malcolm viu algo em mim,— Ree continuou suavemente. —Ele me perguntou o que eu faria se visse o pai da Sarah novamente.—

O homem que te deixou, grávida e sozinha.

—Você teria matado ele.— A sensação estava começando a voltar para o meu corpo. Eu me tornei hiperconsciente do mundo ao meu redor—o chão de pedra áspero, o estalo do fogo, as algemas na parede. —Ele te deixou, e pessoas que deixam merecem o que recebem.—

Ree balançou a cabeça com carinho. —Você sempre teve uma vantagem sobre sua mãe—boa em ler as pessoas.—

Você tentou ajudar minha mãe, e ela te deixou. Ela nem disse adeus. Eu me lembrei da leitura que Michael fez de Ree na primeira vez que a conhecemos. Ele disse que Ree tinha simpatia pela minha mãe, mas que havia raiva também.

—Foi você quem sugeriu minha mãe como Pítia?— Perguntei. —Você sabia que ela estava sozinha no mundo, exceto por mim. Você tinha que ao menos suspeitar que havia abuso no passado dela.—

Ree não respondeu.

—Você me disse uma vez que nós, cada um de nós, colhemos o que semeamos. Para se tornar um dos Mestres, você teve que matar nove pessoas.— Eu fiz uma pausa, pensando nas vítimas na parede de Quantico. —Você escolheu pessoas que mereciam isso. Pessoas como seu marido. Pessoas que *deixaram*.— Quando não obtive uma reação, continuei. —A vida está cheia de pessoas que se afogam,— disse, continuando a repetir suas próprias

palavras de volta para ela, —prontas e dispostas a te afogar também—se você não afogar elas primeiro.—

Por um momento, pensei que Ree fosse estourar. Pensei que ela fosse se lançar contra mim. Mas, em vez disso, ela fechou os olhos. —Você não tem ideia de como o mundo parece diferente uma vez que você sabe como é ver um filho da puta que abandonou seus quatro filhos cair no chão. Os olhos dele rolam para trás. O corpo dele se contorce. Então vem a dor. Ele arranha a si mesmo, as paredes, o chão—até que suas unhas fiquem ensanguentadas. Até não restar mais nada além da dor.—

A imagem que Ree estava pintando era familiar. Beau Donovan havia morrido com o veneno do Nightshade. Ele se arranhava, no chão...

Você escolheu o Nightshade. Você o treinou. Você tem um talento para venenos. Fazia sentido. Estatisticamente, veneno é uma arma feminina. E quando os frequentadores do Not-A-Diner começaram a responder nossas perguntas sobre a família de Mason Kyle, Ree tinha interrompido a conversa com uma única palavra. *Chega.*

Eu me forcei a levantar, ainda instável. Eu estava fraca —fraca demais para ser uma ameaça.

—As pessoas que você matou mereciam morrer,— eu disse, jogando com sua patologia. —Mas e eu? Isso é o que eu mereço?—

Eu forcei para que ela me visse como a criança que eu já fui—uma que ela gostava.

—Eu não deixo as pessoas,— continuei. —Eu sou a que é deixada.— Minha voz tremeu um pouco. —E quanto aos meus amigos, lá no restaurante? Eles mereciam morrer?—

Até agora, eu não havia me permitido sequer pensar nessas palavras. Não havia me permitido lembrar de Celine caída na cabine à minha frente. *Michael, Lia, Sloane, Dean. Agente Sterling. Judd.*

Eu encarei o psicopata à minha frente. *Diga que eles estavam inconscientes. Diga que você os drogou. Diga que estão vivos.*

—Você veio a Gaither fazendo perguntas,— disse Ree com firmeza. —Correndo por aí com seus amigos do FBI, fazendo-nos questionar se havia alguma memória enterrada na sua cabeça—alguma pista—que nos levaria diretamente à nossa porta. Você encontrou Malcolm. Era só uma questão de tempo até encontrar o resto de nós também.—

—Ainda estamos em Gaither?— Perguntei. —Estamos por perto?—

Ree não respondeu à pergunta. —Havia alguns que queriam você morta—*todos* vocês,— disse ela em vez disso. —Outros defenderam uma solução alternativa.—

Pensei no que Nightshade me dissera sobre a Pítia. Ela era a juíza e o júri. Era ela quem os torturavam, purificando-a para que pudesse julgar.

De novo. E de novo. E de novo.

Minha mãe havia tentado me tirar de Gaither. Eles a quebraram? Ela disse a eles para me trazerem aqui?

O som de uma porta rangendo me arrancou desses pensamentos. Uma figura com uma túnica com capô apareceu na porta. O capô caiu sobre seu rosto, obscurecendo suas feições.

—Eu gostaria de ter uma palavra com nossa convidada.

—

Ree fez um som de desdém. Claramente, ela não dava muita atenção ao homem de capô. A troca me disse algo sobre as dinâmicas de poder em jogo aqui. *Você é uma veterana. Ele é um arrogante novato na linha de frente pela primeira vez.*

Eu virei minha atenção de Ree para o homem de capô. *Você é jovem, e é novo. Ela é uma Mestra, e você não é— pelo menos ainda não.*

Eu estava olhando para o homem que matou meu primo. O que matou Tory e Bryce. E havia algo familiar nele, algo familiar em sua voz....

—Eu te disse uma vez,— disse a figura com capô de maneira pomposa, —que se você olhar fixamente para o

abismo, o abismo olhará de volta para você.—

—Friedrich Nietzsche.— Eu reconheci a citação—e a entrega arrogante e exagerada. *“TA Geoff?”*

Eu o havia conhecido no caso de Redding, quando ele tentou me conquistar após a morte de uma garota, compartilhando seu “vastíssimo” conhecimento sobre serial killers. Passei uma noite em um auditório abandonado com esse cara, Michael e Bryce.

—É Geoffrey,— ele corrigiu com frieza, abaixando o capô. —E *seu* nome não é Veronica.—

Da última vez que nos encontramos, eu havia dado um nome falso. —Sério?— Eu disse. —Esse é o problema que você realmente acha que vale a pena discutir aqui?—

Quando nos encontramos da última vez, eu o classifiquei como alguém com pouca empatia e muito ego —mas ele não parecia um assassino. *Você não era então. Você nem era um aprendiz. A morte era um jogo para você. Era abstrata.*

Como os Mestres o encontraram?

—Você está se perguntando como pôde ter estado tão errada sobre mim,— Geoffrey disse com um sorriso arrogante. —Eu sei tudo sobre você, Cassandra Hobbes. Sei que você estava investigando o caso Daniel Redding. Sei que você ajudou a pegar os aprendizes dele.— Ele me ofereceu um sorriso torcido. —Mas você não me pegou.—

Você matou Bryce—ela sempre te incomodou. Então a Pítia sussurrou no seu ouvido. Ela jogou com seu ego? Te disse quem matar? Ela era o abismo, olhando para você e em você?

Eu dei um passo à frente com as pernas que não estavam tão trêmulas como estavam um momento antes. —Você queimou aquelas meninas.— Deixei minha voz soar hipnotizada, jogando com seu ego, assim como minha mãe fazia. —Você as amarrou, as queimou, e não deixou nenhuma evidência para trás.— Eu o encarei intensamente. —Você precisa de nove, mas os nove *que* você escolherá?

— Minha voz estava baixa, sedutora, enquanto eu avançava sobre ele. —Eles te tornarão lendário.—

—Chega,— disse Ree com firmeza. Ela se colocou entre Geoffrey e eu. —Ela está te manipulando,— informou ela. —E eu não tenho tempo nem estômago para ficar aqui assistindo.—

Os olhos de Geoffrey se estreitaram. Suas mãos caíam soltas ao lado do corpo. Em um minuto, ele estava parado ali, e no próximo, sua mão esquerda já estava alcançando a tocha. —Deixe-me testá-la,— disse ele. —Deixe-me purificá-la, pouco a pouco.—

A chama vacilou. *Você quer me queimar. Você quer me ver gritar.*

—Não,— disse Ree. —Seu tempo chegará—depois do seu nono assassinato e não um segundo antes.— Ela tirou algo do bolso—um pequeno recipiente redondo, do tamanho de um gloss labial. —Com o tempo,— ela me disse, desenroscando a tampa, —constrói-se imunidade a venenos.—

Ela mergulhou o dedo em uma pasta incolor.

Pensei em Beau, que morrera gritando, e em tudo o que Judd me havia contado sobre o veneno de escolha de Nightshade. *Incurável. Doloroso. Fatal.*

A mão esquerda de Ree se fechou ao redor do meu queixo. Ela virou meu rosto para o lado, sua pegada firme como aço.

Tarde demais, tentei lutar. Tarde demais, minhas mãos tentaram bloquear as dela.

Ela espalhou a pasta pelo meu pescoço.

Alguns venenos não precisam ser ingeridos. Meu coração bateu forte no peito. Alguns venenos podem ser absorvidos pela pele.

Ree me soltou e deu um passo para trás. No início, eu não senti nada. E então, o mundo explodiu em dor.

CHAPTER 58

Meu corpo estava em chamas. Cada nervo, cada centímetro de pele—até o sangue nas minhas veias estava fervendo.

No chão. Convulsionando. Deus, me ajude—

Alguém, me ajude—

Meus dedos arranharam minha garganta. Em algum nível, eu sabia que estava rasgando minha própria carne. Em algum nível, eu sabia que estava sangrando.

Em algum nível, eu ouvi os gritos.

Minha garganta os engoliu. Eu não conseguia respirar. Estava sufocando, e não me importava, porque tudo o que havia—tudo o que *eu* era—era dor.

Em algum nível, eu estava ciente do som de passos apressados entrando na sala.

Em algum nível, eu estava ciente de alguém dizendo meu nome.

Em algum nível, eu estava ciente de braços me erguendo.

Mas tudo o que havia... tudo o que eu era...

Dor.

Eu sonhei com uma dança na neve. Minha mãe estava ao meu lado, com a cabeça inclinada para trás, a língua saindo entre os lábios para pegar um floco de neve.

A cena pulou. Eu estava nos bastidores do palco enquanto minha mãe se apresentava. Meu olhar caiu sobre um homem idoso na plateia.

Malcolm Lowell.

Sem aviso, minha mãe e eu estávamos de volta à neve, dançando.

Dançando.

Dançando.

Para sempre. Não importa o que aconteça.

Acordei com o som de um bip. Estava deitada em algo macio. Forçando os olhos a se abrirem, eu me lembrei—

Do veneno.

Da dor.

Do som dos passos.

—Calma.—

Virei a cabeça em direção à voz, incapaz de me sentar. Eu estava em um quarto de hospital. A máquina ao meu lado rastreava o batimento do meu coração.

—Você ficou inconsciente por dois dias.— O Diretor Sterling estava sentado ao meu lado. —Não sabíamos se você iria sobreviver.—

Nós. Lembrei-me do som dos passos. Lembrei-me de alguém dizendo meu nome.

—Agente Sterling?— Perguntei. —Judd. Dean e os outros —

—Eles estão bem,— me assegurou o Diretor Sterling. — Assim como você.—

Eu me lembrei do veneno. Me lembrei de estar ofegante. Me lembrei da dor.

—Como?— Disse. Por baixo das cobertas, meu corpo tremia.

—Há um antídoto.— O Diretor Sterling manteve a resposta direta e objetiva. —A janela de tempo para administrá-lo é pequena, mas você deve estar de volta à sua força total em breve.—

Eu queria perguntar de onde tinham tirado o antídoto. Queria perguntar como haviam me encontrado. Mas, mais

do que tudo, eu queria os outros. Queria Dean, Lia, Michael e Sloane.

Ao meu lado, o Diretor Sterling levantou um pequeno objeto para minha inspeção. Eu o reconheci instantaneamente—o dispositivo de rastreamento que o Agente Sterling me havia dado. —Desta vez, minha filha teve a previsão de ativar o dispositivo.— Ele fez uma pausa.

Por razões que eu não conseguia identificar, minha respiração parou na garganta.

—É uma pena,— o diretor continuou lentamente, virando o dispositivo na mão, —que o software de rastreamento que teria levado o FBI até aqui tenha sido alterado.—

Um arrepio desceu pela minha espinha.

—Dean,— disse de repente. —Se ele soubesse onde eu estava, se tivessem me encontrado...—

—Ele estaria aqui?— O Diretor Sterling sugeriu. —Pelo que sei sobre o filhote de Redding, eu tendem a concordar. —

Eu me ergui abruptamente e estremei quando algo mordeu meus pulsos. Olhei para baixo.

Algemas.

Alguém havia alterado o software de rastreamento. Alguém me prendeu a essa cama com algemas. Olhei de volta para o diretor.

—Isso não é um hospital,— disse, com o coração batendo na minha garganta.

—Não,— ele respondeu. —Não é.—

—Há um antídoto para o veneno dos Masters,— repeti o que o Diretor Sterling me dissera antes, meu peito se apertando. —Mas o FBI não o tem.—

—Não. Eles não têm.—

O veneno que os Masters usavam para matar era único. Me disseram várias vezes que era incurável.

Porque as únicas pessoas que têm a cura são os Masters.

Revivi o momento na sala com as correntes, o veneno, a dor. Eu tinha ouvido passos. Eu tinha ouvido alguém dizendo meu nome.

—Para alguns de nós,— disse o diretor, sua voz baixa e suave, —isso nunca foi sobre assassinato. Para alguns de nós, sempre foi *poder*.—

Existem sete Masters. E um deles é o diretor do FBI.

O pai do Agente Sterling se levantou e me olhou com intensidade. —Imagine um grupo mais poderoso, mais conectado do que qualquer coisa que você possa conceber. Imagine os homens mais *extraordinários* da Terra, jurados uns aos outros e a uma causa comum. Imagine o tipo de lealdade que vem do saber que, se um de vocês cair, todos caem. Imagine saber que, se você se provar digno, o mundo será seu para conquistar.—

—Quanto tempo?— Perguntei ao diretor. *Quanto tempo você é um deles?*

—Eu era jovem,— disse o diretor. —Ambicioso. E veja até onde cheguei.— Ele abriu os braços, como se pudesse gesticular para todo o FBI, todo o poder que ele detinha como chefe da organização.

—Os Masters só têm um lugar à mesa por vinte e um anos,— disse. Minha voz estava rouca—de tanto gritar, de tanto esperar, de saber que isso estava prestes a piorar.

—Meu tempo como membro ativo chegou ao fim,— admitiu o Diretor Sterling. —Mas a Pythia cortou a garganta do meu sucessor.— Ele retirou uma faca do bolso da jaqueta. —Não posso dizer que me importo. Certos privilégios são oferecidos apenas àqueles com um lugar à mesa.— Ele levantou a faca para o lado do meu rosto. Esperei pela dor, mas ela não veio. Em vez disso, ele levantou a outra mão para a outra bochecha, traçando suavemente sobre minha pele. —Outros privilégios não são impossíveis de obter como membro emeritus.—

Eu estremeci sob seu toque.

—Scarlett Hawkins.— Lutei da única maneira que eu podia, algemada e sob ameaça de faca. —Você sabia que

ela tinha sido morta por um dos seus irmãos.—

Os nós dos dedos do diretor se apertaram em volta do cabo da faca. —Scarlett nunca deveria ser um alvo.—

—Nightshade a matou,— retruquei. —Ele não se importou que ela fosse uma de vocês.—

O Diretor Sterling inclinou a lâmina para a parte inferior do meu queixo e pressionou com força suficiente para fazer sair sangue. —Dei a entender meu desagrado—na época, e de novo... mais tarde.—

Ele abaixou a faca. Eu podia sentir o sangue escorrendo pelo meu pescoço.

—Você matou o Nightshade,— disse, a verdade começando a se esclarecer. —De alguma forma, você passou pelos guardas—

—Eu *escolhi* os guardas,— corrigiu o diretor, uma luz nos olhos. —Eu organizei as mudanças de turno. Eu mesmo supervisei a transferência do prisioneiro.—

Eu vi o que deveria ter visto antes—o tipo de acesso que ele tinha, o fato de que assim que tivemos uma pausa neste caso, ele nos enviou em uma busca inútil atrás de Celine.

—Você sabia onde Laurel estava sendo mantida,— disse, minha voz falhando.

—A criança está de volta às mãos certas.—

Pensei em Laurel encarando as correntes no parquinho. Pensei na maneira como ela disse a palavra *sangue*.

—Você *monstro*.— A palavra rasgou minha garganta. — Todo esse tempo, você tratou Dean como se fosse menos que humano por causa do que o pai dele fez, e o tempo todo, você era pior.—

—Todo esse tempo, eu era *melhor*.— O Diretor Sterling avançou, seu rosto a poucos centímetros do meu. —Daniel Redding era um amador que se achava um artista. E seu filho ousou colocar a mão na *minha* filha?—

Mostre sua mão, Diretor. Mostre-me suas fraquezas.

Eu vi o exato momento em que ele reconheceu minha estratégia pelo que ela era. Seus olhos estavam frios e

avaliadores enquanto ele se recostava. —Eu assisti à gravação da sua entrevista com Redding, sabia?— Deixou essas palavras pairarem. —E ele estava certo. Sua mãe é o tipo de pessoa que pode ser forjada no fogo.— Ele se levantou e começou a caminhar em direção à porta. —Ela é tudo o que poderíamos ter esperado—e mais.—

VOCÊ

Cassie está aqui. Eles a têm. Isso não é nenhuma surpresa. Você é quem deu a ordem, quem disse ao Mestre do veneno para pegar Cassie e deixar o diretor do FBI usar seus recursos para criar um falso caminho para sua equipe seguir—bem, bem longe de todos vocês.

—Não é que eu queira matá-la,— você murmura enquanto Lorelai luta fracamente pelo controle. —Mas se for ela ou nós...—

A porta se abre. Nove entra. Malcolm. Ele te encara, depois olha para Laurel, que está dormindo no canto. A criança nasceu para substituí-lo. Ele a verá morta primeiro.

“O primeiro teste virá quando ela tiver seis anos,” comenta o velho, sua voz estranhamente calma. “Será um gatinho, talvez, ou um cachorrinho. Ela precisará ir com calma. Quando tiver nove, será uma prostituta, amarrada e presa à mesa de pedra. E quando tiver doze...” Seu olhar vai de Laurel de volta para você. “Nós a amarraremos à mesa.”

Você lê nas entrelinhas. —Você matou sua própria mãe.—

— E embalsamei o corpo dela para que ela pudesse continuar a sentar à mesa, perfeitamente preservada, por décadas. — Ele balança a cabeça. — Eventualmente, ela foi substituída. Mulher após mulher, criança após criança, e nenhuma era digna.

Você pode sentir o sangue pulsando nas suas veias enquanto lembra da sensação da faca na carne de Five.

Você é digna.

*— Faz tempo demais desde que você foi testada, —
continua Nove. — Há algo poético, não acha, na natureza
dessa aqui?*

Ele acha que você é Lorelai.

Ele acha que Cassie é sua filha.

*Ele acha que há coisas que você não faria para
sobreviver.*

CHAPTER 59

Mãos ásperas me agarraram enquanto um saco era jogado sobre minha cabeça. Não tinha ideia de quanto tempo havia se passado desde que o diretor deixara a sala ou quem eram os homens que acabaram de entrar. Ouvi as algemas se abrindo, e um instante depois fui puxada para os pés.

É isso, pensei, sem saber para onde estavam me levando ou o que poderia me aguardar lá.

Ouvi o rangido do metal. *Uma porta?*

Uma mão nas minhas costas me empurrou para frente, com força suficiente para me derrubar no chão. Meus joelhos bateram primeiro, minhas mãos segurando o resto do corpo momentos antes do meu rosto se chocar com o chão. Minhas palmas registraram a textura abaixo delas—*areia*—justo antes do capô ser arrancado da minha cabeça.

Eu pisquei contra a luz ofuscante, meus olhos ajustando-se lentamente, de modo que, quando finalmente consegui distinguir o mundo ao meu redor, os homens que me trouxeram até ali já haviam partido. Virei-me a tempo de ver um portão de metal batendo no chão atrás de mim.

Eu estava trancada.

Em onde? Forcei-me a concentrar. Ainda estava dentro, mas o chão estava coberto de areia, quase quente demais para suportar, como se o sol do deserto tivesse brilhado sobre ele por dias. O teto acima de mim era alto e abobadado, feito de pedra e esculpido com um símbolo que eu reconheci.

Sete círculos formando uma cruz.

A sala era circular, e nas paredes estavam bancos de pedra, olhando para o campo de areia abaixo.

Não um campo, pensei. Uma arena.

E foi então que eu soube. *Você me envenenou. Você me curou.* Profundamente guardadas em minha memória, pude ouvir as palavras que Nightshade me disse todas aquelas semanas atrás. Ele me contou que todos nós temos nossas escolhas. Ele me disse que a Pítia escolhe viver.

Talvez um dia essa escolha seja sua, Cassandra.

Os Mestres tinham uma história de pegar mulheres—mulheres com histórias traumáticas, mulheres capazes de ser moldadas em algo novo. Eles levavam suas prisioneiras até o limite da morte, perto o suficiente para senti-la, e então...

Uma figura surgiu das sombras. Meu olhar se deslocou para os lados, e notei sete armas dispostas ao longo da parede atrás de mim.

Sete Mestres. Sete formas de matar.

A figura do outro lado da arena deu mais um passo à frente, depois outro. Eu estava ciente das figuras encapuzadas se acomodando nos bancos acima de nós, mas tudo o que eu conseguia pensar era que, se me trouxeram aqui para lutar contra a Pítia, isso significava que a mulher caminhando em minha direção era alguém que eu conhecia muito bem.

O rosto dela estava escondido por um capô, mas quando me levantei e dei um passo em direção a ela, atraída como uma mariposa pela chama, ela o abaixou.

O rosto dela havia mudado nos últimos seis anos. Ela não havia envelhecido, mas estava mais magra e pálida, e seus traços pareciam ter sido esculpidos em pedra. Sua pele era de porcelana, seus olhos impossivelmente grandes.

Ela ainda era a mulher mais bonita que eu já vi.

— Mãe. A palavra escapou da minha garganta. Em um segundo, eu estava caminhando hesitante em direção a

ela, e no seguinte, o espaço entre nós havia desaparecido.

— Cassie. A voz dela estava mais profunda do que eu lembrava, rouca, e quando seus braços se envolveram em torno de mim, percebi que a pele de seu rosto parecia lisa em parte por causa do contraste.

O resto do corpo dela estava coberto por cicatrizes retorcidas e enrugadas.

Sete dias e sete dores. Soltei um som abafado. Minha mãe me puxou contra ela, colocando minha cabeça em seu ombro. Ela pressionou os lábios em minha têmpora.

— Você não deveria estar aqui, ela disse.

— Eu tinha que te encontrar. Assim que percebi que você estava viva, assim que percebi que eles te tinham— eu não consegui parar de procurar. Eu *nunca* pararia de procurar.

— Eu sei.

Havia algo no tom da minha mãe que me lembrou de que estávamos sendo observadas. Por cima do ombro dela, eu consegui ver os Mestres—seis homens e uma mulher, sentados em uma linha. *Diretor Sterling. Ree.* Tentei memorizar os rostos dos outros, mas meu olhar foi atraído para cima.

Malcolm Lowell estava acima dos outros, seus olhos fixos nos meus.

Nine é o maior entre nós, a ponte entre gerações...

— Temos que sair daqui. Mantive a voz baixa. — Temos que—

— Não podemos, minha mãe disse. — Não há *saída*, Cassie. Não para nós.

Tentei me afastar para ver seu rosto, mas os braços dela apertaram-me, me segurando perto.

Apertado.

Nas arquibancadas, Ree captou meu olhar e então desviou o seu para a parede distante. Como a que estava atrás de mim, ela estava forrada com armas.

Seis delas. *Não sete. Seis.*

— Onde está a faca? Eu engasguei com as palavras. —
Mãe—

A mão que há pouco estava acariciando meu cabelo agarrou a faca com força agora. Ela puxou minha cabeça para o lado.

— Mãe—

Ela ergueu a faca ao lado da minha garganta. — Não é pessoal. Ou é você, ou é eu.

Eu havia sido avisada, repetidamente, de que minha mãe talvez não fosse mais a mulher que eu lembrava.

— Você não quer fazer isso, eu disse, minha voz tremendo.

— Mas esse é o ponto, ela sussurrou, seus olhos se fixando nos meus. — Eu *quero*.

CHAPTER 60

— Mãe. A palavra escapou da minha garganta. Em um segundo, eu estava caminhando hesitante em direção a ela, e no seguinte, o espaço entre nós havia desaparecido.

— Cassie. A voz dela estava mais profunda do que eu lembrava, rouca, e quando seus braços se envolveram em torno de mim, percebi que a pele de seu rosto parecia lisa em parte por causa do contraste.

O resto do corpo dela estava coberto por cicatrizes retorcidas e enrugadas.

Sete dias e sete dores. Soltei um som abafado. Minha mãe me puxou contra ela, colocando minha cabeça em seu ombro. Ela pressionou os lábios em minha têmpora.

— Você não deveria estar aqui, ela disse.

— Eu tinha que te encontrar. Assim que percebi que você estava viva, assim que percebi que eles te tinham— eu não consegui parar de procurar. Eu *nunca* pararia de procurar.

— Eu sei.

Havia algo no tom da minha mãe que me lembrou de que estávamos sendo observadas. Por cima do ombro dela, eu consegui ver os Mestres—seis homens e uma mulher, sentados em uma linha. *Diretor Sterling. Ree.* Tentei memorizar os rostos dos outros, mas meu olhar foi atraído para cima.

Malcolm Lowell estava acima dos outros, seus olhos fixos nos meus.

Nine é o maior entre nós, a ponte entre gerações...

— Temos que sair daqui. Mantive a voz baixa. — Temos que—

— Não podemos, minha mãe disse. — Não há *saída*, Cassie. Não para nós.

Tentei me afastar para ver seu rosto, mas os braços dela apertaram-me, me segurando perto.

Apertado.

Nas arquibancadas, Ree captou meu olhar e então desviou o seu para a parede distante. Como a que estava atrás de mim, ela estava forrada com armas.

Seis delas. *Não sete. Seis.*

— Onde está a faca? Eu engasguei com as palavras. — Mãe—

A mão que há pouco estava acariciando meu cabelo agarrou a faca com força agora. Ela puxou minha cabeça para o lado.

— Mãe—

Ela ergueu a faca ao lado da minha garganta. — Não é pessoal. Ou é você, ou é eu.

Eu havia sido avisada, repetidamente, de que minha mãe talvez não fosse mais a mulher que eu lembrava.

— Você não quer fazer isso, eu disse, minha voz tremendo.

— Mas esse é o ponto, ela sussurrou, seus olhos se fixando nos meus. — Eu *quero*.

— Você vai me matar. A faca estava pesada em minha mão enquanto ela se aproximava. — Se eu não matar você primeiro.

Meu batimento cardíaco desacelerou. Minha mão se apertou em torno da lâmina. E então, sem aviso, eu soube, da maneira como sempre soube das coisas sobre outras pessoas, que eu não poderia usar a lâmina.

Eu não poderia matar esse monstro sem matar minha mãe também.

Talvez, Nightshade me disse, um dia, essa escolha será sua.

Deixei minhas mãos caírem para os lados. — Eu não posso te machucar. Eu não vou.

Eu esperava ver vitória nos olhos da minha oponente. Em vez disso, vi medo.

Por quê? Eu me perguntei. E então percebi. *Você luta. Você sobrevive. Você protege Lorelai—mas e se não houver nada para proteger ela?*

— Eu não sou uma ameaça. Parei de me mover, parei de lutar. — Casa não é um lugar, eu disse, minha voz rouca, como a dela tinha sido antes. — Não é ter uma cama para voltar, ou um quintal, ou uma árvore de Natal nas festas. Casa são as pessoas que te amam.

Ela segurou a faca na frente do corpo enquanto fechava o espaço entre nós, observando qualquer sinal de movimento na minha mão.

Deixei minha faca cair no chão.

— Casa são as pessoas que te amam, eu disse novamente. — Eu tive uma casa quando cresci, e eu tenho uma agora. Eu tenho pessoas que me amam, pessoas que eu amo. Eu tenho uma família, e eles morreriam por mim. Abaixei minha voz para um sussurro. — Assim como eu morreria por você.

Não por *Cassandra*. Não pela *Pythia*. Nem mesmo por *Lorelai*, quem quer que ela fosse e tivesse se tornado.

Pela minha mãe. Pela mulher que me ensinou a dançar para esquecer. Pela que beijou cada joelho ralado e me ensinou a ler as pessoas e me dizia, todos os dias, que eu era amada.

— Eu vou te matar, *Cassandra* sibilou. — Eu vou gostar. *Você quer que eu pegue a faca. Você quer que eu lute.*

— Para sempre e sempre. Fechei os olhos. Esperei.

Para sempre e sempre.

Para sempre e sempre.

— Não importa o que.

Não fui eu quem falou essas palavras. Abri os olhos.

A mulher segurando a faca estava tremendo. — Para sempre e sempre, *Cassie*. *Não importa o que.*

CHAPTER 61

Minhas mãos tremiam enquanto exploravam meu rosto. — Oh, querida, ela sussurrou. — Você cresceu tanto.

Algo se quebrou dentro de mim ao ouvir a voz da minha mãe, a expressividade de seus traços, a familiaridade de seu toque.

— E tão bonita. A voz dela quebrou. — Oh, querida. Não. Ela se afastou abruptamente. — *Não, não, não...* Você não deveria estar aqui.

— Por mais emocionante que seja este reencontro... O Diretor Sterling se levantou. — A tarefa permanece inalterada.

Minha mãe tentou dar um passo atrás de mim, mas eu não a deixei. Abaixei minha voz—baixo demais para os Mestres que observavam ouvirem. — Eles não podem nos fazer fazer isso.

O olhar dela ficou vazio. — Eles podem te fazer fazer qualquer coisa.

Meus olhos foram para as cicatrizes em seus braços, seu peito—cada centímetro de pele exposta, exceto seu rosto. Algumas eram suaves. Outras estavam rugosas. Algumas ainda estavam cicatrizando.

Nas arquibancadas, Malcolm Lowell se levantou. Um a um, os Mestres seguiram o exemplo.

Me abaixei para pegar minha faca do chão. Nós podíamos lutar—não contra todos, e talvez não por muito tempo, mas era melhor do que a alternativa.

— Eu não quero isso, minha mãe disse. — Para você.

As cicatrizes. A dor. O papel da Pythia.

— Minha equipe vai nos encontrar. Eu canalizei Lia e forcei essas palavras a parecerem verdadeiras. — Onde quer que estejamos, eles não vão parar de procurar. Eles vão descobrir que o diretor está trabalhando contra eles. Só precisamos comprar tempo para eles.

Minha mãe me encarou, e eu percebi que, embora ela fosse a pessoa que me criou, que me amou e me fez quem eu era, eu ainda não conseguia lê-la, não da maneira que eu lia qualquer outra pessoa. Eu não sabia o que ela estava pensando. Eu não sabia o que ela havia passado—não realmente.

Eu não sabia o que significava quando ela acenou com a cabeça.

O que você está dizendo sim?

O som de uma porta se abrindo e fechando me alertou para o retorno de Malcolm Lowell. *Eu nem sabia que ele havia saído.* Quando vi o que ele foi buscar, parei de respirar.

Laurel.

Ela nasceu para ocupar o lugar de Malcolm, para ser a próxima Nove. E agora, ele estava com as mãos nos ombros dela. Ele a empurrou em direção ao Diretor Sterling, que agarrou Laurel pelo braço.

Agora eu vi o que minha mãe quis dizer.

Eles podem te fazer fazer qualquer coisa.

O diretor deslizou uma faca do próprio bolso. — Você luta, disse ele, colocando a lâmina na garganta de Laurel, — ou ela morre.

O diretor não esperou uma resposta antes de começar a cortar. Só um pouco. Só um aviso. Laurel não gritou. Ela não se moveu. Mas o miado agudo que saiu de sua garganta me atingiu como um golpe físico.

— Quão certa você está de que sua equipe vai te encontrar? Minha mãe se abaixou para pegar sua própria lâmina. — Estamos no meio do deserto, no meio do nada, subterrâneos. Se eles investigarem o passado de Malcolm,

se voltarem o suficiente, eles podem ver um padrão, mas a maioria das pessoas não veria.

Dean. Michael. Lia. Sloane.

— Eu tenho certeza, eu disse. — Onde quer que estejamos, eles vão nos encontrar.

Minha mãe acenou com a cabeça. — Ok.

— Ok? Eu repeti. *O que você está dizendo?*

Ela avançou em minha direção. — Nós temos que lutar. Laurel é só um bebê, Cassie. Ela é você, ela é eu, ela é nossa. Você entende?

Eles podem te fazer fazer qualquer coisa.

— Você tem que me matar. As palavras da minha mãe cortaram fundo em mim, frias como gelo e implacáveis.

— Não.— Eu disse.

“Sim.” Minha mãe deu a volta ao meu redor, da mesma forma que seu alter ego fizera mais cedo. — Você tem que lutar, Cassie. Um de nós tem que morrer.

— Não. Eu estava balançando a cabeça e recuando dela, mas não conseguia tirar os olhos da faca.

Você não precisa mais jogar o jogo. A promessa que fiz para minha irmã voltou à minha mente. *Nunca mais. Você não precisa ser a Nove.*

— Pegue a faca, Cassie, minha mãe disse. — *Use-a.*

Faça você, eu pensei. *Você me mata.* Agora eu entendi porque ela me perguntou o quão certa eu estava de que a ajuda estava vindo. *Se você achava que estava me condenando a uma vida como Pythia, você me daria misericórdia. Você enfincaria sua faca no meu peito para me salvar do seu destino.*

Mas eu disse a ela que eu tinha certeza.

Um grito agudo cortou o ar. Laurel não estava mais silenciosa agora. Ela não estava estoica. Ela não era a Nove.

Ela é só um bebê. Ele está machucando ela. Ele vai matar ela se eu não—

Não.

— Sim, minha mãe disse, fechando o espaço entre nós. Ela sempre soubera exatamente o que eu estava pensando. Ela me conhecia da maneira que só alguém com o nosso conjunto particular de habilidades poderia.

Alguém que me ama, para sempre e sempre.

— Faça isso, minha mãe insistiu, pressionando a faca na minha mão. — Você tem que fazer, querida. Você é a melhor coisa que eu já fiz—única coisa boa que eu já fiz. Eu não posso ser isso para a Laurel, não agora. Ela não estava chorando. Não estava em pânico.

Ela estava certa.

— Mas você pode, ela continuou. — Você pode amar ela. Você pode estar lá por ela. Você pode sair daqui, e você pode viver. E para fazer isso... Ela colocou a mão esquerda sobre minha mão direita, guiando a faca para seu peito. — Você tem que me matar.

*Dançando na neve. Enrolada no seu colo.
Comportamento. Personalidade. Ambiente.*

Eu te amo. Eu te amo. Eu—

O aperto dela na minha mão se fortaleceu. Seu corpo bloqueando o movimento dos Mestres, ela me puxou para frente. *Minha mão na faca. A mão dela sobre a minha.* Eu senti a lâmina deslizar em seu peito. Ela deu um suspiro, o sangue florescendo ao redor do ferimento. Eu queria tirar a faca.

Mas por Laurel, eu não tirei.

— Para sempre e sempre, eu sussurrei, segurando a faca no lugar. Eu segurei *ela*. Ela tombou para frente, sangrando, a luz começando a sumir de seus olhos.

Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo. Eu não desviei o olhar. Não pisquei, nem quando ouvi a porta se abrir com estrondo.

Nem quando ouvi a voz familiar do Agente Briggs. — Congela!

Minha mãe não está se movendo. O coração dela não está batendo. Os olhos dela—eles não me veem. Eu tirei a

faca de seu peito, e o corpo dela caiu no chão enquanto os agentes do FBI invadiam a sala.

Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.

Se foi.

CHAPTER 62

Em algum nível, eu estava ciente do fato de que tiros estavam sendo disparados. Em algum nível, eu estava ciente do fato de que prisões estavam sendo feitas. Mas enquanto eu estava lá, a faca ensanguentada em minha mão, não consegui me forçar a olhar para cima. Não consegui assistir.

Eu não conseguia olhar para nada além do corpo.

O cabelo vermelho da minha mãe estava espalhado ao redor dela, um halo de fogo contra o branco brilhante da areia. Seus lábios estavam secos e rachados, seus olhos sem ver.

— Coloque a faca no chão! A voz da Agente Sterling soou como se estivesse vindo de um lugar muito distante.

— Afaste-se da menina.

Demorou um momento para eu perceber que ela não estava falando comigo. Ela não estava falando sobre a minha faca. Eu me virei, forçando meus olhos para as arquibancadas.

Para o diretor.

Para Laurel.

Ele estava agachado atrás dela, a faca em sua garganta.
— Nós saímos daqui, ele disse, — ou a criança não sai.

— Você não mata crianças. Demorou um momento para eu perceber que eu é quem tinha dito as palavras. Das centenas de vítimas que identificamos como sendo obra dos Mestres, nenhuma delas era uma criança. Quando

Beau Donovan falhou no teste deles, eles não colocaram uma faca em sua garganta.

Eles o deixaram no deserto para morrer.

— Existem rituais, eu disse. — Existem regras.

— E ainda assim, você não tem nem dezoito anos, tem, Cassie? O diretor nunca tirou os olhos de sua filha. — Sempre acreditei que as regras são o que fazemos delas. Não é, Veronica?

A Agente Sterling olhou para o pai, e por um instante, eu pude ver a garotinha que ela fora. *Você o adorava uma vez. Você o respeitava. Você entrou no FBI por causa dele.*

Ela apertou o gatilho.

Eu ouvi o tiro, mas não registrei o que ouvi até ver o pequeno buraco vermelho na testa de seu pai. O Diretor Sterling caiu no chão. Enquanto o FBI se aproximava de Laurel, minha irmãzinha se agachou, tocando o ferimento na testa de seu captor.

Ela olhou para cima e encontrou meus olhos. — O sangue pertence à Pythia, ela me disse, sua voz assombiante, quase melódica. — O sangue pertence à *Nove*.

CHAPTER 63

Os paramédicos que atenderam Laurel insistiram em me tratar também. Tentei dizer a eles que o sangue não era meu, mas as palavras não saíram.

O agente Sterling se sentou ao meu lado. —Você é forte. Você é uma sobrevivente. Nada disso foi sua culpa.—

O profiler em mim sabia que aquelas palavras não eram apenas para mim. Eu matei minha mãe. Ela matou o pai dela.

Como uma pessoa sobrevive a isso?

—Por mais tocante que este momento realmente seja— uma voz interrompeu meus pensamentos—, alguns de nós tivemos que enganar, chantagear e/ou ameaçar explicitamente pelo menos meia dúzia de agentes federais para passar pela linha de polícia, e não somos o tipo de pessoa que se destaca em *esperar*.—

Levantei os olhos e vi Lia parada a três pés de distância. Sloane estava pressionada ao seu lado, com um olhar feroz no rosto. Atrás delas, Michael tinha uma gripagem física em Dean. Cada músculo do corpo do meu namorado estava tenso.

Michael chantageou os federais, pensei. Você os ameaçou, Dean. Explicitamente.

Dean passou a vida inteira controlando suas emoções, nunca perdendo o controle, lutando contra até mesmo uma pista de violência. Eu sabia, só pelo jeito como ele estava parado, o modo como seus olhos me devoravam, como um homem morrendo de sede no deserto, sem saber se estava

vendo um miragem—*você não se importava com o que tivesse que fazer, quem tivesse que ferir, o que tivesse que ameaçar.*

Tudo o que você se importa é comigo.

Me levantei, minhas pernas tremendo enquanto o fazia, e Michael soltou Dean. Meu namorado me segurou antes que eu caísse, e algo dentro de mim se quebrou. A insensibilidade que havia se instalado em meu corpo recuou, e de repente eu podia sentir tudo—o aperto na minha garganta, o fantasma da dor do veneno, o corpo de Dean se dobrando ao meu redor.

Eu podia sentir a faca em minha mão.

Eu podia sentir a mim mesma segurando minha mãe e vendo-a morrer.

—Eu a matei.— Meu rosto repousava no peito de Dean, as palavras saíram da minha boca como um dente arrancado à força. —Dean, eu—

—Você não é uma assassina.— A mão direita de Dean segurou meu queixo, a esquerda traçando suavemente a linha do meu maxilar. —Você é a pessoa que sente empatia por cada vítima. Você carrega o peso do mundo nos ombros, e se tivesse sido dada a você a escolha—se tivesse sido você a decidir se seria sua vida em risco ou a de outra pessoa—você teria *dito* aos Mestres para levar você.— A voz de Dean estava rouca na garganta. Seus olhos escuros procuravam os meus. —Isso é o que os Mestres nunca entenderam. Você teria entrado lá de boa vontade, sabendo que não sairia, e não só por mim, ou Michael, ou Lia, ou Sloane—por qualquer um. Porque é assim que você é, Cassie. Desde que entrou no camarim da sua mãe, desde que tinha doze anos, uma parte de você acreditava que era sua culpa, que deveria ter sido você.—

Tentei me afastar dele, mas ele me segurou perto.

—Você tem procurado—e procurado e procurado— alguma maneira de fazer isso certo. Você não é uma assassina, Cassie. Você só finalmente aceitou que, às vezes, o maior sacrifício não é feito pela pessoa que

desiste da própria vida.— Ele abaixou a testa para tocar a minha. —Às vezes, a coisa mais difícil de ser é quem sobrevive.—

Meu corpo tremia. Minhas mãos tremeram enquanto se dirigiam ao peito dele, ao pescoço, ao rosto, como se tocá-lo, senti-lo sob as pontas dos meus dedos, pudesse fazer o que ele estava dizendo ser verdade.

Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.

Ouvi os soluços antes de perceber que estava soluçando. Enterrei meus dedos na parte de trás do pescoço dele, na camiseta dele, nos ombros, segurando com todas as minhas forças.

—Eu te amo.— Dean tirou as palavras da minha mente. —Hoje, amanhã, coberta de sangue, assombrada e acordando no meio da noite gritando—eu te amo, Cassie, e eu estou aqui, e não vou a lugar nenhum.—

—Nenhum de nós vai.— A voz de Sloane estava baixa. Eu a conhecia o suficiente para saber que ela não tinha certeza se esse era um momento privado, não tinha certeza se seria desejada.

Mas você não pode ficar longe.

—Você não está sozinha,— disse Sloane. —E eu não vou perguntar se agora seria um momento apropriado para te abraçar, porque calculei dentro de uma margem razoável de erro que é.—

Michael não disse nada enquanto se aproximava por trás de Sloane.

Lia arqueou a sobrancelha para mim. —Eu não chorei quando você se foi,— me informou ela. —Não quebrei coisas. Não senti como se alguém tivesse me colocado em um buraco.—

Pela primeira vez desde que a conhecia, a voz de Lia falhou em uma mentira.

—Como você me encontrou?— Fiz o favor de mudar de assunto para Lia.

—Nós não encontramos,— disse Sloane. —Celine encontrou.—

Celine? Procurei por ela e a vi parada atrás da linha da polícia, observando à distância, com os cabelos escuros ao vento.

—Foi pela foto,— explicou o Agente Sterling. —Da sua mãe e da Laurel.— Atrás dela, minha irmãzinha estava deitada no fundo da ambulância, dormindo.

—O que tem nela?— Perguntei.

—Celine viu a semelhança entre você e sua mãe, entre sua mãe e Laurel, e entre Laurel—

a expressão do Agente Sterling vacilou, por um momento—

—e eu.—

Pensei no Diretor Sterling me dizendo que alguns privilégios—como torturar a Pítia—eram reservados para membros ativos do culto, enquanto outros estavam abertos para os Mestres que já haviam entregue seus lugares para um substituto.

Você segurou uma faca na minha garganta. Você deixou uma mão descer suavemente pela lateral do meu rosto.

Tentei, nos últimos meses, não pensar na maneira como Laurel foi concebida.

—Ela não é só minha irmã.— Encontrei os olhos do Agente Sterling. —Ela é sua irmã também.—

—Nós rastreamos o diretor.— O Agente Briggs se aproximou e ficou atrás do Agente Sterling, tão perto dela quanto Dean estava de mim. —E ele nos levou até você.—

Por um longo momento, nossos mentores do FBI ficaram lá, com o olhar de Sterling voltado para frente. Eu esperava que ela passasse para o modo Agente Veronica Sterling, se afastasse dele, apontasse que seu pai os estava manipulando—os dois—há anos.

Em vez disso, Sterling deixou sua fachada de calma vacilar. Ela se recostou em Briggs. E o braço dele a envolveu.

Nós somos iguais, pensei, observando Sterling se soltar. *Agora mais do que nunca.* Laurel era do Agente Sterling, e

ela era minha—assim como o que aconteceu no túmulo dos
Mestres. O que fizemos. O que temos que viver agora.

—Vamos,— disse Dean, beijando minha têmpora. —
Vamos para casa.—

THREE WEEKS LATER...

Eu enterrei minha mãe—pela segunda vez—no Colorado. Desta vez, o funeral não foi uma farsa. Desta vez, o corpo dela estava no caixão. E desta vez, eu não estava apenas cercada pela família que encontrei no programa *Naturals*.

A família do meu pai também estava lá. Tias, tios e primos. Meu pai. Nonna.

Eu lhes contei uma versão da verdade—que eu estava trabalhando com o FBI, que minha mãe havia morrido nas mãos das mesmas pessoas responsáveis pela morte da minha prima Kate, que Laurel era minha irmã.

Ela é você, ela é eu, e ela é nossa. As palavras da minha mãe nunca saíram da minha mente nos dias desde que concluímos o caso dos Mestres.

O FBI havia identificado e neutralizado nove assassinos naquela noite—sete Mestres, um aprendiz, e o homem nascido para governá-los a todos. Seis assassinos sob custódia, três—Malcolm Lowell, Diretor Sterling e TA Geoff—mortos. O FBI estava mantendo o caso em sigilo por enquanto, mas não ficaria em sigilo por muito tempo.

Enquanto isso, Laurel precisava de algo que eu não poderia lhe dar sozinha.

—Você vai voltar para a casa comigo,— declarou Nonna, erguendo minha irmãzinha como se não fosse nada. —Nós vamos fazer biscoitos. E você!— Ela apontou o dedo para Michael. —Você vai nos ajudar.—

Michael sorriu. —Sim, senhor.—

Nonna estreitou os olhos para ele. —Ouvi dizer que você tem um problema com beijos,— disse ela, tendo chegado a essa conclusão quando eu me mostrei relutante em falar sobre meu status romântico meses atrás. —Se você se comportar, eu vou te dar umas dicas.—

Dean quase engasgou tentando manter a cara séria. Aquilo era Nonna ao extremo—metade general, metade galinha protetora. Ela era quem eu voltava para casa—não meu pai, que não conseguia me olhar nos olhos.

Assistindo Nonna colocando Michael em seu devido lugar, Judd sorriu levemente. —Sua avó,— ele disse. —Ela está solteira?—

Um a um, os outros foram se afastando, deixando-me sozinha no túmulo da minha mãe. A terapeuta que o FBI me enviou disse que haveria dias bons e dias ruins. Às vezes, era difícil distinguir os dois.

Eu não sabia quanto tempo fiquei lá sozinha antes de ouvir passos atrás de mim. Me virei e vi o Agente Briggs. Ele estava exatamente como no dia em que o conheci, o dia em que ele jogou o desafio e usou o caso da minha mãe para me tentar a encontrá-lo.

—Diretor.— Cumprimentei-o com seu novo título.

—Você tem certeza,— disse o Diretor do FBI, Briggs, —de que é isso o que você quer?—

Eu *queria* voltar para a nossa casa em Quantico, como se nada tivesse mudado. Eu *queria* salvar as pessoas. Eu *queria* trabalhar nos bastidores, como sempre fizemos.

Mas as pessoas nem sempre conseguem o que querem.

—É aqui que eu preciso estar,— disse. —Se alguém pode dar à Laurel uma infância normal, é minha avó. E eu não posso abandoná-la—não depois de tudo o que aconteceu.—

Briggs me estudou por um momento. —E se você não precisasse?—

Esperei, sabendo que ele não era do tipo de pessoa que suportava o silêncio por muito tempo.

—Há um escritório de campo em Denver,— disse Briggs. —E ouvi dizer que Michael adquiriu uma casa grande não muito longe da casa da sua avó. Dean e Sloane estão dentro. Celine Delacroix se ofereceu. Lia está esperando um aumento.—

—Nós não recebemos pagamento,— comentei.

O Diretor Briggs deu de ombros. —Agora vocês recebem. Temos uma força-tarefa caçando os Mestres emeriti restantes. O diretor de segurança nacional prefere manter qualquer adolescente em nosso emprego longe disso, dado a atenção que o caso provavelmente atrairá. Mas vocês não são mais menores, e há outros casos....—

Outras vítimas, outros assassinos.

—E o que acontece com a Agente Sterling?— perguntei.

Briggs sorriu amargamente. —Eu propus. Ela continua me recusando—algo sobre nós já termos passado por esse caminho antes.— A expressão no rosto dele me lembrou que Briggs tinha uma veia competitiva. Ele não deixaria sua ex ir sem lutar. —Ela fez um pedido para transferência para o escritório de campo de Denver,— Briggs acrescentou. —Acredito que o Judd também mencionou algo sobre se mudar.—

Quando decidi não voltar para Quantico, achei que estava abrindo mão de tudo. Mas eu deveria ter percebido —casa não era um lugar.

—Nós poderíamos ir para a faculdade,— disse, pensando nos outros. —Graduar e nos inscrever na Academia do FBI em Quantico. Fazer as coisas pelo livro.—

—Mas...— Briggs provocou.

Mas nós nunca fomos normais. Nunca fizemos as coisas pelo livro.

—Eu estava pensando,— disse depois de um momento. —Celine provou mais do que o suficiente nesse último caso. Deve haver outros.—

Outros jovens com dons incríveis. Outros sem casa e sem direção, com fantasmas em seus passados e o potencial para fazer muito mais.

—Outros Naturais,— Briggs completou. —Para continuar o programa.—

Ouvir ele dizer as palavras deu vida a algo dentro de mim—uma faísca, um senso de propósito, uma *chama*. Sentindo isso, permitindo-me senti-lo, olhei para ele e acenei com a cabeça.

Devagar, o recém-nomeado diretor do FBI sorriu.
Jogo iniciado.

ACKNOWLEDGMENTS

A série *Naturals* tem sido um trabalho de amor nos últimos cinco anos, e devo muito às pessoas maravilhosas que ajudaram a moldar e compartilhar esta história. Um enorme agradecimento à minha agente, Elizabeth Harding, que tem sido a maior defensora dos *Naturals* desde o primeiro dia, e a Ginger Clark, Holly Frederick, Sarah Perillo, Jonathon Lyons, e todos os outros da Curtis Brown por trabalharem incansavelmente em meu nome. Ao longo da série, tive a sorte de trabalhar com três editores excepcionais. Agradeço a Cat Onder, Lisa Yoskowitz e Kieran Viola por ajudarem a moldar todos os aspectos dessa história e por me incentivarem a levar a história de Cassie para o próximo nível. Em *Bad Blood*, em particular, devo uma enorme dívida a Kieran, que traz tanto entusiasmo, sabedoria e compreensão para o processo editorial. Estou tão orgulhosa de onde chegamos!

Muitos agradecimentos também vão para a maravilhosa equipe da Hyperion, especialmente Emily Meehan, Julie Moody, Jamie Baker, Heather Crowley e Dina Sherman. Também sou extremamente grata a Marci Senders, que desenhou as capas para esta série. Elas combinam tão bem com os livros!

Enquanto escrevia esses livros, passei de estudante de doutorado para professora, e sou muito grata tanto à Universidade de Yale quanto à Universidade de Oklahoma por me apoiarem na busca por escrever e psicologia. Há tanto nesta série que eu não poderia ter escrito sem a

educação que recebi de mentores maravilhosos como Laurie Santos, Paul Bloom e Simon Baron-Cohen. Um agradecimento adicional vai para todos os leitores que me contataram para dizer que esta série despertou seu interesse por psicologia. Histórias são uma forma de entendermos as mentes e experiências dos outros; para mim, a ciência é outra, e significa tanto para mim ter conhecido leitores que compartilham essa paixão!

Agradeço a todos os bibliotecários, professores e educadores que colocaram esta série nas mãos de alguém, às maravilhosas conferências e festivais que me deixaram conhecer tantos leitores, e aos fãs dessa série, cuja paixão pelos adolescentes do programa *Naturals* me manteve motivada dia após dia. E também agradeço aos amigos autores que me apoiaram durante a escrita dessa série, especialmente Rachel Vincent, Ally Carter, Sarah Rees Brennan, Carrie Ryan, Elizabeth Eulberg, Rachel Caine e BOB. E também um enorme agradecimento a Rose Brock, uma força da natureza que sou tão sortuda por ter como amiga!

Finalmente, agradeço aos meus amigos e familiares. Aos meus pais, obrigado por virem colocar comida na minha geladeira quando eu estava ocupada demais para comer e por terem passado a última década apoiando minha escrita de tantas maneiras. Aos meus irmãos e cunhados, sou muito sortuda por ter vocês na minha família! Obrigada a Connor por manter cópias dos livros de Jen-Jen à mão, a Dominic e Daniel por lerem os livros da tia Jen, e a Gianna, Julian, Matthew, Joey e Colin por serem vocês mesmos. E um enorme agradecimento ao meu marido. É difícil acreditar que, quando comecei esta série, ainda não tínhamos nos conhecido. Sou muito abençoada por ter você na minha vida.

A William: Obrigada, pequenino, por mudar a minha vida e por ser o melhor bebê do mundo quando a mamãe estava com prazo.

TAMBÉM DE JENNIFER LYNN BARNES
Academia dos Casos Arquivados
Instinto Assassino
Tudo ou Nada

JENNIFER LYNN BARNES escreveu vários aclamados romances jovens adultos, incluindo os três primeiros livros da série *Naturals*, *The Naturals*, *Killer Instinct* e *All In*. Ela possui graus avançados em psicologia, psiquiatria e ciência cognitiva. Recebeu seu doutorado pela Universidade de Yale e agora é professora de psicologia. Você pode encontrá-la online em www.jenniferlynnbarnes.com, ou segui-la no Twitter [@jenlynnbarnes](https://twitter.com/jenlynnbarnes).